HO SEITIMO LIVRO

DA

HISTORIA DO DESCOBRIMENTO

E

CONQVISTA DA INDIA PELOS PORTVGVESES.

Feyto por Fernã Lopez de Castanheda.

Com priuilegio Real. 1554.

HISTORIA
DO
DESCOBRIMENTO
E
CONQVISTA DA INDIA
PELOS
PORTVGVESES
POR
FERNÃO LOPEZ DE CASTANHEDA.

NOVA EDIÇÃO.

LIVRO VII.

LISBOA. M.DCCC.XXXIII.

NA TYPOGRAPHIA ROLLANDIANA.

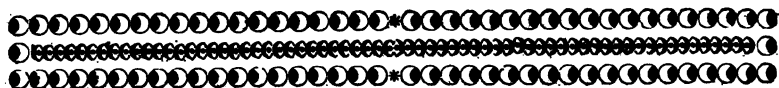
POR ORDEM SUPERIOR.

PROLOGO

NO SEYTIMO LIVRO DA HISTORIA do descobrimento & conquista da India pelos Portugueses dirigido ao muyto alto & muyto poderoso Rey dom Ioão ho Terceiro deste nome nosso Senhor, Rey de Portugal & dos Algarues, daquem & dalem mar em Africa, senhor de Guiné & da conquista, nauegação & comercio de Ethiopia, Arabia, Persia & da India.

Por Fernão lopez de Castanheda.

Sentença he de Tulio nas suas tusculanas, muyto alto & muyto poderoso Rey nosso senhor q̃ a hõrra cria as artes & desejosos da gloria da virtude, nos acendemos pera a ganhar. Sentẽça verdadeiramẽte muyto digna de ser notada principalmente dos principes & dos senhores: porque se eles não fauorecerem com hõrras & merces as boas cousas que seus vassalos fazem, assi nas armas, como nas letras: como em qualquer outro genero de officios virtuosos com que a repubrica he ilustrada, não auerâ nhũa pessoa que se de a eles, nem os siga. E porq̃ nos tempos antigos, as façanhas nas armas, a sciencia das letras, os singulares engenhos nas artes macanicas: se estimarão tanto dos principes & das repubricas em que se fazião, & se galardoauão muyto bẽ: Ouue antre os Gregos, & antre os Romãos, & ãtre os Barbaros tantos & tão singulares capitães: tão esforçados caualeyros, tão excelentes sabios & letrados de tanta erudição, & officiaes tão perfeytos em todas as artes macanicas, como largamẽte contão as historias antigas & modernas, com que deixo dalegar por breuidade. E despois que este fauor de hõrras & merces cessou de se fazer antrestas nações, aos que forão excelentes nas artes que digo se forão elas perdendo, que nem ouue mais

capitães, nem caualeyros, & falecerão os sabios & letrados: nem ouue mais officiaes que nas artes macanicas se prezassem de terem as perfeições que os antigos teuerão. E conhecendo V. A. isto Principe prudentissimo, desejando dennobrecer seus reynos & senhorios, trabalha tanto com sua suprema liberalidade de fazer merces aos homes que em todas as artes que digo sam singulares, pelo que muytos trabalhão por ho serem nelas: & por isso tem V. A. tanta copia deles, não somente seus naturais mas estrangeiros, que de muyto longe correm à fama de suas merces grandissimas. O que tambem me deu animo pera sair cõ a mostra de meu engenho, & trazer coele a luz: cousa de tanto seruiço de V. A. & honrra de seus reynos como he esta historia do descobrimẽto & conquista da India pelos Portugueses. Cousa de tanta admiração & tão digna de se pubricar, que quãdo a Raynha nossa senhora vio ho primeyro liuro, disse a dona Maria de noronha que lho deu. Que cousa tamanha como aquela, mais cedo se ouuera de pubricar, & não ouuera destar escondida tanto tempo, & de ser auida por muyto miraculosa nos reynos estrangeiros: he impressa parte dela em Frãça & se imprime em Italia: polo que mereço merce pois fuy ho primeyro Portugues que tomey tão honrrada empresa, & lhe dey fim tanto a minha custa como nosso senhor Deos he testemunha: que por sua infinita misericordia tenha por bem de alongar por muytos ãnos a vida de V. A. com acrecentamento de seu real estado pera que fauoreça com merces a seus vassalos, com que os prouoque a fazerem cousas porque mereção sempre de serem tão nomeados polo mundo como sam.

HO SEPTIMO LIVRO
DA
HISTORIA DO DESCOBRIMENTO
E
CONQVISTA DA INDIA
PELOS PORTVGVESES

Em que se contẽ o que eles fizerão gouernandoa Lopo vaz de sam payo, por mãdado do muy alto & muyto poderoso rey dõ Ioão nosso senhor, ho terceyro deste nome,

Feyto por Fernão lopez de Castanheda.

CAPITOLO I.

De como foy aberta a terceyra socessam em que hia Lopo Vaz de sam Payo.

Enterrado dom Anriq̃ de meneses, ajũtarãse todos os capitães, fidalgos, & pessoas principais na igreja de Cananor, com Afonso mexia védor da fazenda, que hi acertou destar: & ho licenciado Ioão de soiro ouuidor géral da India, pera abrirẽ a segunda subcessão da gouernança da India, que logo Afonso mexia abrio perante todos. Em que se achou q̃ socedia Pero mazcarenhas que estaua por capitão de Malaca donde não podia vir se não dali a onze meses por amor da mouçõo. Com o que todos ficarão cõfusos por a India ter necessidade de gouernador, assi por el rey de Calicut estar de guerra, & tambẽ el rey de Cãbaya: como por esperarẽ por rumes no Mayo seguinte, ou em Setẽbro. E como Afõso mexia praticasse cõ algũs quẽ enlegerião por gouerna-

dor em ausencia de Pero mazcarenhas: disse Ioão de soyro q̃ estaua na pratica, que se poderã saber quẽ era ho da terceira subcessam: q̃ esse pois el rey confiaua dele a gouernãça da India, a gouernaria melhor q̃ outrẽ, & a esse deuião denleger q̃ a gouernasse em ausencia de Pero mazcarenhas. O q̃ logo contrariou dõ Vasco deça reprouando muyto tal parecer: porq̃ ho da terceira subcessam na ora q̃ fosse recebido por gouernador, posto que ate a vinda de Pero mazcarenhas ficaua igoal coele ẽ todos os seus poderes, assi na justiça, como na fazẽda, do q̃ se na India seguiria grãde diuisam: por o que não se deuia dabrir a terceira nem el rey ho auia dauer por bẽ. E tambẽ o que fosse nela despois q̃ teuesse posse da gouernãça, a não quereria alargar a Pero mazcarenhas & seria muyto grãde reuolta. E deste parecer forão algũs fidalgos. E porẽ Afonso mexia ho não quis tomar: dizendo que pera se escusarẽ todos aqueles inconueniẽtes juraria o q̃ fosse na terceira subcessam nos sanctos euãgelhos, & assi assinaria hũ auto q̃ disso faria: que tanto que Pero mazcarenhas chegasse á India lhe alargaria a gouernança. E ele mesmo Afõso mexia, & todos os capitães & fidalgos da India jurarião tambẽ que ho farião fazer, & coisso ficaria a cousa segura. O que a todos pareceo bem, & assi ho jurarão & assinarão em hũ auto q̃ disso fez Vicẽte pegado q̃ era secretairo, & assinado ho auto, Afonso mexia abrio a terceira subcesão em que se achou que sucedia Lopo vaz de sam Payo capitão de Cochim. E sabido que ele auia de gouernar ate a vinda de Pero mazcarenhas de Malaca, tornou Afonso mexia a jurar que vindo Pero mazcarenhas de Malaca faria que logo lhe Lopo vaz de são Payo entregasse a gouernãça da India, & ho mesmo tornarão a jurar os outros todos: & assi ho assinarão em outro auto que Vicẽte pegado tornou a fazer destes juramentos, aos tres dias de feuereiro de mil & quinhẽtos & vinte seis. Isto feyto partirão se todos pera Cochim onde Afonso mexia entregou a gouernãça da

India a Lopo vaz de são Payo pera q̃ a gouernase ate a vinda de Pero mazcarenhas de Malaca, jurãdo primeyro ele Lopo vaz de são Payo de ho fazer assi, & assinãdo em hũ auto q̃ disso fez Vicente pegado, q̃ tambẽ foy assinado per Afonso mexia, & per todos os capitães & fidalgos q̃ se ali acharão & pelo ouuidor geral.

CAPITVLO II.

De como Lopo vaz de são Payo desbaratou hũa armada de mouros de Calicut no rio de Bacanor.

Entregue Lopo vaz de são Payo da gouernança da India despachou pera Bẽgala Ruy vaz pereira & deu a capitania do seu galeão a Manuel de brito, & assi mãdou Iorge cabral por capitão mór de certos paraós as ilhas de Maldiua pera fazer presas, que tambem se partio logo. E estes despachados, fezse Lopo vaz prestes pera ir correr a costa do Malabar, porque soubesse elrey de Calicut que posto que dõ Anrrique era falecido q̃ auia quẽ lhe auia de dar que fazer, & partio se de Cochim a seis dias de feuereiro & foy na galé bastarda de q̃ era capitão dõ Vasco de lima & forão capitães das velas grossas a fora os dos catures & bargantĩs Diogo da silueira, dom Afonso de meneses, Manuel de brito, Manuel de macedo, Antonio da silua, Anrriq̃ de macedo, Diogo de mezquita & Lopo de mezquita. E de Cochim foy ho gouernador corrẽdo a costa ate Cananor sẽ achar nenhũ paraó de Calicut, porq̃ os mais como disse estauão dentro no rio de Bacanor, & algũs outros por esses rios q̃ não ousauão de sair. E estando Lopo vaz em Cananor tomando mantimẽtos, lhe foy dada hũa carta de dom Iorge telo que acodisse, porq̃ os paraós q̃ ali estauão se q̃rião partir, & ele com a gẽte q̃ tinha não era poderoso pera lhes impidir a partida, por os mouros q̃ estauão neles serẽ doze mil, & vẽdo Lopo vaz a grossa gẽte que os mouros erão, mãdou logo chamar Christouão de sou-

sa & Antonio da silueira ꝗ estauão em Goa pera que se ajuntassem coele com a mais gente ꝗ podessẽ leuar: por ele ter pouca pera hũ feyto tão importãte como aquele, & porque auia ainda de fazer algũa detẽça por amor dos mãtimentos que tomaua, mandou a Manuel de brito que se fosse ẽtretanto ajũtar com dom Iorge telo. E tomados os mantimentos, Lopo vaz de sam Payo se partio pera ho rio de Bacanor: onde chegado soube como os mouros estauã grãdemente fortalecidos, não somẽte de muyta artelharia em estancias ao longo do rio, mas cõ estacadas dum cabo & do outro cõ que estreitarão tanto ho rio que a nossa frota não podia ir se nã a fio: & de hũas estacadas ás outras estauã dados cabos por debaixo dagoa pera que os nossos nauios ẽcalhassem neles & não podessem passar. E cõ tudo Lopo vaz determinou de pelejar com os mouros & queimarlhe os paraós & não esperar por Christouão de sousa nem por Antonio da silueira se tardassem: & pera pelejar com as estancias dos mouros mãdou armar quatro bateis de mãtas que tirauão senhos tiros grossos pera irem diãte, & apos eles as outras velas. E vendo que não chegauão Christouão de sousa nem Antonio da silueira não quis mais esperar, porque não parecesse aos mouros que lhes auia medo: & determinãdo de os cometer fez alardo da sua gente, que achou serem setecentos & tantos homens. E chamãdo a conselho pera consultar cõ os capitães & outras pessoas ho modo de que cometeria os ĩmigos foy muyto contrariado dos mais que não pelejasse com os mouros, alegando que pera a grande força de gente & dartelharia que eles tinhão tinha ele muyto pouca: & que não se auia dauenturar ho gouernador da India em cousa tã perigosa. E os mais dos que isto dizião era por quererem mal a Lopo vaz & terem enueja de gouernar a India, ꝗ cuydou cada hũ deles de ho enlegerem pera a gouernar em ausẽcia de Pero mazcarenhas, & por isso lhe estoruauão que não fizesse hũ feyto tão famoso como aquele seria porꝗ perdesse aquela

hõrra. E entẽdẽdo ele suas tenções por saber quanto lhes pesaua de ele gouernar a India, disse que ficassé a cousa assi indeterminada ate ir ver ho rio, & ho desembarcadoiro, q̃ vio na madrugada seguinte cõ a claridade da lũa indo em hũ catur, & em outros dous Manuel de brito, & Payo rodriguez daraujo que escolheo pera isso por serem muyto esforçados. E os mouros que virão os catures tirauãlhes com a artelharia das estãcias: & erão os pelouros tantos q̃ se os catures não forão bẽ cosidos com terra não poderão escapar de serem arrombados & mortos quãtos yão dentro. E com tudo passarão muyto grande perigo: mas nẽ por isso Lopo vaz de sam Payo nã deixou de ver toda a força que os mouros tinhão: & de volta lhes mãdou cortar os cabos que tinhão de hũas estacadas ás outras pera desempidir ho caminho, & forão cortados per homẽs que ho fizerão de mergulho. E feyto isto tornouse á frota, onde deu conta disso aos capitães & fidalgos fazendolhe a vitoria muy facil se cometessem os immigos: & os mais forão do parecer que tinhão dãtes q̃ não se pelejasse. E como os deste parecer erão mais que os que dizião que pelejasse não ousaua Lopo vaz de dar remate a estes conselhos, & dilatauaho ate a vĩda de Christouão de sousa & Dãtonio da silueira, cujos pareceres cria que serião q̃ pelejasse, & assi ho disserão despois que chegarão: do que Lopo vaz ficou muyto contẽte porque tinha por muy certo auer vitoria dos immigos. E ordenada a maneira de q̃ os auia de cometer, ao outro dia que forão vinte cinco de Feuereiro em rompendo ho dia abalou pelo rio acima com sua gẽte que serião mil homẽs, & forão nesta ordem os quatro bateis de mantas na diãteira, & no primeyro ya Manuel de brito, no segundo Payo rodriguez daraujo: & despois os bateis com bargantĩs & catures a fio, & no derradeiro Lopo vaz com a bãdeira real, todos toldados & embandeirados, & senhas peças dartelharia nas proas & berços polos bordos, rompendo a boga arrancada pelo rio acima cõ grande arroido de gritas

& tãger de trombetas: & começando de descobrir as estancias dos immigos começarão eles de tirar com seus tiros, & chouião os pelouros de serẽ muyto bastos, pelo que os Portugueses forão cõ muyto grande perigo & trabalho ate chegarem defronte da tranqueira principal, õde Manuel de brito, Payo rodriguez & os outros da dianteira desembarcarão com espãtosa briga, por os immigos trabalharem quanto podião por lhes tolher a desembarcação cõ bombardadas, espĩgardadas & frechadas. E rompendo os Portugueses por antrelas com esforço sobre natural abalrroarão com a tranqueira, de que com ajuda de nosso senhor fizerão fugir os ĩmigos posto que se defendião marauilhosamente. Desbaratada a tranqueira, desembarcou Lopo vaz cõ a bandeira real pera recolher os Portugueses por não saquearem ho lugar que era del rey de Narsinga amigo del'Rey de Portugal, & por isso não queria que lhe fizessem nhũ agrauo, & tambẽ porq̃ ho ele não fizesse aos Portugueses que estauão em Bisnegar. E recolhidos os Portugueses, mandou Lopo vaz queimar os paraós dos ĩmigos que todos arderão, & assi hũa casa dalmazem que estaua chea despeciaria & droga, pera carrega dos paraós: & em quanto se queimaua forão embarcadas oytẽta peças darteIharia que se tomarão na trãqueira, & as mais delas de metal. E esta muyto grande vitoria alcãçou Lopo vaz sem lhe matarẽ mais que quatro Portugueses & forão feridos cento, & dos ĩmigos forão mortos muytos segundo se soube pelo grande prãto que por eles foy feyto ẽ Calicut: cujo rey sintio muito a queima daqueles paraós pola grande perda que recebeo em suas rendas & com quebra de seu estado.

CAPITOLO III.

De como Francisco de sá se partio pera ir a çũda, & de como dom Iorge de meneses foy por capitão de Maluco.

Recolhido Lopo vaz de sam Payo, partio se pera Goa: & entrãdo pelo rio de Pangim, Francisco de sá que estaua por capitão de Goa lhe mandou per muytas vezes requerer que não passasse dali que ho nã auia de recolher na cidade, por quãto não era gouernador da India se não Pero mazcarenhas q̃ era por el Rey que podia dar a gouernança da India, & ele era feyto polos homẽs que a não podião dar, & por isso lhe nã auia dobedecer. E a camara de Goa ajudaua tambem Francisco de sá a fazer estes requerimentos, mas Lopo vaz nã deu por eles & passou auãte ate surgir diante do cais da cidade õde se passou hũ grãde pedaço em requerimentos q̃ Lopo vaz mandou fazer a Frãcisco de sá sobre lhe abrir as portas da cidade que estauão fechadas. E Frãcisco de sá com lhe parecer que tinha por si a camara da cidade insistia ẽ não abrir: & por derradeiro mãdou abrir as portas por amor de Christouão de sousa que interueo nisso. E entrado Lopo vaz na cidade tirou a capitania da fortaleza a Frãcisco de sá & deu a Antonio da silueira de meneses que tinha casado per palauras de futuro com hũa sua filha, & a Francisco de sá mandou ho pera Malaca pera dahi ir fazer hũa fortaleza a çũda que he antre a ilha de çamatra, & a da Iaoa, cujo rey por se recear doutro seu vezinho lhe tomar ho reyno mandara pedir ao gouernador dom Duarte que mandasse lá fazer hũa fortaleza: & q̃ lhe daria muyta pimenta & mais barata que em Cochĩ. E porque el Rey de Portugal se receaua que os Castelhanos fossem tomar aq̃la terra sabendo a muyta pimenta que auia nela mandaua ali fazer fortaleza: a cuja capitania & cargo de a fazer deu a Frãcis-

co de saá por ser hũ fidalgo de muyto seruiço. E sabendo do Lopo vaz que ele tinha este cargo ho despachou, & deulhe trezẽtos homẽs q̃ pera este feyto erão necessarios, q̃ forão embarcados em hũ galeão & duas galeotas: & assi despachou pera capitão de Maluco a dõ Iorge de meneses filho de dõ Rodrigo de meneses a quem dom Anrrique de meneses sendo gouernador dera esta capitania, & deulhe cẽ homẽs que fossem coele em dous nauios: & a capitania mór do mar de Maluco deu a Simão de sousa galuão filho de Duarte galuão, & dõ Iorge auia dir debaixo da capitania de Frãcisco de sá ate Malaca pera onde partirão em Março. E no mesmo mes despachou tambem Lopo vaz a Martim afonso de melo jusarte por capitão mór de seys velas pera ir fazer presas ás ilhas de Maldiua, onde andando Martim afonso topou com hũa nao de rumes q̃ yão de Tenaçarim pera Iudá & leuauão muyta riqueza, & os rumes serião trezentos homẽs. E Martĩ afonso posto que não leuaua mais que ate cincoenta, com quanto vio q̃ os rumes erão muytos aferrou coeles com ho seu nauio somente, & como os rumes lhe tinhão muyta auantagem no numero esteue dous dias aferrado coeles sem os poder entrar pelejãdo muy brauamente. E neste tempo forão mortos muytos dos rumes & dos nossos algũs que entrarão a nao no cabo destes dous dias, & acabarão de matar todos os rumes, & tomarão a nao q̃ leuou a goa onde foy inuernar.

CAPITVLO IIII.

De como Lopo vaz de sam payo cõcertou Raix xarafo cõ Diogo de melo capitã dormuz.

Atras fica dito como dõ Anriq̃ de meneses por q̃ixumes delrey dormuz & de Raix xarafo escreuerá a Diogo de melo q̃ se temperasse em não dar causa a q̃ lhe fizessem mais queixume dele. E parece q̃ não dando Diogo de melo por estas cartas ou por rezão pera isso (co-

mo he mais de crer) prẽdeo Raix xarafo & tratauao tão asperamente, q̃ deu materia q̃ em hũs Porques q̃ algũs praguentos fizerão na India fizesẽ hũ que dezia. Porq̃ diogo de melo, xarafo dame dinheiro, Porq̃ ele diz velo velo, não sejas meu carniceiro. E sabẽdo Lopo vaz esta cousa como ya: & tambẽ por lhe Diogo de melo mandar pedir q̃ ho fosse fazer amigo cõ Raix xarafo antes de vir Pero mazcarenhas: determinou lopo vaz de ir lá, porq̃ como conhecia pero mazcarenhas por isento sabia q̃ sẽdo gouernador q̃ auia de castigar rigurosamente a Diogo de melo se ho achasse culpado, & por ser seu parente determinou de lhe ir acodir. E poendo em conselho sua ida a Ormuz, foylhe muyto cõtrariada: dizẽdo todos, q̃ ainda q̃ sua ida lá fora necessaria a ouuera de deixar por el rey de Calicut estar de guerra, & por auer nouas de rumes: quanto mais não auendo nhũa necessidade de ir a Ormuz, & auẽdo tãtas pera ficar na India. E cõ todas estàs rezões não quis se não ir, & pera resistir a armada de Calicut deixou por capitão mór da costa do Malabar Antonio de miranda dazeuedo cõ toda a armada de remo. E na fim de Março se partio pera Ormuz indo na galé bastarda cõ dom Vasco de lima, & não leuou em sua companhia mais de quatro nauios grossos de q̃ erão capitães dõ Afonso de meneses, Diogo da silueira, Manuel de brito & Manuel de macedo. E na trauessa do golfão teue grandes calmarias com q̃ se deteue muyto & lhe morreo muyta gẽte, & despois de muyto trabalho & fadiga foy aferrar a outra costa no porto de Calayate, cujo Xeque estaua leuantado contra os Portugueses por mandado del rey Dormuz & de Raix xarafo polas auexações que recebião de Diogo de melo. E ho Xeq̃ tornou a ser amigo dos Portugueses por lhe Lopo vaz de sã Payo affirmar q̃ não ya a Ormuz se não a desagrauar el rey Dormuz & a Raix xarafo se estauã agrauados, & pera castigar Diogo de melo se ho merecesse. E assi como tornou este Xeq̃ a amizade dos Portugueses, assi tornou ho de Mazcate: & ĩdo caminho

Dormuz achou na agoada de teiue Francisco de mendoça hũ dos capitães da cõserua Deitor da silueira, q̃ com tẽpo se apartara dele & foy ali ter, & hi achou hũa nao de mouros q̃ tomou q̃ despois foy vendida por mil pardaos. E dali prosseguio pera Ormuz, onde chegado mandou logo soltar Raix xarafo, & lhe disse q̃ nã ya a outra cousa se não pera ho fazer amigo com Diogo de melo: q̃ se tinha dele algũs agrauos q̃ requeresse sua justiça & q̃ lha faria ainda q̃ era seu parente. E Raix xarafo como soube este parentesco desconfiou de lhe Lopo vaz fazer justiça, & disse q̃ não queria nada q̃ lhe perdoaua, & ho mesmo fez el rey Dormuz auisado por Raix xarafo, & assi ficarã amigos cõtra sua võtade. E Lopo vaz reprẽdeo Diogo de melo porq̃ ho achou culpado, & assi ficou inuernando em Ormuz.

CAPITVLO V.

De como Eytor da silueira do porto de Maçua mandou chamar dom Rodrigo de lima, & se foy a Ormuz.

Eitor da silueira q̃ per mãdado de dõ Anrrique de meneses ho fora esperar ao cabo de Goardafum vendo que se passaua ho tẽpo de sua chegada foyse a Maçua, & chegãdo aa ilha de Dalaca ho primeyro Dabril, escreueo logo a dõ Rodrigo de lima fazendolhe saber como estaua em Maçua pedindolhe que fosse logo coele, & mãdou esta carta ao çoltão Darquico q̃ lha mandasse. E ele lha mãdou ao lugar de Barua õde ja estaua cõ ho Barnegais, & bẽ triste cõ todos os de sua companhia por terẽ por noua q̃ a India era perdida & os Portugueses todos mortos. E esta carta Deytor da silueira lhe foy dada na segunda oytaua de Pascoa a noyte: & logo dom Rodrigo escreueo ao embaixador do preste que era ido a hũs lugares seus q̃ se partisse pera Maçuá ondestaua a armada dos Portugueses: & a segũda feyra despois da pascoela se partio dõ Rodrigo & foy coele ho Barne-

gais pera ho entregar a Eytor da silueira, & leuaua dous mil homẽs de mulas & algũs em caualos & seyscẽtos de pé, & por amor da muyta gente gastou aq̃la somana toda ẽ quinze legoas q̃ auia de Barua a Maçua, õde chegados entregou ho Barnegais dõ Rodrigo de lima & os de sua companhia a Eytor da silueira com grande prazer, & mãdoulhes dar cincoẽta vacas, & muytos carneiros, & galinhas, & muyto pescado: & despois chegou ho embaixador q̃ ho preste mandaua a Portugal. E embarcado Eytor da silueira se partio aos vintoyto Dabril, & foy fazer agoada á ilha de Camarão ho primeyro de Mayo, & estãdo hi ho padre Francisco aluarez q̃ tinha assinada a coua em q̃ fora enterrado ho corpo de Duarte galuão quãdo ali faleceo vindo Lopo soarez de Iudá desenterrou sua ossada pera a leuar á India, & isto secretamẽte sem ho saber mais q̃ Gaspar de sá feytor da armada, & ambos leuarão a ossada ao galeão sam Lião em q̃ yão, & tẽdoa metida acodio vento a popa cõ q̃ se Eytor da silueira partio, & disse Gaspar de sá a Francisco aluarez, q̃ assi como Duarte galuão fora bõ homem & acabara seus dias em seruiço de Deos, assi lhes daua Deos bõ tẽpo por ele. E aos dez de Mayo q̃ a armada era auãte Dadẽ & entrada no golfão q̃ lhe fazia rosto ho inuerno da India, se começou hũa muyto grãde tormẽta de vento cõ que a segũda noyte cõ ho grande escuro q̃ fazia se espalhou a frota & se perderão hũs dos outros cõ grandissimo trabalho dos corpos ẽ darẽ á bomba pera esgotarẽ a muyta agoa q̃ lhes entraua, & perigo das vidas do mar q̃ os comia. E coeste tẽporal foy forçado a Eytor da silueira arribar á costa da India õde se achou só na enseada de Cãbaya: & por ser ja inuerno & nã ter õde se acolher tornou a arribar ao golfão cõ a mesma tormẽta, andando sempre ás voltas q̃ nã podia nauegar doutro modo, & nelas se lhe gastou todo ho Mayo & sete dias de Iunho, & porq̃ os mantimẽtos q̃ leuaua nã erão pera tanto tẽpo foranselhe acabando, principalmẽte a agoa de q̃ se lhe foy a mayor parte cõ

ho trabalhar do nauio na tormēta, & chegou a ser tão pouca q̃ andou a gēte tres dias quasi sem comer nada por não terem q̃ beber. E neste tēpo Eytor da silueira por dar exēplo aos outros foy ho primeyro q̃ deixou de beber, & algũa pouca dagoa que leuaua na sua camara a daua por sua mão aos doētes q̃ auia algũs q̃ adoecião cõ fome & sede, q̃ ele esforçaua cõ muyto boas palauras: & porq̃ nã sospeitassem q̃ bibia na sua camara nunca quis entrar nela neste tempo, & agasalhauasse na tolda: o q̃ daua muyto esforço a todos pera sofrer tamanha fadiga, a q̃ aprouue a nosso senhor de dar remedio cõ auerem vista de Mazcate a sete de Iunho hũ dia a tarde, em q̃ ateli nē sãos nē doentes não tinhão bibido por de todo não auer agoa no nauio. E andando ás voltas pera tomar porto q̃ não podião tomar por lhes ho vēto ser cõtrairo acodirãlhe duas fustas dos nossos q̃ ali andauão darmada que lhes derão agoa, & leuarão ho galeão á toa ao porto de Mazcate: & tomados ali mantimētos se partio Eytor da silueira pera Ormuz õde estauão os capitães de sua armada q̃ chegarão xxviii. de Mayo. E chegado Eytor da silueira a Ormuz, dom Rodrigo deu a Lopo vaz hũa carta q̃ leuaua do Preste pera Diogo lopez de siqueira, & hũa roupa de seda cõ doze grãdes chapas douro de martelo, & ele lhe fez merce em nome del Rey de Portugal de duzētos pardaos, & tambē ao embaixador do Preste doutros duzētos, & mandou logo tirar a mõte os nauios da armada Deytor da silueira por terē necessidade de corregimēto pola tormēta passada, & mãdou pagar soldo a sua gēte porq̃ não tinha q̃ gastar por as presas q̃ não fizera no estreito. E concertados os nauios, mandou na entrada Dagosto Eytor da silueira q̃ fosse á põta de Diu esperar as naos q̃ fossē do mar roxo pera Cãbaya, & mandou coele Manuel de brito & Manuel de macedo nos seus galeões, & cõ quatro galeões & duas carauelas se partio pera a põta de Diu quasi na fim Dagosto, & ele & os capitães da sua armada tomarão hi por força tres naos de mouros de

CAPITVLO VII.

Do conselho q̃ Hagamahmut deu a Meliq̃ sobre despejar Diu: & como lho tomou.

Chegado Eytor da silueira ao porto de Diu Meliq̃ se vio logo coele & lhe contou toda a îmizade q̃ auia antre-le & el Rey de Cambaya de quẽ se nào auia de fiar posto que recõciliassem, porq̃ nao goardaua a ninguẽ sua palaura: & por isto queria por se vingar dar a fortaleza de Diu a el Rey de Portugal pera ter seu fauor & ajuda quãdo lhe fosse necessaria, porem que auia de leuar toda a artelharia & munições que tinha em Diu pera laq̃te hũa ilha nos Rezbutos õde queria fazer sua morada por se segurar del rey de Cãbaya, & q̃ lhe auião de dar ametade do q̃ rendesse a alfandega de Diu. E algũas vezes q̃ Meliq̃ se vio com Eitor da silueira teue coele esta pratica sẽ auer mais effeyto, porq̃ mouros nũca acabão de se determinar porq̃ de seu natural sã descõfiados: & este tinha algũ receyo q̃ despois q̃ teuessẽ Diu nã lhe dariã nada, & fazialho ter Hagamahmut aq̃le mouro seu parente de q̃ faley atras que estaua coele, a quẽ pesaua tanto de dar Diu aos nossos q̃ desejaua de ho matar, & como não podia dissimulaua coele & dizialhe q̃ fazia muyto bẽ de dar Diu aos Portugueses por se segurar del rey de Cãbaya, porẽ q̃ segurança teria ele de lhe darẽ ametade do q̃ rendesse a alfandega de Diu despois q̃ ho teuessem, & q̃ lhe parecia q̃ estando eles no porto de Diu não se deuia de ir pera laquete: porq̃ como os Portugueses nã erão seus amigos por natureza se não por interesse quẽ lhes tolheria q̃ ao embarcar de sua pessoa, molheres & thesouro q̃ era grande ho não tomassem cõ tudo, pera q̃ estãdo em seu poder lhe alargase ho thesouro & o que lhes pedia da rẽda de Diu. E como Meliq̃ era desconfiado & andasse tão cheo de medo fezlho muyto grande esta duuida de Hagamahmut

q̃ era seu parẽte & amigo, & de quẽ confiaua q̃ se doeria de sua vida & hõrra, & por isso o que lhe disse fez nele tamanha impressã q̃ sospeitou que aquilo poderia assi ser, & começou de se ãtreter em sua ida, & pregũtou a Hagamahmut o q̃ faria: & ele por lhe nã sair de todo da vontade q̃ sabia q̃ era dar Diu, disselhe q̃ assi ho deuia de fazer pera se segurar del rey de Cambaya. E pera segurãça dos Portugueses q̃ não fizessem o que receaua não se deuia dembarcar coeles no porto: & deuia de dizer a Eytor da silueira que se tornasse a Chaul fingindo algũas causas pera isso, & despois de partido se embarcaria muyto a seu saluo & se iria, & ele ficaria em Diu pera ho ẽtregar a Eytor da silueira q̃ logo mandaria chamar despois de sua partida. E não sendo Meliq̃ tão recatado como lhe era necessario teue por muyto bõ ho conselho de Hagamahmut q̃ lho não daua a outro fim se não pera que os Portugueses não ouuessem Diu, que determinaua de partido Melique ho entregar a el rey de Cambaya pera se congraçar coele: & começando a embarcação de Melique de se dilatar, ya Hagamahmut cõ recados a Eytor da silueira ao seu galeão dizendolhe da parte de Melique que sentia aluoroço nos moradores de Diu por verem a nossa frota no porto & começarem de sentir q̃ lhe queria dar Diu, & que receaua de se leuantarem contrele, por isso q̃ deuia tornarse a Chaul pera com sua ida se assessegar a cidade, & assessegada tornaria. E parecendo a Eytor da silueira que aquilo era arrependerse Melique mandoulhe dizer q̃ do aluoroço da cidade lhe nã desse nada, porque como a fortaleza estaua da banda do mar podia embarcar se hũa noyte secretamẽte, & em se embarcando se meteria ele dentro na fortaleza, & como fosse nela lhe daria pouco polos aluoroços da cidade. Ao que Melique respondeo por conselho de Hagamahmut que ele não se auia dir de Diu sem leuar toda sua fazenda & artelharia o que não se podia embarcar se não por espaço de dias, & em quanto se embarcasse seria sua ida descu-

berta o que ele não queria, por isso lhe parecia que se deuia de tornar a Chaul & ele embarcaria sua fazenda mais dissimuladamẽte & sem sospeita da gẽte q̃ assessegaria cõ sua ida: & tẽdo tudo prestes ho mãdaria chamar, & assi se faria melhor & mais a saluo de todos. E desconfiãdo Eytor da silueira da verdade de Meliq̃ por estes recados, por saber a verdade da sospeita q̃ tinha de lhe não dar Diu, banqueteaua Hagamahmut & outros mouros que yão coele, & mandaualhes dar muyto vinho duuas pera que os embebedasse, por lhe parecer que bebados lhe dirião a determinação de Meliq̃. E Hagamahmut como era prudẽte ẽtẽdiao & faziase muyto bebado: & porque se Eytor da silueira fosse dizialhe que Meliq̃ nã lhe auia de dar fortaleza em Diu, & q̃ ho tinha ali pera assentar bẽ suas cousas cõ el rey de Cãbãya cõ quẽ ãdaua tratãdo amizade.

CAPITVLO VIII.

De como Eytor da silueira se tornou a Chaul, & do mais q̃ fez Lopo vaz de sã Payo.

E isto creo Eytor da silueira q̃ seria assi porq̃ segũdo ho feruor q̃ vira ẽ Melique pera despejar Diu pareceolhe que ao outro dia ho despejaria, & vendo a dilação que punha, teue por certo que se arrependia da primeyra determinaçã: & assi ho escreueo a Lopo vaz pedindolhe que determinasse o que faria, porque lhe parecia que sua estada era sem proueito. Vista por Lopo vaz esta carta, mostrouha em cõselho em que lhe foy dito por algũs que ninguem podia melhor determinar o que Eytor da silueira faria naquele negocio que ele mesmo pois lá estaua & via o que passaua, de q̃ podia determinar o que seria melhor: porque determinarse coeles que não tinhão experiencia do que la ya era fazer cousa ás escuras: & que podião com sua determinação deitar de todo a perder aquele negocio de que a el rey de

Portugal resultaua tanta honrra & tanto proueito, por isso que Eytor da silueira ho determinasse & assi ho fizesse. Outros disserão q̃ pois ele era tão froxo que estando la & vendo o que passaua não sabia determinar o que faria, & ho mãdaua pregũtar a quem ho não via, que não era bem deixar cousa de tanta importancia em sua determinação, & que se mãdasse homem que ho soubesse fazer. E como os pareceres erão differẽtes, & quasi tantos dũa parte como da outra, lãçouse Lopo vaz da que dizião que Eytor da silueira determinasse o que lhe parecesse, porq̃ lhe pareceo que naquilo lhe fazia fauor porq̃ desejaua de ho ter de sua mão, sem mais atentar quanto melhor fora mãdar outro porque não fizera o que fez Eytor da silueira, a quem escreueo o que determinara no conselho. E como a cousa ficou em seu parecer, & ele esteuesse enfadado destar ali vendo como Melique insistia que fosse a Chaul, & crendo que ho fazia por não comprir o que tinha prometido se foy sem mais cõsiderar, que assi como podia ser que Melique mentia assi tambem falaria verdade. E que ho medo que tinha del rey de Cambaya lhe representaria mil inconuenientes pera fazer hũa cousa tamanha como deixar Diu & dalo aos Portugueses. E partido foy ter a Chaul õde deu conta a Lopo vaz do que passaua ẽ Diu: & não atentando mais Lopo vaz naquele negocio não tornou a mandar logo Eytor da silueira a Diu ou outro com hũa instrução do que auia de fazer, ãtes ordenou de ho mandar ao estreito a fazer presas & que partiria dali, porque em quanto se apercebesse pera a partida se Melique mandasse recado pera dar a fortaleza acodisse logo. E isto se assentou em conselho, & porq̃ as nouas da vinda dos rumes aa India se começauão dauiuar por certas, pareceo bem a Lopo vaz escreuelas a el Rey de Portugal, & q̃ as leuasse Francisco de mendoça no seu nauio, por quem lhe tambem escreueo a abertura da sua subcessam pola ausencia de Pero mazcarenhas, & como gouernaua a India: & porque podesse

vir gente na armada do anno seguinte despachou logo Francisco de mendoça q̃ partio na entrada Doutubro porque chegasse a Portugal antes que a armada partisse: & tambẽ despachou pera Moçambiq̃ a Nuno vaz de castelo branco capitão & feytor do nauio do trato de Cãbaya pera çofala, a q̃ mandou q̃ desse auiso em Moçãbiq̃ da vinda dos rumes porq̃ se hi fossem ter q̃ esteuessẽ apercebidos. E estas nouas dos rumes escreueo lopo vaz a Goa & a todas as outras fortalezas, rogando aos casados q̃ quisessem seruir a el rey de Portugal em certas cousas que lhes nomeou q̃ erã necessarias por amor da vinda dos rumes pera o q̃ não auia dinheiro ao presente. O que eles fizerão de muyto boa vontade, & em Cochim começarão logo hũ galeão & hũa carauela, & hũa gale: & de renouar a fortaleza que estaua dãneficada: & em Cananor se abrio hũa caua muyto alta que cingisse a fortaleza, & em Goa hũ lanço de chapa no muro & hũ galeão, & hũa carauela, & hũa gale, & em Chaul outra gale, & mandou tambẽ Lopo vaz Fernão de morais a Ormuz com poluora & outras cousas necessarias pera defensam da fortaleza. E feyto tudo isto partiose pera Dabul pera ho destruir por estar aleuantado, & posto que estaua assentado em cõselho q̃ Eitor da silueira ficasse ẽ Chaul, & dali se partisse pera ho estreito, porque se Melique mandasse recado lhe acodisse: lopo vaz ho leuou cõsigo com toda a armada pera ho mãdar de Goa, sendolhe requerido por todos os fidalgos que ho não leuasse porque se não perdesse Diu por ele ali não estar se Melique mãdasse recado pera ho entregar, & nã quis se não leualo, & isto a requerimẽto Deitor da silueira, porque ouue por afronta ficar em Chaul com Christouão de sousa que daua mesa a todos os fidalgos que ali inuernarão que erão muytos, & assi a outra muyta gente que todos folgauão destar em Chaul por Christouão de sousa ser muyto largo de cõdição & aprazíuel. E porque Eitor da silueira não auia dandar tão acõpanhado como ele, por não poder fazer o que

ele fazia não quis ficar em Chaul, & fez com Lopo vaz que ho leuasse a Goa: o q̃ foy a final causa de se desta vez não auer Diu.

CAPITVLO IX.

De como ho Tanadar de Dabul pedio paz a Lopo vaz de sam Payo.

De Chaul se foy Lopo vaz de sam Payo a Dabul com determinaçã de o destruir porque ho tanadar recolhia ali mouros de Meca, & consentia que carregassem suas naos, & trazia algũas fustas darmada auẽdo paz ãtre el Rey de Portugal & ho Hidalcão. E entrando pola barra dentro cõ a gente prestes pera desembarcar, sayo ho Tanadar a recebelo em hũa almadia, porq̃ não era aquele contra quem ya Lopo vaz, se não outro q̃ lhe sucedera no officio que desejaua de conseruar a paz q̃ estaua assentada, & por isto sayo a receber a Lopo vaz & desculpouselhe da culpa que teuera seu antecessor pedindolhe q̃ lhe confirmasse a paz que estaua assentada com os nossos, & que faria quanto quisesse. E ele lha cõfirmou com cõdição que lhe entregasse as fustas com sua artelharia, que logo entregou, & hũa nao de Meca que estaua carregada de pimenta, & que não acolheria mais outras no seu porto. E isto feyto partiose Lopo vaz pera Goa.

CAPITVLO X.

Do q̃ acõteceo a Antonio galuão capitão de hũa das naos da carga ate chegar á India.

Neste ãno de mil & cccccxxvi. partirão de Portugal pera a India quatro naos sem capitão mór de que forão capitães Frãcisco danhaia, Tristão vaz da veiga, Antonio dabreu que leuaua a capitania mór do mar de Malaca, & Antonio galuão filho de Duarte galuão, que partio

derradeiro de todos a dezaseys de Mayo: que nũca ateli partira nao tã tarde. E chegando á costa de Guiné andou nela corenta dias hora na volta do mar hora na da terra sem poderem sair dali fora: porque como aqui correm as agoas em demasia pera terra cõ a enchente da maré por muyto que de noyte se alargauão pera ho mar não podia ser tanto que quãdo amanhecia não se achassem pegados cõ terra, porque não podião romper a grande força dagoa. E como Antonio galuão entendesse algũa cousa da pilotagem, dizia muytas vezes ao piloto q̃ fossem na volta do mar pois tinha vento, que posto q̃ fosse escasso que quanto mais se empegassem lhes alargaria. E ho piloto não queria dando suas rezões q̃ Antonio galuão recebia cõtra sua võtade por lhe não parecerẽ boas, mas não lhe queria tomar seu officio de mandar a via. E andãdo neste trabalho foy ter coele hũ nauio que ya da ilha de sam Thome pera Portugal, & sabendo que a nao ya pera a India lhe disserão dele que se tornassem pera Portugal porque ja não tinhão tempo pera irem á India aquele ãno por ser na fim de Iunho, & q̃ estauão ainda na paragem do cabo do monte: com o que a gẽte da nao ficou confusa & aluoroçada pera requerer ao capitão que se tornassem, assi por ser tarde, como por a nao pender muyto & ser temerosa de vela: porem Antonio galuão os assessegou esforçando os que esperaua em nosso senhor de passar aquele anno a India. E vendo ho piloto & mestre do nauio como querião prosseguir sua viagem, disserão ao piloto da nao que porque não se alargaua da terra & fazia ho caminho pera ho cabo de santo Agostinho, porque aq̃la era a verdadeira nauegação, pelo que ele pedio perdão a Antonio galuão de não querer tomar seu cõselho que então aprouou por bõ: & dali por diãte se fez na volta do mar, & quis nosso senhor que lhes alargou sempre ho vento & fizerão coele seu dereito caminho, & porem dando ás velas quando as outras amainão q̃ assi era necessario por ser muyto tarde. E porque a gẽte se agas-

taua com andarem tanto, Antonio galuão polos animar & tirar ho medo que tinhão mandaua sempre ter pão & vinho sobre cuberta pera que comessem & bebessem, & atambor & pandeiros pera tangerẽ & cantarem: porque doutra maneira morrerão todos de pasmo. E como Antonio galuão vio ho erro q̃ ho piloto fizera em não se empegar da costa de Guiné nã descansou mais sobrele & tomou antre si cuidado da via & de cartear: & era tão certo nisso que fazendose ho piloto & outros cõ as ilhas de Tristão da cunha passadas, sempre perfiou que nã & no proprio põto q̃ disse q̃ as auiã de ver as virão, do q̃ ho piloto & os outros se espantarão muyto. E nauegando com muyto trabalho se poserão ẽ altura de trinta & noue graos, & dali começarã a deminuir & por se fazerẽ com ho cabo dobrado no mes de setẽbro em q̃ ouuerão destar na India, pareceo ao piloto que ja aquele ãno não poderião ir a ela, ainda q̃ Antonio galuão q̃ria ir por fora, do que se o piloto agastaua tanto, q̃ disse á gente que os q̃ria leuar a perder, porque os vẽtos auião ja de ser leuantes, & as agoas corrião muyto naquele tempo pera ho estreito de Meca, onde os auião de lançar como ja lançarão outras naos, & este auia de ser ho derradeiro remedio quãdo os deos quisesse saluar milagrosamẽte: mas que ho mais certo era q̃ antre moução & moução que era ho mes doutubro & de setẽbro auião dachar tãta calmaria naquele golfão q̃ auiã de morrer de fome & de sede, & isto quãdo escapassẽ dos muytos baixos & ilhas & rastinguas q̃ auia nele. E coestas rezões & com outras prouocou quasi todos a que fizessem por força ir Antonio galuão por dẽtro quãdo não quisesse por sua võtade. & primeyro ho piloto ẽ nome de todos lhe fez hũa fala em que lhe daua todas as rezões que digo & outras muytas pera não ir por fora se não por dentro, & inuernar em Moçãbiq̃. Ao q̃ Antonio galuão respondeo que não auia dir se não por fora, & q̃ esperaua em nosso sñor de passar aquele ãno á India, rogãdo muyto a todos que lhes parecese bem ho q̃ dizia, &

insistindo nisto chamou ho piloto ao mestre, q̃ auia nome Esteuão dias pera q̃ ho ajudasse contra o capitão poys todos erão da sua parte, ao que ele respõdeo que nũca deos quisesse q̃ fosse cõtra tal pessoa, quãto mais sendo seu capitão, a que era obrigado dobedecer, & coisto ficou a cousa assi. E cõ tudo tendo o piloto os mais da sua parte determinou de leuar a nao a Moçãbique mandando gouernar pera lá, ho q̃ sabẽdo Antonio galuão mandou logo gouernar pera onde queria, pelo que ho piloto lhe emcãpou a nao, & fez fazer hũ auto de como lhe o capitão tomaua ho seu officio & q̃ria meter a nao no fundo reqrẽdolhe da parte delrey q̃ lhe deixasse fazer seu caminho & como Antonio galuão visse q̃ ho melhor era ir por fora não quis se não fazer ho que lhe parecia bem: & disse q̃ ele mãdaria a via: & porq̃ lhe não mudassẽ a derrota tinha de noite & de dia hũa agulha na sua camara em q̃ via pera onde gouernauão, & encomẽdauase a nosso sñor mandando dizer missa todos os dias, & á noite a Salue & as ladaynhas & rogaua a nosso sñor q̃ lhe valesse. E era tam deuoto, q̃ quebrãdolhe ho garoupez cõ hũa toruoada nã quis q̃ se concertasse ao outro dia por ser dia sancto, nẽ ao outro q̃ era domĩgo, cõ quãto o mestre se queixaua q̃ perdião viagẽ sem a ceuadeira, & todauia não quis Antonio galuão q̃ se corregesse ho garoupez por serẽ os dias q̃ erão, ho que parece que foy permissão diuina porq̃ se andarão naq̃les dous dias tãto quãto o mestre quisera ouuerão dir varar por cima dos baixos dos abrolhos que estão em dezasete graos da bãda do norte, & sẽdo perto da linha começoulhe dadoecer algũa gente q̃ ele fez curar cõ tanta diligencia q̃ lhe nã morreo nĩguẽ, ho q̃ foy muyto despantar, porq̃ ali morrẽ sẽpre muytos. E despois q̃ ho piloto vio quã bõ conselho fora ho Dantonio galuão em ir por fora, & q̃ esperaua de ser muy cedo cõ a costa da India pediolhe perdão dos reqrimẽtos q̃ lhe fizera, louuãdoho do melhor piloto do mundo: & indo ja perto da costa da India acharãose antre as ilhas de Maldiua,

& como sã todas rasas com a agoa & nẽ ho piloto nẽ nenhũ dos que yão na nao forão ali nũca ficarão muyto agastados: & mais porque virão hũs baixos por proa q̃ arrebẽtauão em frol, ho q̃ visto por Antonio galuão se sobio a gauea com ho mestre, (porq̃ ho piloto desacoroçoou) pera descobrir de lá a terra & por onde auião dir, & assi chegou aos baixos q̃ conheceo que erão de pedra viua, pelo q̃ lhe pareceo que ao lõgo deles auia de ser alcantilado, & mandou fazer caminho ao derredor deles, & em se poendo ho sol mãdou tirar algũs tiros pera q̃ acodisse gẽte de terra se a ouuesse, de q̃ soubesse õde era. E logo sayo de hũa ilha hũa almadia bẽ esquipada em q̃ ya hũ velho com quinze ou vinte homẽs que chegãdo abordo da nao entrou dentro, & dele soube Antonio galuão q̃ era sñor daq̃la ilha q̃ auia nome Gâfar hũa das de Maldiua & que ya bem nauegado: & foy coele ate ho outro dia em amanhecẽdo que sayo dantre as ilhas, & posto q̃ ho mestre & piloto cõselhauã a Antonio galuão q̃ não deixase ir os das ilhas ate ho poerem na costa da India não quis dizẽdo q̃ afora não fazer ho q̃ deuia ficaria a gẽte tam escandalizada que ainda q̃ vissem outra nao nã lhe acoderiã & a deixarião dar á costa, & galardoãdolhes a boa obra q̃ lhe fizerão os deixou ir, & partidos daqui hũ domĩgo na fim doutubro ẽ amanhecẽdo ouuerão vista de doze velas & arribãdo a elas virão terra & ao longo dela hũa grãde armada q̃ com ho terrenho se fazia na volta do mar, & das doze velas q̃ parecerão primeiro, & neste tempo foy conhecida a terra q̃ erão as serras de Calicut: & a armada era de Malabares, & as doze velas cuidauão serem de rumes que era a propria moução pera virem, & os nossos estauão ja prestes pera pelejar que em amanhecendo se apercebeo Antonio galuão, & nisto hũa das doze velas chegou á nao, & conhecẽdo que era dos nossos saluouos com hũa grande grita, & entrarão algũs na nao que disserão a Antonio galuão como estaua defronte de Calicut que estaua de guerra & de lá era a armada que

vião, & que ho tempo os lançara ali vindo pera Cochim das ilhas de Maldiua com fazenda pera a feitoria, pedindolhe que os leuasse em sua conserua porque não tinhão artelharia, & ele ho fez assi & a armada de Calicut não ousou de os cometer, cuydando que todos erão darmada & forãose meter no porto, & Antonio galuão surgio defronte por lhe ser ho vento contrairo pera Cochim, pera onde queria ir, não temendo ho perigo que era estar tão perto dos immigos, & ali pedirão muyto todos os da nao a Antonio galuão que pois ho vento era a popa pera Cananor & pera Goa que fossem lá & que farião muyto proueito em vẽder hi suas mercadorias, porq̃ vẽdendoas em Cochim como era ho derradeiro porto auião de fazer barato delas. E escusandose Antonio galuão desta ida por recear que não tornasse a Portugal no ãno seguinte por quão tarde era, lhe disserão que isso querião eles, porque como a nao era grande & não tinha na India õde inuernar irião a Ormuz em que farião muyto proueito dobrãdo sua fazẽda, & quando tornassem seria mais cedo & poderião empregar de vagar: & como isto era perda del rey não quis Antonio galuão q̃ se fizesse, & acodindolhe tempo foyse a Cochim onde achou as outras naos que aquele anno partirão de Portugal.

CAPITVLO XI.

De como el rey de Portugal mandou que Lopo vaz de sam Payo fosse gouernador.

E chegados a Cochim Francisco danhaya & Tristão vaz da veiga q̃ erão capitães de duas naos derão a Afõso mexia védor da fazẽda duas vias de cartas q̃ lhe leuauão del Rey de Portugal, & nestas achou ele dous maços de subcessões da gouernança da India por falecimẽto de dom Anrrique de meneses. E pera saber como aquilo era leo hũa de duas cartas que lhe el Rey escreuia que dizia.

« Afonso mexia, eu el Rey vos enuio muyto saudar. Per duas vias vos enuio nesta armada que nosso senhor leue a saluamēto does sacos de cartas & despachos das cousas dessas partes que ouue por meu seruiço q̃ agora fossem, & leua hũ dos sacos Tristão vaz daueiga & outro Francisco danhaya: tomay as cartas que vão pera vos & as do capitão mór lhe day & assi todas as outras ás pessoas a que vão, & não fique nhũa que não seja dada, & aquelas que esteuerē fora donde vos esteuerdes mandaylhas dar & vão a todo bõ recado. E nesta armada me enuiay hũ rol de como forão dadas aquelas que destes ás pessoas onde vos estais, & ho modo que teuestes em enuiar as outras q̃ vão pera as pessoas que esteuerē fora, & tomay disto bõ cuydado, porq̃ ho ey por muyto meu seruiço serē dadas todas as ditas cartas: as prouisões q̃ vão das subcessões da capitania mór, tēde naq̃la boa goarda & segredo q̃ cumpre a meu seruiço como de vos confio. Scripta em Almeirim a vinte dias de Março Pero dalcaçoua carneyro a fez de mil & quinhētos & vinte seys: & das outras prouisões q̃ ja la tēdes não se ha dusar, & as tereis ē boa goarda & mas trareis quando ē bora vierdes. el rey. A outra carta era do teor desta, se não q̃ não tinha esta particula derradeira. E vistas pelo védor da fazenda, pegouse a esta particula derradeira que das prouisões das subcesões q̃ estauã na India nã se auia dusar: & por isso determinou dabrir estas q̃ vão de nouo, & dizēdo q̃ era hũa cousa que cumpria muyto ao seruiço del Rey, fez ajũtar na sé de Cochim dom Vasco deça capitão da fortaleza, ho licenceado Ioão do soiro ouuidor geral da India, Ioã rabelo feytor de Cochim, Duarte teixeira tesoureyro das mercadorias, com outros officiaes da fazēda & da justiça, & assi os capitães da armada de Portugal & outros fidalgos & caualeyros da India. E juntos todos lhes leo aquelas duas cartas que lhe el Rey escriuia: & despois lhes disse que ē hũa delas parecia bem claramēte não querer el Rey que se vsasse das subcessões que estauão

na India se não daquelas que ali mandaua, & que derogaua as que erão abertas, pelo que queria abrir as outras, & ver quem el Rey mandaua que fosse gouernador pera ho auerẽ por esse. Ao que dom Vasco deça, disse que por dizer na sua carta que das prouisões que estauão na India não se vsara, não se entendia que se vsasse das q̃ yão posto que as da India fossem abertas: porque se el Rey aquilo quisera que assi ho declarara, & que escreuera pareeendolhe que as subcessões que estauão na India não erão abertas, mas sendo ho como auia de mandar que se não vsasse delas & ficar em tamanha obrigação como ficaua aos q̃ daua a gouernāça da India & lha tiraua sem nhũa causa pelo que mãdaua ter em muyto grande segredo as subcessões, & pois el Rey não mandaua, que posto que fossem abertas as q̃ estauão na India, que se abrissem as q̃ mãdaua de nouo que lhe requeria da parte del Rey que as não abrisse, & não desse causa a auer diuisões na India, que estaua claro auer antre Pero mazcarenhas cuja era a gouernança de dereyto: & aquele que se achasse na noua subcessam cuja a gouernança não era, pois el Rey não mãdaua que lha dessem: & se ele queria seruir sua alteza, que lhe tornasse a mandar a noua subcessam cõ declaração do porque a nã abrira. E deste parecer de dõ Vasco forão muytos, & outros com ho védor da fazenda que se abrisse a noua subcessam. E ele disse a dom Vasco & aos outros que de ser mal ou bem abrirse a noua subcessam, que ele daria conta de como ho fizera, & q̃ a auia dabrir: & assi ho fez contra vontade da mayor parte dos q̃ ali estauão.

CAPITVLO XII.

De como Lopo vaz de sam payo foy declarado por gouernador.

Aberta a noua subcessão Fernão nunez escriuão da fazenda a leo em alta voz, dizendo

« Eu el Rey faço saber a todos os meus capitães & alcaydes móres das minhas fortalezas da India, capitães das naos, nauios das armadas que nas ditas partes ãdão, feytores & escriuães de minhas feytorias, capitães de naos, nauios q̃ vão pera vir cõ a carrega pera estes reynos, fidalgos, caualeyros, & gẽte darmas q̃ nas ditas partes andarẽ & a todas quaes quer outras pessoas & officiaes da justiça & fazẽda a q̃ este meu aluara for mostrado, q̃ pela muyta confiança que tenho de Lopo vaz de sam payo fidalgo de minha casa, que nas cousas de q̃ ho encarregar me sabera bẽ seruir: me apraz que sendo caso que faleça dõ Anrrique de meneses, q̃ ora he meu capitã mór & gouernador das ditas partes da India q̃ nosso Senhor não mãde, subceda & entre na dita capitania mór & gouernança, ho dito Lopo vaz pera nela me seruir, cõ aquele poder, jurdição & alçada que tinha dada ao dito dom Anrrique de meneses, & me apraz que aja em cada hũ ãno em quanto me seruir na dita capitania mór & gouernança, dez mil cruzados. s. cinco mil em dinheiro, & os outros cinco mil em pimẽta comprada do seu dinheiro ao partido do meyo, tomãdo & nomeando seu risco nas naos & nauios q̃ nomear que vierẽ pera estes reynos, segundo ordenãça dos partidos do meyo. E entrãdo assi ho dito Lopo vaz na dita capitania mór & gouernança da India, entrará na capitania mór do mar que ele tem, Antonio de miranda dazeuedo, com ho ordenado que coela tinha ho dito Lopo vaz de sam payo, & no cargo que ele ao tal tempo teuer, prouerá ho dito capitão mór ate eu prouer: & não

estãdo na India ho dito Lopo vaz ao tempo do falecimento do dito dom Anrrique, por ser vindo pera estes reynos ou sendo falecido, ou falecẽdo despois dẽtrar & suceder na dita capitania mór & gouernança, ẽ qualquer destes casos entrara por capitão mór & gouernador Pero mazcarenhas que está por capitão de Malaca: & auera ho dito Pero mazcarenhas, os ditos dez mil cruzados, de seu ordenado de capitão mór & gouernador, daquela maneyra que os ordeno ao dito Lopo vaz, & ẽtrará Pero de faria na capitania de Malaca, õde o dito Pero mazcarenhas está & auerá ho ordenado da capitania de Malaca. E estãdo ele por capitão ẽ Goa prouera ho dito meu capitão mór na dita capitania, a pessoa que lhe parecer que pertence mais a meu seruiço ate eu prouer, & auerá ho ordenado da dita capitania. E porem volo notefico assi, & vos mando a todos em geral & a cada hũ em espicial, que vindo ho dito caso se cumpra, & goarde inteyramente este meu aluara como nele he conteudo, & a qualq̃r dos sobreditos que entrar na dita gouernãça obedeçaeis, & cumpraes seus requerimentos & mandados, assi como ho fazies ao dito dom Anrriq̃, & como sois obrigados de fazer ao dito meu capitão mór & gouernador, & em todo ho deixai vsar, do poder, jurdeção, & alçada, que ao dito dom Anrrique tinha dada por minha carta, sem duuida nem embargo algũ que a elo ponhaeis, & mando ao meu vedor da fazenda que em cada hũ anno em quanto me seruir na dita capitania mór & gouernança, lhe mande pagar os ditos dez mil cruzados na maneyra sobre dita. Feyto em Almeirim, á quatro dias Dabril, Iorge Rodriguez ho fez, de mil & quinhentos & vinte seys. E estes dez mil cruzados que ordeno que ajão os sobreditos por anno, sera naquele proprio modo, forma & maneyra q̃ os tenho dados ao dito dõ Anrrique, & ho ordenado de Antonio de miranda dazeuedo entrando na capitania mór do mar serão dous mil cruzados por anno. s. mil em dinheiro & mil em pimenta no modo sobredito de como a ha dauer

ho dito dom Anrrique, posto que diga q̃ ha dauer ho ordenado de Lopo vaz. El rey. Lido este aluara, foy feyto hũ auto por Fernão nunez escriuão da fazẽda da abertura daquela subcessam, q̃ foy assinado pelos mais dos que ali estauão, porem a mais da gẽte assi altos como baixos estranhauão muyto abrirse aq̃la subcessam, & dizião q̃ ho vêdor da fazẽda fizera hũa cousa muyto errada & roubaua sua hõrra a Pero mazcarenhas que por dereyto era verdadeyro gouernador, & que Lopo vaz de sam Payo não faria bem daceitar a gouernança que não era sua: & que vindo Pero mazcarenhas esperauão que ouuesse na India grande reuolta por ter nela muyto mais valia q̃ Lopo vaz de sam Payo. E bẽ parece que adiuinhando el Rey de Portugal estas reuoltas q̃ se poderião seguir, como soube per Frãcisco de mendoça que dõ Anrrique de meneses era falecido & lhe subcedera Pero mazcarenhas por cuja ausencia Lopo vaz de sam Payo gouernaua a India, por atalhar ás diuisões que poderia auer mãdou logo Pedreanes frãces em hũ nauio cõ recado q̃ auia Pero mazcarenhas por verdadeyro gouernador: & este se perdeo na ilha de sam Lourenço & não ouue effeyto o que el rey quisera. E declarado Lopo vaz de sam Payo por gouernador, & auẽdo ho vêdor da fazẽda por esse, despachou logo dom Anrrique deça que lhe leuasse a Goa (onde lhe pareceo q̃ ho achasse) a subcessam, & por ele escreueo hũa carta á camara de Goa em que lhescreueo o que fizera pera q̃ soubesse q̃ Lopo vaz de sam Payo era gouernador & o teuesse por esse: & sabendo hũ Thome pirez capitão dũ catur esta noua, partio logo de Goa ẽ busca de Lopo vaz pera lhe dar esta noua & ganhar as aluisaras & achou ho em Dabul de caminho pera Goa. E sabida a noua pola armada, os mais dela estranharão muyto o que fizera ho vêdor da fazẽda, porque todos querião antes que Pero mazcarenhas fosse gouernador q̃ Lopo vaz de sam Payo que continuando dali sua viagem chegou a Goa, onde sendo recebido como gouernador deu a capitania mór do mar

a Antonio de miranda dazeuedo & a de Goa a Pero de faria. E deixãdo em Goa a Eytor da silueira pera que fosse ao estreito, se partio pera Cochim.

CAPITVLO XIII.

De como Hagamahmut se leuantou com Diu, & ho deu a el rey de Cambaya.

Partido Eytor da silueira de Diu desesperado de se fazer fortaleza, Melique saca ꝙ falaua verdade & esperaua de comprir o que prometera, começou logo de ho despejar, & mandou sua artelharia a Iaquete pera onde determinaua de se ir. E Hagamahmut a quẽ pesaua tanto como disse de Meliꝗ dar Diu aos Portugueses, & trazia grãde diligẽcia polo estoruar, leuãtouse hum dia cõ a cidade por el rey de Cãbaya, sendo Meliꝗ em hũa sua quintã duas legoas de Diu: do ꝗ a gẽte foy cõtẽte por lhe pesar muyto de se ele ir dali cõ Meliꝗ: & leuãtada a cidade logo Hagamahmut ho fez saber a el rey de Cambaya, mãdandolhe dizer o ꝗ Meliꝗ determinaua, & pedindolhe a capitania dela, & ꝗ lhe mãdasse gẽte. E el rey sabendo este recado partio logo pera Diu. E sabẽdo Meliꝗ o ꝗ Hagamahmut tinha feyto, conheceo então a falsidade do conselho ꝗ lhe dera em fazer ir Eytor da silueira pera Chaul, õde cuydãdo ꝗ ainda estaua Lopo vaz de sam Payo lhe mãdou dizer o ꝗ passaua, pedindolhe ꝗ lhe acodisse, porque esperaria ate sua vinda. E Christouão de sousa por não ter armada ꝗ lhe mãdasse, mãdou este recado a Goa ꝗ foy dado a Eytor da silueira, por ho gouernador ser partido pera Cochim: & Eytor da silueira como ho soube partiose logo pera Chaul indo coele muytos fidalgos & outra gente, mas sua ida foy fora de tẽpo & sem proueito por não estar em Chaul quãdo Meliꝗ mãdou ho recado ꝗ se hi estouera ainda se podera auer Diu, a ꝗ primeiro ꝗ chegasse a Chaul chegou el rey de Cambaya cõ grãde poder de gẽte, & Me-

liq̃ escassamẽte pode auer hũa fusta em q̃ fugio pera Iaq̃te. E tudo isto se sabia em Chaul quando chegou Eytor da silueira, q̃ do mar mãdou dizer a Christouão de sousa q̃ se tinha algũ recado de Diu q̃ lho mãdasse. E ele respõdeo q̃ aq̃la fortaleza era del Rey de Portugal, & se a ele tinha por essa q̃ fosse lá & saberia ho recado, & se assentaria o q̃ deuião de fazer, & se não q̃ se fosse em bora. E parecẽdo a Eytor da silueira q̃ por capitão mór daq̃la armada lhe deuia Christouão de sousa de mãdar ho recado, insistia q̃ lho mãdasse & não q̃ria lá ir, & tambẽ por recear q̃ como lá fosse lhe tomasse a armada & mandar outrẽ a Diu. E dãdolhe Francisco de sousa tauares palaura de não se fazer tal se foy á fortaleza, & ẽ cõselho lhe disse Christouão de sousa o q̃ passaua em Diu q̃ era escusado ir lá: pelo q̃ se assẽtou q̃ não fosse & tornasse a dar cõta disso ao gouernador, & não fosse ao estreito, por ser certo q̃ çoleimão raix per mãdado do turco passaua á India cõ hũa grãde armada de turcos & q̃ estaua na ilha de Camarão fazẽdo hũa fortaleza, & ho mesmo escreueo Christouão de sousa ao gouernador por Eytor da silueira, q̃ assẽtado isto se partio logo pera Goa onde não achãdo ainda ho gouernador se partio pera Cochim.

CAPITVLO XIIII.

Do grãde aluoroço q̃ auia na gẽte da India, dizẽdo q̃ Lopo vaz nã era gouernador.

Partido ho gouernador Lopo vaz de sam Payo da cidade de Goa, chegou a Cochim, õde ho védor da fazenda era tambem capitão, q̃ na armada do anno presente lhe mãdara el Rey de Portugal prouisam pera ho ser juntamente com védor da fazẽda. E sabẽdo que Lopo vaz de sam Payo era chegado ho recebeo com muyta festa & ho tornou com todos a jurar & obedecer por gouernador da India: & como em Cochim estaua jũta a mayor

parte da gente dela, & os mais erão afeyçoados a Pero mazcarenhas & desejauão que ele gouernasse. vendo q̃ se fazia ho contrairo pubricamẽte, estranhauão muyto o que ho védor da fazenda fizera em abrir a noua subcessam de Lopo vaz de sam Payo despois de Pero mazcarenhas ser jurado & obedecido por gouernador, & chamado pera gouernar, & que lhe roubaua sua honrra & justiça. E era a onião que fazião sobristo muyto grande, & auia bandos antre os da parte de Pero mazcarenhas, & os do gouernador, & perfiauão com muyto perigo sobre qual era gouernador por dereyto auendo palauras hũs com os outros & desafios & pelejas: & era a reuolta tamanha sobristo em Cochim que nã se ouuia nunca outra cousa, & pera mais ajuda chegou na segunda oytaua do Natal hũ jungo a Cochim que deu noua que Pero mazcarenhas ficaua embarcado & partira pera a India, q̃ agrauou mais nos de sua valia o que lhe ho védor da fazẽda fizera. E ho gouernador como soube a noua da vinda de Pero mazcarenhas, porque ele soubesse primeyro que chegasse a Cochim q̃ não era gouernador, & não fizesse aluoroço mãdou ho terlado de sua subcessam, & ho do auto que se fez quãdo foy jurado & obedecido por gouernador a Anriq̃ figueira feytor & alcayde mór de Coulão com hũ regimento que tanto que Pero mazcarenhas chegasse ao porto lhe fosse mostrar ao mar ho terlado da subcessam & do auto, & se ho ouuesse por bõ lhe fizesse muyto gasalhado, & doutra maneyra que ho não acolhesse na fortaleza. Partido este recado pera Coulão, porque ho gouernador sabia que se dizia pubricamente que ele tomaua por força a gouernança a Pero mazcarenhas pera dar a entẽder a todos que não era assi por conselho do védor da fazenda mandou ao derradeyro dia de Dezembro chamar a sua casa Bastião de sousa, Felipe de crasto, Antonio galuão, Francisco danhaya & Tristão vaz da veiga capitães das naos da armada q̃ auia de tornar pera Portugal, que parecia q̃ por essa causa podião dizer sẽ affeição o que lhes naq̃le ca-

so parecesse, & perante Antonio rico que aquele anno fora de Portugal por secretario disse o que se dizia por parte de Pero mazcarenhas contra a sua subcessam. E por ele não fazer justiça dos que tão ousadamēte dizião mal dele, & queria ver se por bem se querião enmendar, que lhes pedia como a fidalgos que tinhão tanta rezão de falar verdade que liuremēte lhe dissessem com juramēto dos santos euāgelhos o q̃ lhes parecia da sua subcessam, & se ētēdião q̃ por virtude dela era gouernador: & logo ho secretario lha leo. E lida, como quer q̃ ho gouernador lhes pregũtou simprezmēte o q̃ lhes parecia de sua subcessam, & se o fazia gouernador: assi simprezmente disserão todos & cada hũ por si, que tinhão por cousa muyto clara ele ser gouernador por sua subcessam, & que assi o queria el Rey, & assi ho jurarão que lhes parecia. E Tristão vaz acreoentou mais, dizendo que por se euitarem cousas que serião deseruiço de Deos & del Rey, ele gouernador ho deuia de ser, & tambem por estar em posse da gouernança: & quanto a se ele ou Pero mazcarenhas ho deuião de ser por justiça, era necessario ver todas as prouisões passadas & por as não ter vistas ho deixaua de dizer. E a isto se calou ho gouernador, & disse que assinasse o q̃ dissera, porq̃ de tudo Antonio rico fez hũ auto q̃ ele & os outros assinarã. E a mesma pregũta, & polas mesmas palauras fez ho gouernador a hũ Frey Ioão Daro da ordem de sam Domingos homem letrado, que por mandado del Rey de Portugal fora pregar á India, que jurou ao gouernador q̃ ho era por dereyto por virtude da sua prouisam: & pera ser mais notorio a todos ho diria na pregação q̃ auia de fazer no dia seguinte q̃ era da Circuncisam de nosso senhor, & no cabo da pregação disse as murmurações que auia contra ho gouernador por parte de Pero mazcarenhas estranhandoho muyto, porque Lopo vaz de sam Payo era verdadeyro gouernador, dando pera isso as melhores rezões que pode, & affirmando que assi ho sustētaria em París & em Salamanca & em Por-

tugal pera ondestaua embarcado, pelo que se deuia de crer que falaua verdade pois nã tinha necessidade do gouernador, de quẽ não era tamanho amigo como de Pero mazcarenhas: porem que auia de dizer verdade, & requereo ao gouernador da parte de Deos que lhe lẽbrasse bẽ que tinha nas mãos hũa cousa de tanta importancia & de tãto peso como era a gouernança da India: & que pois el Rey de Portugal a confiaua dele, que lhe requeria da sua parte que castigasse grauissimamente quẽ fizesse aluoroços ou mouesse duuidas na sua prouisam, & que os degradasse de Cochĩ se fosse necessario. E o gouernador ho fez assi, & degradou logo a hum Simão toscano que fora criado de Pero mazcarenhas, porq̃ era ho principal que affirmaua que Pero mazcarenhas era gouernador, & q̃ ho gouernador lhe roubaua sua justiça: & assi degradou pera Chaul a Vicente pegado polo mesmo caso & aquiria muytos q̃ tiuessẽ sua voz. E durando estas reuoltas que de cada vez erão mayores forão acabadas de despachar as naos da carrega que auião dir pera Portugal de que forão capitães Bastião de sousa, Frãcisco danhaya, Tristão vaz da veiga & Antonio galuão, q̃ partidos de Cananor seguirão sua viagem pera Portugal, leuando Antonio galuão a ossada de seu pay Duarte galuão: q̃ ho clerigo Frãcisco aluarez trouuera á India de Camarão vĩdo do Preste: & Antonio galuão a leuou muyto secretamẽte na nao por a gẽte do mar ter q̃ se perderá a nao em q̃ for corpo morto. E estas naos chegarão todas a Portugal a saluamento.

CAPITVLO XV.

De como Christouão de sousa capitão de Chaul determinou q̃ Lopo vaz de sam payo não era gouernador.

Vicente pegado que foy degradado pera Chaul pelo gouernador, despois que foy lá por se vingar dele, disse a Christouão de sousa que era verdade que ho gouernador & ho védor da fazẽda estauão concertados de não darem a gouernança a Pero mazcarenhas, affirmãdo que Lopo vaz de sam Payo era verdadeyro gouernador & não ele: & que assi ho mandaua el Rey de Portugal em hũa prouisam que dizia, que em caso que Pero mazcarenhas esteuesse por gouernador ho deixasse de ser, & ho fosse Lopo vaz de sam Payo, & mostroulhe ho terlado da carta do védor da fazenda: em que el Rey dizia que das subcessões q̃ estauão na India não se vsasse: & assi ho terlado da subcessam de Lopo vaz de sam Payo que viera de nouo. E parecẽdo a Christouão de sousa que ho védor da fazenda fizera o que não diuia em abrir a noua subcessam: pois Pero mazcarenhas estaua declarado, obedecido & jurado por gouernador, & q̃ el Rey na particula da carta a q̃ se ho védor da fazẽda pegaua não mãdaua, que posto que Pero mazcarenhas fosse gouernador se abrisse a noua subcessam: pareceolhe muyto mal ser Lopo vaz de sam Payo gouernador, & muyto peor a determinação com que Vicente pegado lhe dizia que estauão ele & ho védor da fazenda, & que seria forçado auer na India diuisam que seria cousa muyto perjudicial, por ser certo estar Çoleymão raix em Camarão com a armada do Turco pera passar á India, & que auia de ser na moução de Mayo ou de Setembro. E pera saber que meyo nisto tomaria, ajuntou a conselho ho alcayde mór, feytor & outros officiaes da fortaleza com muytos fidalgos que estauão coele: & Vicẽte pegado disse a todos o q̃ dissera a ele só. E lidos os terlados da

carta do vêdor da fazenda, & da prouisam do gouernador: propos Christouão de sousa ho caso, & todos disserão que lhes parecia o que disse que parecia a ele, & q̃ Lopo vaz de sam Payo não tinha nhum dereyto na gouernança polas rezões declaradas: mas porque se escusasse diuisam antre duas tais pessoas, & os males q̃ se dela seguirião, era necessario que se posessem em justiça pera se julgar por dereyto & nã por armas de qual deles era a gouernança: & que isto deuia descreuer logo a Lopo vaz de sam Payo, desenganando ho que não auia dobedecer por gouernador a quem isto refusasse antes auia de ser contrele: & que mandasse esta carta a Francisco de sousa tauares que a desse a Lopo vaz de sam Payo. E como este era ho mesmo parecer de Christouão de sousa, escreueo a carta & mandou a a Francisco de sousa que a deu ao gouernador em Goa como direy a diante.

CAPITVLO XVI.

Do juramento q̃ ho gouernador fez em Cochim.

Tendo ho gouernador por muyto certo estarẽ os rumes em Camarã fazẽdo hũa fortaleza pera despois de feyta passarem á India, determinou de os ir buscar & pelejar coeles: & porque sabia que ãdauão muytos Portugueses em Choramãdel, escreueo a Ambrosio do rego que lá era feytor & alcayde mór que lhes dissesse da sua parte q̃ logo sopena de tredores se fossem a Cochim porque compria assi a seruiço del Rey, & que perdoaua aos q̃ fossem obrigados á justiça quaesquer culpas que teuessem: porem como ho eles não tinhão por verdadeyro gouernador não lhe obedecerão, & tambẽ em Cochim muytos não se querião embarcar pera ir coele, dizendo pubricamẽte que fingia ir ao estreyto por não estar em Cochim na chegada de Pero mazcarenhas por nã se poer coele Pero mazcarenhas em dereyto sobre a gouernan-

ça, & por isso não auião dir coele nem obedecer a seus mandados. E diziase isto tão soltamēte, & punhase tāto por obra que se embarcauão muyto poucos. E querendo ho gouernador atalhar ao castigo ꝙ isto merecia, & fazer notorio a todos ꝙ partia com tenção de ir pelejar com os rumes: hũ domingo estãdo á missa em ho sacerdote leuantãdo a hostia disse em voz que podesse ser ouuido. Eu juro naquela hostia consagrada em que está ho verdadeyro corpo de nosso senhor Iesu Christo que me parto com tenção de ir buscar os rumes & pelejar coeles, & pera lhes toruar que não passem á India. E por esta ser minha determinação, mando a todo homem Portugues tirando aos fronteiros da fortaleza que se embarquem comigo, & quem ho não fizer sayba certo que sera grauemēte castigado. E coeste juramēto & amoestação que ele fez se embarcou a gente toda crendo ꝙ auia dir pelejar com os rumes: & antes de se embarcar deu hũ regimento a Afonso mexia em que lhe mandaua que não recebesse a Pero mazearenhas como a gouernador, antes se quisesse desembarcar em Cochim como gouernador lho defendesse por armas. E coeste regimēto lhe deu hũa carta pera ele de grandes consolações sobre a mudança ꝙ el Rey fizera de ho fazer segũdo sendo primeyro. E feyta esta diligēcia se partio de Cochim ē Ianeyro de mil & quinhentos & vinte sete: & chegando a Cananor deu a dõ Simão de meneses ho mesmo regimento ꝙ deixara a Afonso mexia, & hi deixou por capitão mór de certos bargantins a hũ fidalgo chamado Iorge de sousa pera que goardasse a costa de Calicut: & ho primeyro de Feuereyro se partio pera Goa, & em baticalá achou Eytor da silueira que lhe disse o que fizera em Diu. E a certeza que Christouão de sousa tinha da estada dos rumes em Camarão, & como por seu conselho & requerimentos não partira pera ho estreyto: & dali escreueo o gouernador a Christouão de sousa ho fundamento que leuaua dir pelejar cõ os rumes, pedindolhe que lhe mandasse a armada que te-

uesse & a gēte que lhe sobejasse da ordenada á fortaleza. E partindo daqui pera Goa achou no caminho Fernão de morais que vinha Dormuz, de cujo rey lhe deu cartas, & do capitão da fortaleza, & do feytor: em que lhe fazião queixume de Raix xarafo de cousas que tinha cometidas contra ho seruiço del rey Dormuz que por isso ho prēdera, pedindolhe todos tres que logo mandasse por ele, porque em quanto esteuesse em Ormuz sempre auia de fazer maldades.

CAPITVLO XVII.

De como se assentou que ho gouernador não fosse a Camarão.

Chegado ho gouernador a Goa, jũtos todos os capitães & fidalgos prīcipais da armada no mosteiro de sam Francisco com os mestres & pilotos dela lhe propos a estada dos rumes ē Camarão, & como queria ir pelejar coeles. O que todos ouuerão por muyto escusado por quã pouca gente tinha, & que seria muyto grande doudice ir cometer hũa tão poderosa armada como os rumes tinhão estando eles em terra, & acordouse que ho gouernador inuernasse em Goa, & que vindo no verão seguinte armada de Portugal teria mais gēte & poderia ir esperar os rumes aa ponta de Diu onde os tomaria trabalhados da viagem & com a artelharia abatida pola passagem do golfão: & desta maneyra com ajuda de nosso senhor os desbaratatia de todo. E de tudo isto fez ho secretario hũ auto ꝙ todos assinarão. E sabendo a gente comum como ho gouernador não auia dir buscar os rumes, logo começou de dizer que essa fora sempre sua determinação posto que jurara ho contrairo, que bem sabião que não deitara aquela fama se não por fugir de Pero mazcarenhas pera não se poer coele em dereyto, & dizião outras muytas cousas em desprezo do gouernador, porque verdadeyramente crião que ho não era se não Pero

mazcarenhas. E desenganado ho gouernador que não auia dir a Camarão, mandou Manuel de macedo a Ormuz pera que trouuesse Raix xarafo preso a Goa pera ser castigado se ho merecesse, & mãdoulhe que tornasse a inuernar a Goa, & mandou logo ao capitão moor do mar que se fosse ate Cochim leuãdo grãde vigia sobre não errar Pero mazcarenhas, & q̃ achando ho lhe dissesse da sua parte que se fosse inuernar a Cananor ou a Cochim, porq̃ assi cumpria a seruiço del rey seu senhor: & quando não quisesse se não ir a Goa que tornasse coele ate a barra, donde ho não deixaria passar ate lhe não fazer saber como ali estaua, & deulhe hũa carta pera Pero mazcarenhas que se quisesse tornar a Malaca que lhe daria mayor ordenado do q̃ tinha a capitania. E a causa porq̃ ho gouernador receaua que Pero mazcarenhas fosse a Goa, era porque vendo ho a gente comum & muytos fidalgos q̃ erão da sua banda aueria aluoroço & se faria diuisam, & ho farião poer em dereyto com Pero mazcarenhas, & não queria estar nessa auentura.

CAPITVLO XVIII.

De como foy morto Gaspar machado, & outros Portugueses.

Passãdose estas cousas na India, Pero mascarenhas q̃ estaua por capitão de Malaca, mandou ẽ Ianeiro deste anno de vinte seys hũ nauio pera a India, a cujo capitão não soube ho nome. E foy em sua companhia hũ Gaspar machado, q̃ ya em hũ seu jungo cõ sua fazenda q̃ era muyta, & nauegando por sua viagem forão ter ao cabo de Comorim, onde tomarã Patemarcar hũ valẽte mouro, q̃ ãdaua por capitão mór de hũa armada del rey de Calicut de cincoenta & dous paraós: & ya caminho de Ceilão a fazer guerra a el Rey, por ser amigo dos Portugueses: & quis nosso Senhor q̃ ho mar andasse picado, & fizesse grãde marulho, pera os Portugueses q̃

yão no nauio & no jũgo escaparẽ a Patemarcar, ꝗ se os aferrara os tomara, & ele bem os quisera aferrar mas não ousou, porꝗ cõ a marulhada não se lhe desfizessem os paraós cõ ho nauio, & cõ ho jungo ꝗ erão mayores, & mais fortes que os paraós, & por isso não ousou daferrar coeles, & cõ tudo posse de balrrauento deles, & tiroulhes muytas bombardadas, com ꝗ lhes ferio, & matou muytos homẽs, & antreles foy Gaspar machado, & asaz teuerão que fazer os outros em se acolher: & forãose a Cochim, onde acharão falecido dõ Anrrique de meneses.

CAPITVLO XIX.

De como Pero mascarenhas soube que era gouernador da India, & do que fez.

Iorge cabral que foy por capitão mór de certas fustas ás ilhas de Maldiua, vendo como Pero mazcarenhas era gouernador, determinou de lhe ir dar esta noua a Malaca, cõ fundamento ꝗ lhe daria a sua vagante, da capitania de Malaca por aluissaras da noua ꝗ lhe leuaua. E assentado isto cõsigo, partiose pera Malaca na fusta em ꝗ andaua: & deu a noua a Pero mascarenhas ꝗ era gouernador da India, per falecimento de dom Anrriꝗ de meneses. E Pero mascarenhas lhe prometeo a capitania de Malaca quãdo se fosse pera a India: & da hi a algũs dias, foy certeficado de todo ꝗ era gouernador da India, per Antonio da silua de meneses, que lhe deu a carta Dafonso mexia, em ꝗ lhe dizia que era gouernador, & ho mandaua chamar: & ho auto ꝗ foy feyto de sua subcessão: o ꝗ tudo visto pelo alcaide mór, feytor, & officiaeis da fortaleza, & assi por outras pessoas honrradas ꝗ estauão nela, foy Pero mascarenhas obedecido por gouernador da India. E isto feyto fezse prestes pera se partir pera a India ẽ Agosto, cõ tenção desperar ho leuãte na ilha de Pulopuar, ꝗ he ẽ Setẽbro, ꝗ se chama a moução peꝗna, cõ que se iria pera a India. E antes ꝗ

partisse deu a capitania a Iorge cabral. Ho q̃ Aires da cunha quisera impedir: dizẽdo q̃ a capitania pertẽcia a ele, por ser capitão mór do mar, porq̃ quando Afonso dalbuquerq̃ ganhara Malaca que se fora pera a India, deixara: que falecendo Ruy de brito q̃ ficaua por capitão da fortaleza, sucedesse na capitania Fernão perez dandrade, q̃ era capitão mór do mar, & despois passara el rey dõ Manuel hũ aluara, q̃ estaua na feytoria: que nas cousas de Malaca se goardassem os regimẽtos q̃ Afonso dalbuquerq̃ hi deixara, & assi se goardara na deferença q̃ Nuno vaz pereyra teuera cõ Antonio pacheco, sobre a capitania, por morte de Iorge de brito, como disse no liuro Quarto: & por isso q̃ a ele Aires da cunha pertencia a capitania da fortaleza, & não a Iorge cabral, fazendo sobristo reqrimentos a Pero mascarenhas q̃ lha desse. Ao que respondeo, q̃ tudo quãto Aires da cunha dizia era assi, se a capitania vagara por sua morte, mas q̃ vagaua por entrar na gouernãça da India, & por ser gouernador, era sua a dada daq̃la vagante, & a podia dar a quem quisesse, & por isso a daua a Iorge cabral, assi por aluissara das nouas q̃ lhe leuara, como por ser hũ fidalgo de muyto merecimẽto por sua linhajem, & por muytos seruiços q̃ tinha feytos a el rey. E com tudo Aires da cunha protestou de Pero mascarenhas lhe pagar a sua custa ho ordenado da capitania. E querẽdo Pero mascarenhas partir cõ a determinação q̃ digo: os pilotos lhe reqrerão q̃ não partisse, porque não auia de poder ir a India naq̃la moução, mas não quis deixar dir: & partiose ẽ hũ nauio caminho da ilha de Pulopuluar, õde estãdo surto, lhe deu tão brauo tẽporal de vẽto, q̃ ho masto do nauio quebrou por tres lugares, & esteue muyto perto de se perder, & escapãdo Pero mascarenhas desta borriscada, tornouse a Malaca pera se aparelhar q̃ nã podia assi proseguir sua viagem, & ẽ Malaca achou Frãcisco de sá cõ a armada q̃ leuaua pera ir fazer a fortaleza ẽ çunda: & coele ya dõ Iorge de meneses por capitã de Maluco, per prouisão

de dom Anrrique de meneses, q̃ lhe Pero mascarenhas confirmou, & lhe deu outro nauio que fosse em sua cõpanhia, a fora ho em q̃ ya: a cujo capitão nã soube ho nome: & assi lhe deu mais gẽte da q̃ leuaua, & munições & mandoulhe que fosse pola via de Borneo, pera se descobrir aq̃la nauegação pera Maluco, q̃ era mais curta que pela via de Banda, & dãdolhe regimẽto do q̃ auia de fazer, partiose dom Iorge caminho de Borneo: & porq̃ Simão de sousa galuão, que ya por capitã mór do mar de Maluco, soube q̃ Pero mascarenhas determinaua, de ir sobre Bintã pera ho tomar: & soube quã pouca cousa era a capitania mor do mar de Maluco: & quão pouco podia nela seruir a el Rey de Portugal, que era pera o q̃ a ele pedira: nã quis ir a Maluco: & ficou ẽ Malaca pera se achar na empresa de Bintão: que tinha q̃ auia de ser hũa cousa de muyta honrra & fama, a q̃ era muyto inclinado.

CAPITVLO XX.

Em q̃ se escreue ho sitio & a fortaleza da ilha de Bintão.

Vendo Pero mazcarenhas que lhe era forçado esperar a moução grande pera a India: & achandose com a gente que Francisco de sá leuara, determinou de ver se podia coela tomar Bintão q̃ tãta guerra fazia a Malaca. E assentado em conselho que ho fizesse, partiose com hũa armada de dezanoue velas. s. hũ galeão pequeno, hũa galé, quatro nauios redondos, dous bargãtins, dous bateis de mãtas, quatro lãcharas & cinco calaluzes: & a fora Aluaro de brito que era capitão da galé em que ya Pero mazcarenhas, forão capitães Frãcisco de sá, Aires da cunha, Antonio de brito, Duarte coelho, Fernão serrão Deuora, Simão de sousa galuão, Ioão pacheco: & aos outros não soube os nomes. Irião nesta armada trezẽtos Portugueses & seyscẽtos Malayos, de que yão por capitães dous mouros honrrados, hũ chamado Sanaya

raja, o outro Tuã mafamede. E coesta armada se partio pera a ilha de Bintão que na lingoa Malaya quer dizer estrela: & por isso el rey de Bintão tinha por titulo muyto hõrrado chamarse rey da estrela. Iaz esta ilha sessenta legoas de Malaca auante do estreito de Cincapura pegada com a terra firme, que hũ estreito rio que se vay meter no mar aparta dela, ao longo deste rio hũ pedaço da foz dele está situada hũa boa pouoação chamada Bintão pouoada de mouros Malayos, onde ho rey que foy de Malaca se recolheo despois que per Antonio correa foy lançado do pagode, como disse no liuro quinto & a tomou ao senhor dela q̃ era seu vassalo: & despois que el rey que foy de Malaca se apossou dela, a fortificou grandemente pera se defender dos Portugueses com receo que tinha de irem sobrele. E a maneyra da sua fortaleza foy esta, ẽ hũa baya pequena onde se ho rio mete que he ho porto da cidade: fez ao longo dũ canal que se ali faz em voltas hũa estacada pera ficar tão estreito q̃ hũa gale não podesse virar nele. E esta estacada era de paos muyto grossos metidos em olhos de grãdes mós: & despois de metidos deitauão as mós no mar, & que se yão ao fũdo, & eles ficauão pera cima fora dagoa em boa altura, & doutros paos tão grossos como mastos de nauios q̃ naquela terra se chamão paos ferros mandou fazer hũa tranqueira entulhada que cercaua a pouoação em redõdo com seus baluartes dos mesmos paos tambẽ entulhados, & com suas portas que se fechauão & abrião, & em hũa põte que atrauessaua ho rio pera seruentia da ilha & da terra firme estauão dous baluartes na entrada & saida dela: & nelas & na tranqueira auia trezẽtos tiros dartelharia. Esta tranqueyra que cercaua a pouoação tinha em lugar de caua tres ordẽs de estrepes com as põtas heruadas & postos ẽ reues hũs pera quẽ quisesse entrar, & outros pera quẽ quisesse sair. Esta pouoação era fundada em terra deuassa & apaulada, & por isso todas as casas estauão sobre esteos de pao aleuantadas da terra & seruianse por

pontes ou minhoteiras, saluo as del rey, que estauão sobre hũ oiteyro da banda do sertão.

CAPITVLO XXI.

De como Pero mazcarenhas foy sobre a ilha de Bintã.

E nauegando Pero mazcarenhas pera esta ilha, passou muito grãde trabalho no caminho por ser muyto roim, & todo per canaeis q̃ se fazião antre hũ grande arcepelago dilhas, & chegado cõ toda a frota, surgio de fora da barra, & dahi mãdou sondar ho canal da baia per onde auia dẽtrar, & foiho sondar Duarte coelho, q̃ lhe disse, que era ĩpossiuel poder entrar a nossa frota sem arrãcarẽ primeyro a estacada: & mais desembarcando diante da tranq̃ira, nã escaparia nhũ dos Portugueses viuo, segũdo a muyta soma dartelharia q̃ tinha, & a fora isso nã se poderia ẽtrar por ser muito alta. E sabido por Pero mazcarenhas este perigo, determinou dẽtrar pela ponte por onde se seruião pera a terra firme, onde não auia tãta artelharia, & pera segurar esta ponte, & poder melhor ẽtrar por ela: determinou de a mandar abalrroar por hũ dos nauios redondos, & coele mãdaria arrancar a estacada, pera entrar toda a frota: & porq̃ isto era cousa de muyto perigo, escolheo pera ho fazer hũ Fernão serrão Deuora q̃ tinha por esforçado, & era capitão dũ dos nauios como disse, a q̃ fez cincoẽta Portugueses pera ho ajudarẽ a este feyto: & fortalecido ho nauio de largas & fortes arrombadas, q̃ podessẽ resistir aos tiros dos ĩmigos, & assi de boa artelharia: ẽtrou na baia indo atoado a dous calaluzes porque fosse bem pelo meo do canal, & ali começarão os q̃ yão no nauio darrancar as estacadas, no q̃ passarão tamanho trabalho camanho nã se pode ĩmaginar, trabalhando continuamẽte no cabrestante, cõ que arrãcauão as estacas a força de peitos, & de braços, cospindo muytas vezes sangue cõ ho trabalho, & como as estacas erã muytas, & a deten-

ça muyto grande em as arrancar, surdião tã pouco, q̃ ao mais que ãdauão cada dia, era ho cõprimẽto de hũa corda desparto, & coeste vagar gastarão oyto dias em chegarẽ defrõte da trãqueira, donde as bõbardadas logo forão tantas que era medo ouuilas, quanto mais velas: & daneficarão ho nauio de modo, q̃ se não forão as arrombadas fora todo arrombado & metido no fundo. E andando os Portugueses nesta fadiga, apareceo hũa armada ao mar q̃ ya demandar a barra de Bintão.

CAPITVLO XXII.

De como foy desbaratada a armada que el rey de Pão mandaua em socorro del Rey de Bintão.

El rey de Bintão como vio a frota de Pero mazcarenhas, & tinha dele noticia que era muyto caualeiro & determinado, temẽdo de se ver coele em afronta, mandou muy depressa pedir socorro a el rey de Pão seu genrro & vezinho, que lho mandou logo de trinta & tres lanchara em que irião bem dous mil homẽs & muytos mantimentos. E esta era a armada que pareceo ao mar: & porque Pero mazcarenhas se receou que chegada esta saisse a del rey de Bintão & tomassem a sua no meyo & lhe dessem fadiga, não quis esperar que chegasse: & determinando de ir pelejar coela no mar leuando parte da sua meteose em hũ balanco, & corrẽdo toda a frota disse sua determinação aos capitães, que lhe pedirão muyto que não tomasse aquele trabalho de que ho eles escusarião, & que ficasse em goarda do porto porque assi seria melhor. E fazẽdo seu rogo mandou quatro lancharas & cĩco calaluzes (a cujos capitães nã soube os nomes) que fossem pelejar com a frota del rey de Pão, & mandou por seu capitão mór Duarte coelho: & tendo andada hũa legoa donde ficaua Pero mazcarenhas chegarão a tiro de berço da armada dos immigos a que começarão de tirar com sua artelharia, & eles com medo

dela os meter no fundo fugirão logo leuãdo a proa em hũa ilha que estaua dali legoa & mea ate onde lhe os Portugueses derão caça, matandolhe muytos com a artelharia, & de vinte tres lancharas que chegarão primeyro toda a gẽte saltou em terra & fugio pola ilha & as lancharas forão tomadas pelos Portugueses, as outras dez não podendo aferrar a ilha passarão auante & acolhiãse: o q̃ vẽdo Duarte coelho porque não escapassem, saltou com algũs dos que yão coele em hũ balanco da sua lãchara, & a força de remo deu apos eles, tirandolhes com hũ meyo berço que ho balanco leuaua por proa, & nhum dos outros capitães ho seguio por estarẽ todos ocupados em tomar as lancharas que digo. E vẽdo os mouros ir ho balanco só virarão a ele indo obra de hũa legoa auante da ilha: & ele com quãto vio quãtos erão os que voltauão sobrele, não deixou de ir por diante, & vendo os mouros sua ousadia teueranse, & ele tambem se teue porque lhe pareceo doudice cometer tantos cõ tão poucos como leuaua se não quãdo não podesse fazer mais. E tornãdo os mouros a ir parele, ya pareles: & detendose detinhase: & isto fizerão por tantas vezes q̃ sobreueo a noyte, de que a estas horas era muyto perto, & os mouros fizerãse na volta do mar, & Duarte coelho se tornou pera os outros capitães & forãse todos pera Pero mazcarenhas com as lãcharas que tomarão aos mouros carregadas de mantimẽtos: com que ele folgou muyto & teueo por pronostico da vitoria que auia dauer del rey de Bintão, & assi ho disse a todos esforçãdo os pera a peleja.

CAPITVLO XXIIII.

De como Fernão serrão pelejou com Laquexímena.

Desbaratada esta armada, tornarão os do nauio de Fernão serrão a seu trabalho, darrancarẽ as muytas & muyto grandes estacas que estauão metidas pelo canal por onde auião dir á põte: em que se virão em tamanho perigo & leuarão trabalho immenso quanto não se pode cõtar, porque hũs tinhão os peitos abertos das barras do cabrestãte, outros tinhão os braços moidos de tapar os muytos rombos que a artelharia dos immigos fazia no nauio, que não cessaua de tirar de dia nem de noyte com que ho esburacaua todo, & era nele a agoa tanta com toda a diligencia q̃ os Portugueses fazião pola esgotar, que quasi se yão ao fundo. E coesta tamanha fadiga que lhes durou quinze dias, quis nosso senhor q̃ vencesse seu trabalho a força dos immigos, & chegarão á põte dãdo hũa grãde grita & aferrarão coela. O que sabido por el rey agastouse tanto que deshonrraua os seus de muy asperas palauras, pelo que algũs intentarão de fazer dar ho nauio á costa, & como foy noyte na vazãte da maré lhe cortarão as amarras de mergulho: & sintĩdo os Portugueses que caçaua acodirão logo & surgirão outras ancoras que tinhão a pique, & forrarão as amarras de cadeas de ferro por lhas não cortarem. E vendo os mouros que não podião fazer nada se tornarão muyto enuergonhados: & el rey mãdou então a Laqueximena que com quinhentos homẽs em õze lancharas que tinha varadas fosse pelejar com Fernão serrão & ho tomasse, cuydando que a muyta artelharia da tranqueyra impediria aos outros nauios que lhe não acodissem, & mandou que tirassem roda viua, & entre tanto Laq̃ximena foy aferrar ho nauio de Fernão serrão que bem trabalhou por não ser aferrado desparando assaz de bombardadas: porem como as lãcharas erão muytas nã

se pode tolher a algũas que ho não abalrroassem por proa & logo saltarão muytos mouros dentro, & apos estes aferrarão outros & ẽcherão ho nauio, & outros que não podião entrar tirauão de fora muytas frechadas: & os que estauão no nauio como erão muytos apertarão tão rijo com os Portugueses que por mais esforçadamẽte que pelejauão os leuarão ate ho conues: & aqui foy a peleja muy braua & Fernão serrão foy derribado com muytas feridas, porẽ era tão esforçado que se leuãtou logo & tornou a pelejar com muyto esforço. E com tudo os seus estauão tão feridos que não podião escapar se a este tempo não sobreuierão Pero mazcarenhas & Duarte coelho cõ algũs Portugueses, que ouuindo as primeyras bombardadas do nauio acodirão logo em hũ balanco por escaparem da artelharia que tiraua da tranqueyra. E chegãdo ás lancharas, porque lhe elas impedião q̃ não entrassem no nauio deitarãlhes dẽtro panelas de poluora com que começarão darder, & os ĩmigos por não se queymarem hũs se deitauão ao mar, outros fazião afastar as lancharas & desabafarão ho nauio & fugirão: o que os mouros que estauão dẽtro não sintirão cõ ho arroido da peleja. E desabafado ho nauio, entrarão Pero mazcarenhas & Duarte coelho com os que yão coeles, & ajudarão Fernão serrão tambem que nhũ dos mouros escapou de morte, sẽ dos Portugueses morrer nhum posto que todos estauão muyto feridos, pelo que Pero mazcarenhas quisera q̃ se forão pera os curarem, & q̃ irião outros em seu lugar: & eles não quiserão, dizendo que em quanto teuessem vida não se auião de tirar dali: o que lhes agardeceo muyto & louuou seu esforço, & curados todos se tornou aa frota.

CAPITOLO XXIIII.

De como Pero mazcarenhas tomou a cidade de Bintão.

Vendo Pero mazcarenhas a grãde ousadia dos mouros em lhe quererẽ tomar ho nauio a sua vista, ouue medo que lhe queymassem a frota cõ balsas de fogo, & por isso não quis mais dilatar de cometer a cidade, & assentou de ser pola ponte como tinha determinado, mas porque os mouros terião disso receo por amor do nauio q̃ estaua pegado coela, & poerião nela toda a força de sua defensam: determinou de lhes fazer crer que auia dentrar pela trãqueira, õde mandou hũa noyte fazer hũa estãcia de pipas & cestos de campo cheos de terra em que mandou assestar tres berços, & assi mãdou fazer com enxadas hũa larga estrada. E Laq̃ximena que estaua por capitão na tranqueyra ho mandou logo dizer a el rey, & q̃ lhe mandasse mais gente. E ele ho fez assi, & muytos mouros q̃ estauão em outras partes se passarão pera ali cuydando que por aquele lugar auião os Portugueses de cometer a entrada, & era ho aluoroço muy grãde antreles crẽdo que ao outro dia auião de ser mortos todos os Portugueses. E como foy noyte Pero mazcarenhas mãdou a Sanaya raja q̃ desembarcasse cõ os piães Malayos & se posesse detras da estãcia das pipas, & assi corẽta Portugueses: & mãdoulhes q̃ teuessem tẽto q̃ ẽ vẽdo fogo em qualquer dos baluartes da põte, posessẽ fogo aos berços & tangessẽ as trõbetas, & dessẽ grãdes gritas como q̃ desembarcauão pera cometer a trãqueira. E deixãdo a frota ondestaua por não ser sentido se embarcou nos balãcos & mãchuas, & desembarcou bẽ pera baixo na terra firme que ficaria hũa legoa da põte, pera õde tomou ho caminho q̃ fez cõ trabalho grandissimo & perigo, & por milagre de nosso senhor não se perderão todos, porq̃ yão por vasa em q̃ atolauão ate a cinta & ate debaixo dos braços, & por antre hũas aruo-

res q̃ chamão mãgues q̃ deitão as raizes pera cima & ficão como os pés das mesmas aruores, & como era escuro marrauão coeles, & se não fora ho esforço que lhes nosso señor daua este trabalho abastaua pera os debilitar tanto que não ficarão pera fazerem cousa q̃ prestasse, porq̃ yão todos ẽlameados, molhados & q̃brãtados. E com tudo chegarão á ponte hũa hora antemanhaã & tão esforçados & inteiros como se então se leuantarão da cama, & acharão Fernão serrão prestes com sua gente com muytas panelas de poluora, com q̃ logo poserão ho fogo a hũ baluarte que estaua na entrada da ponte em vindo da ilha, & nele estaua por capitão hũ mouro chamado Tuão raja, & ho baluarte era de madeira & entulhado & pegando ho fogo na madeyra começou logo darder. E a isto acordarão os mouros q̃ estauão nele, que cuydando que Pero mazcarenhas auia de cometer pola trãqueyra estauão muy descuydados de cometer por ali, & por isto & por estarem desuelados de vigiarẽ toda a noyte adormecerão: & acordados com ho arroido do fogo sayranse do baluarte por não arderem nele, & acodirão a hũ postigo com q̃ se a põte fechaua, cujas portas os portugueses tinhão acerca arrõbadas & q̃bradas de todo, remeterã ao postigo Ayres da cunha & Ioão pacheco & ẽtrarão em q̃ pes aos mouros que lhes resistião brauamente, mas eles matando algũs dos dianteiros entrarão dẽtro, & a pos eles quantos estauão fora: & como os mouros virão entrar os primeyros desmayarão logo, & fugirão hũs pera as casas del rey outros pera a tranqueira ondestaua Laqueximena, a quem Sanaya raja em vẽdo ho fogo no baluarte da ponte deu logo rebate pela ordem que lhe Pero mazcarenhas mãdou. Laqueximena estaua tão confiado em lhe parecer que era impossiuel entrarem os Portugueses por ali que não se aluoraçou nada com o q̃ Sanaya fez, & estaua muy seguro, se não quando algũs que fugião do baluarte da ponte forão dar coele, fugindo dos Portugueses que yão a pos eles, então lhes acodio Laqueximena com sua gẽte:

porem os Portugueses yão tão desnodados & com tão brauo impeto. E os mouros ficarão tão espantados de os verem dẽtro na cidade, que não dando por Laqueximena fugirão pera as casas del rey & os Portugueses apos eles matando & ferindo muytos. E el rey estando muyto fora de lhe parecer que a cidade se podia entrar estaua deshonrrando algũs que lhe affirmauão que era entrada, & mandauaos que fossem goardar a tranqueira: & nisto começou denxergar os seus que yão fugindo, & então creo que entrarão a cidade, & tendo escassamente tempo pera caualgar em hũ alifante fugio ficando sua casa assi como a tinha, & os Portugueses yão tão desejosos de ho tomarem que derão a pos ele: o que ele sintindo se deceo & embranhouse no mato que era muy espeso, & por isso os Portugueses ho não quiserão buscar, & foranse em busca de Pero mazcarenhas que acharão pelejando com hũ capitão chamado Laxa raja que se defendia com passante de mil mouros ao derredor dũ baluarte ondestaua de que os mais morrerão & ele fugio ferido de duas espingardadas: & assi forão outros muytos mortos & feridos ate as dez horas do dia que se acabou este feyto, q̃ foy hũ dos marauilhosos que os Portugueses fizerão naquelas partes de q̃ aprouue a nosso senhor que não morreo nhũ somente forão feridos algũs.

CAPITVLO XXV.

Do q̃ fez Pero mazcarenhas despois de tomada a cidade.

Tomada a cidade logo tres mercadores estrangeiros & ricos que hi morauão se forão a Pero mazcarenhas a pedirlhe q̃ lhes fizesse merce das fazẽdas pois erão estrãgeiros. O q̃ Pero mazcarenhas fez de boa võtade com cõdição que lhe auião de dar mantimentos os dias que ali esteuesse, pelo q̃ derão arrefens: & despois mandou Pero mazcarenhas saquear a cidade em que se ouue muy rico despojo principalmente nas casas del rey: &

assi forã achadas trezentas peças dartelharia, & muytas delas que forão tomadas aos Portugueses. E roubada a cidade foy posto ho fogo ás trãqueyras & baluartes q̃ durou tres dias & tudo ardeo de maneyra que ate os paos que estauão metidos debaixo do chão arderão: & Pero mazcarenhas estaua tão magoado do muyto mal que os mouros desta terra tinhão feyto aos Portugueses, que não se auendo por vingado do que lhes fez, & tambem pera ver se podia tomar el rey que sabia que estaua na ilha mãdou fazer nela muytas entradas a seus capitães, principalmente por el rey de Linga grãde amigo dos Portugueses que vinha pera ho ajudar com hũa armada de dezoyto lancharas & calaluzes: & este porque não pode ser na tomada da cidade ajudaua aos Portugueses a correr a ilha, em que ainda forão mortos muytos mouros & catiuos dous mil: & isto foy feyto em quinze dias q̃ Pero mazcarenhas esteue na cidade despois que a tomou. E vendo el rey ho dãno que se fazia em sua gente, & se ali mais esteuesse que ficaria sem nhũa foyse pera hũ lugar chamado Vgẽtana onde despois morreo. E espalhada a noua como Pero mazcarenhas tomara Bintão & era el rey fugido foy ter ao q̃ era dantes senhor de Bintão que moraua na terra firme, pera onde se fora despois que lhe el rey de Malaca tomou aquela ilha, & sabendo como Pero mazcarenhas a ganhara por força, pareceolhe que dele a tornaria a cobrar cõ se fazer vassalo del Rey de Portugal, logo lhe foy falar com sua licença, & fizerão pazes com condição que ho senhor de Bintão não fizesse nela nhũa fortaleza, nem auia de ter armada, & quando alguẽ lhe fizesse guerra que ho defendessem os Portugueses: & dali por diante foy muyto grande seu amigo. E isto feyto despachou a Francisco de sá que fosse a çunda a fazer fortaleza & deulhe trezentos Portugueses que se embarcarão em sete nauios, de cujos capitães não soube mais nomes que ho de Francisco de saa & de Duarte coelho que leuaua a alcaydaria mór da fortaleza se se fizesse. E partido Fran-

cisco de sá, partiose Pero mazcarenhas pera Malaca, onde lhe foy feyto muy solēne recebimento, assi polos Portugueses como pelos da terra porque todos ganhauão muyto na destruição del rey de Bintão com que se liurarão das grandes guerras que tinhão assi coele como com outros reys que ho ajudauão que vēdo ho destruido os mais fizerão paz com Pero mazcarenhas, & dali por diante foy Malaca muyto ennobrecida & abastada de mercadorias & mantimentos.

CAPITVLO XXVI.

De como Francisco de sá foy a çunda, & do que lhe aconteceo.

Partido Frãcisco de sá pera çũda deulhe hũ tamanho tēporal de vēto q̃ os nauios da armada se espalharão, & Frãcisco de sá & outros tres capitães forã cada hũ por seu cabo, & Duarte coelho q̃ ya em hũa nao arribou ido ē sua cõpanhia hũa galé & hũ bargãtim, & forão ter á barra de çũda q̃ he hũa cidade q̃ está no cabo da ilha de çamatra ao lõgo de hũ braço de mar q̃ aparta a ilha de çamatra da ilha da Iaoa a mayor. E ao derrador desta cidade ha muyto grãde soma de pimēta tão boa como a do Malabar: he terra fresca & bastada de mãtimētos, he pouoada de mouros, & tē rey sobre si q̃ tãbē he mouro: & a este tēpo q̃ ali chegou Duarte coelho não era ja señor da cidade ho rey q̃ queria dar fortaleza se não aq̃le cõ quē tinha guerra q̃ lha tomou por força, & pera se acabar de todo dapossar dela estaua nela, & tinha muyta gēte de guerra: & era imigo dos Portugueses, porq̃ sabia q̃ ho rey a quē tomara a cidade os mãdara chamar ē sua ajuda & lhes q̃ria dar fortaleza. E quando Duarte coelho ali chegou cõ o tēporal q̃ digo, deu aa costa ho bargãtim q̃ ya ē sua cõpanhia, & saluaranse em terra trinta Portugueses q̃ yão nele, q̃ forã logo tomados polos mouros & degolados porq̃ os ti-

nhão por ĩmigos, & a nao de Duarte coelho & a galé tãbẽ se ouuerão de perder, se os nosso senhor não saluara. E vẽdo Duarte coelho o q̃ fora feyto aos do bargãtim vio q̃ a terra estaua de guerra, & achãdose sem Frãcisco de sa vio q̃ era tẽpo perdido estar ali mais & foyse como ho tempo abonançou: & desta ida de Duarte coelho, & do q̃ ja el rey sabia do outro seu antecessor q̃ tinha dada palaura de dar fortaleza aos Portugueses, ouue ele medo q̃ tornassẽ cõ grãde armada, & por isso ajũtou mais gẽte da que tinha & fortaleceose ho mais q̃ pode. E estando assi tornou Frãcisco de sá cõ toda a sua armada q̃ andou ajũtando por esses portos da ilha da Iaoa õde foy ter, & partio da cidade de Panaruca: & chegado a çunda mãdou cometer a el rey q̃ lhe deixasse fazer fortaleza como deixaua seu antecessor: & sobre ele nã querer desembarcou Frãcisco de sa cõ sua gẽte pera ho fazer por força: & como os mouros erão muytos & estauão bẽ fortalecidos defẽderão a desembarcação aos Portugueses, matando algũs deles. E Francisco de saa vendo que não podia desembarcar se recolheo a sua armada. E conhecẽdo q̃ cõ a pouca gẽte q̃ tinha nã podia fazer nada tornouse pera Malaca, õde ja não achou Pero mazcarenhas q̃ era partido pera a India, & por isso não pode auer mais gẽte pera tornar a çunda, nẽ Iorge cabral lha pode dar, assi por ter pouca como por mãdar naq̃le tẽpo Gõçalo gomez dazeuedo cõ socorro a Maluco como direy a diãte: & por isto não pode Francisco de sá tornar mais a çunda, & se foy despois pera a India.

CAPITVLO XXVII.

De como Pero mazcarenhas chegou a Cochim, & querẽdo desembarcar lhe resistio ho védor da fazenda.

Vinda a moução em q̃ se podia ir pera a India, partiose Pero mazcarenhas cõ tres galeões carregados da fazẽda del Rey & da sua, & de caminho passou por Coulão, õde foy recebido do feytor & alcayde mór Anrriq̃ figueira como gouernador (posto q̃ tinha regimẽto em cõtrairo de Lopo vaz de sam Payo) & cõtoulhe tudo o q̃ passara na India despois de ser chamado pera a gouernar: do q̃ ele ficou assaz dagastado, & conselhouse do q̃ faria cõ hũ Simão caeiro q̃ como gouernador fizera seu ouuidor géral & cõ hũ Lançarote de seixas a q̃ pelo mesmo modo dera officio de secretario. E estes lhe conselharão q̃ se fosse a Cochĩ & vsasse de muyto rigor cõ Afonso mexia, porq̃ abrira a noua subcessam, porq̃ ele tinha toda a culpa ẽ a abrir: porẽ que descansasse q̃ posto q̃ fosse aberta lhe não perjudicaua ao dereyto q̃ tinha na gouernãça por a sua subcessam ser primeyro aberta. E parecẽdolhe bẽ este cõselho, partiose pera Cochĩ õde chegou ho derradeyro de Feuereyro. Afonso mexia q̃ tinha sobrele suas espias sabẽdo como era chegado, lhe mãdou logo notificar polos juyzes de Cochĩ, & por Duarte teixeira tesoureyro das mercadorias, & por Manuel lobato escriuão da feytoria ho terlado da noua subcessam de Lopo vaz de sam Payo, & ho regimẽto q̃ tinha dele pera ho não receber como a gouernador, & lhe requeressẽ da parte del Rey q̃ obedecesse ao gouernador pois ho era por aq̃la prouisam. Ao q̃ Pero mazcarenhas respõdeo cõ muyta colera q̃ aq̃la prouisam não era assinada por el Rey, & por isso não era obrigado a conhecela por sua: & q̃ Afonso mexia como seu ĩmigo a poderia fazer, & por essa causa lhe nã auia dobedecer principalmẽte por estar ẽ posse da gouernãça q̃ ho

mesmo Afonso mexia lhe dera & q̃ eles mereciã mui grãde castigado pois sabẽdo q̃ era gouernador ousauão de lhe fazer tais requerimẽtos. E Simão caeiro como ouuidor geral lho estranhou muyto dizendo que aquilo era caso de treição, & por seu cõselho ouue Pero mazcarenhas os juyzes por priuados dos officios & que sopena de perdimentos das fazendas não sayssem de casa despois que fossem em Cochim, & mandoulhes tomar abito & tonsura, & fazer auto de sua prisam pera despois proceder contreles: & coesta reposta os mandou, Duarte teixeira & Manuel lobato ficarão presos cõ ferros no nauio porque insistirão mais no requerimento chamando gouernador a Lopo vaz de sam Payo. O que sabido por Afonso mexia, lhe mandou requerer da parte del Rey que lhe soltasse os presos que erão officiaes de sua fazenda que se podia perder por sua prisam tornandolhe a requerer q̃ obedecesse á prouisam do gouernador de que tinha regimento q̃ ho não recebesse em terra por nenhũa via & lhe resistisse com armas o que auia de fazer, & que se quisesse algũa cousa que se fosse a Goa & hi acharia ho gouernador, o que se ele fizera fora liure da muyta deshonrra q̃ lhe foy feyta, & suas cousas se fizerão melhor, mas não teue quem ho acõselhasse, porq̃ Simão caeiro & Lãçarote de seixas cõ quãto vião ho rigor em q̃ se Afonso mexia punha, & ho grande poder q̃ tinha por seus officios, & quão pouco Pero mazcarenhas, acõselhauãlhe q̃ leuasse tudo a força de braço, & que desembarcasse, porque como fosse em terra seria gouernador: & como ele era muyto bõ caualeyro & tinha animo pera tudo parecialhe que tudo podia leuar auante, & por isso respondeo ao védor da fazenda q̃ ao outro dia lhe respõderia ẽ terra porq̃ era quasi noyte. E temendose ele q̃ Pero mazcarenhas desembarcasse de noyte & entrasse na cidade por ser rasa, chamou todo ho pouo de Cochim a repiq̃ de sino: & cõ quãto a muitos parecia mal tomarse a gouernãça a Pero mazcarenhas, pelo q̃ deuião á obediẽcia portuguesa q̃ nã dispu-

ta se os mãdados de seu rey ou dos q̃ estão em seu lugar sam justos ou injustos, acodirão logo todos postos ẽ armas pera fazerẽ o q̃ lhes Afonso mexia mãdasse: & ele lhes notificou o q̃ passaua cõ Pero mazcarenhas, q̃ não q̃ria se não desembarcar cõtra ho regimẽto do gouernador: pelo q̃ lhes requeria da sua parte q̃ tãto mõtaua como da del Rey pois tinha suas vezes q̃ lhe ajudassẽ a cõprir ho seu regimẽto q̃ era defender cõ armas a desembarcação a Pero mazcarenhas & lhe ajudassẽ a goardar a praya aq̃la noyte. E eles ho fizerão de boa võtade, & a praya se goardou cõ tãta diligẽcia como q̃ se goardara de ĩmigos, & toda a noyte Afonso mexia gastou em mãdar req̃rimẽtos a Pero mazcarenhas q̃ não desembarcasse, & q̃ se fosse a Goa & lá req̃resse sua justiça: & ele respõdeo a todos que em terra lhe respõderia, & ao derradeyro acrecẽtou mais q̃ não aueria ẽ Afonso mexia tão pouca humanidade, q̃ como a Christãos q̃ erão ele & os de sua cõpanhia os não deixasse desembarcar pera ouuirẽ missa. E sendo ele desenganado q̃ nẽ pera isso, nã quis se nã desembarcar porq̃ tinha inteligẽcia cõ algũs da cidade q̃ desembarcasse coaq̃la cor, & como fosse em terra se leuãtarião coele obedecẽdoo por gouernador, & prẽderião Afonso mexia: o q̃ não podião fazer sẽ ele desembarcar, & isto fez a Pero mazcarenhas insistir em sair em terra & não se ir a Goa, & tãbem auer por grande afronta ter Afonso mexia ousadia pera lhe dizer q̃ por armas lhe defenderia a desembarcação, sẽdo ele hũa pessoa tão principal na India, & tido por muyto esforçado pelos muytos feytos em armas q̃ fizera. E como ele não queria começar brigas com Afonso mexia, & parecendolhe q̃ desembarcãdo desarmado as não queria coele, & tãbem de confiado que não ousaria de as cometer, & que os requerimentos passados forão mais pera ho espãtar, que pera ho executar, cometeo a desembarcação, indo cõ toda sua gente em dous bateis, & leuãdo ouuidor & meirinho com varas, & assi ele como todos os outros, tão desarmados,

que ate espadas não leuauão. E vendo Afonso mexia, q̃ não q̃ria se não desembarcar, defendeolho como a ĩmigo, fazendo meter pola agoa os questauão coele, & mãdãdolhes q̃ ferissem a Pero mazcarenhas, & aos de sua cõpanhia, como a ĩmigos, & assi ho fizerão: bradãdo Pero mazcarenhas & os seus que ho não fizessẽ, porq̃ erão Christãos, & não querião guerra se não paz, & como pacificos yão sem armas: & requerendolhes da parte de Deos & del rey q̃ esteuessem quedos ho que eles não fazião nem podião fazer, porque Afonso mexia os nã deixaua, & andaua ãtreles sobre hũ caualo acubertado armado, bradãdo que os matassem como a immigos, pois desobedecião aos mãdados de seu rey, & eles ho fazião assi que os de Pero mazcarenhas não tinhão cõ q̃ se defender. A gente da terra que saio toda a ver isto estaua muyto espantada, & assi era pera espantar ver Portugueses fazer cousa tão fea, & mais em terra de seus ĩmigos: porq̃ não poderão eles fazer mais mal aos do mar do q̃ lhes fazião os da terra, & conhecẽdo Pero mazcarenhas quã mao cõselho fora ir desarmado pois desembarcaua: & vendo que não podia desembarcar recolheose, indo bem espancado, & ferido em hũ braço, & assi hũ seu parẽte chamado Iorge mazcarenhas foy ferido de hũa chuçada, & outros muytos, & todos espãcados & pisados, & despois q̃ Pero mazcarenhas foy no seu galeão mandou fazer hũ auto do q̃ lhe Afonso mexia fizera sẽdo gouernador da India: & a ele, & a todos os moradores de Cochim mandou apregoar por tredóres, ameaçãdoos q̃ lho auiã de pagar se gouernasse a India.

CAPITVLO XXVIII.

De como não podendo Pero mazcarenhas desembarcar em Cananor se partio pera Goa.

Recolhido Pero mazcarenhas aos galeões não disistio Afonso mexia de goardar a praia, ẽ quãto Pero mazcarenhas esteue no porto, receãdo q̃ se metesse ẽ Cochĩ & logo escreueo ao gouernador o q̃ tinha feyto a Pero mazcarenhas, mãdandolhe todos os req̃rimẽtos q̃ lhe fizera sobre q̃ nã desẽbarcasse & isto lhe mandou por Aires da cunha, q̃ tãbem leuou carta de Pero mazcarenhas pera ho gouernador ẽ q̃ lhe escreuia o q̃ lhe fora feyto per Afonso mexia, & por isso se q̃ria ir ver coele, & o mesmo escreueo a muytos fidalgos q̃stauã ẽ Goa, pedĩdolhes q̃ determinassem se auia de ser Lopo vaz de sam payo gouernador ou ele, porq̃ nã q̃ria se não justiça. E partido Aires da cunha coestes papeis mandou Afonso mexia requerer a Pero mazcarenhas q̃ lhe mandasse entregar os galeões que trazia pera os mãdar correger & lhe entregasse a fazenda del Rey, & pera ir a Goa se la quisesse ir lhe daria hũa carauela. Do que Pero mazcarenhas foy contente, porq̃ despois que arrefeceo da furia que lhe causou a injuria que recebera, lembrouse das que forão feytas a Afonso dalbuquerque (a quem desejaua de seguir) ẽ outro tal caso como aq̃le, & por isso determinou de não fazer nada por força se não por justiça: & coesta determinação não quis reter os galeões porque não parecesse que se queria fazer forte neles, & entregouos com a fazenda que tinhão, & mudouse pera a carauela com sua fazẽda & criados. E coesta mudança os mais dos que vinhão nos galeões se forão a terra por não caberem na carauela, & polo verem coaq̃la determinação: & algũs destes forão presos por mandado do védor da fazẽda, & antreles foy Iorge mazcarenhas estando ferido da chuçada que disse, & as-

si ferido como estaua ho mandou leuar preso a fortaleza de Coulão, como a quem fizera grãde crime: sendo ele pessoa que tinha bem seruido el Rey, & fidalgo de sua casa. E Pero mazcarenhas despois que se mudou a carauela, partiose pera Cananor a esperar hi ho recado de Goa, porq̃ dom Simão de meneses capitão da fortaleza era seu amigo, mas achou a cousa muy desuiada do que cuydaua, porque sabendo dom Simão q̃ estaua no porto lhe mandou logo dizer, q̃ lhe pesaua muyto de sua vinda ser em tal tempo: que lhe não podia fazer nenhũ seruiço sendo muyto grande seu seruidor, porque tinha mandado do gouernador Lopo vaz de sam Payo a quem toda a gente da India tinha por gouernador, que chegando ele aquela fortaleza se quisesse ir a ela como hũ fidalgo tão hõrrado & de tanto merecimento como ho seu que ho recebesse com toda a honrra & cortesia q̃ fosse possiuel: mas que se fosse com nome de gouernador que lho não consentisse, & ele polo que deuia a sua lealdade não podia fazer outra cousa se não obedecerlhe como a pessoa del Rey de Portugal q̃ representaua. Ao que Pero mazcarenhas respõdeo que não queria se não que comprisse com sua lealdade, & que não queria dele mais que hũ catur em q̃ fosse a Goa pera ir ainda mais raso que na carauela & com menos sospeita de querer por força auer a gouernança que não queria se não por justiça. O que lhe dõ Simão louuou muyto, & lhe mandou dar ho catur em que não quis leuar mais gente a fora os remeyros q̃ Simão caeiro & Lançarote de seixas & dous moços que ho seruissem, & com quanto lhe veo á memoria ir se a Chaul pera Christouão de sousa que tinha por amigo, & dahi fazer suas cousas, não foy por recear que fizesse como dom Simão, & mais pola fama que auia que era grãde amigo de Lopo vaz de sam Payo, & por isto não quis lá ir & partiose pera Goa parecẽdolhe q̃ ho gouernador se queria poer coele em justiça, & quando não q̃ os fidalgos que estauão coele lho farião fazer. E poẽdose ho caso em dereyto a go-

uernãça seria sua por lhe dizer Simão caeiro que ho muyto que tinha nela lha daua.

CAPITVLO XXIX.

De como ho gouernador soube o que Afonso mexia fez a Pero mazcarenhas.

Ayres da cunha q̃ leuaua os recados de pero mazcarenhas & do védor da fazẽda pera ho gouernador chegou a Goa a quatro dias de março, & deulhe os papeis que leuaua, & vistos por ele, & sabendo por Ayres da cunha o q̃ se fizera a Pero mazcarenhas ouuesse por seguro na gouernança. E dando conta disso a Eytor da silueira & a Pero de faria & a algũs fidalgos de que se fiaua, lhe conselharão que por nhũ modo consentisse que Pero mazcarenhas fosse a Goa, porq̃ segũdo a gẽte estaua descõtẽte da abertura da noua prouisam, & tinha que lhe fora tomada a gouernança que vendo ho em Goa se leuãtarião coele, por isso que ho não cõsentisse entrar nela: o que pareceo bem ao gouernador, & escreueo logo ao capitão mór do mar que por ser grande inconueniẽte ao seruiço del Rey seu senhor ir Pero mazcarenhas a Goa como lhe dizião os fidalgos que estauão nela, lhe mandaua que fizesse de maneyra que topasse Pero mazcarenhas & lhe requeresse da sua parte quẽ se fosse aa fortaleza de Cananor dõde não sayria sem seu mandado, & não lhe querendo obedecer lho faria fazer por força, & preso ho entregaria a dom Simão de meneses de que cobraria conhecimento de como ho recebia, & quando se Pero mazcarenhas defendesse ho metesse no fundo se fosse necessario, fazendolhe primeyro todos os requerimentos & protestações q̃ cumprissem, & escreueo hũa carta a Pero mazcarenhas dandolhe toda a culpa do que lhe fora feyto pois não quisera obedecer a seu regimento que lhe ho védor da fazẽda mãdara notecar, & por isso não tinha rezão de castigar ninguem

do que lhe pesaua muyto, & quanto a verse coele & com os fidalgos q̃ estauão em Goa erão todos dacordo que ho não fizesse polo auerem por verdadeyro gouernador, & mais que daria sua ida grande toruação a se fazer o que era necessario pera ho recebimento dos rumes q̃ esperauão: & por isso lhe pedia muyto de sua parte & reqria da del Rey seu senhor que se fosse a fortaleza de Cananor como ho capitão mór do mar lhe diria, & dahi mandasse requerer o que quisesse. Coestas cartas despedio logo Ayres da cunha a quem pola noua que lhe dera, & por lho ho védor da fazenda pedir deu a feytoria & alcaydaria mór de Coulão & a tirou a Anrriq̃ figueira que a tinha por el Rey, dizendo que fizera treição ẽ receber Pero mazcarenhas por gouernador. Partido Ayres da cunha coestas cartas deu as ao capitão mór do mar, que nunca pode topar com Pero mazcarenhas, & por isso não ouue effeyto o que ho gouernador mandaua.

CAPITVLO XXX.

De como ho gouernador mandou q̃ fosse preso Pero mazcarenhas.

Como quer que a mayor parte da gente q̃ estaua em Goa assi altos como baixos fossem de parecer que a gouernança era de Pero mazcarenhas sabendo que era na India, & que auia de ir a Goa aluoraçaranse muyto per a sua vinda, & dizião pubricamente que ele era gouernador & não Lopo vaz de sam Payo, & q̃ vindo ele ho ajudarião a selo, & logo se começarão bandos antreles, & os que tinhão q̃ ho gouernador ho era, & a cada canto auia ajuntamentos & perfias dũs com outros sobre cuja era a gouernança, & auia grande aluoroço & vnião pola cidade. E sabendo ho ho gouernador, disse ho a seus amigos pedĩdolhes conselho: & eles lho derão q̃ deuia de mandar goardar ambas as barras de Goa, porque hi era mais certo tomarse Pero mazcarenhas q̃ no

mar õde ho capitão mór do mar ho poderia errar, & mãdasse q̃ ali fosse tomada a menagẽ a Pero mazcarenhas, que se fosse á fortaleza de Cananor donde não sayria sem seu mandado, & não querendo dar a menagem que fosse preso em ferros, & assi ho leuassem a Cananor. E ho principal deste conselho foy Eytor da silueira a quem ho gouernador daua mil pardaos dordenado despois que Antonio de miranda seruio de capitão mór do mar, & isto por ho ter de sua parte por ser pessoa de credito & ter muytos parentes q̃ ho gouernador cuydaua que serião de sua valia por sua parte: & porque Pero mazcarenhas & os de sua parte cuydassem que era assi, cometeo a Eytor da silueira que ho fosse prender: do que se ele escusou porque lhe parecia bẽ prenderse pera ho aconselhar mas nã pera ser ho executor, porque sabia quãto todos os fidalgos da India lho estranharião. E vendo ho gouernador que se escusaua mandou a Simão de melo seu sobrinho & a Antonio da silueira de meneses seu genrro que fossem com grande armada goardar ambas as barras de Goa & prendessem Pero mazcarenhas não querendo dar a menagem, & que Simão de melo ho leuasse a Cananor & ho entregaria a dom Simão preso em ferros de quẽ cobraria conhecimẽto de como ho recebia, & que assi ho ẽtregaria quãdo lho ho gouernador mandasse, & eles se partirão pera as barras a noue de Março com tamanha armada & chea de tanta gente como se forão esperar os rumes, o que aluoroçou mais os da parte de Pero mazcarenhas & dizião que bẽ mostraua ho gouernador q̃ queria gouernar por força pois não queria q̃ Pero mazcarenhas fosse a Goa por não se poer coele em dereyto, & se teuera por certo telo na gouernança q̃ lhe não dera nada de ir a Goa, & q̃ posto que ho mandasse prender q̃ a gouernança auia de ser sua, & diziãno de noyte em lugar que ho ouuia, & ele dissimulaua por não auer moor aluoroço: & porem era tamanho q̃ não podia ser mayor, & algũs se yão aqueixar do que ho gouernador fazia ao

goardião de sam Francisco de Goa que era homem letrado, dizendolhe que polo que deuia a seu habito lhe deuia destranhar o que fazia a Pero mazcarenhas, & ele respõdia que não auia que lhe estranhar porque fazia justiça: & que responderia mais largamẽte no cabo da pregação que auia de pregar ho domingo seguĩte, & disse isto ao gouernador pedindolhe a sua prouisã pera a ler no pulpito, & prouar por ela que ele era verdadeyro gouernador, & ele lhe rogou muyto que ho fizesse. E estãdo ho gouernador presente com muytos capitães & fidalgos, leo no cabo da pregação em alta voz a prouisam per q̃ Lopo vaz de sam Payo era gouernador. E despois q̃ prouou por muytas rezões que ele era verdadeyro gouernador (o q̃ ninguẽ negaua se a subcessam de Pero mazcarenhas não fora aberta primeyro) disse ho porq̃ fazia aquela declaração, & que dizia a todas as pessoas que dizião, que ho gouernador tomaua por força a gouernança a Pero mazcarenhas q̃ vissem bem o que fazião, porque a fora lhe assacarem hũ grande falso testemunho cometião treição contra el Rey cousa muyto auorrecida ãtre os Portugueses pola muyto grande lealdade de que sempre vsarão sobre as outras nações: & posto q̃ ele era Castelhano não auia vergonha de ho confessar, mas que a auião dauer os que lhe fazião dizer aquilo, & que duuidauão em cousa tão clara como era ser Lopo vaz de sam Payo gouernador por dereyto & não por força: & que bẽ sabião todos quão pouco parẽtesco tinha coele nẽ com Pero mazcarenhas, & quão pouca necessidade tinha deles nem doutra nenhũa pessoa deste mundo, & que ainda que lhe algũs assacauão que ele não falaua verdade, o q̃ se ele fazia prouuesse a Deos eterno que no inferno fosse confundido, & lhe tirasse logo a fala se ele dizia se não o que entendia, & assi ho juraua polo deos q̃ aquela manhaã teuera nas mãos, & por tãto requeria da parte do Sancto padre ao vigairo geral que hi estaua que passasse hũa carta descomunhão em que ouuesse por escomungados a todos os

q̃ dissessem que ho gouernador ho não era por dereyto, & pagassem dez marcos de prata pera a sé & não podessem ser absolutos se não polo bispo do Funchal, & req̃ria ao ouuidor geral & a todos os fidalgos q̃ oulhassem por tamanha cousa como aquela era, & que soubessem todos que as goardas que ho gouernador punha nas barras não era por se temer da vinda de Pero mazcarenhas se não por não auer aluoroços: & cuydando que ficauão todos crẽtes coesta fala q̃ Lopo vaz de sam Payo era gouernador por dereyto calouse, & logo Pero de faria capitão de Goa lhe pedio á subcessam & a beijou & pos na cabeça, dizendo que a obedecia, & pregũtãdo a todos se fazião outro tanto disserão que si, & do que ho goardião disse, & disto mandou fazer hũ auto pera sua segurança, & se aproueitar dele quando fosse tempo, & por seu mandado foy ho ouuidor geral polas casas desses fidalgos q̃ se acharão na pregação, & ho assinarão por amor que disserão q̃ obedecião á prouisão que ho goardião lera, & os que assinarão, forão Pero de faria, ho feytor Miguel do vale, Eytor da silueira, Francisco de sousa tauares, Gõçalo de sousa, Ruy gomez dagrã, dom Iorge de crasto, Manuel de brito, dõ Antonio da silueira, Vasco da cunha, Diogo da silueira, dõ Afonso de meneses, Geronimo de sousa, Anrriq̃ de macedo, Iohane mẽdez de macedo, Diogo de macedo, Manuel de carualhal, Antonio mẽdez de brito, Frãcisco da silua, Pero descouar, & dõ Vasco de lima, & Iorge de lima, porq̃ não quisserão assinar foram presos sobre suas menagẽs, & assi porq̃ mostrarão ser da parte de Pero mazcarenhas, & ao outro dia foi este auto assinado pelos que estauã nas barras, que forão Antonio da silueira, Simão de melo, dom Iorge de noronha, Iorge de melo, dõ Iohão lobo, dom Anrrique déça, Iohão pereyra, Francisco correa, Antonio caldeira, Gomez de souto mayor, Lopo correa, Francisco de brito, Payo roĩz daraujo, Gracia de melo, Antonio mendez de vasconcelos, Nuno pereyra, Frãcisco ferreira, Gaspar da sil-

ua, Fernão de moraeis, Fernão roiz barba. E assi foy assinado polo capitã mór do mar, que chegou a este tempo, & pelos capitães q̃ yão coele.

CAPITVLO XXXI.

De como Pero mazcarenhas foy preso em ferros.

Nauegando Pero mazcarenhas pera Goa, topou cõ Gõçalo gomez dazeuedo, hũ fidalgo de q̃ soube a armada q̃ ho estaua esperando pera ho prenderem por mandado do gouernador. E como ele ya posto em sofrer tudo ho que lhe fizessem, & não fazer mais que requerer sua justiça, não lhe deu nada & passou auante, & tãbẽ por não ter onde se ir: & despois de sapartar de Gõçalo gomez chegou á barra de Pangim aos dezaseis de Março. E tanto que foy visto lhe saio hũ bargantim tirãdolhe bombardadas por alto pera q̃ amainasse como amainou, & depois de ser leuado a Antonio da silueira & lhe não querer dar menagem de se ir meter na fortaleza de Cananor & não sair sem mandado do gouernador, lhe foy deitado hũ grilhão. E entregue a Simão de melo ho leuou a Cananor, & forão presos Simão caeiro, & Lãçarote de seixas, & leuados ao tronco de Goa, onde forão bem carregados de ferro. E entregue Pero mazcarenhas a dõ Simão de meneses, por Simão de melo cobrou dele hũ conhecimẽto de como ho recebera, & que assi ho entregaria quando lho pedissem, & coele se tornou ao gouernador, q̃ se ouue por seguro com a prisão de Perõ mazcarenhas, & assi ho ficou: porq̃ coela se assesegarã todos os aluoroços que auia, & ninguem falou mais ẽ Pero mazcarenhas, temendo que lhe não fizessem como a ele, & mais perderão a esperança de se restaurar. E neste tempo Francisco de sousa tauares q̃ tinha a carta de Christouão de sousa, que com os de Chaul se acordou q̃ escreuesse ao gouernador, lha deu, cuja sustancia era espãtarse muyto dele, esperandose por Ru-

mes cada dia, que trazião tamanho poder como ele sabia: & sendo ho dos nossos tã pouco querelo ainda deminuir, cõ ho diuidir em duas partes & fazer diuisão, que ẽ todas as partes era a mais abominauel cousa que podia ser, quãto mais na India, & naquele tẽpo, que se lhe parecia que a gouernãça era sua, que se posesse em justiça cõ Pero mazcarenhas quando viesse de Malaca, & nã quisesse que se determinasse por armas como parecia que queria, & quẽ teuesse dereito esse fosse gouernador, porque ele não queria que ho fosse hũ mais que ho outro, nẽ lhe queria que se posesse em dereito, se não por não auer diuisão na India: & q̃ assi lho pedia muyto & requeria da parte del rey: certeficandolhe que não auia dobedecer, se não a quem se posesse em dereito. Vista esta carta pelo gouernador, achouse muyto salteado, por ser Christouão de sousa ho principal capitão de toda a India, & que tinha a mayor parte da gente dela de sua parte, por dar muyto mayor mesa que todos os daquele tempo, & muyto mais abastada & melhores igoarias, & daua dinheiro a muytos que ho não tinhã, & ser de muyto folgar, & muy familiar com todos, polo que continuamẽte inuernauã ẽ Chaul mais fidalgos & gẽte que ẽ outra parte, & por isso ho gouernador ficou asaz agastado, em lhe parecer q̃ lhe não obedeceria pois nã se determinara cõ Pero mazcarenhas se não por força, & isto lhe fez crer que nã era ainda pacifico na gouernança, & não mostrou esta carta se não aos que tinha por amigos, que ficarão coela abalados, por ser Cristouão de sousa a pessoa q̃ era, & conselharão ao gouernador q̃ lhe mãdasse notificar a prisão de Pero mazcarenhas, & como se fizera sem nhũa diuisão, que fora aprouada polo capitão mor do mar, & polo capitão de Cananor, & por todos os capitães & fidalgos da India, & ho obedecião todos por gouernador, pedindolhe que pois nã auia diuisão, que obedecesse, & escreuesse hũa carta a Pero mazcarenhas, como auia a sua prisão por boa, & lhe conselhasse que desistisse

de pretender a gouernãça. E sabido isto por Cristouão de sousa como quer q̃ não pretendia neste caso mais que nã auer diuisão, folgou muyto de a cousa se fazer tão pacificamẽte: & deu por isso muytas graças a nosso senhor, mas não que lhe deixasse de parecer muyto mal a prisão de Pero mazcarenhas, & muyto peor não lhe darem a gouernança, que lhe parecia ser sua por dereito, & que pelo que deuia ao seruiço del rey, & a obrigação que tinha de sua menagem & fidalguia, q̃ deuia dobedecer por gouernador a Pero mazcarenhas, & não a Lopo vaz de sam payo, mas poendo diante que fazendoo assi se renouaria a diuisão que estaua apagada, & que se desfaria ho corpo da gente da India, que se podia conseruar, cõ auer por boa a prisão de Pero mazcarenhas, & atalhaua aos que erão da sua parte, vendo q̃ ele era da do gouernador, ho seriã tambẽ, & estãdo todos juntos & cõformes os ajudaria nosso senhor, & lhes daria vitoria dos Rumes, q̃ não vindo na moução de Mayo estaua certo virem na de Setẽbro, & achando diuidida a gente da India, seria muy leue cousa ganharẽna, com não escapar nhũ dos nossos, & por isso lhe pareceo bẽ com cõselho dos principaeis que estauão coele, que não sómente screuesse ao gouernador, que ho obedecia por esse, & auia a prisão de Pero mazcarenhas por boa, mas tãbẽ a toda a India: & screuesse a Pero mazcarenhas cõforme ao que lhe ho gouernador rogaua, & a quem screueo esta carta.

« Senhor por este parsio ouue hũa carta de V. S. ẽ q̃ me largamẽte da conta do negocio dãtrele, & Pero mazcarenhas, muyto folgara de o saber primeyro, porque dera antes meu parecer sẽ afeiçã, como V. S. de mim cré & espera. E quanto senhor ao que diz que todos obedecerão a sua prouisão, eu tãbẽ digo q̃ lhe obedeço, no alto, & no baixo, como a gouernador que he por prouisão del rey nosso senhor, & sei certo selo V. S. por morte de dõ Anrriq̃ de meneses q̃ Deos perdoe. E quãto ao que he passado sobreste caso, me pareceo escusa-

do meu parecer, por ho negocio ter ja fim Deos seja louuado, tão sem aluoroço & sem diuisão, ho q̃ sempre pedi a nosso senhor, & estaua asaz confiado q̃ se faria bẽ polo V. S. ter ãtre as mãos & pois está feyto tanto ẽ concordia & paz, não falo nisso. A carta pera Pero mazcarenhas vai aberta, pera se lhe parecer bem mãdarlha, se não faça ho que quiser. Beijo as mãos de V. S. de Chaul a vĩte cinco de Março. Cristouão de sousa.

E a de Pero mazcarenhas dizia.

« Senhor fuy emformado do senhor Lopo vaz, de todo ho caso dãtre vos & ele, & assi vi suas prouisões & os pareceres desses senhores que se acharão em Cochim, & certo tudo foy feyto por seu estilo, & como estas cousas estem ẽ pontos de dereito, q̃ muyto bẽ sabem algũs dos questauão presentes, não vos pareça senhor ho contrairo, se não q̃ por todos, assi leigos como por esses dous frades q̃ ho deuẽ detender, & ser sem sospeita por seus habitos, & mais afirmandoo cõ juramẽto, forão suas prouisões auidas por boas: & certo a meu ver, a vontade de Sualteza era selo ele per falecimento de dõ Anrrique: & de todas as outras cousas, eu não fuy enformado se não a tẽpo q̃ tudo estaua feyto, por isso foy escusado meu parecer, & pois tudo esta pacifico, auei vossa prisão em paciencia, porque certo foy necessaria, assi polo q̃ vos cũpre, como por euitar algũas sospeitas domẽs que desejão diuisões, ho q̃ pera ho tempo em q̃ estamos fora tão danoso, q̃ muyto melhor fora serdes ambos mórtos: Quisuos senhor screuer esta, posto q̃ de vos não tenha recebida nhũa despois de vossa vinda, pera nela vos pedir por merce como acima digo ajais paciẽcia com vossas cousas, & queirais fazer este seruiço a sualteza, de vos não lembrardes agora de vossa honrra, por não vingardes vossa prisão, cousa tãto cõtra seu seruiço, & certo recebereis assinada merce de tão notauel seruiço, & não demouão vosso bõ conselho, algũas cartas de fidalgos da India, porque certo quẽ vos ho contrairo aconselhar sera vosso immigo, & não

deseja de vossas cousas serem feytas a vossa hõrra como eu. Veja senhor ho q̃ de mĩ mãda nesta terra & faloei, não tocando nestes negocios (por ja terẽ fim) como seu seruidor & amigo que sou de muytos dias. Beijo sñor vossas mãos, de Chaul. Cristouão de sousa.

E assi escreueo a dom Simão de meneses & a outros muytos fidalgos do que ho gouernador ficou muyto contente parecendolhe que ho tinha da sua parte, & Pero mazcarenhas tambem ficou satisfeyto quando vio a sua carta, porque entendeo nela que não auia sua prisam por boa se não pola pacificação da India & por se escusarem diuisões, & teue esperança de lhe parecer ainda bem poerse ho gouernador coele em dereyto sobre a gouernãça se ho dom Simão soltasse, em que ja começaua dentender que ho faria, por lhe ter prometido que como fosse inuerno lhe tiraria os ferros, pedindolhe perdão de lhos não tirar mais cedo por recear que ho gouernador ho soubesse. E isto deu ousadia a Pero mazcarenhas a mãdar hũ requerimẽto ao gouernador per hũ Dinis camelo tabalião pubrico de Cananor, cuja sustancia foy que ho gouernador se posesse coele ẽ justiça & não leuasse ao cabo a força q̃ lhe fazia tomandolhe a gouernança q̃ lhe el Rey dera protestando por todas as perdas & dãnos que disso recebesse, & requerendolhe tambem q̃ soltasse a Simão caeiro & a Lançarote de seixas pera requererem sua justiça pois os tinha presos sem serem culpados. E dado este requerimento ao gouernador, ele ho rompeo acabando de ho ler: pelo q̃ Dinis camelo não ousou desperar a reposta & fugio pera Cananor. E logo nesta conjunção indo ho gouernador á fortaleza passando por diãte da porta do trõco Simão caeiro & Lançarote de seixas lhe requererão a grandes brados que os mandasse soltar pera requererem a justiça do gouernador Pero mazcarenhas, & por isso os mandou carregar de ferro mais do que estauão, & defendeo sob graues penas que ninguem sobreste caso de Pero mazcarenhas lhe desse mais requerimentos se não ao secre-

tario porque ele responderia, & mandou apregoar q̃ sopena de morte ninguem fosse ousado de nomear por gouernador a Pero mazcarenhas: que sabendo como ho gouernador rompera ho seu requerimento a Dinis camelo & lhe não dera outra reposta, lhe pedio disso hũ estormento que lhe ele deu. E não responder ho gouernador a este requerimẽto, fez parecer a dom Simão que tomaua a gouernança por força, & parecendolhe mal começouse dabalar pera lhe desobedecer, & não q̃ ho disesse a Pero mazcarenhas.

CAPITVLO XXXII.

Da causa q̃ Eytor da silueira, & Diogo da silueira, teuerão pera serem cõtra ho gouernador.

Pubricado por cristouão de sousa que auia por boa a prisão de Pero mazcarenhas, como ele era pessoa tão principal na India, & de q̃ se fazia muyta conta, os mais dos que erão da parte de Pero mazcarenhas, vendo que era daquele parecer, ho teuerão tambẽ por bom, & crendo q̃ assi cumpria ao seruiço de Deos & del rey, assessegarão de seus aluoroços, principalmente em Goa, em que cessarão supitamẽte os ajuntamentos & perfias que auia dantes, com ho que ho gouernador ficou descansado, tendo que estaua em paz: pelo que começou de saperceber do necessario, pera a vinda dos Rumes, assi como mandar varar nauios, & fazer outros de nouo, & fundir artelharia, & fazer poluora & pelouros. E neste tempo na ẽtrada Dabril, lhe pedio Eytor da silueira, que mandasse Pero de faria seruir a capitania de Malaca de q̃ estaua prouido, & que lhe daria a de Goa, do que se ho gouernador escusou, porque Pero de faria tinha tambem a capitania de Goa por el Rey, & estaua em sua escolha tela, ou deixala, & por isso ho não podia fazer ir a Malaca sem sua võtade, & com tudo ele lhe falaria nisso, & se quisesse ir a Malaca lhe daria a

de Goa, & falandolhe, respondeo Pero de faria que não queria ir a Malaca, ho que Eytor da silueira não creo, quando lho ho gouernador disse, & pareceolhe que como estaua necessitado domẽs pera se sustẽtar na gouernança, que faria com Pero de faria q̃ não deixasse Goa, por ho ter consigo que era grande seu amigo, & parecendolhe isto nã quis receber palauras de comprimentos, que ho gouernador teue coele, dizẽdo que lhe pesaua de lhe não poder dar aquela capitania mas q̃ outra cousa aueria que lhe desse: & ele respondeo que não auia que lhe dar, & que bem sabia dele a verdade, & que lhe não auia dẽtrar mais em casa, ho que ho gouernador sofreo polo tempo em que estaua, & dali se foy logo Eytor da silueira muyto agastado & indinado cõtra ho gouernador, & cõtou o q̃ passara coele a Diogo da silueira seu parente & amigo, conselhandolhe que lhe pedisse a capitania de Malaca, pois a Pero de faria não queria seruir, & ele ho fez assi: & ho gouernador respondeo que lha dera de boa vontade, mas que lha não podia dar, pola seruir Iorge cabral, a quem Pero mazcarenhas a dera sendo jurado por gouernador, pelo que Iorge cabral a não alargaria sem ver prouisão de Pero mazcarenhas, & indo ele sem ela a Malaca, seria fazer la outro aluoroço como auia na India, & por isso ho não podia prouer do q̃ lhe pedia, do que se ele mostrou muyto agrauado, & não quis receber nhũs comprimentos do gouernador, porque todos então pela necessidade que sabião que tinha deles se lhe querião vender muyto caros, & ajudarse dele com fazerem seu proueito: & crendo que não tinhão nhũ de sua amizade nem de serem de sua valia pois lhes não daua o que lhe pedião, pareceolhes muyto mal ser ele gouernador, & que tinha por força a gouernança a Pero mazcarenhas que era ho verdadeyro gouernador & por tal ho ouuerão, & logo lhes pareceo bem que ho gouernador se posesse coele em dereyto sobre quem ho deuia de ser. E assentãdo isto ambos, começarão de prouocar outros fidalgos

que fossem de sua openião & fizerão coeles que a teuessem & forão estes, dom Antonio da silueira, dom Tristão de noronha, dõ Iorge de crasto, Vasco da cunha, dom Anrrique deça, dõ Francisco de crasto, Nuno fernãdez freyre, Iorge da silueira, Frãcisco dataide, Iorge de melo, Diogo de miranda, Ayres cabral, Simão sodré, Martĩ vaz pacheco & Simão delgado quadrilheiro mór. E acquiridos estes & outros muytos homẽs por sua parte, logo ho escreuerão por terra a Pero mazcarenhas, & sua determinação: por isso que trabalhasse com dom Simão que ho soltasse, & na entrada do verão se fosse a Goa, & farião cõ ho gouernador que se posesse coele em justiça sobre cuja era a gouernança. E esta carta foy assinada por todos estes fidalgos que digo, q̃ vista por Pero mazcarenhas a mostrou a dom Simão, dizendo que pois aqueles fidalgos ho querião ajudar que porque ho não soltaria ele sendo tamanho seu amigo, & pois nisso seruia a Deos & a el Rey, & affirmasse que lhe prometeo de lhe dar a capitania mór do mar se ho fizesse, & tirala a Antonio de mirãda porque não era sua se ele fosse gouernador que ficaua sem poder auer effeyto a segũda subcessã de Lopo vaz de sam Payo que ho fazia capitão mór do mar, & dom Simão lhe prometeo de ho soltar se aqueles fidalgos permanecessem em ser da sua parte: & que escreuesse a seus amigos que tinha em Cochim pera saber se tinhão ainda sua voz, & que requeresse a Antonio de miranda & ao védor da fazenda que pois erão na India pessoas tão principais fizessem com ho gouernador que se posesse coele ẽ justiça: & ele ho fez assi, & lhes mandou sobrisso grandes requerimentos cõ cartas a seus amigos que lhos apresentassem, & como ho védor da fazenda era muyto recatado temiase de Pero mazcarenhas ter algũas inteligencias em Cochim, & por isso tinha suas espias pera lhe tomarem quais cartas ou papeis que lá mandasse, & acertarão de tomar hũa carta que ouui, & tinha ho sobrescrito tão riscado que se não podia ler, & por isso não soube pera quem era & dizia.

« Senhor agora nouamente torno a fazer certos requerimentos sobre a gouernança da India por me ser requerido que os faça, lá senhor vos ha de ser mostrado hũ deles, sey certo que vos ha de parecer bem fazelo pois a todos estes senhores digo polos mais deles parece mal não ho fazer dias ha, desejão todos virlhe á mão poderem aleuantar ho seruiço del Rey nosso señor, & não consentirem cousas que passam contra seu real estado de que tem que se lhes pode dar muyta culpa por as consentirem passar como passam: & porem como em Goa não fuy atequi visto nem ouuido, não passou ho tempo de fazer o q̃ agora faço, beijaruosey as mãos porque todo vejais, & ponhais ante vos que a Antonio de miranda nem a Afonso mexia lhes não ha nunca de parecer bem gouernar eu a India, porque gouernãdoa não lhe pertence a hũ a capitania mór do mar, nem a outro a capitania de Cochim o que lhes pertence gouernando Lopo vaz, & por isso ho querem soster. E com tudo vejo q̃ quer Deos tornar sobristo como cumpre a seu seruiço, & ao estado real del Rey nosso senhor. Beijo as mãos de vossa merce deste Cananor a vinte tres Dabril de mil & quinhentos & vinte sete. Pero mazcarenhas.

E vista esta carta pelo védor da fazenda, respondeo ao requerimento de Pero mazcarenhas que ho fizesse ao gouernador & não a ele, porq̃ lhe não podia requerer q̃ se posesse ẽ justiça sobre a gouernança q̃ era sua por prouisam del Rey, & ho mesmo respondeo Antonio de miranda, & ho védor da fazenda mandou logo esta carta de Pero mazcarenhas ao gouernador pera que soubesse sua determinação, que ainda a não sabia, & cuydaua que estaua fora de tal pensamento.

CAPITVLO XXXIII.

Do requerimento que os officiaes da camara de Goa fizerão ao gouernador.

Daqui por diãte amiudou Pero mazcarenhas os requerimẽtos sobre se ho gouernador poer coele em justiça, assi ao védor da fazenda como a Antonio de miranda & ao mesmo gouernador que a nhũ respondeo, antes prendeo algũas pessoas que lhos apresentauão. E Eytor da silueira, Diogo da silueira & dom Antonio da silueira com os de sua valia deixarão neste tempo de ir a casa do gouernador & acompanhalo como costumauão dantes, o que ele cuydaua que era pelos agrauos que terião das capitanias que lhes não dera, & dissimulaua coeles fazendolhes sempre gasalhado onde os topaua, nem tirou por isso a Eytor da silueira os mil pardaos que lhe mandaua dar á custa del Rey parecendolhe que coisto ho amansaria, & ho teria da sua parte com os mais amigos q̃ tinha: mas ele estaua ja tão determinado em fazer q̃ se posesse em justiça com Pero mazcarenhas que nhũa cousa aproueitaua ao gouernador pera ho fazer mudar. E vendo ho gouernador que os requerimẽtos de Pero mazcarenhas nã cessauão desenganou ho por hũa carta que lhe não fizesse requerimẽtos, porque não se auia de poer coele em justiça, que era fazer duuidoso o que tinha certo por prouisão del Rey: do q̃ logo Pero mazcarenhas auisou a Eytor da silueira, escreuendolhe que pois Lopo vaz não queria poerse em dereyto por seu requerimento, que lho fizesse ele com os outros de sua valia, & não querendo satisfazer que lhe desobedecessem & obedecessem a ele, porque se assi ho não fizessem que se chegaua ho verão: & se naquele negocio se não tomaua primeyro algũa conerusam, que receaua que ho gouernador ho mandaria preso pera Portugal, & assi não aproueitaria ho bem que lhe querião fazer. E vista por

Eytor da silueira esta carta, mostrou a aos de sua liga. E foy acordado por todos que não era necessario fazerse então nhũ requerimento ao gouernador se não sendo Pero mazcarenhas presẽte: por tâto como fosse tempo ele fosse a Goa, & coele requererião ao gouernador que se posesse em justiça, & quando não quisesse que lhe desobedecerião & obedecerião a ele. E neste acordo forão os officiaes da camara de Goa que tambẽ Eytor da silueira tinha prouocado a terẽ a voz de Pero mazcarenhas, & assi muytos cidadãos de Goa, que todos assinarão em hũa carta ꝙ Eytor da silueira escreueo a Pero mazcarenhas deste acordo, dizendo mais que todos aqueles que ali yão assinados perderião por ele as vidas & fazendas. E os assinados forão duzẽtos & sessenta homẽs, de ꝙ Pero mazcarenhas ficou espâtado quando vio a carta, por cuydar que ninguem quisesse ser da sua parte, & mostrou esta carta a dom Simão pera que teuesse mais võtade de ho soltar & se animasse a fazelo vendo que tinha tanta gente de sua valia, & tornou a escreuer a Eytor da silueira & aos outros, ꝙ toda via era necessario em quanto não podia ir a Goa requererem ao gouernador que se posesse coele em justiça, & quãdo ho não quisesse fazer ꝙ ho prendessem, & assi ficaria a cousa segura por sua parte, porque sem duuida se este feyto não fosse auerigoado antes da chegada das naos do reyno, & ho gouernador ho fosse quãdo elas chegassem estaua certo ter mayor poder do que tinha, porque os capitães não auião dobedecer se não a quem achassem em posse da gouernança, & coisso ho poderia prender em prisam mais apertada ate ho mandar pera Portugal, & por isso era muy necessario fazerẽlhe ho requerimento que dizia, & prenderẽno quando não quisesse satisfazer a ele, & pera que parecesse ꝙ tinhão causa pera lho fazer, fez pera os fidalgos hum & outro pera a camara de Goa em que lhes requeria que requeressem ao gouernador ꝙ se posesse coele em justiça sobre cuja era a gouernança. E Pero mazcarenhas insistia

tanto neste ponto que se posesse ho gouernador coele em justiça, porque tinha por muy certo que a auia ele de ter, & que lhe auião de julgar a gouernança. Estas cartas, & requerimentos mandou por hum Mem vaz com sua procuração pera requerer & fazer tudo quanto lhes cumprisse, & ele partio por terra em Iulho, & chegou a Goa na entrada Dagosto, onde muyto secretamente deu a Eytor da silueira as cartas & requerimentos que leuaua que logo as deu aos pera que yão. E a todos parecerão bem os requerimẽtos de Pero mazcarenhas, & Mẽ vaz apresentou na camara o que ya pera os officiaes: que logo fizerão outro ao gouernador que se posesse em dereyto com Pero mazcarenhas sobre a gouernança & derãno ao secretario & coele o que lhes Pero mazcarenhas fizera. E ele os mostrou ao gouernador, que não respõdeo mais se não ameaçandoos se lhe fizessem outros requerimẽtos: & ho mesmo faria se dessem reposta a nhũ que lhes fizessem sobre aquele caso, os Pero mazcarenhas, ou a qualquer outra pessoa. E os officiaes disserão isto a Eytor da silueira, dizendo que assi ho auião de fazer, por isso que buscasse seu remedio: porem que se a cousa viesse a ser necessaria sua ajuda que lha darião. E vendo Eytor da silueira a determinação do gouernador, acordou com os de sua valia, & com todos os q̃ tinhão a voz de Pero mazcarenhas, que ele com os fidalgos fizessem hum requerimento ao gouernador que se posesse em justiça cõ Pero mazcarenhas, & que ho dessem a ele mesmo, & que lho desse Manuel de macedo com hum escriuão, & ele lho deu em saindo de sua casa. Ho gouernador ho tomou, & logo ho leo, & não deu outra reposta se não mandar Manuel de macedo aa cadea & carregalo de ferro, porque contra sua defesa fora ousado de lhe dar ho requerimento. E Manuel de macedo tomou testemunhas de como ho gouernador sendo ele fidalgo ho mãdaua meter na cadea com as pessoas baixas, & isto mais polo injuriar que por fazer justiça, porque pera isso auia fortaleza õde ho pren-

dessem merecendo ele prisam tão graue, quanto mais que lhe fazia sem justiça pois ho prendia por lhe requerer que a fizesse de si. E passando aquela primeyra furia ao gouernador mandou que fosse tirado do tronco, & andasse pola fortaleza com a menagem tomada: mas ele não quis se não estar na cadea pois da primeyra lhe não derão a fortaleza por prisam, & ho escriuão que ya coele pera dar ho estormento foy espancado & arrepelado polo gouernador, & os seus criados ho ouuerão de matar se não fugira.

CAPITOLO XXXIIII.

De como ho gouernador prendeo Eytor da silueira & os outros fidalgos de sua valia.

Vendo Eytor da silueira & os outros fidalgos de sua valia o que ho gouernador fez a Manuel de macedo, pareceolhes que era por de mais fazerlhe requerimentos sobre se poer em justiça sobre a gouernança porque ho não auia de fazer, & que estaua leuantàdo com a India. E consultarão entre si que era muyto grande deshõrra sua sofrerenno, & que el Rey lho estranharia: & q̃ aquilo era causa muy abastante pera prenderem ho gouernador como Pero mazcarenhas requeria. E assentando de ho fazer assi, disserãno aos officiaes da camara de Goa, & a todos os que erão da sua parte pera lhe acodirem com armas quando ouuesse de ser a prisam, & começouse hũ grande rumor pola cidade, de que ho gouernador não sabia nada, & Pero de faria lho descobrio. E logo que ho soube, determinou de prender a Eytor da silueira & os outros fidalgos que serião dezasete, & comunicãdo ho com Pero de faria. Ele lhe disse que assi ho deuia de fazer, porque se não auia de sofrer tamanho desacatamento. E assentado isto deuse parte a Antonio da silueira & a Simão de melo & a outros, pera q̃ ao outro dia se fossem todos armados secretamente a to-

mar as ruas que vão ter a casa Deytor da silueira porq̃ deteuessem os que lhe quisessem acodir: & que Pero de faria por ser capitão os fosse prender, & ho gouernador estaria na rua noua pera mandar gente em sua ajuda ou acodir se fosse necessario. E ao outro dia pola menhaã q̃ forão noue dias Dagosto estando tudo ordenado ficou ho gouernador a caualo na rua noua, & Pero de faria se foy a casa Deytor da silueira que estaua hi muyto perto em outra rua, & achou ja muyta gente ao derredor da casa que ya acodir a Eytor da silueira, entendendo que ho gouernador ho mandaua prender: & por a cousa ser tão supita não leuauão mais que lanças, & assi acodirão os fidalgos da conjuração sem mais armas q̃ as costumadas. E sabendo Eytor da silueira q̃ Pero de faria estaua hi sayo a hũa genela & preguntoulhe que queria: & ele lho disse, requerendolhe que lhe desse a menagem. E ele respondeo que sobisse ele acima a tomarlha, & que lhe faria o que ele merecia, pois era tão roim fidalgo que aceitaua ilo prender. O que vendo Pero de faria mandou chamar ho gouernador, que foy logo leuando algũa gente. E neste tempo era a reuolta muyto grande da gente que acodia ao gouernador & a Eytor da silueira, & todos com lanças & ordenauase hũa muy perigosa briga, porque os do gouernador leuauão espingardas, & os fidalgos da liga estauão ja todos com Eytor da silueira, & determinauão damotinar a gente de sua parte contra ho gouernador pera que começassem a peleja, & eles prosseguissem: porque por se lhe não dar toda a culpa do mal que se seguisse nã querião começar. E coesta determinação em ho gouernador chegando, disse Diogo da silueira da genela aos da sua parte que estauão na rua. Senhores não vedes isto que toma por força a gouernança da India, não he bem que se lhe consinta. Ao que ho gouernador respondeo com ira, q̃ por força a tomaua & a auia de tomar. E com quanto os da parte dos fidalgos ouuirão estas palauras, nunca eles ousarão de bolir consigo porque vião que os

fidalgos estauão quedos. E ho gouernador lhes bradou da rua que se dessem á prisam. E eles disserão que se não auião de dar, porque ele os não podia prender que era seu immigo por lhe requererem que nã tomasse a gouernança a Pero mazcarenhas, & sobristo lhe fizerão algũs requerimentos. E vendo ele que se não querião dar á prisam, deceose do caualo com muyto grande menencoria, & tomando hũa lança & adarga quis sobir acima ondestaua Eytor da silueira cõ os outros, que por a sua gente estar mal armada & a do gouernador bem, & principalmente por lhes parecer seruiço del Rey não se fazer o que estaua ordenado que auia de ser com tamanho perigo, não se quiserão defender se não darse aa prisam. O que foy grande bem, porque se se defenderão ouuera de ser hũa cousa muy fea pera Portugueses & poucos ouuerão de ficar viuos. E ẽ ho gouernador querendo sobir pola escada, sayo ao peitoril dela Eytor da silueira, & disselhe que ele & os outros fidalgos se dauão por presos, então pedio Pero de faria ao gouernador que se fosse, & que ele os leuaria aa fortaleza, & que lhe deuia de dar aquela honrra de os leuar pois era capitão da cidade. E ho gouernador ho fez assi, & foy esperalo á fortaleza onde foy logo com os presos que forão estes, Eytor da silueira, Diogo da silueira, Dom Antonio da silueira, dom Tristão de noronha, dõ Iorge de crasto, Vasco da cunha, Martĩ vaz pacheco, Iorge da silueira, dom Anrrique deça, Diogo de miranda, Francisco dataide, Simão delgado quadrilheiro mór, Nuno fernãdez freyre, dom Francisco de crasto, Simão sodré, Iorge de melo & Ayres cabral. E entrados na fortaleza, ho gouernador lhes tomou as menagẽs que em seus pés nẽ alheos não sayssem dela, & disso foy feyto hũ auto. E presos estes fidalgos, pareceo ao gouernador que ficaua em paz, porque muytos daqueles que erão da sua parte vendo os presos forão reconciliar logo coele, & antreles forão os officiaes da camara, a que mandou que respõdessem ao requerimento de Pero mazcarenhas q̃

lhes leuara Mẽ vaz que ainda estaua em Goa: & por comprazer ao gouernador responderão que lhe não podião requerer que se posesse em iustiça sobre a gouernança por saberem que era sua por prouisam del Rey, & era obedecido por gouernador por todos os da India: & se sobrisso lhe requeressem que se posesse em justiça pareceria que desobedecião aos mandados del Rey, a quẽ pertencia julgar cuja era a gouernança & não a outrem, por tanto que sua vinda a Goa era escusada, porque não seruiria de mais que de fazer aluoroço na gente, que era necessario que esteuesse quieta pera pelejar com os Rumes que esperauão, requerendolhe da parte del Rey que não fosse a Goa. E ho gouernador tambem respondeo largamente por parte da camara a Pero mazcarenhas, apõtandolhe o dereyto que tinha na gouernança, & como era sua. E de tudo foy feyto que se deu a Men vaz com que se partio pera Pero mazcarenhas leuandolhe tambem cartas dos fidalgos presos em que lhe pedião que em todo caso fosse a Goa, porque tudo se faria bẽ. E partido Mẽ vaz, porque ho gouernador sabia que daqueles fidalgos q̃ estauão presos algũs não tinhão culpa & por amor da amizade Deytor da silueira forão na conjuração mandou os pera as pousadas, & tambem polos ter da sua parte, & estes forão Vasco da cunha, dom Tristão de noronha, Martim vaz pacheco, Iorge da silueira, dom Anrrique deça, Diogo de mirãda, Frãcisco dataide, Simão delgado, Nuno fernandez freyre, dom Francisco de crasto, Simão sodré, & a Eytor da silueira, Diogo da silueira, dom Antonio da silueira & dom Iorge de crasto, por serem cabeças daq̃la conjuração deixou os estar na fortaleza, & a Ayres cabral, & a Iorge de melo por serẽ muyto maldizentes & aluoraçadores do pouo mandou os leuar á fortaleza de Benastarim, & q̃ os prendessem em ferros. E no cabo Dagosto temẽdose ainda Deytor da silueira & dos outros tres que lhe perjudicassem & q̃ escreuião a Pero mazcarenhas q̃ fosse a Goa os quisera mãdar a Co-

chim em hũ bargantim: o que não careceo de sospeita que pera morrerem no mar os mandaua por ser ainda ho tempo muyto verde, & por isso lhe eles requererão muy estreitamente que os não mandasse porq̃ os mandaua a morrer, pelo que deixou de os mandar & tinha sobreles grande recado, & eles tambem ho tinhão sobre si porque se receauão de peçonha, & andaua a cousa tão danada de parte a parte que tudo se podia recear, & de tudo se podia ter sospeita.

CAPITOLO XXXV.

De como Pero mazcarenhas foy obedecido por gouernador por dom Simão de meneses.

A prisam destes fidalgos com q̃ ho gouernador cuydou que ficaua mais seguro na gouernança ho ouuera de poer em risco de a perder: porq̃ sabida por Pero mazcarenhas sua prisam, & recebendo cartas deles da causa porque fora, & como se temião de os matar com peçonha, porque ja cometera de os matar no mar com os mandar em tempo tão verde como os mandaua: teue ousadia de apertar muyto com dom Simão q̃ ho soltasse & obedecesse por gouernador, & desobedecesse Lopo vaz de sam Payo: pois ele como tirano queria forçosamente tomar a gouernança, prendendo aqueles q̃ lhe requerião que se posesse coele em justiça, & buscando artes pera os matar. E parecendo muyto mal a dom Simão a prisam daqueles fidalgos & ho mais que ho gouernador fazia, disse a Pero mazcarenhas, que pois ho gouernador se não queria poer em dereyto sobre a gouernãça se não tela por força, o q̃ lhe a ele parecia muyto mal q̃ tinha por deshõrra obedecelo por gouernador, & por isso obedeceria a ele Pero mazcarenhas pois queria justiça, o que fazia por pacificação da India. E porque parecesse assi a todos leuou Pero mazcarenhas aa igreja da fortaleza. E jũtos ho feytor, & alcayde mór, & assi

outros officiaes da justiça, & da fazẽda: & algũs fidalgos & todos os outros q̃ morauão na fortaleza & arrabalde: hũ tabalião leo em voz alta a subcessam de Pero mazcarenhas que fora aberta por falecimento de dom Anrrique de meneses, & ho auto q̃ foy feyto da entrega da gouernança a Lopo vaz de sam Payo que gouernasse a India em quanto Pero mascarenhas não fosse de Malaca, & a carta do védor da fazenda per q̃ ho mandou chamar, & a subcessam do gouernador com todos os autos & requerimentos que forão feytos da resistencia que lhe ho védor da fazẽda fez em Cochim ate aquele dia. E despois de tudo lido, disse Pero mazcarenhas. Tudo o que senhores ouuistes, vos foy lido pera que saibais quão sem rezão & sem nhũa justiça fuy injuriado, preso & mal tratado: & que se não podera mais fazer a hũ pubrico mal feytor que quisera entregar a India aos mouros, do que me fizerã, Afonso mexia em me espancar, & Lopo vaz ẽ me prender sobre a merce q̃ me S. A. fez da gouernança da India por muytos & muyto grãdes seruiços que nela & em outras partes tenho feytos a S. A. & a el Rey seu pay: & agora por derradeyro lhe segurey Malaca com destruir el rey de Bintão, & parecendome que vinha receber a merce que me fez por galardão de meus seruiços recebi tanta deshõrra & tamanha injuria como está notorio, principalmente Dafõso mexia que polo officio que tẽ me ouuera de fauorecer & ajudar querendo me Lopo vaz fazer força, & apacificar a India como pessoa tão principal nela por seu officio: & ele como meu ĩmigo foy o q̃ a reuolueo com querer entender por me fazer mal o que a carta de sua alteza não diz, & tem posta a India em vãdos & diuisões & ẽ perigo de se perder, & Lopo vaz ho ajuda por sua parte em não se querer poer comigo em justiça que por lho não pedir quando ya a Goa me prendeo em ferros como a tredor, & por força me quer tomar a gouernança, & diz que por armas a ha de defender, & bẽ se parece pois prende & mal trata a todos aquelas que

lhe pedem justiça por minha parte. E pera se isto ver mais claramente prendeo agora os principais fidalgos da India com tanto rigor & aspereza como que forão compreendidos em treição, & dizem me que está determinado de vir cercar esta fortaleza & prẽderme cõ ho senhor capitão sendo tão certa a vinda dos rumes, & tudo isto com ho mais que tem feyto sam mostras verdadeyras destar leuãtado com a India & desobedecer aos mãdados de sua alteza, & cõtrariar as vontades de seus vassalos que andão na India, que aos mais parece mal esta tirania de que vsa. E pois ho ele assi faz, requeiro a vos señor capitão, & ao feytor, & alcayde mór & a todos os outros officiais desta fortaleza da parte del Rey nosso senhor hũa vez, & duas & tres: que vista a cõtumacia de Lopo vaz de sam Payo de se não querer poer comigo em justiça sobre a gouernança, que coestes officiaes ma ẽtregueis por vossa parte, & me obedeçais por gouernador, pera que coeste fauor & com outros que espero ho possa constranger a poerse comigo em dereyto pera que a gouernança fiq̃ a cuja for & se pacifiquem estes bandos com q̃ a India está em perigo de se perder vindo os rumes como esperamos. E coisto fez suas protestações de não ho querendo assi fazer lho estranhar el Rey, & auer por eles a perda que recebesse de ho não fazerem, pedindo de tudo estormẽtos com suas repostas ou sem elas. Mas não foy necessario, porque todos responderão q̃ lhe obedecerião polas causas que dizia: & logo foy jurado por todos & obedecido por gouernador da India com grande festa. O que logo foy sabido em Cochim, & como foy tempo muytos fidalgos & outras pessoas honrradas que erão de sua valia & inuernauão em Cochim se forão parele, & assi chegarão a Cananor algũs capitães de nauios que erão fora da India. E achando que Pero mazcarenhas era obedecido por gouernador porque Lopo vaz de sam Payo não se queria poer coele em iustiça ficarão coele: & coisto estaua muyto fauorecido.

CAPITVLO XXXVI.

Dos requerimentos que fez Pero mazcarenhas a Lopo vaz de sam Payo.

Obedecido pero mazcarenhas por gouernador, & vẽdose tão fauorecido: determinou dauer de sua parte a Christouão de sousa, porq̃ lhe lembrou que a carta q̃ lhe escreuera de auer sua prisam por boa que fora mais polo ver preso & por apacificar a India que por lhe parecer rezão prenderẽno: & pois estaua solto & obedecido por gouernador, & se queria poer em justiça sobre cuja era a gouernãça q̃ seria da sua parte. E pera isto lhe mãdou hũ requerimento em que relataua todo ho passado, requerẽdolhe juntamente cõ dom Simão & cõ outros officiaes da fortaleza que requeresse a Lopo vaz de sam Payo que se posesse coele em justiça, & não querendo que lhe desobedecesse, & obedecesse a ele que queria justiça & pacificação da India. E coeste requerimento mandou Francisco mendez de vasconcelos que pera este caso fez seu procurador. E partido Francisco mẽdez, mandou outro requerimẽto ao gouernador & dõ Simão outro pera q̃ soltasse aqueles fidalgos q̃ estauão presos, & a eles todos cartas de muyto esforço que perderia a vida sobre os soltar, dizendolhe o que era feyto & o que esperaua de fazer: & a primeyra cousa que fez quem lhas leuaua lhas deu em chegando a Goa, & despois os requerimentos ao secretario que os deu logo ao gouernador, & então soube ele a soltura de Pero mazcarenhas & como era obedecido por gouernador, & lhe pesou de ho fiar de ninguem, & vio q̃ ho ouuera de ter em Goa ou ẽ Cochim, & temeose que entrasse de supito em Goa, porq̃ soube q̃ os presos, & os Tanadares, & capitães dos pasos da ilha, & muytos cidadãos, lhe tinhã scrito q̃ fosse a Goa, porq̃ todos estauão prestes pera ho ajudar a restituir em sua honrra. E por isso mandou a

Simão de melo seu sobrinho q̃ fosse goardar a barra de Goa a velhà, com hũa galeota, & com hũ bargantim, porque por ali lhe pareceo que entrasse Pero mazcarenhas, que mandou que fosse preso, & leuado a Goa: & estando hi Simão de melo aos dezaseis dias Dagosto, chegarão a Goa dous capitães de duas naos q̃ ho ãno passado partirão de Portugal, & inuernarão em Moçanbiq̃. E os capitães erão Antonio dabreu, de que falei no liuro Terceiro, & Vicente gil filho de Duarte tristão armador de naos, & indo estes falar ao gouernador, ele lhes contou ho que passaua antrele, & Pero mazcarenhas sobre a gouernança, & pera lhe darem seu parecer se era gouernador por dereito, lhes mostrou as prouisões passadas, & a carta del rey pera Afonso mexia, ẽ que dizia: q̃ das outras prouisões se não vsasse, & lhas leuasse çerradas, & deulhes juramento que verdadeiramẽte lhe disessem seus pareceres: & eles lhe jurarão que entendião, que ele era gouernador, & os que tinhão ho contrairo deseruião muyto el rey. E despois disto aos seis dias de Setembro, chegarã a Goa outros dous capitães da armada que aquele anno partira de Portugal, de que foy capitão mór Manuel de lacerda, & forão seus capitães Cristouão de mẽdoça capitão Dormuz, na vagante de Diogo de melo, Aleixos dabreu, Gaspar de paiua, & Baltesar da silua, & Manuel de lacerda, & Aleixos dabreu, se perderã na ilha de sam Lourenço por culpa dos seus pilotos, & Baltesar da silua, & Gaspar de paiua, chegarão a Goa aos seis de Setembro: & tambem forão pregũtados polo gouernador, como Antonio dabreu & Vicente gil, & responderão como eles, & de tudo mãdou fazer hũ auto, que foy por eles assinado, & por dom Ioão deça cunhado do gouernador, & por Frãcisco pereyra de berredo, que nas mesmas naos forão de Portugal, hũ prouido da capitania de Cananor, outro da de Chaul, nas vagãtes de dom Simão, & de Cristouão de sousa. E isto se fez aos dez dias de Setembro.

CAPITVLO XXXVII.

De como Pero mazcarenhas foy obedecido por gouernador, por Cristouão de sousa.

Neste tpõ teue Cristouão de sousa nouas muyto certas que Raix çalmão capitão mór da armada dos Rumes era morto, & q̃ morrera em hũa batalha, q̃ os mesmos Rumes ouuerã hũs cõ os outros sobre desauença que recreceo antre eles, & que era tanta gente morta, & a armada ficara tão daneficada q̃ se tornara pera Quez, & que ja aquele anno nem tão asinha podião passar as India. E apos estas nouas chegou Francisco mendez de vascõcelos que mostrou a Christouão de sousa per autos pubricos como dõ Simão tinha obedecido por gouernador a Pero mazcarenhas por lhe parecer que assi cumpria a sua lealdade & á menagem que tinha dada de não obedecer se não a el Rey, ou á seu certo recado que tinha que era Pero mazcarenhas de cuja parte & de dõ Simão lhe deu os requerimentos que lhe leuaua: & assi os que fizerão ao gouernador pera q̃ se posessẽ em justiça, & o que ele fizera aos que lhos leuarão: & assi lhe mostrou per papeis todo ho mais que tinha feyto, & como determinaua de ir cercar Cananor, requerendolhe por derradeyro como seu procurador que lhe obedecesse como lhe tinha obedecido com todos os capitães & fidalgos da India quando se abrira a sua subcessam. Ouuido tudo isto & visto por Christouão de sousa, vio que era necessario entender em cousas de tanta importancia. E juntos a conselho, ho feytor & alcayde mór & os outros officiaes da fortaleza: & assi os fidalgos que inuernauão coele que era a mór parte dos que andauão na India propos lhe a prisam Deytor da silueira & dos outros fidalgos, & ho escandalo que isso fizera, em tãto que da hi tomou dõ Simão causa pera soltar Pero mazcarenhas & ho obedecer por gouernador, & lhes

mandou ler os requerimẽtos que dantes disso, & despois forão feytos ao gouernador, & o que lhe fazião Pero mazcarenhas & dom Simão. E ouuido tudo por eles ficarão muyto escandalizados da prisam dos fidalgos, & do gouernador mostrar que por força queria ter a gouernança, assi em palauras como em obras, pelo que de çomũ acordo requererão todos a Christouão de sousa que pois Pero mazcarenhas era solto & obedecido por gouernador, & Lopo vaz de sam Payo nã queria poerse em justiça, ꝙ pera pacificação da India deuia dobedecer a Pero mazcarenhas, com declaração que em todo ho tẽpo ꝙ Lopo vaz se quisesse poer em justiça coele que se posesse. E isto se deuia de fazer logo ãtes que Lopo vaz aquerisse móres forças das que tinha, & se posesse em querer determinar aquele caso por armas como se affirmaua. E por esta rezão & outras muytas que se derão, & mais porꝙ a India nã se podia pacificar doutra maneyra, pareceo bẽ a Christouão de sousa obedecer a Pero mazcarenhas cõ a declaração que digo, & com determinação de fazer todas as võtades que podesse a Lopo vaz de sam payo, como despois pareceo quando esteue com Pero mazcarenhas a juizo, como direi a diante, no que se vio ꝙ sómẽte por pacificação da India, & por seruir nisso a Deos nosso senhor & a el rey, fez esta obediencia a Pero mazcarenhas, & nã por outro nhũ interesse nem proueito que pretendesse. E acordado per todos que Pero mazcarenhas se obedecesse por gouernador, & obedecido por esse cõ autos pubricos que disso forão feytos, & assinados por todos, mãdarão logo hũ requerimẽto ao gouernador que soltasse os fidalgos que estauã presos, & se posesse em justiça com Pero mazcarenhas. E Cristouão de sousa lhe screueo hũa carta, em que lhe daua as rezões porque obedecera a Pero mazcarenhas, & a declaração com que se fizera, do ꝙ ho gouernador não foy contente, nem quis responder ao requerimẽto que lhe foy dado, antes ajũtou hũa armada, de que fez capitã mór a Antonio da silueira de meneses

seu genrro, & lhe mandou que fosse coela a Chaul, & requeresse a Cristouão de sousa que lhe entregasse a armada que lá estaua, & que entregasse a capitania da fortaleza, a Francisco pereyra de berredo, por quanto seu tempo era acabado, & ele vinha prouido dela por el rey. E chegado Antonio da silueira a Chaul, Cristouão de sousa não cõsentio que se desembarcasse, porque sabia que ho gouernador não quissera responder ao seu requerimento, & viose coele no mar, estando cada hũ em seu bargantim: & ouuindo Cristouão de sousa ho recado do gouernador, respondeo que nhũa cousa daquelas auia de fazer, porque tinha mandado em contrairo de Pero mazcarenhas seu gouernador: sobre ho que Antonio da silueira lhe fez muytos requerimentos. E assi Francisco pereyra sobre lhe entregar a capitania da fortaleza, protestando por seus ordenados, proes, & percalços, & disso tomarão ambos estromentos.

CAPITVLO XXXVIII.

De como dom Garcia Anrriquez fez pazes cõ el rey de Tidore.

Atras fica dito como por Antonio de brito q̃ fora capitã da fortaleza de Maluco leuar dela muyta gẽte, & outras muitas cousas necessarias pera defenção da fortaleza, de que auia grande necessidade, mandara dom Garcia anrriquez a Martim correa q̃ lhas fosse buscar á ilha de Banda, a quaesquer nauios de Portugueses que hi esteuessẽ. E Martim correa chegou a Bãda quasi perdido, com hũ brauo temporal q̃ lhe deu, & valeolhe Antonio de brito que ainda ali estaua. E logo despois de ele chegar, chegou de Malaca em hũ nauio hũ fidalgo chamado Manuel falcão, q̃ Pero mazcarenhas mandaua por capitão mór, de certos jungos de mercadores, em que ya hũ Fernão baldaja por scriuão da feytoria de Maluco com fazenda parela, que logo Martim correa reco-

lheo no seu nauio. E por ele saber da gente da terra, que viram passar duas velas da feição das naos Portuguesas por ãtre aquelas ilhas, pareceolhe que serião naos de Castelhanos, por não sentir lugar pera onde naquele tempo fossẽ naos Portuguesas, & receando q̃ se fossẽ Castelhanos irião pera Maluco, & poerião em perigo a nossa fortaleza, por a pouca gente que lá ficaua, & menos munições cõ que se defendesse, requereo a Antonio de brito, & a Manuel falcão que fossem socorrer a fortaleza de Maluco porq̃ nã se perdesse: & Antonio de brito não quis ir, & Manuel falcão si, & leuando a mais gente que pode partirã ele & Martim correa pera Maluco, & forão surgir na ilha de Ternate, & desembarcados se forão pera a fortaleza, onde acharão que dom Garcia andaua ẽ concerto de pazes com el rey de Tidore. Do que Cachil daroes não era contente, porque afora ver que perdia muyta parte do mando que tinha auendo pazes, & que os Portugueses não terião dele tanta necessidade como tinhão, receauase que com a paz, el rey de Tidore ho mandasse matar com peçonha, pelo mal que lhe tinha feyto na guerra. E com quãto dõ Garcia isto sabia, fez toda via a paz com el rey de Tidore, com condição, que dentro em seis meses tornasse el rey a artelharia que fora tomada na fusta q̃ disse, & todos os scrauos dos Portugueses que andauão fugidos ẽ suas terras, & assi ho mais que se achasse que lhes fora tomado.

CAPITVLO XXXIX.

De como dõ Garcia anrriquez tornou a quebrar a paz.

Feyta esta paz, sabendo el rey de Tidore quã descõtente Cachil daroes estaua dela, polo contentar lhe mandou dizer que casaria com ele hũa filha se quisesse, & isto fazia porque como sabia que tinha muyto credito com os Portugueses, receou que por amor dele quebras-

sem a paz, no que ele receberia muyta perda, & por isso queria ter seguro Cachil daroes com amizade & parentesco. E sabendo dom Garcia ho que el rey de Tidore cometia a Cachil daroes, & que ele folgaua de ho aceitar, trabalhou muyto polo estoruar, porque via claramente que desta liança del rey de Tidore com Cachil daroes, auia de resultar fazerẽlhe algũa treição, & que com a paz se auia el rey de Tidore de querer vingar dos Portuguezes, do mal que lhe fizerão na guerra, & vendo que não podia estoruar ho casamẽto, determinou de ho estoruar com quebrar a paz, & pera que mostrasse ter rezão de a quebrar, mandou logo pedir a artelharia a el rey de Tidore, posto q̃ não era comprido ho prazo em que lha auia dentregar, & quando lhe foy este recado, estaua ele muyto doente, & com tudo respondeo como homẽ que queria amizade, que não podia logo mandar a artelharia, por ter dada algũa a el rey de Bachão, & a outros reys q̃ ho ajudarão, que como a ajuntasse a mandaria, & os scrauos mãdaria logo pedindo a dom Garcia que lhe mãdasse algũ medico pera ho curar, & ele mandou hũ boticairo, que lhe deu peçonha com que ho matou ẽ poucos dias. E sabendo dom Garcia que era morto, determinou de tomar a cidade, em quanto os moradores dela estauão tristes pola morte del rey, & descuydados da guerra. E tendo sua gente prestes pera isso, mandou hũ recado diante ao regedor do reyno que lhe mãdasse logo a artelharia se não que auia a paz por quebrada: & por ainda a este tempo ho corpo del rey esteuesse por enterrar, respondeo que como fosse enterrado logo daria a artelharia & ho mais. Dom Garcia que não queria outra cousa mandou embarcar sua gente, & embarcada tornou a mandar pedir a artelharia, & se lha não dessem logo que auia a paz por quebrada. E Fernão baldaya que leuou este recado, não quis sair em terra & mandou ho do mar: & sendolhe respondido polo regedor & mandarins que tanto que acabassem hũ conselho em que estauão pera fazerem rey,

logo satisfarião a dom Garcia. Ao que Fernão baldaya não respondeo: mas com hũ pregão lhe notificou q̃ dom Garcia auia a paz por quebrada, & lhe pregoaua a guerra. E coisto feyto se tornou a dom Garcia que ya por caminho, & ãtemanhaã chegou ao porto da cidade de Tidore cujos moradores assi pola tristeza da morte del rey como polo descuydo que lhe causou a confiança que tinhão na paz estauão de todo desapercebidos pera se defenderem, & por isso como sintirão que os Portugueses desembarcauão fugirão da cidade, em que entrados os Portugueses não acharão q̃ fazer saluo poerlhe ho fogo com que queimarão a mayor parte dela & tomarão sete peças dartelharia. E destruida a cidade, tornarãose á fortaleza: & deste feyto ficarão os Portugueses em muyto descredito com toda a gente daquelas partes & os tinhão por tredores, & que não goardauão sua fé, & assi no reyno de Bachão como em outros, a que dantes yão, lhes foy defeso que não fossem lá mais, & não forão.

CAPITVLO XL.

De como dom Iorge de meneses indo pera a ilha de Ternate foy ter ás ilhas dos Papuas onde inuernou.

Dom Iorge de meneses q̃ ya por capitão da fortaleza de Maluco partio como disse pera Malaca com regimẽto de Pero mazcarenhas que fosse pela via de Borneo pera se acabar de saber aq̃le caminho por õde se escusaua a detença que se fazia em Banda esperando por moução. E porque não pude saber o que aconteceo a dõ Iorge nesta viagem, não direy mais se não que foy ter atraues das ilhas do Morro setenta legoas da nossa fortaleza: & chegando ali hũ dia sobre a tarde foy demandar a terra, & sendo muyto perto dela mandou sondar pera surgir afastado da terra segundo ho costume dos Portugueses, mas como derrador daquelas ilhas não se acha fundo se não tendo as naos as proas em terra. Dom

Iorge que isto não sabia, nem conhecia a terra: não ousou de surgir & afastouse pera ho mar. E vendo os da terra que se afastaua, meterãose algũs ẽ duas almadias & forãose pera as naos, porẽ não sabendo se erão de Portugueses se de Castelhanos, não ousarã de chegar a elas, & falarãlhe hũ pouco de lonje, & por das naos os chamarẽ & acenarem cõ panos, chegou hũa almadia a bordo dũa das naos, de q̃ pergũtarão á gente dela pola nossa fortaleza & polos Portugueses, de q̃ lhes nã souberão dar nhũa noua: & por nisto anoitecer se afastarã os da almadia das naos, & se forão leuando tres beirames vermelhos que lhes os Portugueses derã. E idas as almadias, despois q̃ foy bẽ noyte acalmou ho vento, & dõ Iorge ficou sẽ remedio, porq̃ como não podia surgir por não auer fundo, nẽ se podia chegar a terra por lhe faltar ho vento, escorreo por antre aquelas ilhas cõ as agoajẽs q̃ ali correm fortemente, & indo assi foy cair no golfão que se faz antre estas ilhas & ho estreito de Magalhaẽs, onde lhe sobreueo hũ brauo temporal, com q̃ a sua nao, & outra de sua cõserua forão a Deos misericordia ate as ilhas que chamão dos Papuas, donde por amor dos ponentes que ventauão não pode tornar a Maluco se não no Mayo seguinte, de mil & quinhentos & vinte sete: cõ os leuãtes, & ãdou por aquelas ilhas seis meses cõ asaz de fadiga, & adoeceolhe & morreolhe algũa gente.

CAPITOLO XLI.

Da segunda armada que ho Emperador mandou ás ilhas de Maluco.

No liuro Sexto fica dito, como hũa das naos da armada de Fernã de magalhaẽs cõ que ya descobrir Maluco tornou a Seuilha com Crauo, & sua tornada & a mostra do Crauo q̃ leuou, deu causa ao Emperador Carlos, mãdar outra armada doutras cinco naos q̃ fosse a Maluco

a fazer fortaleza na ilha de Tidore, pola amizade que os Castelhanos acharã ẽ el rey dessa ilha, & desta armada foi por capitão mór hũ frey Garcia de Ioaeis frade duma das ordẽs da caualaria de Castela, & desta armada sómẽte a capitaina passou a Maluco com outro nauio mais pequeno, porem sem ho capitão mór, de que não soube ho q̃ fez. E desta nao que digo era capitão hum fidalgo Biscainho, que auia nome Martĩ inheguez de Carquicios, que era justiça mór da armada, & chegãdo a hũa ilha soube como os Portugueses tinhão fortaleza, & armada na ilha de Ternate, & por isso recolheo a gente do nauio na nao, & ho queimou, & ficou com trezẽtos homẽs todos escolhidos, com que seguio sua viajẽ, & foy ter a traues das ilhas do Morro, no mesmo instãte que dõ Iorge ali foy ter, & ouue vista dos nauios em q̃ ya, & por lhe auer medo que conheceo serem dos Portugueses se escõdeo, & foise meter no golfão q̃ chamão de Camafo, cuja terra era del rey de Tidore, & por os moradores conhecerem q̃ erão Castelhanos, polo que sabião da amizade que el rey tinha coeles os receberão muyto bem. E os Castelhanos sabendo a guerra que os Portugueses tinhão feyto a el Rey de Tidore, prometerãolhe de os vingar deles com lhes tomar a fortaleza & matarẽnos a todos & comerẽnos assados, & outros muytos feros com que os da terra estauão muy satisfeytos, & dauãlhes tudo sem dinheiro, & assombrauão coeste fauor os moradores doutros lugares del Rey de Ternate nossos amigos.

CAPITVLO XLII.

De como chegou hũa nao de Castelhanos ás ilhas de Maluco.

A noua destes dous nauios de dom Iorge de meneses q̃ forão vistos antre aquelas ilhas do Morro foy ter á ilha de Ternate, donde se deu a dom Garcia anrriquez sem declaração se erão os nauios de Portugueses ou de Castelhanos. E como isto ficaua duuidoso logo dom Garcia determinou de saber a verdade porque receaua serem Castelhanos, & mandouho saber per Martim correa que foy em hũa cora cora com hũ soo Portugues chamado Diogo da guerra por saber bem a lingoa da terra, & a outra gente forão Mandarins. E nesta cora cora foy ter a Camafo a hum lugar del rey de Ternate, onde foy certificado ser a nao de Castelhanos, & de quão fauorecidos os vassalos del rey de Tidore estauão coeles, & que tinhão grande armada, & conselharãlhe q̃ não fosse lá porque Martim correa ho quisera fazer. E vendo que ho aconselhauão bem tornouse pera a fortaleza com aquela noua: que sabida per dom Garcia mandou com conselho hũa armada a esperar esta nao quando fosse de Camafo pera Tidore que assi cuydarão que fosse: & a capitania moor desta armada deu a Manuel falcão, & forão nela setenta Portugueses em dous nauios, & Cachil daroes leuaua doze carascoras. E chegando Manuel falcão ao meyo do caminho mãdou polo ouuidor da fortaleza hũa carta que leuaua de dom Garcia pera Martim inheguez que lhe ele foy dar em saindo do golfam de Camafo: & isto pera ter achaque de ver a nao como ya apercebida, & ho numero dos Castelhanos. O que tudo ho ouuidor vio muyto bem, & q̃ a nao ya muyto bem artilhada & cõ muytas armas, & os Castelhanos serião trezentos. E Martim inheguez lhe deu azo pera que ho visse muyto bem & ho dissesse a dom Garcia, que ele

sabia bem quão pouco poder tinha assi de gente como doutras cousas que tudo lhe disserão os da terra: & por isso estaua muyto sobre os Portugueses & não os tinha em conta, mas nem por isso deixou de responder á carta de dom Garcia cõ muytos offerecimentos & cortesia. E despedido ho ouuidor coesta carta seguio sua viagem pera Tidore, onde chegado & metida a nao dentro no arrecife, mandou fazer na entrada dele dous baluartes de pedra ensosa q̃ artilhou muyto bẽ com algũa artelharia da nao: & estes goardauão a ẽtrada do porto, & a nao estaua defronte cõ a artelharia q̃ lhe ficou, q̃ parecia hũa fortaleza. E ho ouuidor de dõ Garcia despois q̃ se despedio de Martim hinheguez tornouse a Manuel falcão q̃ sabẽdo ho modo de q̃ a nao estaua ouue por escusado cometela ĩdo tão singelo, & tornouse pera a fortaleza & deu cõta a dõ Garcia do q̃ achou. E Martim hinheguez despois q̃ se fortaleceo como digo, mãdou dizer a dõ Garcia por hũ homẽ desses principais q̃ yão coele, q̃ ele era ali vindo por mãdado do Emperador seu senhor cujas aq̃las ilhas erão, assi por estarẽ na sua demarcação, como por Fernão de magalhães seu vassalo lhas descobrir polo q̃ tinha tomado posse delas, & mais as tinha per hũa sentẽça q̃ ouuera contra el Rey de Portugal: & por estas causas todas despois de estas ilhas serẽ descubertas, ficarão ali trĩta de seus vassalos q̃ forão na sua armada cõ feytoria em q̃ ficara muyta fazenda, & bẽ xl. peças dartelbaria, & q̃ não achaua nhũa cousa destas, & q̃ os da terra lhe dizião q̃ os Portugueses tomarão tudo & matarão os Castelhanos q̃ ficarão na feytoria, & mais os achauão cõ fortaleza feyta nas terras do Emperador sem sua licẽça q̃ folgaria de saber a rezão q̃ os Portugueses teuerão pera fazerẽ estas cousas: porq̃ de tudo auia de tirar estormẽtos pera se q̃ixar ao Emperador. E chegado este messageiro a dõ Garcia lhe disse tudo isto: ao q̃ ele respondeo, q̃ aquelas ilhas & outras muytas não erão nẽ forão nũca do Emperador, nẽ lhe podião caber ẽ sua demarcação, porq̃ nã

a auia & q̃ a ouuesse, ele sabia certo nã lhe cabẽrẽ dela, & q̃ se ouuera sẽtẽça cõtra el rey seu señor a veria, por os q̃ a derão serem seus vassalos: & q̃ tambẽ os juyzes Portugueses a derão por el Rey seu senhor, pelo q̃ não era aquela a rezão por õde as ilhas de Maluco erão suas, nẽ menos por as mãdar descobrir por Fernão de magalhães q̃ as não descobrio de nouo, por auer mais de dez annos q̃ as descobrira Antonio dabreu por mãdado Dafonso dalbuquerq̃ gouernador q̃ naq̃le tẽpo era das Indias por el Rey de Portugal: do q̃ ho mesmo Fernão de magalhães fora testemunha, & tẽdo certeza õde aq̃las ilhas jazião, por fazer treição a el Rey de Portugal fizera crer ao Emperador serẽ de seu descobrimẽto, & fizera q̃ as ya descobrir indo por outro caminho & nauegação, onde ouuera ho fim q̃ merecia por ser tredoro a seu senhor natural q̃ era el Rey de Portugal & não ho Emperador: & q̃ do tẽpo q̃ Antonio dabreu descobrira estas ilhas, logo algũs reys delas ficarão amigos del Rey de Portugal, & forão cõtẽtes de os Portugueses tratarẽ em suas terras, & dali por diãte sẽpre lá tratarão, & por rogo del rey de Ternate ho passado mãdara el Rey de Portugal fazer naq̃la ilha hũa fortaleza. E indo a fazer Antonio de brito achara certos Castelhanos na ilha de Tidore, q̃ por nã terẽ licẽça del Rey de Portugal pera andarẽ por suas terras os mandara ao gouernador das Indias pera saber a rezão porq̃ o fazião, assi q̃ aq̃las ilhas erão por dereyto del Rey de portugal, por cujo mãdado ele estaua por capitão naq̃la fortaleza q̃ defẽderia ate a morte a quẽ lha quisesse tomar, & defẽder a qualquer gente do mundo que não andassem por aq̃las ilhas sem licença del Rey de Portugal, & que assi faria aos Castelhanos pois ãdauão sem ela, pelo q̃ lhe requeria da sua parte, & da do Emperador q̃ logo se fosse pera a fortaleza, & não querẽdo estar de mistura com os Portugueses lhes daria hũ lugar apartado em q̃ esteuessem á sua vontade: & mais lhe requeria q̃ não comprasse nhũ crauo q̃ ho não podia fazer por ser todo pera el

Rey de Portugal, & não querẽdo por sua võtade fazer hũa cousa nẽ outra, ele protestaua de lho fazer por força sem por isso encorrer ẽ nhũa pena pois ho fazia por seruir a el Rey de Portugal seu senhor. E coesta reposta se foy o messageiro, & porẽ Martĩ hinheguez não se quis ir pera a fortaleza, & mãdou requerer a dõ Garcia q̃ ho deixasse estar õde estaua, & sobristo ouue muytos recados de parte sem tomarẽ nhũa concrusam, & cada hũ tirou seus estormẽtos do q̃ requeria.

CAPITVLO XLIII.

Do que aconteceo a dom Garcia anrriquez cõ os Castelhanos, & do mais q̃ sucedeo.

Vendo dom Garcia que Martim hinheguez nã se queria tirár de Tidore & fazia aleuantar ho preço do crauo dando por ele quatro tanto do q̃ estaua assentado na feytoria, determinou de lho fazer por força, & isto cõ conselho de Manuel falcão feytor & outras pessoas principais, & que ele em pessoa fosse a este feyto. E isto assentado, partio hũa noyte leuãdo ate cẽ Portugueses, & muytos dos da terra embarcados em corascoras & outros nauios, & pera baterem a nao & os baluartes leuou tres camelos, hũ em hũ batel com hũa manta & os dous em hũa fusta & hũ calaluz, & nestes não ya outra gente de peleja se não os capitães, bombardeiros & remeiros: & a fusta q̃ ya diante em chegãdo defrõte dũ dos baluartes que a sintirão os Castelhanos cõ quanto fazia escuro, tiraranlhe tantas bõbardadas que lhe matarão hũ remeiro, & quebrarão a cana do leme, quebrãdo hũa mão ao que ya a ele. E ho capitão da fusta sem mais esperar por dom Garcia começou logo desbombardear ho baluarte, & por os tiros serẽ muyto ameude arrebẽtou ho camelo, pelo q̃ se retirou pera onde estauão a fusta & ho calaluz: & dom Garcia mãdou logo por outro camelo á fortaleza que veo antes q̃ amanhecesse &

foy assestàdo na fusta, & manhaã clara mãdou dõ Garcia dar bateria aos Castelhanos com ho batel, fusta & calaluz: & eles q̃ virão como se a cousa ordenaua começão de desparar sua artelharia dos baluartes & da nao, & era tãta que os pelouros q̃ tirauão parecião que auião dentulhar ho mar: & receando os q̃ yão no batel, fusta, & calaluz q̃ os fizessem ẽ pedaços, não ousarão de chegar muyto & poserãse tão lõge q̃ quãdo os seus pelouros desparauão yão dar no mar & de chapeletas chegauã jũto da nao q̃ aĩda não chegauão a ela: & os Castelhanos como q̃ zombauão deles lhes dauão muytas apupadas. E dom Garcia tambẽ nã ousaua de chegar com as corascoras por serẽ muyto fracas que erão cosidas cõ cordas & qualquer tiro as faria em pedaços. E neste joguete q̃ mais ho parecia q̃ peleja esteuerão ate ho meyo dia q̃ sobreueo a viração. E vendo dom Garcia que não fazia nada, afastouse com toda sua armada: & tambem porque lhe faltaua a poluora, & auia de mandar por ela á fortaleza, & em quanto mãdou ficou em hũa enseada: & estando ali sayo Martim correa, ho feytor & outros ate quinze em terra. E estando oulhãdo hũ lugar de mouros q̃ estaua em hũ alto pera ho irem queymar, algũs Castelhanos que estauão no lugar & os sintirã, forão muyto secretamente por antre ho mato, & começarão de lhes tirar cõ espingardas & béstas, & hũ quadrelo deu a Martim correa abaixo de hũa orelha q̃ deu coele no chão quasi morto. E por este desastre, & tambem por dom Garcia ver que não podia fazer nhũ dãno aos Castelhanos, nã quis ali estar mais & tornouse pera a fortaleza com sua armada, do que os Castelhanos ficarã muyto soberbos crẽdo que os Portugueses fugião com medo, & assi ho dizião aos da terra, porem a nao ficou tão aberta do muyto jugar da artelharia, & por ter a quilha no chão, & por ser velha abrio de todo & se ẽcheo dagoa & perdeose sem mais aproueitar pera nada: do que os Castelhanos ficarão muyto tristes, & nã fizerão mais nhũ reboliço de guerra, & deixarãse es-

tar como homēs que descansauão, & dō Garcia fez ho mesmo: & porque era chegada a moução pera Malaca em q̃ auião de partir pera lá algũs jũgos, determinou de auer algũ crauo pera el Rey, porque este era ho proueito que pretendia daquela fortaleza, & ainda ate então não tinha auido nhũ com q̃ forrasse parte do muyto gasto que fazia naq̃la fortaleza. E a causa de não se poder auer nhũ crauo pera el Rey era serē os Portugueses tão cobiçosos q̃ ho atrauessauão todo, dando por ele ho dobro que se daua na feytoria, & fazendo muytos mimos aos negros que lho vendião, pelo q̃ ho não querião leuar á feytoria, & ho mesmo feytor & escriuães ho comprauão antes pera si que pera el Rey, & por isso não podia auer nhũ. E sabēdo dō Garcia isto, mãdou que toda pessoa do crauo q̃ teuesse desse a decima parte a el Rey pelo preço da feytoria, & quando ho não quisesse dar por sua vontade lho tomassem por força, & assi ho mandou apregoar, com o q̃ todos receberão muyto pesar & poserãse em ho não consentir, & chamarão em sua ajuda, Cachil daroes & assi muytos Mandarĩs. E vēdo dō Garcia este aluoroço, & achãdose só & sem poder pedir socorro ao gouernador, & receando que se apertasse muyto, q̃ lhe fugissem os Portugueses, & ficando só lhe tomassē os mouros aa fortaleza deixou sua determinaçã & ētēdeo ē fazer sua fazēda como os outros fazião, & no Ianeyro seguĩte mãdou ē hũ jũgo q̃ partio pera Malaca Martĩ correa & Manuel lobo cō cartas ao capitão de Malaca em q̃ lhe pedia socorro de gente de q̃ tinha muyta necessidade por amor dos Castelhanos q̃ ficauão em Tidore & em Geilolo.

CAPITVLO XLIIII.

De como Antonio de miranda dazeuedo prometeo a Pero mazcarenhas de lhe obedecer.

Entrado ho verão, partiose Antonio de mirãda dazeuedo capitão mór do mar da India de Cochim meado Setẽbro cõ toda a armada pera Goa, & por ele escreueo Afonso mexia védor da fazenda ao gouernador o q̃ passara aq̃le inuerno com os requerimentos de Pero mazcarenhas, a que deuia de mandar pera Portugal por ser na India muyto perjudicial ao seruiço de Deos & del Rey, não sabendo ainda q̃ era solto. Partido Antonio de miranda foy ter a Cananor pera ver se tinha dõ Simão necessidade dalgũa cousa, & estando no mar lhe mãdou Pero mazcarenhas hũ requerimento por dom Simão em que lhe requeria, q̃ pois dom Simão & Christouão de sousa com a mayor parte dos fidalgos da India & gente darmas que andaua nela vendo como Lopo vaz de sam Payo não se q̃ria poer coele em justiça pera se saber cuja era a gouernãça & a queria ter por força ho tinhão obedecido por gouernador. E ele com tudo queria justiça por pacificação da India, lhe requeria da parte del Rey que tambẽ ho obedecesse porque vendose Lopo vaz sem armada consentiria que se julgasse por dereyto a qual deles pertencia a gouernãça, protestãdo de não querendo satisfazer a seu requerimento correr em pena de lhe pagar seus ordenados proes & percalços que auia dauer como gouernador & mais a q̃ parecesse bem a el Rey. E visto este requerimento per Antonio de miranda, vendo q̃ Pero mazcarenhas estaua obedecido por gouernador, & que de ele & Lopo vaz serẽ ambos gouernadores se auia de seguir muyto deseruiço de Deos & del Rey, respondeo que ele não podia obedecer por gouernador a Pero mazcarenhas ate nã saber do gouernador que não se queria poer em justiça: & quando ho

soubesse que então lhe desobedeceria: o que não satisfazendo a Però mazcarenhas, lhe mandou requerer q̃ do que dizia lhe desse hũ assinado. O que ele fez polas causas q̃ digo, parecendolhe que aquele era ho melhor talho que podia dar, & deu ho assinado que eu vi, & dizia.

« Digo eu Antonio de mirãda dazeuedo capitão mór do mar da India polo muyto poderoso Rey de Portugal nosso senhor q̃ me obrigo ao senhor Pero mazcarenhas, de fazer com ho senhor Lopo vaz de sam Payo q̃ ora he gouernador da India, que se ponha coele em dereyto: q̃ tambẽ pretẽde ser gouernador dela sobre qual deles ho será. E não querendo ele poerse neste juyzo, por este dou minha fé, preito & menagẽ ao dito senhor Pero mazcarenhas de me ir parele & lhe obedecer como a verdadeiro gouernador: feyto per mim & assinado aos dezasete de Setembro de mil & quinhentos & vinte sete.

Dado este assinado partiose Antonio de miranda pera Goa õde logo ho gouernador soube como ho dera, & estranhoulho muy asperamente, affirmandolhe q̃ se não auia de poer em justiça sobre a meree q̃ lhe el Rey fizera, que bẽ se poderia ir pera Pero mazcarenhas, porq̃ outrẽ acharia q̃ fosse capitão mór do mar. E ele se disculpou, dizendo q̃ não dera ho assinado com tenção de ho comprir se não por se espedir de Pero mazcarenhas que conhecera que estaua tão danado q̃ receou de fazer coele algũ desmãcho. E ho gouernador foy acõselhado q̃ tirasse a capitania mór do mar a Antonio de miranda pelo q̃ fizera, mas ele não quis porq̃ não fizesse mais aluoroço na gente, & por ver se podia fazer as cousas por bẽ, & mandou logo Antonio de mirãda a Chaul (donde ainda Antonio da silueira não era vindo) pera que se entregasse da armada q̃ lá estaua, & fizesse entregar a capitania da fortaleza a Francisco pereyra de berredo.

CAPITVLO XLV.

Do que Antonio de miranda & Christouão de sousa fizerão.

E chegando aa barra de Chaul achou Antonio da silueira ꝙ se partira pera Goa, & disselhe que esperasse ate ver se Christouão de sousa queria satisfazer ao recado do gouernador, & mandoulhe dizer como estaua ali ꝙ compria muyto ao seruiço del Rey verẽse ambos, a que ele respõdeo que se era pera lhe entregar a armada & a capitania da fortaleza que ja dissera que ho não auia de fazer por ter mandado emcontrairo de Pero mazcarenhas seu gouernador, & mãdoulhe requerer com os officiaes da fortaleza & cõ os fidalgos ꝙ inuernauão coele, que visse a força ꝙ Lopo vaz de sam Payo & Afonso mexia fazião a Pero mazcarenhas em lhe tomarem a gouernança, não querẽdo ele se não o ꝙ fosse dereyto: & pois estaua em sua mão fazer determinar este caso por justiça, que fizesse cõ Lopo vaz que ho quisesse. E fazendo sobristo grandes protestações contra Antonio de miranda: que despois de responder a estes requerimentos se vio cõ Christouão de sousa na fortaleza, onde concertarão ambos ho modo que se teria pera ꝙ Lopo vaz de sam Payo se posesse em justiça com Pero mazcarenhas pera pacificação da India, & ꝙ os juyzes ꝙ determinassẽ este caso fossẽ no mais de sete. s. Antonio de miranda, dõ Ioão deça, Francisco pereyra de berredo, Baltesar da silua, Gaspar de paiua capitães de duas naos da carrega, frey Ioão daluim da ordẽ de sam Francisco que em leygo se chamara Ioão lopez daluim, frey Luys da vitoria da ordem de sam domingos, & Christouão de sousa quis ꝙ fossem estes juyzes, posto ꝙ sabia ꝙ tirãdo os dous frades os outros tinhã assinado ꝙ Lopo vaz era gouernador verdadeyro, mas porꝙ ele nã teuesse ꝙ dizer os cõsẽtio & por isso nã quis ele ser hũ dos juyzes, nem quis que ho fosse nhũ fidalgo seu parente nem ho-

mem de q̃ se presumisse ser da openião de Pero mazcarenhas que pois Antonio de miranda foy nomeado por juyz bem ho podera ele ser mas não quis por esta causa, & porque não era seu fim se não apacificar a India, & que não se determinasse esta deferença por armas, porque nisto cria q̃ seruia Deos & el Rey que era o que lhe lembraua, & não outra cousa. E sendo nomeados estes juyzes antrele & Antonio de miranda com juramento de terem nisso segredo ate ho tempo de se declararẽ, porq̃ nem Pero mazcarenhas, nẽ Lopo vaz ho soubessem, ao outro dia se ajuntarão na igreja com ho feytor & alcayde mór da fortaleza, & outros officiaes, & fidalgos, & pessoas principais que inuernauão nela, relatãdo ambos as cousas passadas, & dizendo quão necessario era pera pacificação da India que ho gouernador se posesse em justiça cõ Pero mazcarenhas tinhão ambos cõcertado hũa pauta q̃ lhes mostrauão pera dizer cada hũ se se acrecẽtaria mais nela ou diminuiria, & os capitolos dela forão estes.

« Que Antonio de mirãda daria hũ assinado a Christouão de sousa tal como o q̃ dera a Pero mazcarenhas.

« E outro em que se obrigasse a leualo a Goa, & seguramente podesse falar ao gouernador sem perjuyzo de sua fazenda, parentes amigos & criados, pera lhe req̃rer o q̃ lhe parecesse seruiço del Rey, sem interuirẽ outras palauras fora da materia, assi de sua parte como da do gouernador.

« E q̃ chegãdo á barra de Goa deixaria a armada de fora & ficaria nela Antonio da silueira em arrefens entregue a hũ fidalgo sem sospeita naquele negocio, com lhe ele tomar a menagem, que sendo caso q̃ ho gouernador prendesse a Christouão de sousa, que aquele fidalgo se fosse pera Pero mazcarenhas cõ a armada & ho obedecesse por gouernador.

« E q̃ Christouão de sousa daria a Antonio de mirãda hũ estormẽto assinado por ele & polos officiaes da fortaleza & fidalgos q̃ inuernauão nela em q̃ prometessem

de lhe obedecer com toda a armada q̃ estaua em Chaul ate chegarẽ a Goa & se comprir ho atras capitulado: & tembẽ prometerião no estormẽto, que não querendo Pero mazcarenhas o que fosse seruiço de Deos & del Rey q̃ se fossem pera ho gouernador, & que se não falasse mais em Pero mazcarenhas ser gouernador: & ho mesmo prometeria ho alcayde mór q̃ ficasse por capitão na fortaleza de Chaul q̃ a entregaria ao gouernador & não a Pero mazcarenhas.

« E q̃ quãdo ho gouernador & Pero mazcarenhas se posessem em justiça sobre a gouernãça antes de os juyzes da causa pronũciarẽ cousa algũa prometerião cõ juramento q̃ aq̃le q̃ ficasse por gouernador não ẽtẽderia na pessoa, nẽ na fazẽda do outro, nẽ nas de seus criados, parẽtes & amigos, nẽ desfaria o q̃ o outro tenesse feyto, & a qualquer deles q̃ nisto não quisesse consentir que lhe desobedecessem.

« E que os juizes que ouuessem de julgar aquela deferença, serião pessoas sem sospeita, que eles ambos Cristouão de sousa, & Antonio de miranda, declararião quãdo fosse tempo.

« E q̃ tãto q̃ ambos de dous chegassem a Goa serião soltos, Eytor da silueira, dõ Iorge de crasto, dõ Antonio da silueira, & quaesquer outros que esteuessem presos por aquele caso de Pero mazcarenhas, que tãbem prometeriã de goardar ho que ali determinauã, & que esta deferença se determinaria em Cochim, õde se ajuntarião, Lopo vaz de sã Payo, & Pero mazcarenhas & em partindo Lopo vaz de Goa disistiria logo da gouernança, & iria como pessoa priuada, em poder Dãtonio de miranda, & em Cananor se lhe ẽtregaria Pero mazcarenhas pelo mesmo modo, & querendoo ele leuar ẽ seu poder, se entregaria Lopo vaz, a Cristouão de sousa, ou a dom Simão de meneses, pera que ho leuassem no nauio em q̃ fossem. E que alẽ do seguro que Antonio de miranda auia daner a Cristouã de sousa, lhe aueria outro do capitão de Goa, & dos officiaeis da ca-

mara da cidade, com juramento q̃ farião, que não goardando ho gouernador ho seguro que lhe desse, lhe desobedecerião, & obedecerião a Pero mazcarenhas. ».

E despois de lida esta pauta, q̃ todos a ouuirão, disse Cristouão de sousa a causa porque se fazia, requerẽdolhes a todos cõ ho capitã mór do mar, que lha ajudassem a poer em efeyto, & que assi ho prometessẽ todos por juramento, ho que eles fizerão, tendo muyto em merce a Cristouão de sousa, & a Antonio de miranda fazerẽna. E de tudo foy feyto hũ auto por Gaspar afonso tabaliào pubrico da fortaleza, que foy asinado por todos, aos quatro Doutubro de mil & quinhentos & vinte sete.

CAPITVLO XLVI.

De como ho gouernador, & Pero de faria, & outros jurarão de comprir a pauta que fizerão Cristouão de sousa, & Antonio de miranda.

Feyta esta pauta foy leuada a Antonio da silueira, por Antonio de miranda, pera que consentisse nela, & ele consentio muyto contra sua vontade, & por não poder mais fazer, & estranhando muyto a Antonio de miranda fazela. E feytos dela dous terlados, hũ pera Cristouão de sousa, outro pera Antonio de miranda, que se partio no mesmo dia, & ao outro Cristouão de sousa, deixando entregue a fortaleza a Aluaro pinto alcaide mór dela, & despois de chegarẽ todos jũtos á barra de Goa, Antonio de miranda se foy ao gouernador, & perante ho licenciado Ioão do soiro ouuidor geral da India, & ho secretario, lhe mostrou a pauta que fizera com Cristouão de sousa, dizendo que a fizera por euitar os grandes males que vira que estauão ordenados, por Cristouão de sousa, & por os q̃stauã coele que muy estreitamente lhe requererão q̃ consentisse nela: & por isso consentira muyto contra sua võtade, porque bem sabia que ele era verdadeyro gouernador, & pera ho ser tra-

balhara q̃ os juyzes fossem sem sospeita & no mais de sete pera terem menos que apurar. Do que ho gouernador ouue muyto grãde menencoria, & porque ho feyto não se podia desfazer, nã lhe disse mais se não que ele mesmo tinha a culpa do que ele fizera, pois se fiara mais dele despois de dar ho assinado q̃ dera a Pero mazcarenhas, & que fizera mal de fazer aq̃la pauta, porque se fora por escusar males que então estauão mais armados que nũca. E querendose Antonio de mirãda disculpar, disse ho gouernador que não erão necessarias disculpas pois fizera sua vontade, mas que cresse q̃ os juyzes não auião de ser mais de sete auendose de poer em justiça, & ele lhe disse que não serião, & disso lhe daria hũ assinado se ho quisesse. E tendo ele jurado com Christouão de sousa de terem em segredo os juyzes que ouuessem de julgar aquela deferença ate ho tempo em q̃ se ouuessem de declarar por comprazer ao gouernador lhos descobrio, & forão os que disse. E contente ho gouernador deles, lhe pedio hũ assinado que não fossem outros, nem fossem mais: & ele lho deu, & ho ouuidor geral, & ho secretario assinarão como testemunhas. E ficando a pauta ao gouernador vio a coeles & com Pero de faria, que lhe conselharão que consentisse nela, porq̃ não ho fazendo se leuãtarião todos contrele, & primeyro a mandaria mostrar aos officiaes da camara da cidade, & contentandolhes consentiria nela com condição q̃ fosse como gouernador ate Cananor, & que a honrrà Dafonso mexia fosse goardada & não consentirião que ficando Pero mazcarenhas por gouernador ho tirasse de nhum dos officios que tinha, por qualquer maneyra que fosse, & ho entregaria seguro ao gouernador que fosse do reyno. E contente Christouão de sousa disto, mandou ho gouernador soltar os presos, & deu ho seguro a Christouão de sousa pera ir a Goa, & ele não quis ir por lhe escreuerem que não fosse, porque ho gouernador tinha determinado de ho prender com Antonio de miranda, & por isso se determinou que se dissesse hũa

missa na agoada de Goa, & leuantando ho sacerdote a hostia, jurassem nela Antonio de miranda & Christouão de sousa perante dom Ioão deça & Antonio rico secretario da India q̃ ho gouernador iria como gouernador ate Cananor: & q̃ verdadeyramente segũdo suas cõciencias escolherião pera juyzes daquela deferẽça aqueles homẽs que lhes parecesse q̃ melhor & cõ mais conciẽcia determinassem aq̃la causa sem descobrirem per si nem por outrem os que tinhão escolhidos. E tambem jurarião o que tocaua ao védor da fazenda. E leuados estes capitolos por dom Ioão deça & por Antonio de miranda a Christouão de sousa, ele lhes disse que se acrecentassem na pauta: porem que por quanto ho galeão sam dinis em que ho gouernador andaua, era a mayor força que andaua na India, por andar marauilhosamente artilhado, & nele sómente podia pelejar com toda a outra armada da India auia de jurar que como chegasse a Cananor se passaria como preso á galé em que andaua Antonio de miranda. E sendo ho gouernador disto contente, aos vinte Doutubro foy dita hũa missa na agoada de Goa na terra firme: & sendo presentes Christouão de sousa, Antonio de miranda, dom Ioão deça & outros muytos fidalgos em ho sacerdote leuantando a hostia disse Antonio rico que hi estaua aos circunstantes se jurauão por aquele verdadeyro Deos em q̃ firmemẽte crião como fieis Christãos de comprir & goardar o que foy assentado na pauta de Chaul: & que ho gouernador fosse em posse da gouernãça & com toda sua hõrra ate Cananor, & que guardassem em tudo o que cumprisse á honrra do védor da fazenda, & não consentissem que ficãdo Pero mazcarenhas por gouernador lhe tirasse nhũ dos officios que teuesse se não que ho deixasse estar ate ir gouernador de Portugal, & dizendo cada hũ em alta voz que si, disse a Christouão de sousa & a Antonio de miranda se jurauão na mesma hostia que bem & verdadeyramente escolhessem pera juyzes daquela deferença aqueles que segundo seu parecer melhor & com mais

saã conciẽcia a determinassem, & que nem por si nem por outrẽ auião de descobrir quã erão ate não ser tempo de se declararem, & eles disserão que si. E destes juramẽtos fez ho secretario hũ auto ꝙ todos assinarão: & logo ao outro dia vinte hũ Doutubro, no mosteiro de sam Frãcisco de Goa estando hi Pero de faria capitão dela & officiaes da camara, & quãtos fidalgos auia nela & ho vigairo geral com toda a clerizia, tendo frey Gonçalo guardião do mosteiro ho sanctissimo sacramento nas mãos estãdo ho gouernador em giolhos, disse em voz ꝙ todos ho ouuissem. Bem sabeis os ꝙ aqui estais como por vos & por outros muytos que estão ausentes nã hũa vez mas tres fuy jurado por gouernador da India por as prouisões del Rey meu senhor ꝙ disso tenho, & por esse fuy obedecido, pelo qual me nũca quis poer em justiça sobre a gouernança com Pero mascarenhas, nẽ agora me posera se nã vira claramẽte quãto Deos & el Rey serão deseruidos, & por isso mais por força que por vontade, & como quem mais não pode me ponho em dereyto, & juro naquela hostia consagrada de assi ho fazer, & chegando a Cananor desistir do mando de gouernador, & não do dereyto que tenho na posse da gouernança, que deste não ey de disistir antes protesto de me ajudar dele em todo ho tempo que me for necessario, & assi jurou de se ẽtregar como preso na galé Dantonio de miranda, & de comprir os mais capitolos da pauta que ele fizera com Christouão de sousa em Chaul com condição que fosse goardada inteiramente a honrra do vedor da fazenda como estaua assentado: & ho mesmo juramento fizerão Pero de faria, Ioão do soiro, os officiaes da camara, & todos os mais ꝙ ho auiã de fazer, & ainda ho não tinhão feyto: & de tudo ho secretario fez hum auto que todos assinarão.

CAPITVLO XLVII.

De como Pero mazcarenhas & Lopo vaz de sã payo desistirão em Cananor do mando de gouernadores.

Acaba isto q̃ todos ouuerão por muyto grande cousa por quão difficultosa lhes parecia poerse ho gouernador em justiça, partiose ele pera Cananor hũ dia despois de partidos Antonio dazeuedo & Christouão de sousa. E foy esta partida tão prestes q̃ os do bãdo de Pero mazcarenhas se espantarão muyto, porque cuydauão que ho gouernador ho não seria mais que ate Cananor, & que ele assi ho cria por ter tantos cõtra si. E chegãdo todos a Cananor aos seys de Nouembro forãse logo á fortaleza Christouão de sousa & Antonio dazeuedo, & mostrarão a pauta a Pero mazcarenhas pera a jurar de que ele foy contente, dizendo que tudo cõsentiria por pacificação da India: mas que estaua muyto descontente do que vira em hũa carta que ho gouernador mandaua ao védor da fazenda, que ele ouuera por sua diligencia, & nela nomeaua os juyzes que tinhão escolhidos pera determinarem aquela deferença, & que ali vira claramente quão sospeito lhe era frey Ioão daluim pola muyta confiança q̃ Lopo vaz mostraua ter que auia de julgar por ele polas rezões que daua pera isso. E mostrando a carta virão Antonio de miranda & Christouão de sousa que era assi, & por isso lhes requereo que tirassem frey Ioão daluĩ & metessẽ outros: & Pero mazcarenhas quisera que Christouão de sousa fora hũ deles, dizendo que ho podia ser pois ho era Antonio de miranda, & ele não quis por saber q̃ Lopo vaz ho tinha por sospeito, & em lugar de frey Ioão daluim meterão cinco pera serem juyzes, que forão Lopo dazeuedo, Antonio de brito que fora capitão de Maluco, Nuno vaz de castelo branco capitão & feytor do nauio do trato de çofala, Tristão de gá, Bastião pirez vigairo geral da India. Do q̃ Antonio de

miranda foy contẽte com quanto tinha dado seu assinado ao gouernador que os juyzes não auião de ser outros se não os sete que lhe dissera em Goa, & estes que forão acrecẽtados ficarão assi nomeados antrele & Christouão de sousa com juramento de não se descobrirem a ninguem, nem Antonio de miranda ho disse a Lopo vaz. Isto assentado, ao outro dia se ajũtarão na igreja da fortaleza Pero mazcarenhas, dom Simão de meneses, ho feytor & alcayde mór cõ os mais officiaes da fortaleza, Antonio de mirãda, Christouão de sousa com outros muytos fidalgos, & perante todos & do secretario despois de ouuida missa, tendo Bastião diaz vigairo da fortaleza nas mãos ho sanctissimo sacramento, jurou Pero mazcarenhas por ele de cõprir em tudo o q̃ estaua na pauta que disse, declarando que quãdo disistisse de ser gouernador, & se entregasse como pessoa priuada, disistiria sómente do mãdo de gouernador, & não do dereito que tinha na gouernança, dizendo que não insistira tanto em o ser, se não por crer que era sua, & q̃ era contente que ficando Lopo vaz por gouernador, ho mãdasse preso pera Portugal: & acabando ele de jurar, jurou dom Simão, & despois os officiaeis, fidalgos, & pessoas principaeis, & todos assinarão em hũ auto que ho secretario fez disso, & tãbẽ ho assinou ho gouernador. E despois disto a requerimento de Pero mazcarenhas fez ho mesmo secretario hũ auto, em que se declarou que os juizes que auião de julgar aquela contenda, não auião de julgar mais se nã quem era bem q̃ gouernasse pera pacificação da India, porque cuja era a gouernança por dereito, el rey ou seus desẽbargadores ho auião de determinar. Feytas todas estas cousas, embarcouse Pero mazcarenhas no galeão de Cristouão de sousa, como estaua assentado na pauta, & porq̃ ali se mudou Antonio de miranda da galé em q̃ andaua ao galeão sam Dinis, & Lopo vaz de sã payo lhe auia de ser entregue pera ho leuar a Cochim, ficou no mesmo galeão, do que se Pero mazcarenhas queixou a Cristouão de sou-

sa, & a Antonio de miranda, dizẽdo que Lopo vaz não compria ho capitolo da pauta, no modo que auia de ser entregue, & disistir de gouernador, pois ya no galeão sam Dinis, que era a mayor força da India, & podia nele pelejar com toda a armada, & mais leuaua bandeira na gauea, q̃ aquilo não era desistir de ser gouernador, se não selo como dantes, requerendo q̃ fosse como estaua assentado, ho que Lopo vaz não quis fazer. Ho que vendo os fidalgos, se posserão muyto contra isso, dizendo que se quebraua a pauta, & ho juramento que Lopo vaz fizera, & vẽdo Cristouão de sousa como isto era azo pera se estrouar ho bẽ questaua começado, fez cõ Pero mazcarenhas & com os outros, q̃ deixassem ir Lopo vaz como queria & ho consentirão, & embarcado Pero mazcarenhas desparou hũ tiro grosso, & a este sinal dous homẽs q̃ estauão nas gaueas dos galeões, sam Dinis, & sam Rafael, tirarão as bandeiras que ambos tinhã como capitainas, pera que sentẽdesse que em ambos estauão os gouernadores, & que ho tirar das bandeiras, era sinal que disistião do mãdo da gouernança, & ficauão como pessoas priuadas, de que se auia de fazer justiça, & eles ambos em se tirãdo as bandeiras, protestarão que não disistião mais que do mãdo da gouernãça, ate se julgar qual auia de gouernar, & da posse que tinhão não disistião. E feyto isto Antonio de miranda entregou Pero mazcarenhas a Cristouão de sousa, pera ho leuar ate Cochim, & lá lho entregar, & ele se entregou de Lopo vaz de sam payo, & se partirã todos pera Cochĩ. E quando foy esta perfia de Lopo vaz não querer sair de sam Dinis, mandou dizer a Pero mazcarenhas que por se escusarem aqueles debates, & outros muytos que sabia q̃ auião de recrecer, q̃ lhe requeria da parte del rey, que pois sem eles ambos se podia ẽ Cochim dar a sentẽça sobre aquela demanda, que ficassem na costa com a armada repartida por ambos, goardando que não leuassem os mouros pimenta, & que os juizes somẽte fossem a Cochim, & despois de dada a

sentêça como lhes parecesse lho mandarião dizer, & Pero mazcarenhas não quis.

CAPITVLO XLVIII.

Da desauença que ouue ẽtre Lopo vaz de sã payo & Pero mazcarenhas.

E partidos como digo pera Cochĩ, chegarão lá a quinze de Dezembro, & surtos foy Antonio de miranda mostrar ao vêdor da fazenda, a pauta que fizera com Cristouão de sousa, pera que a jurasse como todos fizerão, ho q̃ ele não quis fazer, dizendo a Antonio de miranda q̃ como fazião tal pauta sem sua autoridade, que era a segunda pessoa da India despois do gouernador, sem cujo consentimento não se podia fazer nada que tocasse á gouernãça, estranhãdoo muyto, & dizendo que eles darião conta a el rey de cousa tão mal feyta como aquela fora, & não querendo de todo em todo ho vêdor da fazenda jurar a pauta, Pero mazcarenhas & todos os fidalgos de sua parte, requererão a Cristouão de sousa, & a Antonio de miranda, q̃ pois Afonso mexia não queria jurar a pauta, como Pero mazcarenhas, & Lopo vaz, com todos os fidalgos da India fizerão, no que se mostraua claramẽte ser muyto sospeito, que aquela deferença não se determinasse em Cochim, se não ẽ Coulão, que era dali hũ dia de viagem. E conhecendo Cristouão de sousa que Lopo vaz não auia de cõsentir nisso, por ter sabido que toda a esperança de ser gouernador tinha em Afonso mexia polos cargos que tinha, & como de todo em todo estaua posto em lhe fazer a võtade, ainda que fosse sem rezão, por nã dar causa a se aquele negocio determinar por armas, fez com Pero mazcarenhas, & com os de sua valia, que posto que Afonso mexia não quisesse jurar a pauta, que cõsentissem que aquela deferença se determinasse em Cochim: & consentindo nisso, forão a terra Antonio de miranda, &

Cristouão de sousa, & meteranse em santo Antonio pera nomearem os juizes que julgassem aquela deferença, & querendo Cristouão de sousa, que se não nomeasse por juiz frey Ioão daluim, & ẽ seu lugar se metessem, Lopo dazeuedo q̃ fora aquele anno de Portugal, Antonio de brito que fora capitão de Maluco, Nuno vaz de castelo branco, que fora capitã do nauio do trato de çofala, Tristão de gá, Bastião pirez vigairo geral da India: como ele & Antonio de miranda assentarão cõ Pero mazcarenhas em Cananor, Antonio de mirãda pelo scrito que tinha dado a Lopo vaz de sam payo, que os juizes não fossem mais de sete, nem se mudassem os que estauã nomeados, não queria consentir nos que se acrecentauão, nẽ em se tirar frey Ioão daluim, nem ho quis fazer sẽ dar conta disso a Lopo vaz, q̃ quãdo ho soube, ouue disso muyto grãde menencoria, porque tinha por muyto sospeitos os juizes que se acrecentauão, & não quis consentir nisso, dizendo que não auia mais de sofrer do que sofrera, & que bẽ escusado fora a Antonio de miranda enganalo, & trazelo ali de Goa, & que ele tinha a culpa daquilo & não outrem, em tecer a meada que tinha tecida, porem que lhe não daua nada, porq̃ a ele, & aos outros todos espetaria em hũ pao, & que se fosse logo pareles, & que os ajudasse a enganalo, mas que se nã quisessem cõprir ho que estaua assentado, nã cõsentia em nhũs juizes, nẽ se queria poer em dereito, & que pelejaria cõ todos com sam Dinis somente, & a vẽtura diria quẽ era gouernador, & que ele seria obrigado a dar cõta de tudo pois fora a causa: & Antonio de miranda lhe respondeo que não enganaua nĩguẽ, antes fazia o que deuia, & no que fizera naquele caso tinha feyto muyto seruiço a Deos & a el rey, a quẽ se queixaria das injurias que lhe dissera, & outras muytas palauras descandalo sé passarão antreles, que não se ouuirão por amor do grande arroido que faziã os q̃ se meterã no meyo: & Antonio de miranda se foy do galeão muyto agastado, pera ho em que estaua Pero

mazoarenhas, que sabendo ho que passaua, lhe requereo por virtude da pauta, q̃ pois Lopo vaz de sã payo nã cõsentia nos juizes, que ele & Cristouão de sousa nomeauão, & ele era deles contente, que comprisse a pauta que dizia, q̃ em tal caso ho ouuesse por gouernador sem mais contradição, & lhe requereo que por esse ho obedecesse, & ho mesmo requerimento lhe fizerão quãtos fidalgos estauã coele, & por virtude da pauta: & por estar escãdalizado das palauras que lhe dissera Lopo vaz, cõsentio no q̃ Pero mazcarenhas & outros lhe requerião, tomando testemunhas que ho fazia porq̃ Lopo vaz não queria cõprir a pauta, & fazendo sobrisso grandes protestaçoẽs, tomou logo os nauios que pode & os entregou a Pero mazcarenhas, & forão estes a galé bastarda em que estaua por capitã Eytor da silueira, ho nauio de Nuno vaz de castelo branco, duas carauelas, de que erão capitães Vicente pegado, & Ioão de sá, hũ galeão de que era capitão Simão de melo, que naquele tempo nã estaua nele, & assi hũa galeota, & algũs bargantĩs, & posto que Antonio de miranda tomasse estes nauios a Lopo vaz ficarã sam Dinis, & sam Luys, & ho çamorim, de q̃ erão capitães Martim afonso de melo jusarte, & dom Ioão déça, & as galés de Ruy pereira, & Dantonio da silueira de meneses, & a carauela de Fernão de moraeis, afora muyta fustalha q̃ estaua no porto de Cochim, & por isso ho poder de Lopo vaz era dauãtagẽ do de Pero mazcarenhas, & assi os de hũ bãdo como do outro fazião prestes suas armas, & artelharia, esperãdo por batalha, pola perfia q̃ tinha Lopo vaz em não cõsentir nos juizes que Cristouão de sousa & Antonio de mirãda nomeauão, & algũs dos de Pero mazcarenhas, dessa gente baixa, bradauão por guerra, dizendo q̃ Pero mazcarenhas não deuia de sofrer tãtas soberbas, quãtas lhe Lopo vaz fazia, & q̃ então tinha tẽpo de se vingar de quãtas injurias tinha recebido. E era pera auer medo, de como a cousa estaua aparelhada pera se perder a India, porq̃ segundo ho poder dãbos os bãdos es-

taua igoal estaua certo se dessem batalha, não se apartarem sem hũ ficar vẽcedor, & este auia de ficar de maneyra, que facilmente ho desbarataria el rey de Calicut, q̃ pera este fim tinha prestes grande armada, pera dar sobre os nossos q̃ escapassem da batalha, & todos os outros reys & senhores estauão daleuanto, pera a este tẽpo darẽ nas nossas fortalezas & as tomarẽ, & desta vez tinhão por certo ficar a India liure dos nossos, & assi ouuera de ser: porq̃ nẽ Pero mazcarenhas se queria decer do acrecẽtamento dos juizes, nẽ Lopo vaz de não serem tãtos, & tres dias durou esta perfia, em q̃ ouue muytos requerimentos de hũ ao outro, & muytas protestações de nhũ deles ter culpa do mal q̃ se seguisse da batalha que se aparelhaua, no q̃ Antonio de miranda se achaua muyto culpado por descobrir a Lopo vaz os juizes q̃ tinha concertado com Cristouão de sousa q̃ julgassẽ aq̃la contenda, & polo assinado q̃ lhe dera de não serem mais, que se estas duas cousas não forão, Lopo vaz consentira nos onze juizes, & porq̃ ele consentisse neles, se afirmou que lhe prometeo de votar por ele, & por isto consentio Lopo vaz que fossẽ aqueles onze juizes, & por lhe Afõso mexia aconselhar que consentisse neles, & despois descolhidos lhe posesse sospeições, & ho mesmo lhe cõselhou ho ouuidor geral, & tãbẽ dõ Vasco déça seu procurador lhe mostrou a pauta q̃ tinha assinada, & ho juramento q̃ tinha feyto de a cõprir, pelo q̃ não podia fazer outra cousa se não cõsentir q̃ se nomeassẽ os juizes, & por todas estas causas ho cõsentio, & mãdãdo chamar Antonio de mirãda lho disse, & pedindolhe perdã das palauras q̃ lhe dissera reconciliou coele. E depois de Lopo vaz consentir, requereo Pero mazcarenhas que ho tirassẽ de sam Dinis, por quãto estaua nele muyto poderoso: & Antonio de mirãda ho pos na nao sam Roque q̃ tinha pouca gente, & entregouo a Antonio da silueira de meneses seu genrro, & Pero mazcarenhas foy posto na nao Frol delamar, & entregue a Diogo da silueira, & ambos jurarão de os entregar

quãdo lhos pedissem. E com isto ficaram seguros de obedecer á sentẽça que se desse contra cada hũ deles.

CAPITVLO XLIX.

Como forão acrecẽtados mais dous juizes por parte de Lopo vaz de sam payo, & do mais que passou.

Assentado isto, logo ao dia seguinte que forã dezanoue de Dezẽbro, se forã a terra Cristouã de sousa, Antonio de mirãda, ho ouuidor geral, & ho secretairo, ao mosteiro de santo Antonio, onde se ajũtarã os mais dos capitães & fidalgos que estauão em Cochim, & perante eles nomearão Antonio de miranda, & Cristouã de sousa, as pessoas que auiã de ser juizes aluidros, da deferença que auia antre Pero mazcarenhas, & Lopo vaz de sam payo, & por ficarẽ nomeados os não torno a nomear, & declarados estes juizes, foi dita hũa missa que todos ouuirão: & no santissimo sacramento lhes deu ho secretario juramento, q̃ bem & verdadeiramẽte julgassem se pertẽcia a gouernãça a Pero mazcarenhas se a Lopo vaz de sam payo, & eles ho jurarão, & ho secretario fez ho mesmo juramento, de goardar ho assinado que cada hũ lhe daria de seu parecer, & ho não mostraria nẽ daria a ninguẽ, se nã a el rey se lhos pedisse, & de todo fez hũ auto q̃ todos assinarão. E feyto este juramẽto, Antonio de mirãda tomou Cristouão de sousa a parte, & disselhe q̃ pera q̃ Lopo vaz de sam payo nã teuesse que dizer, quando se a sentença desse contrele, que deuião dacrecentar ainda por juizes, a frey Ioã daluim, & a Bras da silua dazeuedo, & logo pola primeira, Cristouão de sousa não queria, porẽ sabia certo que aqueles dous erão muyto sospeitos a Pero mazcarenhas, & receaua que julgassem contrele, & não querendo ele cõsentir, lhe disse Antonio de miranda q̃ consentisse, & nã se receasse daq̃les juizes, porq̃ ele auia de votar por Pero mazcarenhas, & tãbẽ dõ Ioão déça porq̃ sabiã muyto

cérto que a justiça era sua, & nã faziã aq̃la cirimonia de juizes, por mais q̃ pera apacificar Lopo vaz, & porq̃ lhe não parecesse q̃ lhe tomauão a gouernança, & a dauão a Pero mazcarenhas: & estãdo nisto acodio dom Ioão déça, & disse ho mesmo q̃ dizia Antonio de mirãda, & Cristouão de sousa consentio nisso, sem dar conta a Pero mazcarenhas, nem a nhũ de seus parentes & amigos, porq̃ lhe pareceo q̃ por mais saluas que lhes fizesse nã auião de consentir naqueles dous juizes, porq̃ os tinhão por muyto sospeitos, & por essa rezão fora tirado frey Ioão daluim a requerimẽto de Pero mazcarenhas, & tãbem porq̃ ele queria que aquela cousa se acabasse em paz, & não por guerra como se começaua de fazer que este era ho seu fim, & posto que entẽdeo que ya contra seu juramento descolher juizes sem sospeita, consentio nestes dous por euitar a guerra q̃ teue pera si que aueria se ho nã consentisse, porq̃ cometer Antonio de miranda aquilo não era sem vontade de Lopo vaz, q̃ estaua claro trabalhar pola fazer, & por cima de tudo isto Cristouão de sousa estaua só & não tinha quẽ ho ajudasse, porq̃ como ele visse as nouidades que de cada vez sobreuinhão, conheceo q̃ ainda a cousa auia de vir a estado q̃ se se não fizesse a võtade a Lopo vaz & a Afonso mexia auiã de quebrar, & como tinha assẽtado de lha fazer em tudo porq̃ não ouuesse guerra, não quis que ficasse coele nhũ fidalgo seu parente nem amigo, nẽ pessoa da valia de Pero mazcarenhas, porque acontecendo ho q̃ lhe pareeia, não contrariassem sua determinação & fizessem reuolta: & consentido ele nestes dous juizes, foilhes dado ho mesmo juramẽto q̃ aos outros, & assi ficarã treze, & logo eles disserão a esses fidalgos & capitães que estauão prestes q̃ mãdassẽ chamar ho védor da fazenda, porq̃ sẽ ele fazer certos juramentos não auiã de dar sentença naquele caso q̃ lhes era cometido, & vindo ho védor da fazenda, a requerimento daqueles fidalgos & capitães, Antonio de miranda ẽ nome dos outros juizes, lhe reqreo da parte del

Rey de Portugal que jurasse de entregar a fortaleza de Cochim a Lopo vaz de sam payo, ou a Pero mazcarenhas, a qual julgassem por gouernador, & isto sem manha nẽ cautela, & ele ho jurou com condição q̃ assi os juizes, como todos os capitães & fidalgos que ali estauão, & na frota jurassem solenemente q̃ tomauão sobre si a ele, & a Aires da cunha capitão de Coulão, Pero vaz trauaços, Diogo chainho, & os moradores de Cochim, & oficiaeis da camara, que não recebessem nhũ dano nem offença, assi em suas pessoas, como fazẽdas, & lhe fizessẽ dar embarcação, assi pera Portugal, como pera outros lugares, & a ele lhe não fosse negada, posto q̃ se despois alegasse que era seruiço del rey q̃ ele ficasse na India, & q̃ Pero mazcarenhas se obrigasse por hũ assinado seu a cõprir tudo isto cõ juramẽto, & assi foy feyto: & ho secretario fez disso hũ auto q̃ todos assinarã, & despois disto querendo os juizes entender em seu officio, disserão a Cristouão de sousa q̃ se fosse, & ele polo que tinha assentado cõ Antonio de miranda & q̃ esteuesse ao despacho daq̃la deferença, nã se quis sair, & vendo que Antonio de mirãda era hũ dos que insistia q̃ se saisse, ouue coele sobrisso palauras, & assi com os outros, & foy a cousa de maneyra, que acodirão os juizes de Cochim por mãdado Dafonso mexia, pera deitarem fora a Cristouã de sousa, que já se saia quando eles chegarão, vendo que sua estada nã aproueitaua ali, & então conheceo quã mal fizera ẽ não fazer hũ capitolo na pauta, jurado, & assinado, por Antonio de miranda, que ele esteuesse ao despacho daquela deferença, porque assi não lhe fora defeso que não esteuesse, & então vio tambẽ ho grande erro q̃ fizera, em deixar acrecẽtar os dous derradeiros juizes, porque polo rigor que vsarão coele, lhe pareceo que auiã de dar a sentença cõtra Pero mazcarenhas, & em entrando onde ele estaua, disse de muyto agastado, sus alforges & partamos q̃ tudo he por demais, & calouse que nã quis mais dizer, por amor do juramento q̃ tinha, & isto tudo se fez ate vespera.

CAPITVLO L.

Das rezões q̃ ho vedor da fazẽda & outros offrecerã aos juizes pera q̃ Pero mazcarenhas não fosse gouernador.

Despois de Christouão de sousa ser ido q̃ os juyzes ficarão recolhidos com ho secretario que ali ficou, que auia de ser ho escriuão daquele processo, dom Vasco deça procurador de Lopo vaz de sam Payo, & Simão caeyro procurador de Pero mazcarenhas, mostrarão aos juyzes as procurações que tinhão dãbos: & lhes derão todos os papeis de que ãbos se esperauão dajudar & coeles hũas largas rezões per escripto sobre a justiça que tinhão, & apos isto lhes foy dado hũ requerimẽto dos officiaes da camara de Cochim em nome de toda a cidade, em q̃ lhe requerião da parte de Deos & del rey que por nhũ modo lhe nã julgassem a gouernãça a Pero mazcarenhas, porque se lha dessem auião de despouoar a cidade, & irse pera os mouros, por não se atreuerem a saluar cõ os Christãos ficando ele por gouernador que era seu ĩmigo capital, alegãdo as rezões q̃ auia pera isso: pelo qual não se fiarião de nhũ juramento que fizesse. E visto este requerimento pelos juizes lhes forão dadas hũas rezões do védor da fazenda que dizião.

« Senhores se vossas merces quiserẽ verdadeyramente espicular a justiça que ho senhor gouernador Lopo vaz de sam payo tem pera lhe ficar a gouernança, acharão que lhe sobeja, & da mesma maneyra hão doulhar a que Pero mazcarenhas póde ter pera ser gouernador, acharã que he nhũa por muytas rezões, de que aqui darei algũas.

» A prĩcipal he ser ele muito odioso aos moradores desta cidade, pela injuria que diz que recebeo deles quãdo desembarcou contra meus reqrimentos, pelo q̃ está claro que seria muyto grãde deseruiço de deos & del rey, ficar ele na India como pessoa particular, quanto

mais cõ mãdo, & a fora ser muyto odioso por esta causa que tẽ de vingança, ho he tãbem por deseruir a el rey cõ ho mando que lhe dá, como vereis nessa inquirição que se tirou aquí contrele a requerimento do feytor de Malaca, em que se achou que fez muy graues erros, assi nas cousas da justiça, como nas da fazenda, & tambẽ offreço os autos que mandou fazer contra os officiaeis da camara desta cidade, contra quem ha de proceder despois que for gouernador. E Lopo vaz de sampayo os que tinha presos em Goa (& não ẽ ferros como lhe merecião) soltou os leuemẽte, por lhe dizerem q̃ era assesego da India, & pola ver pacifica se pos em ventura de perder ho que tinha certo, digouos que tem bem seruido el rey nosso senhor na justiça, & na fazenda olhay ho que fazeis.

» Tem tãbem Pero mazcarenhas determinado como for gouernador de tirar Antonio de miranda de capitão mór do mar, & a mim da capitania de Cochim: como se proua por essa carta assinada por ele.

» Tambem ha outra rezão muy euidente pera não ser gouernador Pero mazcarenhas, porque polo ser cometeo mui graues crimes perdoãdo cõtra forma das ordenações del Rey nosso senhor a algũs que tinhão mortas algũas pessoas & os recolheo a Cananor & deles traz cõsigo hũ Lucas leytão que matou aqui tres homẽs, & por seu mãdado está em posse de hũ nauio. Pero tauares q̃ matou sua sogra sobre dous seguros de dom Anrrique & hũ bombardeiro q̃ matou hũ homẽ, & os q̃ espancarão & ferirão em Cananor ho tabalião que lhe leuou ho requerimento dos officiaes da camara desta cidade. E por ser gouernador prometeo a muytos q̃ tinhão roubado & tomado muyto dinheiro a el Rey nosso senhor de lho quitar, assi como foy a Christouão de sousa que tẽ tomados a sua alteza perto de quĩze mil cruzados, deles do tempo do douter Pero nunez & deles do meu, & por saber que ho queria constranger a pagar este dinheiro se contrariou logo das cartas em que tr-

nha obedecido por gouernador a Lopo vaz de sam Payo & lhe desobedeceo por nã pagar este dinheiro, como não pagará sendo Pero mazcarenhas gouernador. & Lançarote de seixas da feytoria q̃ teue em Pegú deue muyto dinheiro a sua alteza & lho nã quer pagar por ser secretario de Pero mazcarenhas, nem menos pagará ho frete do nauio que leuou a Malaca carregado de sua fazẽda & deixou a del Rey: & Francisco mendez de vasconcelos q̃ deixou por capitão em Cananor tomou hũ nauio de mercadores nossos amigos que ya carregado de muyta fazenda & dinheiro, & tudo tẽ sonegado segũdo tenho polo liuro & assẽto do escriuão do mesmo nauio, & Manuel da gama que eu tenho preso por dous mil cruzados que deue a el Rey, que me começaua de pagar deixou de ho fazer, dizendo que como Pero mazcarenhas gouernasse que tudo se bẽ faria. Pois quẽ toma tais prĩcipios de gouernar a justiça, & daproueitar tambem a fazenda de sua alteza antes de ser gouernador, que fara despois q̃ ho for? Pelo que está notorio ser cousa muy perjudicial selo, & julgãdo vossas merces que ho seja, eu lhes encampo a fazenda del Rey nosso senhor que eu tenho nela tambem seruido, que recebeo passante de trezentos mil cruzados de proueito como darey por conta, & concertadas suas fortalezas & pagos mais de duzentos mil cruzados de soldo sem lhe bolir nos cofres das naos da carga como algũs fazem. E porque nã se pode fazer tãto seruiço sem se tomar conta aos q̃ roubão sua fazenda & sem poer verbas a outros q̃ ho deseruẽ per outros modos (que he dobrado seruiço) desejão os culpados nestes erros como leais vassalos que me va da India & buscarão pera isso este caminho de fazer gouernador a Pero mazcarenhas: q̃ se ho senhores julgardes por esse vos encampo a fazẽda de sua alteza, & protesto que seja satisfeyto pelas vossas, & quãdo não per vossas pessoas, & protesto por meus ordenados, & polas perdas que receber, posto que me não lembra se não el Rey nosso senhor, porque a ele se faz a guerra. »

Coestas rezões estauão outras de Pero de faria capitão de Goa fũdadas sobre a mesma materia, & assi hũ requerimento do licenciado Ioão de soiro ouuidor geral da India, em q̃ requeria o que por estas rezões vay relatado. E toda a noyte do dia em que os juyzes começarão destar em despacho quãtos moradores auia em Cochim andarão descalços em procissam cõ suas molheres & filhos, pedindo a nosso senhor que spiritasse nos juyzes que não julgassem a gouernança a Pero mazcarenhas polo medo q̃ auiã de se vingar deles & cõ grandes brados pedião misericordia: o que foy muyto piedosa cousa de ver.

CAPITVLO LI.

De como foy dada a sentença q̃ Lopo vaz de sam Payo gouernasse a India.

E visto pelos juyzes tudo o que se alegaua por ambas as partes, fez cada hũ hũ escripto de seu parecer que assinou & ho deu ao secretario que os leo peranteles, & despois de se achar que Lopo vaz de sam Payo tinha mais votos, & que a ele pertencia a gouernança julgarão que fosse gouernador, & ho secretario escreueo a sẽtença que dizia.

« Vistos por os juyzes estes autos, & o que por eles se mostra, & vistos nossos assinados em q̃ cada hũ declarou sua tenção: julgamos por nossa difinitiua sentença que Lopo vaz de sam Payo gouerne, & seja gouernador nestas partes da India, & Pero mazcarenhas se va em bora pera ho reyno de Portugal, & lhe sera dada embarcação segũdo a qualidade de sua pessoa: & quanto aos ordenados dos sobreditos fiq̃ pera el Rey nosso senhor ho julgar como lhe bem parecer, & assi todo ho mais que cada hũ deles quiser requerer no reyno. »

E assinada pelos juyzes, logo no mesmo dia q̃ forão vinte hũ de Dezembro ao sol posto Antonio de miranda, Dom Ioão deça, Bras da silua dazeuedo, & Tris-

tão de gá se forão em hũ bargantim á nao em que estaua Pero mazcarenhas: & dos de sua valia forã muytos apos eles cuydando que a sentença se dera por ele. E entrados dentro ho secretario lha pubricou perante todos: & ele a ouuio com rosto muy seguro, mostrando grande coração. o que seus amigos não fizerão, q̃ todos ficarão muyto tristes. E ele ficou naq̃la nao ate lhe ser dada embarcação. E os juyzes forão pubricar a sentença a Lopo vaz de sam payo, q̃ a recebeo com muyto prazer, & deu muytos agardecimentos aos juyzes: & pedio muyto perdão a Antonio de miranda do q̃ passara coele. E com quanto a sentença foy dada por Lopo vaz, despois se deu em Portugal cõtrele: & q̃ pagasse a Pero mazcarenhas ho ordenado q̃ leuara de gouernador cõ todos os proes & percalços. E por ser quasi noite não se foy ho gouernador a terra & ficou no mar: õde & na terra ouue muytas folias & prazeres & grãde strõdo dartelheria q̃ desparaua: o q̃ daua grãde tormẽto aos da outra parte: porq̃ lhes parecia q̃ se ficassẽ na India q̃ o gouernador lhes auia de fazer mal. E porque a ele lhe pareceo q̃ terião esta sospeita os quis segurar, & ao outro dia antes que desembarcasse correo toda a frota em hũ catur, & a todos em geral fez esta fala. Pois nosso senhor Deos foy seruido de me restituyr na gouernança da India, peçouos senhores que todos vos alegreis comigo, & creais que ficando eu por gouernador, vos fica a todos hũ amigo pera vos fauorecer na India, & com el Rey meu senhor representandolhe vossos seruiços & pedirlhe que vos faça merce: porque vos dou minha fé que vos tenho em muyto boa cõta aos que fostes da parte de Pero mazcarenhas em prosseguirdes cõ tanto esforço o que vos parecia que era rezão, porq̃ ho mesmo fizereis por mim se foreis da minha parte, & por isso vos não ey de ter má vontade, & vos prometo que me não lembre mais ho passado: & vos peço q̃ façais outro tãto, & q̃ sejamos muyto amigos, & siruamos todos el rey muyto bem, & vamos descansar q̃ he

tempo. O que lhe todos teuerão muyto em mèrce & fôrãse coele pera terra, õde foy recebido cum solẽne procissam, & debaixo de hũ palio foy leuado á See, & despois douuir missa á fortaleza em q̃ auia de pousar, & ali tornou a fazer muytos offrecimentos aos fidalgos que lhe forão contrairos com que se segurarão pera ficar na India.

CAPITOLO LII.

Do que ho gouernador fez despois de ser restituido em sua posse.

Restituido Lopo vaz de sam Payo na gouernãça, quisera logo aperceberse pera ir buscar os rumes, q̃ bem sabia ho seu desbarato & a morte de çaleimão raix & foylhe conselhado que não fosse porque por nhũ modo lhe conuinha ir fora da India, assi porque os da valia de Pero mazcarenhas não estauão de todo assessegados, & ficando ele na India despois da partida do gouernador aueria outra reuolta como dãtes, porque nhũ auia de querer ir ao estreito: & tambẽ el rey de Calicut tinha feyta grande armada, & vendo ho gouernador fora da India faria nela muyto dãno, & abastaua q̃ ho capitão mór do mar fosse ao estreito ás presas & lá saberia a certeza do q̃ era feyto dos rumes, & não vindo gouernador no anno seguinte então os iria ho gouernador buscar tãbẽ apercebido que podesse pelejar coeles. E isto determinado, despachou ho gouernador ho capitão mór do mar cõ hũa armada de noue velas. s. seys galeões de que a fora ele que ya em sam Dinis forão por capitães Fernão rodriguez barba de sã Rafael, Antonio da silua dos Reys magos, Ruy vaz pereyra de sã Luys, Anrrique de macedo do çamorim grãde, & Lopo de mezquita do peq̃no, & Frãcisco de vascõcelos de hũa galeota, & Ruy pereyra de hũa galé bastarda, & hũa galeota & cĩco bargãtĩs: & coesta frota em q̃ irião mil homẽs se partio em Ianeiro, & xii. dias despois de sua

partida mãdou o gouernador a Simão de melo seu sobrinho a fazer presas ás ilhas de Maldiua, & leuou hũ nauio de gauea & hũa carauela. E neste tempo forão acabadas de carregar as quatro naos que auião dir pera Portugal & se partirão, & foy em hũa delas Pero mazcarenhas ẽtregue preso a Antonio de brito, & por amor dele se forão muytos fidalgos pera Portugal & assi outras pessoas. E primeyro que esta frota partisse mãdou ele citar ho gouernador perãte el rey ou perante os desembargadores da sua relação pola gouernãça da India, & por ho ciuel & crime que sobre aq̃le caso esperaua dalcançar contrele: & mais lhe escreueo como os Castelhanos ficauão em Maluco na ilha de Tidore como disse atras pera que socorresse a dom Iorge de meneses que lá estaua por capitão. E partida esta frota chegou a Portugal a saluamento: & Pero mazcarenhas foy bem recebido del rey: que não ouue por seu seruiço o que lhe fora feyto. E despois de Lopo vaz de sam Payo ser em Portugal ouue sentença contrele que lhe pagasse todo ho ordenado que ouuera dauer com a gouernança.

CAPITVLO LIII.

De como dom Garcia anrriquez entregou a fortaleza de Maluco a dom Iorge de meneses.

Dom Iorge de meneses q̃ inuernou nas ilhas dos Papuas como disse atras despois que ventarão os leuantes partiose pera Maluco & chegou á ilha de Ternate em Mayo de mil & quinhẽtos & vinte sete, onde soube em chegando a guerra q̃ os Portugueses tinhão com os Castelhanos, Tidores & Geilolos: do que lhe pesou por a pouca gẽte q̃ leuaua & essa quasi toda doente que a outra lhe morreo nas ilhas onde inuernou. E tendo ja esta certeza despois de chegado, deixando os dous nauios a recado se foy nos bateys aa fortaleza, donde sabendo dom Garcia sua ida ho sayo a receber muyto ledo, porque se

poderia tirar da grande obrigação em que estaua com a guerra por amor do pouco apercebimento que tinha parela, & logo lhe entregou a fortaleza assi como lha Antonio de brito entregara, que foy da maneyra que disse no liuro sexto. E dom Iorge lhe deu disso hũ conhecimento feyto per hũ tabalião pubrico: & logo q̃ dõ Iorge chegou Martim hinheguez o capitão dos Castelhanos que estaua em Tidore ho mandou visitar dandolhe a boa hora de sua vinda, & offrecendolhe paz & amizade: cõ queixume de dõ Garcia que nunca a quisera coele, antes lhe metera a sua nao no fundo, & lhe matara hũ homẽ & ferira tres: o q̃ dom Iorge lhe agardeceo offrecẽdoselhe tambem por amigo, & disculpando dom Garcia que ho quisera ser seu, mas que ele fora o que não quisera nem irse parele como lhe mandara pedir, & quisera antes estar antre os mouros seus immigos, pedindolhe que pois queria sua amizade q̃ ho mostrasse ẽ se ir pera a fortaleza, onde lhe daria apousentamento de que fosse contente. E por Martim hinheguez não responder a isto lhe mandou dom Iorge hũ requerimẽto aos quatro dias de Iunho em q̃ lhe requeria cõ ho alcayde mór da fortaleza, feytor & outros officiaes que se fosse logo daquela terra & de todas as ilhas de Maluco, & não comprasse nhũ crauo. E ho mesmo requerimento lhe fez Martim hinheguez: & despois de muytos requerimentos de parte a parte fizerão tregoas, ate verem recado da India ou Despanha do que mandaua ho gouernador q̃ fizesse dõ Iorge. E como as tregoas forão assentadas ouue muyta amizade, prestãça & conuersação antre os Portugueses & Castelhanos, & dauãse dadiuas hũs aos outros principalmẽte os capitães. E sempre Martim hinheguez se fora pera a nossa fortaleza se ho não estoruarão el rey de Geilolo & Cachil daroes: el rey de Geilolo porque os Tidores teuessẽ necessidade de sua ajuda, & Cachil daroes porque os Portugueses a teuessem da sua.

CAPITVLO LIIII.

Do que dõ Iorge quisera fazer acerca do crauo & não pode.

Despois disto tirou dom Iorge a alcaydaria mór da fortaleza a Manuel falcão que a tinha por lho mandar assi Pero mazcarenhas, porq̃ lhe leuara dous homiziados de Malaca. E tirada esta alcaydaria deu a a hũ Simão de vera, & porque Manuel falcão não se escandalizasse de lhe tirar a alcaydaria, & ele & outros não cuydassem q̃ ho fazia sem causa mostroulhe ho mandado de Pero mazcarenhas. E com tudo Manuel falcão não se ouue por satisfeyto & ficou imigo de dõ Iorge posto que ho dissimulaua. Tambẽ dom Iorge quis vsar de hũ regimẽto que Afonso mexia védor da fazẽda da India mãdara a Maluco, em que mandaua que ho feytor de Maluco comprasse quanto crauo ouuesse nas ilhas, & carregasse ho mais q̃ podesse pera el Rey & ho mãdasse á India, & o que sobejasse ho vendesse aos moradores da fortaleza cõ ganhar ho mais que podesse, & daq̃le dinheiro se pagasse ho ordenado do capitão & dos outros officiaes, & se pagasse ho soldo & mantimento da gente darmas pera el Rey poder sofrer os grandes gastos daquela fortaleza: & cõ tudo que se tomasse ho crauo sem escandalo dos mouros & Portugueses q̃ estauão na terra. E dom Iorge mandou apregoar este regimento, & que se goardasse. E vẽdo os Portugueses quanto proueito lhes tirauão, & que desta maneyra poderia el Rey saber ho muyto q̃ ganhaua ẽ auer ho crauo á sua mão & ho muyto que perdia em ho não auer, & que nunca ho mais alargaria, no que ficauão perdidos, porq̃ nã ficauão mais q̃ cõ ho soldo & mãtimento que nunca lhes pagauão: determinarão de não consentir que aquilo fosse auante, & confederarãse com Cachil daroes que ho estoruasse. E ele, q̃ muyto folgaua de os Portugueses sempre terem necessidade de sua ajuda assi ho fez, dizẽdo que pois

os mouros não podião vender seu crauo a quē quisessem, que assi não vēderião seus mātimentos na fortaleza, & mandou q̃ os não vendessem dali por diante: & começou ho escandalo de crecer em tanta maneyra que a dō Iorge lhe foy necessario dissimular, porque ho nã pode defender. E assi perdeo el rey tamanho proueito como este fora de sua fazēda, & que foy a causa de fazer ali aquela fortaleza, & que sem ter ho crauo lhe não seruia de mais que de gastar dinheiro debalde, & comprar ho crauo ho tres dobro mais caro do que ho compraua na India antes que a fizesse, porque os mercadores lho leuauão a Malaca ou á India, sem mandar por ele a Maluco cō tamanho gasto como fazia a fortaleza que lá estaua, & as armadas que yão por ele, em que a fora ho dinheiro que se gastaua se auenturauão Portugueses q̃ cada dia se perdião no mar, & morrião na terra.

CAPITVLO LV.

Do que passou dom Iorge de meneses cō dō Garcia anrriquez sobre mandar a Malaca pela via de Borneo.

Quando dō Iorge partio de Malaca pera Maluco, mādoulhe Pero mazcarenhas que lhe mādasse recado pela via de Borneo como achara Maluco & como fioaua, & q̃ requeresse a dom Garcia q̃ fosse por este caminho de Borneo, porq̃ como era muyto mais breue q̃ ho de Banda, & podia a fortaleza ser por ali socorrida em menos tempo que pola via de Banda, desejaua Pero mazcarenhas que fosse bem sabido dos Portugueses pera q̃ nauegassem por ali, assi pera serē conhecidos dos reys & senhores daquelas ilhas, & tratarem coeles por ter enformação que auia nelas ouro, como por os Castelhanos fazerē por ali seu caminho, & os podião hi esperar & lhes tolherião que não fossem a Maluco: & tambem por se euitarē brigas que sempre recrecião antre os capitães que inuernauão em Bāda. Este regimento mostrou

dom Iorge a dõ Garcia, & requereolhe da parte de Pero mazcarenhas, q̃ se partisse pera Malaca no nauio ẽ que ele dom Iorge fora, & que fosse pola via de Borneo. E coeste requerimento ficou dom Garcia muyto salteado, porque recebia grãde perda não indo por Banda, ondesperaua dir ter hũ jũgo que ho anno passado mãdara a Malaca carregado de crauo seu & de partes, & auia de tornar a Bãda com roupa pera ho leuar carregado de noz & maça, & dizendo a dom Iorge que ele lhe responderia, ouue conselho cõ algũs seus amigos que erão aqueles que tinhão mandado ho crauo com ho seu, & esperauão de fazerẽ suas fazẽdas em Banda como ele esperaua de fazer a sua, & por isso lhe cõselharão que per nhũ modo deixasse dir por Banda. E acordarão todos o q̃ dissesse a dõ Iorge pera não ir por Borneo: & isto acordado, respõdeo dõ Garcia ao requerimento de dõ Iorge. Que ele fora de muyto boa vontade pola via de Borneo por seruir el Rey, mas que sabia q̃ não auia de poder ir, porque cometera por hi ho caminho em tempo Dantonio de brito, leuando muyto bõs pilotos: & despois de andar perdido por aquelas ilhas cõ muyto grãde trabalho arribara a Maluco: & auendo dõ Iorge a dõ Garcia por escusado de ir, determinaua de mãdar outrẽ por aquele caminho: o q̃ visto por dom Garcia, & que se fosse outrem ficaua ele em muyta culpa por não ir, determinou destoruar a ida, & disse a dõ Iorge que lhe parecia muyto escusado mandar aq̃le nauio, porque a fora descobrir aq̃la nauegação pela via de Borneo, a principal causa de ho mãdar era mãdar pedir socorro q̃ ele ja tinha mãdado pedir por Manuel lobo: & quando aquele nauio chegasse a Malaca ja lá auia de ser sabido ho seu recado, & quando vissem que sobre tão apertado da guerra dos Castelhanos como ele mandaua dizer q̃ estaua, & tão necessitado de gente & munições pera a guerra, & que sobrisso ya aquele nauio pareceria q̃ ho primeyro recado fora zombaria, & que não auia necessidade de gente nẽ de munições, porque se a ouuera

não se podera mandar aquele nauio: & a fora isso os q̃ fossem nele auião de dizer como a nao dos Castelhanos se fora ao fundo, & que os Castelhanos erão menos, & as tregoas que tinhão assentadas; o que tudo seria causa de lhe não mãdarẽ ho socorro que esperaua, ou se lho mandassem não seria tão bõ como fora nã indo ho nauio, pelo que ho não deuia de mandar, mas deixalo estar & mandar concertar outro que estaua varado, & despois de aparelhado lho desse, porque ele iria nele esperar os Castelhanos ao caminho, & impidirlhes que não mandassem pedir socorro á noua espanha como se dizia que querião mãdar pedir: & por fazer seruiço a el Rey queria leuar cem bahares de crauo que tinha de partes, & os venderia ao feytor pera el Rey. E porque logo dõ Iorge não quis conceder isto, lhe fez hum requerimento em que fazia grãdes protestações que sobreuindo algũa perda a el Rey por ele dõ Iorge não querer fazer o que lhe requeria carregasse tudo sobrele. E este requerimento foy pubricado a dom Iorge aos quinze dias de Iunho, que parecendolhe boas as rezões de dom Garcia, respõdeo que queria fazer o q̃ lhe requeria: & porem q̃ se disso a fortaleza, ou os Portugueses recebessem algũ dãno ou perda que carregasse sobrele dom Garcia, & assi cessou de mandar ho nauio. E porẽ dõ Garcia ficou muyto descontẽte de dõ Iorge por assi apertar coele q̃ fosse pela via de Borneo, & arrepẽdeose de lhe dar cem báres de crauo de q̃ lhe tinha dada palaura de lhos mãdar dar ẽ Malaca: & a causa foy que pedindolhos dõ Iorge emprestados respondeo ele que aueria seu conselho. E dando cõta disso a seus amigos q̃ esperauão de se ir coele, conselharanlhe q̃ lhe desse de graça os cẽ bahares de crauo, & que não quisesse dele outra paga se não hum nauio em que se fosse, & licença pera se irẽ coele ate vinte homẽs de sua obrigação. E dõ Garcia ho fez assi fazendo hũa doação a dom Iorge dos cẽ bares de crauo, & hũa procuração pera os mandar arrecadar em Malaca, & dom Iorge lhe prome-

teo ho nauio & mais a licença pera os homẽs, & quãdo dõ Garcia vio que apertara tãto coele q̃ fosse pela via de Borneo, sentioho tãto q̃ desconfiou de dom Iorge comprir ho que lhe prometera, & começou de ter má sospeita dele.

CAPITVLO LVI.

De como dom Iorge de meneses mãdou recado ao capitã de Malaca pola via de Borneo.

Posto que dõ Iorge por amor do req̃rimento de dõ Garcia, desistio de mãdar ho nauio que disse, tinha tã assentado de mandar a Malaca pela via de Borneo pera se saber bẽ aquela nauegação, que determinou de mãdar hũa coracora, por ser nauio de que auia na terra grande abastãça, & não auia de fazer mingoa na fortaleza. E porq̃ a viajẽ lhe importaua muyto, não a confiou doutrẽ se não dũ Vasco lourenço, q̃ afora ser muyto esforçado & sesudo era seu tio, pelo que tinha nele muyta confiança: & deulhe pera sua cõpanhia hũ Dioge cão, & outro chamado Gõçalo veloso, & outros dous & por piloto hũ Castelhano, & hũ Malayo que forão coele de Malaca, & tinhão algũ conhecimento daquele caminho. E pedido a Cachil daroes a melhor coracora das que tinha os mãdou nela, & deu a Vasco lourenço cartas pera ho capitã de Malaca, screuendolhe a guerra em que ficaua & a necessidade q̃ tinha, pedindolhe muyto q̃ ho socorresse, & que lhe mandasse hũ maço de cartas ao gouernador da India, & tãbẽ lhe deu roupa & outras peças boas pera dar a el rey de Borneo, & assi outros reys, & dõ Garcia, & Cachil daroes tambẽ derão secretamẽte cartas a Diogo cão, q̃ screuião ao gouernador da India contra dom Iorge, & ele as tomou por dõ Iorge ho mãdar contra sua vontade, & mandaua tãbẽ dõ Garcia hũa renunciação da doação, & procuração, que tinha dadas a dõ Iorge dos cẽ bares de crauo, q̃ dõ Iorge mãdaua arrecadar em Malaca por Vasco lourenço:

que partido de Ternate foy surgir na cidade de Borneo, leuãdo no caminho muyto trabalho, & hi achou hũ caualeiro chamado Afonso pirez que ya pera Maluco por capitão dum jungo, a q̃ deu conta de como ficaua dom Iorge, & este Afonso pirez era muyto conhecido del rey de Borneo, & por isso foy com Vasco lourenço quando lhe foy falar que lhe deu ho recado de dom Iorge, como mãdaua por aquele caminho a Malaca, pera a amizade q̃ tinha coele fosse em crecimento, & os Portugueses conuersassem, & teuessẽ trato em sua terra, & coeste recado lhe deu de presente hũ pano darmar deras muyto rico, em que estaua afigurado ho casamento del rey Dingraterra cõ a tia do Emperador, & el rey tirado pelo natural cõ suas vestiduras reays. E quando el rey de Borneo vio aquelas figuras, preguntou que querião dizer, & Vasco lourenço lho disse. E sabẽdo el rey que aquele que tinha a coroa era rey coroado, sospeitou que os Portugueses com engano lhe querião meter aquele pano em casa, pera q̃ de noyte por feytiçaria aquela figura de rey se tornasse homẽ, & assi as outras figuras q̃ estauão coele, & ho auia com ajuda deles de matar ou prender & tomarlhe ho reyno, pelo que ficou muy toruado, & disse a Vasco lourẽço que lhe tirasse logo ho pano de diante, que não queria que em seu reyno ouuesse outro rey se não ele, & que se fosse logo com os outros Portugueses se não que os castigaria como a homẽs q̃ lhe querião fazer treiçã. E ele & os outros se virão em perigo, se não fora por Afonso pirez & algũs mouros mercadores que os disculparão dizendo a verdade a el rey & ho abrandarão muyto da furia que tinha, & porem não quis ho pano nem que ficasse na terra. E detẽdose aqui Vasco lourenço, determinou Afonso pirez de não ir a Maluco & tornarse a Malaca, ou por se deter aqui mais tempo do que ouuera de ser, ou por amor da guerra q̃ auia em Maluco com que não podia fazer fazẽda, & sabendo Vasco lourẽço como se tornaua foyse coele por ir em melhor embarcação que na

coracora q̃ dali se tornou pera Maluco õde chegou cõ muyto perigo, & ho capitão cõtou a dõ Iorge o que passara.

C A P I T V L O LVII.

De como dõ Iorge de meneses mandou prẽder dõ Garcia anrriquez.

No tempo que esta cora cora chegou começaua el rey de Geilolo de fazer guerra a dõ Iorge porque não ẽtraua nas tregoas dantre el rey de Tidore, & fazia algũas corridas por mar a Ternate, & Cachil daroes as fazia tambẽ a Geilolo, & faziãse algũ dãno de parte a parte. E estãdo assi a cousa, faleceo Martĩ hinheguez capitão dos Castelhanos, & eles fizerão outro q̃ se chamaua Fernão dela torre. E sabido por dõ Iorge mandou ho visitar, & pregũtarlhe se queria goardar as tregoas que estauão assentadas antrele & Martim hinheguez: & Fernão dela torre não quis, & tornouse a guerra a renouar. E porque Fernão dela torre não tinha nhũa vela de remo se não as da terra mãdou fazer hũa galeota pera que pelejasse nela cõ os Portugueses: & como dõ Iorge ho soube mandou fazer outra com muyta pressa, pera o que mandou apenar quantos carpinteiros & calafates auia na terra, posto que andassem ẽ outras obras: pera o que mandou tomar muytos que fazião hũ jũgo de dom Garcia, porque importaua muyto acabarse a galeota cedo, por ele não ter outro nauio de remo em que pelejasse com a galeota q̃ fazião os Castelhanos. E vendo hũ clerigo chamado Fernão vaz tomar os carpinteiros que trabalhauão no jungo, assi por ter parte nele como por ser amigo de dõ Garcia se foy logo a sua casa, dizẽdo que pesar de tal como lhe auia dom Iorge de tirar os officiaeis da sua obra, & que ho não fazia se não polo não ter em conta, & coisto outras palauras de padre mais caualeiro, q̃ religioso, cõ q̃ ho prouocou a ter menencoria de lhe dom Iorge tomar os carpinteiros, sem

lhe lembrar q̃ era pera seruiço del rey, & coesta furia se foy á ribeira, onde dom Iorge andaua fazendo trabalhar na galeota, & se lhe queixou do q̃ tinha feyto, & dõ Iorge respondeo q̃ não se podia fazer menos, por cõprir assi a seruiço del rey. E por dõ Garcia insistir que lhos não ouuera de tomar, & dõ Iorge querer soster q̃ fizera bẽ, vierão a taeis palauras, que dõ Iorge chamou sandeu a dõ Garcia, & q̃ ho castigaria muy bem, & dõ Garcia lhe disse que disistisse da capitania, & q̃ lhe faria conhecer q̃ era melhor fidalgo & caualeiro que ele, & nisto apunhou da espada, & passarão outras palauras mais feas, & acodindo gente de hũa parte & doutra, se foy dõ Garcia pera sua pousada acõpanhado desses q̃ erão de sua valia, que lhe louuauão muyto ho q̃ dissera a dom Iorge, & os q̃ ficarão cõ dom Iorge, lhe disserão q̃ não deuia de passar por tamanha desobediencia, & q̃ deuia logo de prẽder dõ Garcia, & ho que mais atiçaua isto era Manuel falcã, por q̃rer grande mal a ambos, & desejar de os ver em discordia: & agarrochado dõ Iorge destes conselhos, mãdou a Thomas nunez dafonseca seu ouuidor, que fosse tomar a menajẽ a dõ Garcia & ho trouuesse preso a fortaleza, ao q̃ os que estauão coele que erão muytos acodirão, dizẽdo a dom Garcia q̃ não era bẽ deixarse prender, & que eles ho ajudarião, & dõ Garcia não quis dar a menajem ao ouuidor, & disselhe que nã tinha alçada sobrele nẽ el rey lha daua, que tirasse deuassa dele, & a mãdasse ao gouernador da India: & sabendo isto dom Iorge, mandou repicar ho sino da fortaleza, a que se jũtou a gente, & dõ Iorge lhe disse como dõ Garcia lhe desobedecia, pelo q̃ determinaua de ho prender, & todos disserão que fizesse ho que lhe bẽ parecesse, & que eles ho ajudarião como a capitã del rey de Portugal: & logo dõ Iorge mandou a Simão de vera alcaide mór, que cõ hũ scriuão da feytoria fosse tomar a menajem a dõ Garcia da sua parte, que se fosse pera a fortaleza preso & disesse aos q̃ estauão com dõ Garcia que se fossem parele

ãtes q̃ fosse lá, & quando chegou a sua casa, achou que se ajũtauão muytos coele, hũs por terem seu crauo feyto & se q̃rerem ir coele, outros porq̃ tambem se querião ir, por amor da guerra q̃ estaua trauada de que se enfadauã, & quãdo estes ouuirão ho que lhes dom Iorge mandaua dizer de sua ida lá, disserão que fosse embora, q̃ eles ho iriã receber ao caminho cõ lançadas, & este atreuimẽto tinhã por saberẽ que passarã sem castigo aqueles que fauorecerã & ajudarã Antonio de brito não sendo capitão, contra dõ Garcia que ho era, & dõ Garcia respondeo ao alcaide mór ho que respondera dantes ao ouuidor, ho que os de sua valia lhe louuarão muyto, & era ho aluoroço muyto grande neles, o q̃ sabido por dom Iorge mandou apõtar algũas peças dartelharia nas casas de dom Garcia pera as derribar, mas primeyro tornou a mandar lá ho alcayde mór com ho mesmo recado que dantes, & coele hũ Tristão vieira: a q̃ rogou por ser amigo de dom Garcia que lhe conselhasse que se fosse pera a fortaleza. E ele ho fez assi, pregũtandolhe primeyro se determinaua de se defender de dõ Iorge. Ao que dom Garcia respondeo, que como se auia de defender sendo ele capitão del Rey de Portugal: & então lhe disserão Tristão vieira & ho alcayde mór, que pois assi era q̃ lhe pedião que fizesse o que dõ Iorge mandaua: o que os q̃ ali estauão lhe contrariarão, & ele disse q̃ não era tempo, porque se ho fizesse daria causa a auer muytos mortos & feridos, pelo que os Castelhanos ficarião senhores da terra. E dizẽdo isto foyse só á fortaleza pera ver se podia apacificar dom Iorge, a q̃ disse. Ex me aqui que me quereis, q̃ me quereis: & ele lhe pedio a menagem que dom Garcia lhe deu despois de muytos debates porq̃ lha nã queria dar. E tomada pelo ouuidor & feyto disso hũ auto, ho mandou pera hũas casas em q̃ Antonio de brito pousara, & mãdou logo tirar deuassa dele.

CAPITVLO LVIII.

De como dom Iorge soltou dom Garcia & tornarão a ser amigos.

Tanto que dom Garcia foy preso, como Cachil daroes era grãde seu amigo, trabalhou muyto com dom Iorge q̃ ho soltasse dandolhe pera isso muytas rezões, mas dom Iorge nunca quis, dizendo que ho auia de ter preso, & que assi ho auia de mãdar ao gouernador da India pelo que Cachil daroes ficou muy desgostoso de dom Iorge, & se lhe acrecentou ho odio que lhe começaua de ter polo não ter tanto de sua mão como cuydaua que ho teuesse. E tambem Baltesar rodriguez feytor & outros homẽs hõrrados trabalhauão com dom Iorge q̃ soltasse dom Garcia, & que se lembrasse que era hũ bõ fidalgo, & q̃ fora capitão daquela fortaleza, & ho recebera cõ muyta festa & prazer, & lhe fizera muytos offrecimentos: mas todauia dom Iorge ho não quis soltar, dizendo que ele escreueria a el Rey porque ho tinha preso. E com toda esta briga mandou neste tempo Cachil daroes com algũs Portugueses correr per mar a Geilolo, & queimarão hũ lugar & sem receberẽ dãno se tornarão pera Ternate: & auẽdo dezoyto dias que dom Garcia estaua preso, & sabendo que dõ Iorge ho não queria soltar, & dizia que ho auia de mandar preso ao gouernador agastouse muyto, & teue conselho com os de sua valia sobre o q̃ faria: & eles lhe conselharão que deuia de requerer a dom Iorge q̃ ho soltasse que ja deuia destar satisfeyto dalgũa paixão que dele teuera, & quando ho não quisesse soltar lhe mandasse dizer que ho prendesse em ferros, porque ou auia de ser bem preso ou bem solto: & se ho não quisesse prender em ferros que auia a menagem por aleuantada, & se auia dir pera sua casa & fazer o que lhe bẽ viesse. E dom Iorge por ho seu caso não ser pera ho prender em ferros não ho auia

de prender, & por se não soltar per si sem sua licença ho auia de soltar: porem aconteceo doutra maneyra, porq̃ ouuindo do Iorge ho recado de dom Garcia que lhe leuou ho alcayde mór, lhe mandou dizer polo feytor que ho nã auia de soltar, & que lhe pedia que quisesse antes estar sobre sua menagem que em ferros. E não querendo dõ Garcia, aconselharão a dom Iorge que pois assi queria que ho prẽdesse em ferros, & ele se foy ás casas onde dõ Garcia estaua, & dahi ho leuou aa fortaleza & com hũs grilhões ho mandou meter na torre da menagẽ ondesteue oyto dias. O que vendo os de sua valia que serião de corẽta ate cincoẽta homẽs, determinarão de ho tirar da fortaleza, dando disso conta a Cachil daroes pera que os fauorecesse como fauorecia: mas eles não poderão por na fortaleza auer grande goarda & vigia de noyte & de dia. E vẽdo que não podião fazer o q̃ desejauão, determinarão de se ir pera hũ lugar forte donde mandassem requerer a dom Iorge que soltasse dom Garcia, & quando não quisesse q̃ se fossem pera os Castelhanos, & que os prouocarião a fazerem guerra a dom Iorge, dizẽdolhes quão pouco poder tinha pera se defender, & primeyro q̃ ho posessem por obra usarão de manha, descobrĩdo ho a Fernão baldaya escriuão da feytoria, porque como era amigo de dõ Iorge lho diria logo: & dom Iorge por se eles não irem pera os Castelhanos soltaria dõ Garcia. E isto foy discuberto a Fernão baldaya por hũ Castelhano desta liga q̃ auia nome Frãcisco do souto que era seu amigo, & porque sabia q̃ ho era de dom Iorge lhe descobria aquele negocio. E sabido isto por dom Iorge quisera logo prẽder os principais daquela conjuração, & assi ho disse a Fernão baldaya & a Simão de vera alcayde mór, a que pesou disso por serem seus amigos & naturais do porto dõde eles erão & por isso disserão a dom Iorge que lhe auia de ser muyto trabalhoso goardar tantos homẽs quatro ou cinco meses q̃ auia dali aa moução de Malaca, & que temia que lhe fugissem, & que estes auião de soltar dõ

Garcia despois que esteuessem presos, & soltos poderião fazer hũ mao recado: que ho melhor seria soltar dõ Garcia & tirarse de perigos, & mais não sendo a causa de sua prisam tão obrigatoria: & sobristo lhe derão outras muytas rezões pera ho soltar que a dõ Iorge parecerão bem. E cõ outros pareceres como estes, mandou soltar dom Garcia com condição que não fosse cõtrele & ho ajudasse cõtra os Castelhanos & que ele romperia a deuassa que tinha tirada dele: & tudo isto lhe prometeo dom Garcia, & lhe deu sua fé de ho fazer assi, & despois forão grãdes amigos & se conuersauão como que nũca ouuera antreles nhũa discordia.

CAPITVLO LIX.

De como os da parte de dõ Garcia trabalhauão por auer imizade antrele & dõ Iorge.

Desta amizade & conuersação de dõ Iorge & dõ Garcia pesaua muyto aos de sua valia, porque como erão os mais que estauão na fortaleza & os mais luzidos dela, & vião a grande necessidade que dõ Iorge tinha de gente por amor da guerra temiãse de dom Iorge não querer q̃ se fossem, & dauão por muyto certo dom Garcia não lhos pedir se continuasse coele a amizade q̃ começauão, que bẽ vião que não era rezão que dom Garcia os pedisse em tal tempo, mas ho desejo de irẽ lograr a fazenda que tinhão, & ho interesse do que ganhauão em se ir não lhes deixaua vsar do que entẽdião. E como vião que pera se irem não auia melhor remedio que discordia antre dom Iorge & dom Garcia trabalhauão quãto podião pola semear, & dizião aos amigos de dõ Iorge que não se deuia de fiar tanto de dõ Garcia que não era tamanho seu amigo como lhe daua a entender, & tudo erão dissimulações ate auer licença pera leuar os que queria, & quãdo lha não desse que os auia de leuar por força, & a dom Garcia dizião que visse bem

como se confiaua em dom Iorge què não era seu amigo como mostraua, nẽ auia de comprir coele de lhe dar ho nauio pera se ir, nem a licença pera os homẽs como lhe prometera, & que se auia descusar cõ a guerra que tinha: porem q̃ a verdade era pera se vingar deles porq̃ forão da sua parte, por isso que tomasse coele concrusam naquele negocio, & não esperasse pola partida quando não teuesse tempo pera fazer nada: & tantas vezes disserão isto a dõ Garcia que quasi ho creo, & por isso estando hũ dia com dõ Iorge á porta da fortaleza lhe pedio que lhe acabasse de dar ho nauio que lhe prometera pera se ir, & licença pera os que forão em ajuda de sua soltura: ao que dõ Iorge respondeo que ainda era muyto cedo pera falar naq̃le negocio, que quando fosse tempo ele seria seruido como mãdasse. Do q̃ dom Garcia foy cõtente, & falou em outra cousa, do q̃ os de sua valia ficarão muy descontentes, porque lhes pareceo que dom Iorge dizia aquilo por tẽporizar, & assi ho disserão a dom Garcia, & que não se mostrasse tão froxo naquele caso, nem quisesse estar aa disposição de dom Iorge, nem se lhe acanhasse como mostrara quando lhe falara, q̃ se quisesse andar acompanhado que eles ho acompanharião: porque vendo ho dom Iorge andar acompanhado ho temeria & faria quanto quisesse. O que a dom Garcia pareceo bem, & dali por diãte andou acompanhado & todos cõ suas espadas: & como dõ Iorge era seu amigo não atẽtaua naquilo, nẽ em muytas sobranҫarias que lhe fazião os de dom Garcia, a q̃ aquilo pareceo muyto mal, & parecialhes que dom Iorge dissimulaua, pera quando fosse ao tempo da partida os não deixar ir. & vingarse deles despois de ido dom Garcia, & por isso assentarão de os não deixarem estar em paz, & semearem antreles tal discordia que nunca esteuessẽ bem, porque doutra maneyra não se poderião ir daq̃la terra, & dizião a dom Iorge que dom Garcia daua muytos auisos aos Castelhanos & aos mouros de quãto se ordenaua na fortaleza contreles, & trabalhaua quanto po-

dia, porque os de Ternate lhe teuessem odio, & lhe fizessẽ guerra: & pera os prouocar a isso lhes mandaua deitar peçonha nos poços de que bibião, & mãdaua de noyte aos de sua valia que lhes entrassem nas casas & lhes dormissem com as molheres & com as filhas, & como sabião a lingoa da terra diziãlhe por ela que dom Iorge lho mandaua fazer. E porque isto assi passaua, & os de dom Garcia ho fazião, vianse os mouros tão perseguidos que muytos se yão da cidade a morar a outra parte: & dizião mais a dom Iorge que nhũa cousa dõ Garcia desejaua tanto como matalo, & destruylo quando ho não podesse matar: & pera mais auerigoarem suas mẽtiras & falsos testemunhos, & meterem odio antre os da terra & dom Iorge, & ho homiziarẽ com el rey de Bachão grande amigo dos Portugueses que aste tempo estaua em Ternate com obra de dozentos homẽs saltarão hũa noyte no seu arrayal hũ Tristão vieira, Afonso gẽtil, Luys diaz, & outros da parte de dom Garcia & matarão quatro ou cĩco Bachões & ferirão muytos, porque como estauão em terra damigos não se temião de nada, & os Portugueses fizerão a seu saluo o que querião & feyto recolheranse. E ao outro dia indo el rey de Bachão fazer queixume daquilo a dom Iorge, Tristão vieira & os outros q̃ ho fizerão ho estauão esperãdo sobre acordo: & sabendo dele ao q̃ ya disserãlhe que não fosse porque dom Iorge lho mandara fazer, por isso q̃ não tinha remedio pera se lhe fazer justiça. E pera q̃ el rey cresse que era assi, disserãlhe que a causa porque dom Iorge lhe mandara fazer aquela offensa fora por vingança dos Portugueses que matarão em sua terra a dom Tristão seu irmão quando lá fora, & dos jungos & crauo que lhe tomara como atras fica dito. E el rey o creo, & dali por diante não quis ir á fortaleza, & esteue pera se leuantar & fazer leuãtar a terra: mas quis Deos que foy dõ Iorge sabedor disso & da causa porque ho queria fazer, & deulhe muytas disculpas, & mandou tirar deuassa sobrisso em que se acharão cul-

pados Tristão vieira & os outros que hó fizerão, que sendo auisados fugirão pera ho mato onde os não poderão tomar, pelo que dõ Iorge os não castigou & deu conta do que passaua a el rey de Bachão pelo q̃ perdeo a sospeita que tinha de dom Iorge & tornou a sua amizade como dantes.

CAPITVLO LX.

De como dõ Garcia prendeo dom Iorge em ferros, & a causa porque.

Os outros da parte de dõ Garcia como virão que ele achara culpados Tristão vieira, Afonso gẽtil & Luys diaz, pera indinarem dom Iorge contra dom Garcia & sua discordia auer effeyto: disserãlhe que bem via ho perigo em que aqueles homẽs ho quiserão poer, & que não ho fizerão se não por mandado de dom Garcia: & pera ver se era assi q̃ visse quão pouco caso dom Garcia fizera disso sendo tamanho seu amigo, & que ele os fizera fugir & os fauorecia. E parecendo a dom Iorge q̃ aquilo seria assi, pera escusar paixões & desgostos, & tambem por ser perto do tempo da partida de dom Garcia que era em Nouembro, determinou de ho mandar pera Talãgame donde auia de partir, & que hi estaria ate que partisse, do q̃ deu conta a Baltesar rodriguez feytor, & ao alcayde mór Simão de vera & a Fernão baldaya q̃ tinha por amigos, que por ho serem mais de dõ Garcia, ou por lhes parecer assi tirarão dom Iorge daquele proposito, dizendo que seria dar causa a outras ĩmizades & odios, pelo que dõ Iorge se mudou daq̃la determinação. E vendo seus ĩmigos q̃ nhũa cousa daquelas ho aluoroçaua nem mouia pera quebrar cõ dõ Garcia, começarão de deitar fama que dõ Iorge mandaua matar dõ Garcia: & rugindose isto assi, hũ negro que se chamaua Miguel nunez que dõ Iorge leuara da India, & em q̃ confiaua por ser homem esforçado descobrio em

muyto segredo ao feytor que dom Iorge lhe tinha mandado que matasse a dom Garcia, & por lhe parecer que não era bem que ho fizesse, se queria lançar cõ os Castelhanos. E parecendo isto hũa cousa muy graue ao feytor quisera que Miguel nunez ho dissera a dõ Garcia, mas ele não quis dizẽdo ꝙ auia medo de dom Iorge: & porem que dõ Garcia podia estar seguro que ele ho não matasse, mas que doutrem ho não seguraua: & ho feytor fez com Miguel nunez ꝙ não se fosse pera os Castelhanos nẽ pera outra parte, & que dom Garcia ho leuaria pera a India, & assi ficou. E cuydando ho feytor bem naquele negocio não lhe daua muyto credito, assi por lhe parecer que dõ Iorge não cometeria hũa cousa tão fea, como por saber os mexericos & emborilhadas que auia naquela terra antre os capitães, & por outra parte pareeialhe que podia ser verdade, porque nos homẽs tudo ha, & que se matassem dom Garcia que ele teria que dar conta a Deos pois ho não auisara, & por este respeito determinou de lhe descobrir o que lhe Miguel nunez dissera, tomandolhe primeyro juramẽto de não somẽte dizer em nhũ tempo ꝙ ele lho dissera, mas nem dar disso cõta a pessoa algũa & ho ter em muyto segredo. Ouuido isto por dom Garcia, assentou que era verdade, & que dõ Iorge o queria mandar matar: & despois de agardecer muyto ao feytor tão bõ auiso, disselhe que não podia deixar de dar conta daquele caso a algũs seus amigos, pera que teuessem cuydado de ho goardar, porem que lho diria com juramẽto: o que pareceo bem ao feytor, & pediolhe muyto que lhe não lembrasse aquilo mais, nem teuesse nhũ escandalo de dom Iorge, que bem poderia ser que estaria muyto innocente, mas dom Garcia não ho fez assi, & logo deu conta disso a Manuel falcão, Manuel botelho, Diogo da rocha, Francisco pirez, & a outros ꝙ tinha por amigos & em que confiaua, que lhe conselharão que matasse logo a dom Iorge. E offerecerãse pera ho fazerem Manuel botelho & Francisco pirez. E Manuel falcão não foy deste

parecer, dizendo que era forte cousa matar hum capitão de hũa fortaleza, que melhor seria prẽdelo & tirar deuassa de suas culpas, porque alem das que tinha lhe poerião tantas que nunca se desembaraçasse delas, & mais sendo eles testemunhas, & com a deuassa ho mãdasse dom Garcia preso aa India, & que ficasse por capitão daquela fortaleza, como ho ele era dantes. O qual conselho pareceo bem a dõ Garcia, sómente tornar ele a ser capitão, porque sabia quão trabalhosa & perigosa cousa era selo daquela fortaleza, em que assentou consigo de deixar por capitão a Manuel falcão, & isto não q̃ lho dissesse ate auer effeito. E assentado nisto disse ho dom Garcia a el rey de Bachão & a Cachil daroes, pedindolhes que ho fauorecessem. E eles lho prometerão & muyto alegres por auer tamanha discordia antre os Portugueses, porque por derradeyro erão seus immigos, & não lhes mostrauão amizade se não cõ necessidade, o que eles sempre desejauão que teuessem deles. E neste tempo mandou dom Iorge a Cachil daroes que fosse darmada aa ilha de Maquiem, com quem forão muytos dos que erão da parte de dom Iorge: & dom Garcia fez que ficassem os da sua pera fazer o que determinaua. E vendo que era tempo ho pos em obra, & logo Francisco de crasto grande amigo de dom Garcia conuidou Simão de vera alcayde mór & outros pera lhes dar hũ banquete no Toloco hum lugar hũa legoa da fortaleza, porque se temia dom Garcia que estando estes na fortaleza não lhe deixarião prender dõ Iorge sem baralha. E aceitado ho banquete pelo alcayde mór & pelos outros que auião de ir coele, ao outro dia que era domingo leuou os Francisco de crasto ao lugar onde auia de ser: & como dom Garcia soube que dom Iorge acabara de jantar, mandou a Manuel falcão, & a Diogo da rocha, que se fossem parele & fizessem que jugasse coeles as tauolas, porque ocupado no jogo não entendesse o que lhe querião fazer. E assentados a jugar forãse logo aa fortaleza Manuel botelho, Tristão vieyra & Afon-

so gentil que ja erão perdoados do que fizerão a el rey de Bachão, & assi hum Francisco pirez, Ioão de figueiredo, Andres de palacios, Frãcisco do souto, & outros todos da quadrilha de dom Garcia: & estes yão ja repartidos hũs pera fecharem as portas da fortaleza & as goardarem, & outros pera leuarem algũs criados de dom Iorge a folgar fora da fortaleza, & os que não podessem leuar fora, que com cada hum se posessem tres dos conjurados pera os terem & tolherem que não acodissem a dom Iorge: & apos estes foy dõ Garcia, seria ás duas horas despois de meo dia: & como não se temião de imimigos & era de dia não estaua ali ho porteiro, pelo q̃ os q̃ tinhão cargo de fecharem a porta tanto que dom Garcia sobio pera a torre da menagem onde dom Iorge estaua, tomarão as chaues da porta da fortaleza que estauão hi dependuradas & a fecharão & forãose apos dom Garcia, que despois de recebido de dõ Iorge se assentou, & vẽdo como dom Iorge estaua com ho sentido no jogo que jugaua se abraçou coele, dizendo. Estay preso: & logo Manuel falcão & outros tres ou quatro ho ajudarão, & os outros se liarão com dous criados de dom Iorge que não estauão coele mais, & teuerãnos & taparãlhe as bocas que não bradassem. E dom Iorge que vio a cousa como ya, começou de bradar. Treição, treição: & nisto hũ seu paje teue acordo de ir repicar ho sino da vigia. Dom Garcia & os outros que se abraçarão com dom Iorge, teuerão coele muyto trabalho em ho derribarem pera lhe lançarem ferros: porq̃ como ele de seu natural era muyto forçoso & esforçado, & a menencoria de se ver assi tratar lhe acrecentaua as forças & esforço, bracejaua & perneaua & mordia tão fortemẽte que quasi ho não podião ter. E se ele esteuera solto & com armas, nhũ daqueles ousara de ho esperar: & ele bradaua, dizendo. Tredores mataime, & não me injurieis. E com tudo como erão muytos derão coele no chão & deitarãlhe hũa adoba de quatro elos que dom Garcia pera isso mandara leuar secretamente, & coesta

esteue dõ Garcia preso quando dõ Iorge ho prendeo. E deitada a adoba apanharãno em corpo & em alma & derão coele em hũ sotão da fortaleza debaixo do chão, õde ainda ho prẽderão a hũas camaras de bombardas.

CAPITOLO LXI.

Do que passou dõ Garcia despois de ter preso dom Iorge.

Baltesar rodriguez raposo feytor & outros Portugueses que pousauão fora da fortaleza, ouuindo repicar ho sino como ho tinhão por cousa noua por ser atais horas acodirão todos com suas armas, & quando acharão as portas fechadas cuydando q̃ era treição, hũs bradauão por escadas pera sobirem ao muro, outros dizião que quebrassem as portas: & era a reuolta & arroido tamanho que a gente da terra saya a ver o que era. E despois que dom Garcia sayo do sotão em que deixou dom Iorge, & ouuio repicar ho sino, & ho arroido que fazião os que estauão de fora, acodio ao muro a lhes falar pera os assessegar, & disselhes. Senhores não vos aluoraceis & assessegay q̃ a fortaleza he del Rey dõ Ioão de Portugal nosso senhor & por sua está & estara, que todos somos seus vassalos, & desejamos seu seruiço: & porque ho eu muyto desejo, & ho bem & repouso de todos, fiz o que vos agora direy. Bem sabeis como eu era capitão desta fortaleza, & a entreguey a dom Iorge de meneses por virtude de hũa prouisam do gouernador da India pera que lha entregasse, o que eu não podia fazer por dom Iorge mandar enforcar hũ homem Portugues nas ilhas dos Papuas, pera o que não tinha alçada nem poder pois ainda não era capitão, por não ser entregue da capitania, pelo q̃ era obrigado á justiça, & ate não se liurar não podia ter cargo de capitania nẽ doutra cousa: & se ho eu soubera não lhe ẽtregara a desta fortaleza & ho mandara preso á India. E não abastou este crime que tinha cometido sẽdo pessoa priuada, se não despois

q̃ foy capitão vsou sempre de tiranias, & tẽ destruyda esta terra, & andaua pera me matar: & sabendo eu suas culpas pelo que deuo ao seruiço de Deos & del Rey nosso senhor ho prendi pera ho mãdar á India com a deuassa de suas culpas: & não dei cõta disto a todos ẽ geral porq̃ não toruasse tamanho seruiço del Rey, & agora que he feyto volo digo. E peço senhores muyto por merce q̃ mo ajudeis a soster, auendo por bẽ o que tenho feyto, & ajudandome a goardar esta fortaleza de q̃ me ey por entregue pera dar conta dela a el Rey nosso senhor ou ao seu gouernador da India. E nisto chegou ho feytor Baltesar rodriguez q̃ ya muyto agastado por lhe parecer que fora causa daq̃la reuolta, pelo q̃ descobrira a dõ Garcia, & então vio quão mao conselho teuera em lho dizer, & achauasse muyto culpado: & quãdo vio dom Garcia nã quis esperar q̃ acabasse de falar, & queixandoselhe do q̃ tinha feyto a dõ Iorge, dizialhe q̃ outros meos mais honestos podera ter aq̃le negocio que ho de q̃ vsara, de que lhe auia de ser tomada muy estreita cõta. E dissimulando cõ o que Baltesar rodriguez dizia por se não poer coele em disputa, pediolhe por merce q̃ se fosse pera sua casa & oulhasse polo seruiço del Rey como oulhaua a quẽ ele daria conta do porq̃ prẽdera dõ Iorge, pelo que esperaua merce & honrra. E vendo Baltesar rodriguez q̃ naquilo nã auia remedio calouse: & os outros responderão a dom Garcia q̃ se fizera bẽ ou mal q̃ ele daria conta disso & forãse, & tambẽ Baltesar rodriguez. E em quãto dom Garcia & os outros andauão nisto ficou a torre da menagem só, & sintindo ho hũ criado de dom Iorge chamado Aluaro do cais q̃ estaua doente, & assi o que era feyto a dõ Iorge como homẽ esforçado leuantouse, & metẽdose na torre da menagem fechou as portas de dentro, & posto a hũa janela começou de dizer a grãdes brados. Esta fortaleza he del Rey nosso senhor, & dõ Iorge de meneses ho capitão dela em q̃ pes a dom Garcia anrriquez. ao q̃ logo acodio dom Garcia, & os q̃ estauão coele & por escadas

sobirã ás janelas da torre & entrando dẽtro tomarão Aluaro do cais com q̃ derão dũa janela abaixo bẽ espancado & arrepelado, & a outro que quisera repicar ho sino fizerão saltar do muro abaixo. E ainda isto não era quasi feyto quando chegou Simão de vera alcayde mór, & os outros amigos de dom Iorge que forão ao banquete, & sabendo q̃ estaua preso determinarão de ho soltar & todos juntos se forão á porta da fortaleza pera a quebrar: & outros da parte de dom Garcia acodirão pera lho defender, & Ioão escriuão patrão da ribeira, & Thome fernãdez piloto subirão ao muro polas lanças, & assi outros algũs, & disserão a dom Garcia que acodisse ao q̃ queria fazer Simão de vera & os outros, & começouse hũa grãde reuolta porque acodio el rey de Bachão com muyta gente: & posto que mostraua que era pera apacificar, a verdade era pera fauorecer dõ Garcia, que com hũa lãça nas mãos, & hũa adarga no braço req̃reo a Simão de vera & aos que estauão coele que se fossem, porq̃ aquele feyto não se auia de liurar por força darmas como eles querião, pois todos erão hũs & vassalos del Rey de Portugal, cujo seruiço não era auenturarẽse tantos homẽs por hũ só, & que sem tanto dãno como eles querião fazer se apacificaria aquilo. E tambẽ outros que estauão de fora que não erão por dom Iorge nẽ por dõ Garcia ajudarão a pacificar de modo que Simão de vera & os que estauão coele se forão pera suas casas & dom Garcia ficou por capitão da fortaleza, & assi esteue hũs dias.

CAPITVLO LXII.

Do q̃ fizerão os amigos de dõ Iorge despois de sua prisam.

Desta prisam de dõ Iorge correo logo a noua pola terra, de que a gente se espantou muyto. E sabida por Cachil daroes em Maquiẽ, esses amigos de dom Iorge q̃ estauão coele ho fizerão logo partir pera Ternate pera ho socorrerẽ & ajudarem. E chegados a Ternate Cachil daroes foy logo ver dom Garcia, de que estaua muyto cõtẽte por prender dõ Iorge a quẽ tinha odio & desejaua de ho ver fora de capitão. E Simão de vera tãto que esta armada chegou, ajuntou logo os amigos de dõ Iorge que yão nela, & erão por todos corenta homẽs, & fizerão todos cabeça de Simão de vera, a que derão sua fé de fazerem todo ho possiuel por soltarem dom Iorge, & quando não podessem irse pera os Castelhanos: & fauoreciaos hũ irmão del rey q̃ auia nome Cachil viaco grande amigo de dõ Iorge & immigo de Cachil daroes por entender suas tiranias. E praticando sobre o que auião de fazer, determinarão de impedir hũa deuassa q̃ dom Garcia mandaua tirar de dõ Iorge: porque a fora lhe assacarem grãdes males tirauão por testemunhas seus ĩmigos, & q̃ forão em sua prisam. E Simão de vera fez sobrisso hũ requerimento a dom Garcia, protestando não ser valiosa tal deuassa: porem dom Garcia não deixou de a tirar. E porque Simão de vera insistia que não se tirasse, aluoraçarãose os da parte de dom Garcia pera ho matar, & assi ho dizião pubricamente & andauão em magotes armados darmas defensiuas & offẽsiuas, & como erão muyto mais que os de dom Iorge & tinhão por sua parte el rey de Bachão & Cachil daroes ãdauão afouto como senhores do campo. O q̃ vendo Simão de vera & seus companheiros não se teuerão por seguros em Ternate, & disserão a Cachil viaco que se querião ir pera a terra alta onde estarião seguros, &

dali requererião sua justiça, & quàdo lha não quisessem fazer se irião pera os Castelhanos: o que pareceo bem a Cachil viaco, & foyse coeles pera os fazer apousentar, porque se temeo que ho gouernador daquela terra os não quisesse receber, & partirão hũa noyte secretamente. E chegados a terra alta não os quisera ho gouernador receber por não leuarẽ licẽça de Cachil daroes: & Cachil viaco lhe disse, q̃ onde ele estaua nã era necessaria licẽça de Cachil daroes, q̃ sintio muyto agasalharẽ Cachil viaco & os Portugueses sẽ sua licẽça, & a dõ Garcia tambem lhe pesou muyto de se irẽ pera lá, porq̃ logo lhe começarão de fazer seus requerimentos, & assi fizerão hũ a Pero botelho capitão do nauio em q̃ fora dom Iorge de Malaca pera Maluco, em que lhe Simão de vera requeria que se ajuntasse coele pera soltarem ao seu capitão que estaua preso: ao que Pero botelho respondeo q̃ não conhecia outro capitão se não dom Garcia, & que lhe não tornassem mais com tais requerimentos porque era tempo perdido, que ele não conhecia por capitão a dõ Iorge. E vendo Simão de vera quão pouco lhe aproueitauão seus requerimentos, assentou com os outros que chamassem em sua ajuda el rey de Tidore & Fernão dela torre, & q̃ se fossem pareles quando não acabassem com dom Garcia q̃ soltasse dom Iorge, & mandarãlhes dizer tudo o q̃ passaua acerca da prisam de dõ Iorge, pedindolhes que os ajudassem & emparassem como pessoas virtuosas & poderosas q̃ erão, & que mandassem requerer a dom Garcia que soltasse dom Iorge, & quãdo não quisesse q̃ então se irião pareles, porq̃ por nhũ modo auião de ficar com dom Garcia nem com outro capitão. E el rey de Tidore & Fernão dela torre posto q̃ tinhão guerra com os Portugueses vendo que aqueles não tinhão culpa, & que erão desemparados, determinarão de os fauorecer & ajudar, & assi lho mandarão dizer, & logo fizerão hũ requerimento a dõ Garcia que soltasse dom Iorge protestãdo que carregassem sobrele todas as perdas & dànos que daque-

la prisam recrecessẽ, assi a el Rey de Portugal como a quaesquer outras pessoas. E quando dõ Garcia vio aq̃le requerimento ficou muyto embaraçado, porque vio que se dõ Iorge teuesse de sua parte el rey de Tidore & os Castelhanos que lhe daria trabalho, & que lhe farião guerra & receou muyto aquela carga. E com tudo respondeo ao requerimento, dando as melhores rezões q̃ pode por onde prendeo dom Iorge: & despois disto rogou a Cachil daroes q̃ fosse a terra alta, & com algũa dissimulação soubesse de Simão de vera & dos que estauão coele se determinauão de se irẽ pera os Castelhanos porque isto receaua muyto, & os segurasse quãto podesse. O que Cachil daroes fez logo, & chegado a eles disselhes que não sabia porq̃ se forão da fortaleza, porque dom Garcia não lhes tiraua officios, nẽ ordenados, nem soldos: antes desejaua de lhos dar dobrados, & lhe pesaua muyto de se irẽ. Ao que Simão de vera respondeo que não querião nada de dõ Garcia sem soltar dom Iorge: & que soubesse certo q̃ se auião dir pera os Castelhanos, & ele daria conta dos males que sucedessem. E estando nestas praticas chegou hũa armada dos Castelhanos que mandaua Fernão dela torre ẽ fauor de Simão de vera, & dos outros: que por Cachil daroes ali estar fizerão que ya pera os leuar & fizerão mostra de se quererem embarcar. E quãdo ele vio tanta concrusam, pedio a Simão de vera que não fizesse nada de si ate não ir falar com dom Garcia, de q̃ sabia certo q̃ auia de soltar dõ Iorge antes de se partir pera Malaca, & q̃ ele lho faria fazer logo: & Simão de vera disse q̃ por amor dele esperaria, porem que se dom Garcia não soltaua dom Iorge que logo se auia dir.

CAPITVLO LXIII.

De como dõ Garcia soltou dõ Iorge de meneses.

Sabendo dom Garcia per Cachil daroes a determinação de Simão de vera & de seus companheiros temeo muito sua ida pera os Castelhanos, porq̃ lhe auião logo de fazer guerra eles & el rey de Tidore, & el rey de Geilolo. E estando a fortaleza de guerra não se podia partir como queria, & deixala a Manuel falcão, porq̃ sucedendo algũ desastre seria sua a culpa, & por isso se mudou do proposito que tinha de leuar dõ Iorge preso & deixar por capitão a Manuel falcão, & quis antes soltar dõ Iorge & tornarlhe sua capitania, & assi ho mandou dizer a Simão de vera por Cachil daroes, & q̃ se fosse logo pera a fortaleza com os outros. E ele não quis, dizendo que não se auia dir se não despois de dõ Iorge solto. E dali por diante se entendeo em ho cõcertarẽ com dõ Garcia no q̃ se passarão algũs dias: & por derradeyro se assentou que dõ Garcia soltasse dõ Iorge & lhe deixasse sua capitania, & q̃ dom Iorge lhe auia de dar ho nauio de Pero botelho pera sua embarcação, & auia de deixar ir Pero botelho com quantos estauão no nauio, & auia de dar licẽça pera se irẽ com dõ Garcia todos os q̃ erão da sua parte sem lhes embargar suas fazendas nẽ fazer nhũ impidimẽto pera q̃ não se fossem, & assi se auião de romper todos os requerimentos q̃ erão feytos de parte a parte & deuassas q̃ erã tiradas, & q̃ isto auião de jurar dõ Iorge & dõ Garcia em solẽne juramento. E despois de dõ Garcia ido pera Talãgame cõ todos os q̃ auião dir coele, viria Simão de vera & os outros & soltarião dõ Iorge: & assi foy feyto, & dom Garcia mandou diante seu fato, & dos que yão coele, & primeyro que se partisse da fortaleza mãdou ẽcrauar a artelharia da fortaleza porq̃ lhe nã tirassẽ coela: & ele ido ẽtrarão Simão de vera & seus companheiros & soltarão

dõ Iorje com muyto prazer, mas dõ Iorge que ho não tinha antes estaua muyto sentido de dõ Garcia pola offensa que lhe fizera, mandou logo ao ouuidor que fizesse autos de tudo o que lhe dom Garcia fizera & assi tirou estormẽtos de como no tempo que esteuera preso se apoderarão os Castelhanos da ilha de Maquiem por não auer quem lha defendesse, no que el Rey de Portugal recebera muyta perda por auer nela muyto crauo, & mandou logo fazer hũ requerimento a Pero botelho que se fosse pera a fortaleza porq̃ tinha muyta necessidade do seu nauio por amor da guerra dos Castelhanos, & sobristo tornou a auer outra reuolta que dom Garcia dizia que dõ Iorge lhe tinha dado aquele nauio pera sua embarcação: & ouue muytos requerimẽtos de parte a parte, & por fim de tudo se foy dõ Garcia no nauio & Pero botelho coele contra vontade de dom Iorge, que mãdou fazer auto de sua desobediencia auendo ho por aleuãtado, & assi quãtos yão com dom Garcia, & tirou estormentos de como lhes dera a licença por força, & a necessidade em que ficaua de gente: & coestes autos & estormentos, & com cartas pera ho capitão de Malaca, mandou logo a hũ Vicente dafonseca que partio pera Malaca apos dõ Garcia, & assi mandaua tambẽ pedir socorro de gente.

CAPITVLO LXIIII.

De como os mouros de Lõgú matarão Aluaro de brito & tomarão hũa galé.

Neste ãno de mil & cccccxxvii. estando Iorge cabral por capitão de Malaca, matarã os mouros da cidade de Lõgú certos portugueses sem nhũa causa, & Iorge cabral mandou lá a vingar estas mortes a hũ Aluaro de brito capitão de hũa galé em que leuaria setenta Portugueses que todos coele forão mortos pelos mouros de Lõgú, & tomarão a gale. E auẽdo quinze dias que a noua

deste dãno era em Malaca chegou hi de Banda Martim correa, a que Iorge cabral por ho ter por bõ caualeyro deu a capitania mór de hũa armada que mãdou a Lõgú a vingar aquelas offensas, & por não saber particularmẽte como Martim correa as vingou digo em soma que queymou Longú matando primeyro muytos mouros, & tornãdo a tomar a gale que tomarão a Aluaro de brito se tornou a Malaca, & por ele soube Iorge cabral como a sua partida de Maluco ainda lá não era dom Iorge de meneses, & a necessidade grandissima de gente & de mantimentos em que ficaua dõ Garcia ãrriquez por amor da guerra ꝗ tinha cõ os mouros & cõ os Castelhanos ꝗ ficauão em Tidore. O que sabido por Iorge cabral fez logo prestes ho socorro cõ que partio na ẽtrada do Ianeyro seguĩte hũ fidalgo chamado Gõçalo gomez dazeuedo ꝗ foy por capitão mór de hũa armada de dous nauios de gauea, & hũ bargãtĩ, & hũ jũgo em ꝗ forão cẽ Portugueses & muytas munições, & dous mil cruzados de roupa.

CAPITVLO LXV.

Do ꝗ fez Lopo vaz de sam Payo despois que foy julgado por gouernador.

Ho gouernador Lopo vaz de sam Payo que ficou ẽ Cochĩ despois de partidas as naos da carrega pera Portugal, despachou dom Ioão deça que fosse tomar posse da sua capitania da fortaleza de Cananor, & porque tinha por certeza que auia muytos paraós de Malabares de Calicut por toda aquela costa ꝗ fazião muyto mal aos amigos dos Portugueses, rogou a dom Ioão deça que aquele pedaço de verão ꝗ auia ate ho inuerno goardasse aquela costa com hũa armada que lhe daria: do que ele foy contente por seruir el Rey, & ho gouernador lhe deu hũa galé em que andasse & dezaseys catures & bargantĩs que ho acompanhassem, a cujos capitães não soube os nomes. E partido dom Ioão deça a goardar a cos-

esta vitoria que foy muyto grãde por ser ja ho cabo do verão se recolheo dom Ioão a Cananor, & mandou parte da armada pera Cochim, & ho gouernador lhe fez merce de Chinacutiale que eu vi em seu poder, & por quem ouue grande resgate.

CAPITVLO LXVII.

De como Pero de faria partio pera Malaca, & Simão de sousa galuão pera Maluco.

Estando ainda ho gouernador em Cochim por lhe parecer assi seruiço del Rey rogou a Pero de faria que fosse seruir a capitania de Malaca pois era sua: do que se ele quisera escusar por Malaca ser muyto doētia, & assi ho disse ao gouernador, dizēdo que antes queria ficar em Goa pois tambem era sua, que era muyto sadia, & por derradeyro cōsentio em ir a Malaca por comprazer ao gouernador que desejaua de tirar de lá Iorge cabral q̃ estaua da mão de Pero mazcarenhas. E querēdo tambem ho gouernador prouer a capitania de Maluco & tirala a dõ Iorge de meneses deuha a hũ fidalgo chamado Simão de sousa galuão de q̃ faley atras, & isto por ser pessoa de grãde confiança & em que tinha muyto credito, & a capitania mór do mar & alcaydaria mór da fortaleza deu a outro fidalgo chamado dom Antonio de crasto, & a feytoria a outro fidalgo chamado Antonio caldeira, & a capitania de hũa galé em q̃ Simão de sousa auia dir a Iorge dabreu que fora ao preste cõ dõ Rodrigo de lima, & deulhe setenta homēs, & em Malaca lhe auia Pero de faria de dar trinta pera fazerem cento, & despois partirão ele & Pero de faria pera Malaca em Abril de mil & quinhentos & vintoyto, & primeyro se partio ho gouernador pera Goa õde auia dinuernar, & da hi mãdou por capitão da fortaleza Dormuz hũ fidalgo chamado Christouão de mendoça que a tinha por el Rey dom Ioão de Portugal, & mandou coele Raix xarafo que

era liure por sentêça do licenceado Ioão de soiro ouuidor geral, & que fosse seruir ho seu goazilado Dormuz. E chegado Cristouão de mendoça a Ormuz foy entregue da capitania por Diogo de melo que era capitão.

CAPITVLO LXVIII.

Das presas que Antonio de miranda capitão mór do mar fez no estreito, & do mais que sucedeo.

Partido de Goa Antonio de miranda dazeuedo capitão mór do mar seguio sua rota pera ho cabo de Goardafum õde chegou despois de passada hũa grande tormenta, & ali repartio sua armada em tres escoadrões apartados hũs dos outros, porq̃ as naos dos mouros que passassem não lhe podessem escapar, & andando esperandoas apartouse Anrrique de macedo com têpo da conserua Dantonio de miranda: & andando apartado alamar, hũ dia pola manhaã topou com hũ galeão grande de rumes feyto como os nossos, & como os rumes erão muytos & yão bem apercebidos de guerra sayrão ao encontro dos Portugueses tirandolhe muytas bombardadas, & aperceberão muytos armados de sayas de malha & corceletes, & era fermosa gente & muyta. E cõ tudo Anrrique de macedo os não duuidou & abalrroou coeles, & começarão hũs & outros de pelejar brauamête sobre entrarê hũs os outros, & sendo ho vêto calma que ficou de lufadas arremessarão os immigos hũa lâça de fogo ao galeão Portuguez, & pegoulhe ao artimão que ardeo donde com hũa lufada de vêto se sacodio, & tornou a cair no dos ĩmigos ainda acesa & pegoulhe ho fogo, & por amor do fogo que se pegou nos galeões cessou a peleja, & acodirão hũs & outros ao apagar, & os Portugueses cortarão logo a abalrroa: & desapegados dos ĩmigos apagarão ho fogo & liuraranse dele, o que os immigos não poderão fazer ao seu & ardeo todo com muytos deles, & algũs poucos se lâçarão ao mar que forão mortos & catiuos cõ

ajuda doutros Portugueses de dous galeões da frota q̃ ali forão ter. E por ser acabada a moução das presas forãse todos estes tres capitães a Caxẽ hũa vila de mouros na costa Darabia, õde per mãdado Dantonio de mirãda se auião dajũtar despois de feytas as presas, & hi ho acharão cõ vĩte velas de mouros que tomarão ele & os outros, & erão oyto naos grossas & doze terradas, & marruazes q̃ sam mais pequenos que naos: & por ele ser certificado que ainda auião de passar certas naos de mouros pera ho estreito tornouse a esperalas deixando em Caxem Ruy pereyra que era quadrilheiro mór pera vender parte da fazẽda que se tomara aos mouros, & porem as naos não passarão & vendo q̃ não passauão foyse a Adem que estaua de paz cõ Portugal, onde achou Ruy pereyra q̃ tinha recado dos regedores da cidade que el rey não estaua nela, & q̃ os rumes fizerão hi algũ dãno. E despois da morte de çoleimão raix se forão a Camarão esses que escaparão. E sobresta noua teue Antonio de mirãda conselho se iria a Camarão pelejar com os rumes: & foy acordado que não porq̃ era passada a moução, mas que mãdasse lá hũ catur a saber nouas deles q̃ por ser pequeno poderia passar, & foy nele ho piloto mór, & por lhe ho vẽto ser contrairo não pode surdir auante & tornouse, & no caminho tomou dous marruazes, & dos mouros soube que os rumes que estauão em Camarão serião tres mil & quinhẽtos homẽs. E esta noua deu a Antonio de miranda: que Dadẽ se foy a Zeila pera dar nela, & achouha despejada & queimou ha, & dali se foy a Mazcate: & deixando hi a frota, & por capitão mór dela Antonio da silua foy inuernar a Ormuz.

CAPITVLO LXIX.

De como forão catiuos de mouros Diogo de mezquita & outros.

Inuernando Antonio de miranda dazeuedo em Ormuz vẽdeose a fazẽda das naos que tomou em que se fizerão sessenta mil cruzados: & a vinte dous Dagosto se partio pera a ponta de Diu onde auia de fazer outras presas. E chegado la achou ainda ho mar tão grosso que ho comia, & por isto arribou a Chaul fazendo sinal aa frota que arribasse, & todos arribarão saluo Antonio da silua & Anrriq̃ de macedo que poderão sofrer ho pairo: & arribando Antonio de miranda sobreueolhe hũ temporal de vento por dauante com que Lopo de mezquita capitão do çamorim peq̃no arribou pera Diu. E andando ainda os mares feytos desta toruoada topouse com hũa nao de mouros de Diu que serião duzẽtos, todos bem armados, & os Portugueses serião ate trinta, & arribarão sobre a nao com quanto ho tempo era forte & ho mar andaua grosso, & abalroarãna, & em a ferrãdo saltou Lopo de mezquita nela com boa parte dos seus & começarão de pelejar cõ os immigos com muyto esforço, & neste conflito desfaziãse a nao & ho galeão polas grandes pancadas q̃ se dauão com a grandissima marulhada que fazia & ambos estauão abertos & fazião muyta agoa, & ouuerãse de perder se não quebrara a abalrroa, & cada hũ foy pera seu cabo ficando Lopo de mezquita com os que digo na nao: & não podendo os do galeão tornar a tomar a nao com a fortidão do tẽpo arribarão por esse mar por se não perderem. E Lopo de mezquita & os outros que ficauão na nao vendo que sua saluação despois de nosso senhor era ho bõ pelejar, pelejarão tão esforçadamente que matarão a mayor parte dos mouros, & os outros se derão de muyto feridos, & postos em recado acodirão os Portugueses á nao que se

ya ao fũdo com a muyta agoa que fazia: o que vẽdo Lopo de mezquita apanhou todo ho dinheiro que achou nela, & mandou a Diogo de mezquita seu irmão que se metesse no batel, & assi dezaseys outros, porque não podendo a nao escapar se saluasse com ho dinheiro, & porem não deixou de trabalhar por esgotar a nao. E vendo os que estauão no batel com Diogo de mezquita que não se podia vencer a agoa q̃ a nao fazia, nem com as bombas, nem com baldes, desesperarão de se poder saluar, & porque se os que estauão nela se quisessem acolher ao batel se alagaria por ser pequeno, acolherãse antes que isto acontecesse sẽ Diogo de mezquita lhes poder resistir antes ho leuarão por força. E indo caminho de Chaul toparão com a armada de Diu & forão catiuos, & leuados a Diu: donde os leuarão a el rey de Cãbaya q̃ folgou muyto coeles por os ter por muyto esforçados & sabedores na guerra, principalmente a Diogo de mezquita, a que cometeo que se tornasse mouro, offrecendolhe por isso grãdes honrras & merces: & não querẽdo ser mouro ho atentou cõ grãdes tormentos ate ho meter na boca de hũa bombarda ceuada pera desparar em coele. E ele como fiel Christão & verdadeyro amigo de nosso senhor, sofreo tudo com costancia grandissima, dizendo sempre q̃ lhe fizessem quanto quisessem, que não auia de deixar a ley de Deos verdadeyro pola seyta de Mafamede que era mentira. E vendo os outros catiuos seu esforço tambem não quiserão ser mouros. E el rey de Cambaya espantado da costãcia de Diogo de mizquita ho mãdou prẽder, & a ele & aos outros mãdou dar cruel catiueiro. E Lopo de mezquita ẽ ficou na nao, pos tanta diligencia com ajuda de nosso senhor que venceo a agoa, & escapãdo a nao foy ter a Chaul õde achou Antonio de miranda, & do dinheiro que se fez da fazenda desta nao forão pagas as partes que se deuião aos da armada, & os sessenta mil cruzados ficarão forros pera el Rey.

CAPITVLO LXX.

De como Halixá capitão da armada de Diu pelejou cõ Anrrique de macedo, & de como foy morto Antonio da silua.

Anrrique de macedo que ficou á põta de Diu passada a tormenta com q̃ os outros arribarão acalmou ho vento: & estando em calmaria derão coele as fustas de Diu que erão trinta & tres, & ãdaua por seu capitão mór hũ valente mouro chamado Halixá, que vẽdo ho galeão daquela maneyra cercou ho em redondo, & mãdoulhe dar bateria, & os Portugueses começarão tambem de jugar com sua artelharia, & começouse hũ brauo jogo prĩcipalmente da parte dos mouros que tirauão todos ao lume dagoa por as fustas serem rasteiras, & fizerãlhes tantos rombos que não aproueitauão bombas nẽ baldes pera vedar a multidão dagoa q̃ entraua, & foy necessario atupirẽse os buracos cõ colchões & colchas, & andauão os nossos tão cansados que quasi não auia quem podesse trabalhar, & se os nosso senhor não socorrera não poderão escapar, porque ainda que neste tempo sobreueo vento ho galeão não podia bẽ nauegar por ter quebrados os mastos & as vergas espedaçadas, & as velas rotas. E nisto chegou Antonio da silua capitão do galeão reys magos q̃ vinha ao tõ do estrõdo das bõbardadas, & chegando a tiro de berço do çamorim mandou dar fogo á sua artelheria, & mais auante começarão as trombetas de tanger, dizendo. Alegraiuos, alegraiuos que aqui sam os tres reys magos. E ouuindo os mouros as trõbetas, cuydarão q̃ era o capitão mór q̃ sabião q̃ chegara á ponta de Diu, mas não que se fora, & cuydando que vinha com toda sua armada, fugirão todos com medo & deixarão Halixá só, que tambem fugio por derradeiro. E sospeitando Antonio da silua a causa da fugida dos immigos, seguios ás bombardadas, & Halixá lhe teue

hũ pouco ho rosto tambem ás bombardadas, & nisto deu nele hũ pelouro de bombarda perdido & matouho, cõ que os seus ficarão tão desacoroçoados q̃ nã quiserão mais seguir os ĩmigos, & tornarãse pera onde ficaua Anrrique de macedo: & Halixá vendo os assi tornar cuydou que era manha pera ho colherẽ, & por isso não quis ir apos eles, mas foyse fugindo, que se os seguira, nem eles nem os do çamorim escaparão. E chegados a Anrriq̃ de macedo forãse todos a Chaul, & dahi pera Goa com ho capitão mór que chegou la na fim de Setẽbro, & deu conta do passado ao gouernador.

CAPITVLO LXXI.

De como Christouão de mẽdoça capitão Dormuz mãdou por terra Antonio tenreyro a Portugal cõ recado a el Rey.

Neste tempo desejãdo Christouão de mendoça capitão Dormuz de mãdar a el Rey de Portugal certeza de como os rumes não passauão aa India, & auisos de muytas cousas que comprião a seu seruiço, assi em Ormuz como na India escolheo pera leuar por terra este recado a hũ Antonio tenrreyro natural de Coimbra q̃ estaua em Ormuz, & fora com Baltesar pessoa ao Xeque ismael, donde indo caminho de Ierusalem foy preso por turcos cuydando que fosse espia. E leuado ao Cayro foy solto, & querendose dali tornar a Portugal se foy a Chipre, donde por hũ acontecimento mudou seu caminho & tornouse aa India, & de Chipre atrauessou ho deserto & foy ter a Baçora & dahi a Ormuz: & porq̃ tinha experiencia deste caminho, & sabia a lingoa Persiana, & por ser homem desprito & esforçado ho escolheo pera fazer este caminho, & mais por não achar outrem, porque por ho perigo do caminho ho receauão todos, & dizendolhe Christouão de mendoça quanto esta ida importaua ao seruiço del Rey de Portugal. Ele polo seruir a

aceitou de boa võtade, & dãdolhe Christouão de mẽdoça muyto pouca ajuda pera sua despesa, & algũas cartas de credito pera onde lhe fossem necessarias se partio Dormuz pera a cidade de Baçora a vinte de Setembro do anno de mil & quinhẽtos & vintoyto, & foy por mar ate esta cidade, que he em Arabia no cabo do sino persico trinta & tantas legoas pelo rio eufrates acima, & pos neste caminho corenta dias por os vẽtos q̃ achou contrairos: & nesta cidade se deteue vinte dias em se despachar porque a cafila que ya pera Damasco onde ele esperaua dir era partida, & ho Xeque da cidade não lhe queria dar guia pera atrauessar ho deserto que ya de Baçorá ate Alepo, dizendo que não achaua quem se arriscasse a tamanho perigo como era irẽ duas pessoas no mais, porq̃ as alimarias os comerião: & mais que nunca ouue pessoa q̃ passasse ho deserto sem ir em cafila, & parecia que ho Xeque de ho dar por morto se fosse no mais que com a guia, auia dó dele & não lhe queria dar auiamẽto pera se ir. E com tudo nunca Antonio tenrreyro desistio de ir. E vendo ho Xeque sua perfia, muyto espãtado de seu esforço, & louuandolho muyto: lhe deu hũ piloto q̃ ho guiasse, porque naquele caminho regẽse polos ventos como no mar por não auer hi estradas nẽ pouoados saluo dous castelos dalarues. E Antonio tenrreyro & ho piloto se partirão na entrada de Nouembro ás duas horas despois de mea noyte, porque não fossem vistos, & ya cada hũ em seu dormedario que andão de vinte cinco legoas ate trinta antre dia & noyte, & não comẽ mais de hũa quarta de farinha hũa vez no dia & bebẽ de quinze em quinze dias, & nestes leuauão seu mãtimẽto de tamaras, biscouto, farinhas, manteiga, Vaca cozida & agoa. E partidos de Baçora tirarão por seu caminho a diãte por aquele espantoso deserto por õde nã auião mais q̃ alimarias brauas. s. vssos, tigres, liões & lobos: & afastauãse quãto podião donde podia auer alarues (q̃ andão por aq̃le deserto em aduares) porque os não roubassem q̃ sam gran-

des ladrões, & assi caminharão vinte dous dias sem nunca receberẽ afronta daq̃llas alimarias saluo duas vezes que os quiserão cometer dous liões a que escaparão polo grande andar dos dormedarios: & outra vez de madrugada correndo a redea solta. E tão amedrontados forão os dormedarios que correrão duas legoas, & desta corrida se estrepou ho dormedario Dantonio tenrreyro em hũa mão, & ficou tão manco q̃ lhes foy forçado deterẽse seys dias, no que passarão muyto grande trabalho, & tambẽ em não acharem em todo este tempo agoa mais q̃ quatro ou cinco vezes em que padecerão grãde sede, & ainda esta q̃ achauão era amargoz. E tornando ao caminho despois do dormedario ser são, no cabo destes vinte dous dias chegarão a hũa pequena vila castelada & cercada de muro de taipas grossas pouoada dalarues mouros, por nacer ali hũa grande fonte que lhe regaua suas sementeiras, & auia palmeyras de tamaras, & aqui se meteo Antonio tenrreyro em hũa cafila que estaua de caminho pera a cidade Dalepo no cabo deste deserto: & ho seu piloto se tornou pera Baçora: & neste mesmo dia foy dormir a cafila a outra fortaleza, & dali a corenta legoas sairão do deserto & entrarão na comarca da cidade Dalepo cercada de muro & pouoada de mouros do senhorio do turco, & aqui se tirou Antonio tẽrreyro da cafila q̃ auia de passar ate a cidade de Damasco: & tirado se foy a casa dũ Veneziano mercador de muyto grosso & rico trato que ali fazia sua abitação, & em que a gente da terra tinha grande credito, & chamauasse Micer andre, a quẽ leuaua cartas de Christouão de mẽdoça pera lhe dar auiamento pera seu caminho & não ho achou que era em Costãtinopla a chamado do turco, & por ser inuerno & auer muyto grandes neues que ninguem caminhaua esperou aqui Antonio tenrreyro cincoenta dias & no cabo se meteo em hũa cafila que ya pera a cidade de Tripoli de suria tudo senhorio do Turco, & daqui se embarcou & foy ter aa ilha de Chipre, & despois de passar assaz de

trabalho em muyto grandes tormentas em que se vio, foy ter a Italia, dõde tomou seu caminho por terra pera Portugal õde chegou a saluamento, & deu a el Rey as cartas q̃ leuaua, & foy muy grande espãto sua ida por ser ho primeyro Portugues que fez aquele caminho por terra, & ho primeyro homem que ho fez só cõ hũ piloto, & que mostrou a el Rey que por terra lhe podia ir recado da India ẽ tres meses ou menos, porque não gastou ele mais no tẽpo em que caminhou, bem que fez mais detença polos impedimentos que lhe socederão.

CAPITVLO LXXII.

Do que passou Gonçalo gomez dazeuedo com dom Garcia anrriq̃z na ilha de Bãda.

Atras fica dito como Iorge cabral mãdou socorrer Maluco por Gõçalo gomez dazeuedo q̃ partio de Malaca na entrada de Ianeyro do anno de mil & quinhentos & vintoyto, & chegou a Banda onde achou dõ Garcia anrriquez q̃ auia pouco que chegara de Maluco, & tinha feyta hũa tranqueyra onde pousaua, & Gonçalo gomez tambẽ mandou fazer outra, & nisto chegou Vicente dafonseca com as cartas de dom Iorge de meneses & autos que mandara fazer de dõ Garcia, & contou a Gonçalo gomez tudo o que dom Garcia fizera a dom Iorge, requerendolhe secretamẽte que ho prendesse & a quantos yão coele & que lhe tomasse ho nauio, & quanto aa prisam de dom Garcia & dos outros respondeo Gõçalo gomez que ho não podia fazer, mas q̃ lhe tomaria ho nauio quando fosse tempo. E vendo Vicente dafonseca isto quisera mãdar a Malaca as cartas & papeis que leuaua de dom Iorge per algũs Portugueses que auião dir pera laa, & como sabião q̃ era contra dom Garcia, que tambẽ auia dir não ouue ninguem que os quisesse leuar, pelo que os não mãdou & tornou a dõ Iorge como direy a diante. E vendo dom Garcia Vicente dafonseca, que

sabia q̃ era grande seruidor & amigo de dom Iorge logo sospeitou a que auia de ser sua vinda, & por isso se começou de recear que Gonçalo gomez ho prendesse, & mais porque tanto que Vicente dafonseca chegou, Manuel falcão que pousaua com dom Garcia tendo a mesma sospeita de Vicente dafonseca que ele tinha, se passou logo pera a tranqueira de Gonçalo gomez, parecẽdolhe que fazia a vontade a dom Iorge, porque esperaua de tornar pera Maluco com Gonçalo gomez a q̃ contou o que dom Garcia fizera a dõ Iorge, conselhandolhe que ho prendesse por isso, & que lhe tomasse ho nauio em q̃ ya, & Gonçalo gomez dissimulaua, & Manuel falcão começou de deitar fama que Gonçalo gomez auia de prender dõ Garcia pelo que fizera a dom Iorge, & algũs seus amigos o começarão dauisar disso, & q̃ lhe auia de tomar ho nauio em que ya por isso que posesse cobro nele: o que não quis fazer porque lhe parecia impossiuel tomarẽlho por leuar crauo pera el Rey, & da prisam nã se temia porque sabia a verdade por espias que trazia cõ Gonçalo gomez, que tinha assentado consigo de lhe tomar ho nauio quãdo se ouuesse de partir & não ho disse a ninguem por não ser descuberto: & quãdo se ouue de partir pera Maluco se foy por terra espedir de dom Garcia que sayo coele ate a praya õde se embarcou nos bateis, & alargado de terra se foy dereyto ao nauio em que dom Garcia ya q̃ auia nome cayado, & então ho deu dom Garcia por tomado & creo o q̃ lhe tinhão dito. E entrado Gõçalo gomez no nauio tomou ho pera leuar a Maluco, & sabendo que dõ Garcia tinha as velas na trãqueira mãdoulhas pedir, desculpãdose de tomar ho nauio, porque ho fazia a requerimento de dõ Iorge de meneses capitão de Maluco de cuja jurdição era aquela terra, & por dõ Garcia as nã querer dar lhe tomou ho seu jungo em que leuaua mais de quatorze mil cruzados, pelo que dõ Garcia mandou logo as velas & hũ recado a Gonçalo gomez per Manuel lobo, estranhandolhe o q̃ lhe fazia, & por ele mandou hũa car-

ta de crença ao mestre & condestabre do nauio, & a outros em que confiaua que fizessem o que lhe Manuel lobo dissesse, que foy que quando se partissem fizessem de modo que dessem á vela derradeyro de todos pera ficarem na traseira, & ainda então fizessem que se embaraçauão, porque entre tanto iria dõ Garcia com gente & tomaria ho nauio, porque Gonçalo gomez por lhe ho vẽto ventar a popa não lhe auia de poder acodir, & assi ho tomaria. E eles disserão que ho farião: & ido Manuel lobo deu Gonçalo gomez a capitania do nauio a Ruy figueira capitão doutro nauio, cuja capitania deu a Manuel falcão. Isto feyto foise ao seu nauio & fezse á vela, & os outros capitães coele saluo Ruy figueira, cujo mestre por comprir o q̃ prometera a dom Garcia fez que se embaraçaua ao dar da vela, pelo q̃ todos os outros ja nauegauão quãdo ele deu á sua, & ainda fez tomar ho nauio por dauante, que era ho sinal a que dõ Garcia auia dacodir, que acodio logo em paraós cõ muyta gente. E Ruy figueira que entẽdeo a ruindade capeou a Gonçalo gomez que estaua vendo ho embaraço do nauio: & vendo Gonçalo gomez a gente que ya de terra pera ho nauio & ho capear de Ruy figueira, entendeo logo o que era, & mandou tirar ás bombardadas a dom Garcia, o que fez tambem Manuel faleão: & como Manuel lobo ya na diãteira matoulhe hũa bombardada dous remeiros, & a ele quebroulhe hũa perna: o que vendo dõ Garcia desesperou dauer o nauio & tornouse, & Ruy figueira seguio sua via a pos Gonçalo gomez que partio na fim Dabril.

CAPITVLO LXXIII.

De como Aluaro de saya vedra tomou hũa galeota aos Portugueses & catiuou muytos dos que yão nela.

Em quanto isto passaua estaua dom Iorge em grãde aperto, porque sabendo Fernão de la torre & os reys de Tidore & de Geilolo quão escorchado dom Garcia ho deixara assi de gẽte como de munições de guerra, determinarão de lha fazer mais apertada que dantes, principalmẽte el rey de Geilolo que trabalhaua quanto podia por ganhar todo ho Morro, que desejaua muyto de ser senhor dele, & por lhe os Castelhanos prometerem de lho fazerem auer foy ele da sua parte & os ajudaua: & como trazia ali sempre grossa armada pera esta conquista tolhia leuarẽse mantimentos a Ternate, tomãdo os nauios que os leuauão, o que era causa de auer grãde fome na fortaleza. E estando a cousa neste estado, chegou a Tidore hũ nauio de Castelhanos, & por capitão hũ Aluaro de saya vedra que partira da noua espanha por mandado do gouernador dela por capitão mór de tres nauios ẽ socorro dos Castelhanos que estauão em Tidore & dous desaparecerão no caminho, que segundo se despois soube se perderão: & Aluaro de saya vedra não pos mais na viagem de tres meses por amor das grãdes corrẽtes que ho mar faz da noua espanha pera as ilhas de Maluco, & polos vẽtos que sam sempre a popa. E estes nauios mandou ho gouernador da noua espanha por grandes conjeituras que auia que dali se podia nauegar pera as ilhas de Maluco. E quando os Castelhanos virão Aluaro de saya vedra, & souberão donde ya, & a breue viagem que fizera ficarão muyto ledos & esforçados contra os Portugueses, esperãdo que da noua espanha lhe iria sempre socorro, a que os Portugueses nã podessem resistir & lhes tomarião a fortaleza, & os mouros seus amigos tambem tinhão grande contẽtamento

coesta noua: & determinarão logo el rey de Tidore & el rey de Geilolo de irẽ tomar a ilha de Moutel cujos Sangajes erão da obediẽcia del rey de Ternate, & muyto amigos dos Portugueses. E sabendo os Sangajes este apercebimẽto ho mandarão logo dizer a Cachil daroes & a dom Iorge pedindo a ambos que os socorressem: & Cachil daroes apercebeo sua armada em q̃ se embarcou: & dom Iorge mandou Fernão baldaya na galeota noua q̃ fizera, & deulhe trinta & tãtos Portugueses que fossem coele, & mandoulhe que andasse da ilha de Moutel pera a de Maquiẽ, & que fizesse a mais crua guerra que podesse aos immigos. E sabendo Fernão dela torre este socorro que ya aos Sangajes de Moutel, mãdou logo Aluaro de saya vedra por capitão doutra galeota que fizera noua, & deulhe corẽta Castelhanos. E partido pera Moutel topouse cõ Fernão baldaya a quatro de Mayo. E como erão ambos valẽtes caualeyros em se vẽdo fizerão remar hũ cõtra o outro desparãdo essa artelharia q̃ leuauã & desaparelhando as galeotas com as bõbardadas se aferrarão, & pelejarão hũ bõ pedaço mui brauamẽte sem se poderẽ entrar: & neste tẽpo foy morto Fernão baldaya cõ outros oyto. E como os Portugueses ficarão sem capitão, & por estarẽ muytos feridos não se poderão mais defender com ho esforço primeyro, pelo q̃ os Castelhanos os entrarão & os fizerão rẽder, & os catiuarão, & lhes tomarão a galeota, morrẽdo porẽ cinco deles & feridos os mais. E tomada a galeota, Aluaro de saya vedra a leuou a Fernã dela torre q̃ estaua na cidade de Tidore, & entrou cõ grãde festa, & foy recebido cõ outra mayor & os Castelhanos & mouros ficarão tão soberbos coesta vitoria q̃ se derão por senhores da fortaleza, õde foy grãde tristeza pola tomada da galeota & catiueiro dos Portugueses, porq̃ não ficauão nela mais de cincoẽta & Cachil daroes não quis mais andar em Moutel auẽdose por muyto injuriado de acõtecer aq̃le desastre aos Portugueses andando ele em sua cõpanhia: & deixãdo sua armada ẽ Moutel tornouse pera Ternate.

CAPITVLO LXXIIII.

De como Gôçalo gomez dazeuedo chegou a ilha de Ternate.

E estando dõ Iorge muyto agastado pola tomada desta galeota, & por lhe não ficarẽ mais de cincoenta Portugueses pera defender a fortaleza, & por não ter mãtimentos chegou Vicẽte dafonseca a oyto de Mayo, & deulhe noua do grande socorro q̃ trazia Gõçalo gomez q̃ não tardaria. E cõ ho prazer desta noua não sintio dõ Iorge não querer ninguẽ leuar a Malaca os papeis q̃ Vicẽte dafonseca leuaua, & logo se espalhou a noua do socorro q̃ vinha aos Portugueses. E os Castelhanos cuydãdo q̃ sẽpre auião de vẽcer fizerão prestes Aluaro de saya vedra pera ir esperar Gõçalo gomez ao caminho & tomalo com quantos yão coele, & leuou duas galeotas & hũ bargantim, & a armada del rey de Tidore. E ele partido chegou Gõçalo gomez á ilha de Bachão, õde se vio cõ el rey & soube dele ho estado em q̃ estaua a fortaleza, & deixou coele Manuel falcão, porq̃ como sabia a imizade q̃ auia ãtrele & dõ Iorge quãdo se partira de Ternate nã ho quis lá leuar ate nã saber como dõ Iorge estaua coele & soldalos se fosse necessario. E partido dali seguio sua rota pera Ternate cõ toda sua armada, & topou no caminho a dos Castelhanos de q̃ auẽdo vista mãdou embandeirar a sua em sinal dalegria porq̃ nã cuydassem q̃ os temião: porem Aluaro de saya vedra não ousou de cometer Gõçalo gomez q̃ passou por ele mãdando tanger suas trõbetas como q̃ os saluaua, & dali foy surgir no porto de Talangame, & dahi á fortaleza onde foy recebido cõ muyta festa: & dõ Iorge lhe entregou logo a alcaydaria mór da fortaleza, & a capitania mór do mar por hũa prouisaın q̃ leuaua do gouernador da India. E sabẽdo Gõçalo gomez ho dãno q̃ dõ Iorge tinha recebido da guerra, conselhoulhe q̃ trabalhasse por fazer paz cõ Fernão dela torre: & dõ Iorge

lhe disse q̃ a nã auia de fazer se nã cõ sua hõrra, & ainda porq̃ lhe a ele parecia bẽ fazela q̃ se fora por ele não a ouuera de cometer. E auido seguro pera mãdar hũ messageiro a Fernão de la torre lhe mandou dizer por Iorge goterrez hũ caualeiro, q̃ ele sempre desejara de ter paz cõ os castelhanos, assi por serẽ christãos, como por vassalos do ẽperador q̃ estaua tão liado cõ el rey de Portugal por parẽtesco & amizade: & q̃ se ateli não falara na paz fora porq̃ não cuydasse q̃ ho fazia por necessidade mas agora q̃ sabia q̃ não era por isso pois lhe era vĩdo tamanho socorro como era notorio, lhe pedia q̃ fizesẽ paz, & não fosse causa dauer guerra antre Christãos. E deu a Iorge goterrez estes apontamẽtos com que auia de fazer a paz.

« Que dõ Iorge era cõtẽte de fazer paz coele & cõ os reys de Tidore & de Geilolo por amor dele: & lhe daria Paulo hũ castelhano q̃ fora catiuo do tempo de dõ Garcia: & q̃ Fernão dela torre lhe auia de dar todos os portugueses q̃ forão catiuos na galeota & lhe auia de tornar ametade da ilha de Maquiẽ q̃ tinhão tomada & era da obediencia del rey de Ternate: & lhe auia de jurar q̃ não auia dajudar os reys de Tidore & de Geilolo, se quisessem guerra coele. E q̃ os portugueses & castelhanos q̃ se passassẽ dũa parte pera a outra não sendo por casos crimes, q̃ os dessem a seus capitães, & assi os escrauos que fugissem: & que Cachil daroes & el rey de Bachão não farião mais guerra aos reys de Tidore & de Geilolo: & quando Fernão de la torre não quisesse a paz coestas cõdições que lhe fizesse sobrisso hũ requerimento cõ protestação q̃ ele fosse obrigado a todas as perdas & dãnos q̃ recrecessem daq̃la guerra, assi a el Rey de Portugal como ao Emperador. Leuado este recado de dõ Iorge & apõtamẽtos das pazes a Fernão de la torre em todos cõcedeo se não na restituiçã dametade da ilha de Maquiẽ dizẽdo q̃ era do Emperador. E respõdẽdo ao requerimẽto q̃ lhe fez Iorge goterrez ficou a guerra como dantes.

CAPITVLO LXXV.

De como dom Iorge de meneses & Fernão de la torre mandarão pedir socorro hũ á India & outro á noua espanha.

Vendo dõ Iorge q̃ Fernão de la torre não queria a paz cõ as cõdições q̃ ele apõtaua não a quis: posto q̃ foy cõtra ho parecer de Gõçalo gomez & doutros q̃ forão coele, q̃ dizião que deuia daceitar a paz sẽ se dar ametade da ilha de Maquiẽ, mas dom Iorge não quis porq̃ lhe parecia aquilo couardia: & vẽdo q̃ não fazia a paz, & que a guerra auia dir em crecimẽto: & entendẽdo em Gõçalo gomez quão pouco ho auia dajudar a ela quis mãdar pedir socorro a Malaca & á India assi de gente como de fazenda pera a feytoria q̃ ja nã auia nhũa por se gastar toda como chegou, & mais pera mãdar por Simão de vera que queria mandar em hũ nauio os autos & estormẽtos q̃ tirara de dõ Garcia pera ho fazer prender antes q̃ se fosse pera Portugal, & determinou que fosse no nauio cayado q̃ estaua carregado de crauo. E dadas as cartas em q̃ escreuia ao capitão de Malaca & ao gouernador da India quanto acontecera despois de ser capitão da fortaleza, partiose Simão de vera no nauio que digo. E chegado á ilha de Mindanao foy morto com quantos leuaua poles da terra que lhe tomarão ho nauio, ou se perdeo: porq̃ nũca mais pareceo, & assi não ouue effeyto o q̃ dõ Iorge queria. E sabẽdo Fernão de la torre como dõ Iorge mandara Simão de vera a pedir socorro a Malaca & á India sobre lho Gõçalo gomez leuar tão bõ creo q̃ queria destruir de todo os Castelhanos, & pera tãbẽ ter gẽte com q̃ se defendesse, acordou cõ conselho de mãdar pedir socorro aa noua espanha, escreuendo ao gouernador dela o q̃ passaua, & q̃ alem da gẽte darmas lhe mãdasse officiaes pera fazer hũa fortaleza de q̃ tinha necessidade grãdissima por não ter em

q̃ se recolhesse. E coeste recado mãdou Aluaro de saya vedra no nauio em q̃ fora, & pera credito da tomada da galeota dos Portugueses leuou algũs dos q̃ forão nela catiuos & forão Fernão romeiro patrão da ribeira, Iacome ribeiro comitre, & hũ escriuão pubrico da fortaleza: & assi outros dous Portugueses q̃ se passarão pera os Castelhanos, & pedirão q̃ os mandasse cõ Aluaro de saya vedra, hũ auia nome Simão de brito patalim, & outro Bernaldim cordeiro. E partido Aluaro de saya vedra a quatorze de Iunho pera a noua espanha, estando surto no porto de hũa ilha q̃ se chama Hamey cẽto & setenta legoas de Tidore, determinou Simã de brito cõ Fernão romeiro de queimarem ho nauio, porq̃ Aluaro de saya vedra não fosse pedir ho socorro, & não achando maneyra pera isso furtarão ho batel & quatro escrauos q̃ ho remassem, & tornarãse todos pera Ternate, & cõ furtarẽ este batel poserão Aluaro de saya vedra em condição de não ir por diãte por nã ter batel com q̃ se seruisse: & todauia foy, mas achou logo ho vento por dauante, & por tãtos dias que lhe pareceo q̃ era ali geral & por isso se tornou pera Tidore onde foy ter em Nouembro. E Simão de brito & os outros Portugueses q̃ fugirão no batel forão dilha em ilha sofrendo muyto má vida de fome & de trabalho ate que forão ter antre hũas ilhas onde se deixarão ficar tres de cansados & os tres seguirão auante ate a ilha de Garmelim do senhorio del rey de Tidore, onde sendo conhecidos por Portugueses forão presos por amor da guerra que sabião que el rey tinha coeles a quẽ logo forão mandados: & conhecẽdo os Fernão dela torre q̃ yão com Aluaro de saya vedra teue deles má sospeita, pelo q̃ os mãdou meter a tormẽto & confessarão a verdade. E por esta treiçã mãdou Fernão dela torre degolar Simão de brito & enforcar Fernão romeiro & ho outro ficou catiuo. E despois disto se tornou a falar na paz, mas não se tomou nhũa concrusam por Fernão dela torre não querer alargar a metade da ilha de Maquiem: do q̃ dom Iorge andaua

muyto agastado, & mais porq̃ quisera ir destruir a cidade de Tidore, & Gõçalo gomez nunca ho quis ajudar nem quis mandar os Portugueses que forão coele, & dizia q̃ não fora a Maluco se não pera fazer crauo, pelo q̃ todos lhe querião bẽ & não fazião caso de dõ Iorge se não dele, nẽ dõ Iorge não ousaua de mandar os q̃ forão coele de modo que ficaua subdito de Gonçalo gomez com quem não ousaua de bolir por não amotinar a gẽte & trabalhaua pola leuar por bem. E Gonçalo gomez cõ vergonha foy sobre a ilha de Maquiẽ pera tomar os lugares q̃ forão del rey de Ternate, & foy coele Cachil daroes mas enfadouse logo & tornouse sem fazer nada, nẽ quis mais sair de Ternate se não quando se foy, & por não ter rezão de ir darmada alargou a alcaydaria mór & a capitania mór a dom Iorge & todo seu feyto era fazer crauo: & dom Iorge deu estes officios a Lionel de lima que cuydou que ho fizesse melhor q̃ Gonçalo gomez, & mandoulhe pagar dãte mão hũ anno dordenado, mas ele ho fez tão mal, & valeolhe a dõ Iorge que os Castelhanos cõ medo da gente que sabião que estaua na fortaleza fazião a guerra mais branda, & tinhão muytas vezes tregoas.

CAPITVLO LXXVI.

De como Martim afonso de melo jusarte se perdeo na costa de Bengala.

Inuernando Martim afonso de melo jusarte em Paleacate rompeose na India ho segredo de sua ida a çunda, & algũs amigos dos q̃ leuaua na armada lhes escreuerão verdade donde auião dir: & estes derão a noua a outros, de modo que foy sabido pelos da armada do que se muytos escãdalizarão polos enganarem, & hũs fugirão por não irem a çunda, & outros se conjurarão pera queimarem os nauios da frota tão dãnados estauão, & hũa noyte lhes poserão ho fogo, & se nã fora acodirlhe Martĩ afonso muy asinha & apagar ho fogo cõ muyta diligencia

eles forão queimados, & por mais deuassas que tirou pera saber quem ho fizera nunca ho pode saber, mas soube de muytos que estauão pera fugir por não irẽ coele & estes mandou prender, & aos que erão fugidos tomou as fazendas. E passado ho inuerno com muyto trabalho destas amotinações partiose, & porque soube que antre Bẽgala & Pegu andauão certas fustas de rumes fazendo presas, surgio em hũa ilha chamada Negamele defronte da cidade Darracão a esperar as fustas q̃ auião ali dir ter: & estando surto sobreueolhe tamanho temporal de vẽto que não podendo ho nauio sofrer a amarra seleuou & arribou, & os outros capitães tambem arribarão, & não podendo ter coele se apartarão de sua conserua, & despois de cessar a tormenta se achou só, & determinou de tornar á ilha donde se aleuantara pera ver se achaua hi os outros capitães: & nauegãdo per antre hũas ilhas deu ho nauio em hũ baixo onde ficou, & porque a gente não pelejasse sobre tomar a barquinha do nauio pera se saluarẽ hũs & outros não, mandou a hũ fidalgo chamado Andre de sousa que se metesse nela, & não consentisse que ninguem entrasse dentro, & pera se saluar a gente toda mandou muyto depressa fazer jangadas dalgũs paos das obras mortas do nauio & darcas, esforçando a gente que todos se saluarião. E estando nesta ocupação seria a mea noyte quando ho nauio adernou, & tõbouse todo pera hũa parte, que lhe não ficauão descubertos mais que os castelos. E como isto foy supito & de noyte ouuerãse de perder quantos estauão dentro mas acolherãse aos castelos & ali ficarão, & as jangadas que estauão começadas se perderão, & eles ficarão molhados & quasi despidos pera se deitarem ao mar cuydãdo que não tinhão outra saluação: o q̃ vẽdo Martim afonso os deteue & chamãdo Andre de sousa que chegasse á popa do nauio se meteo na barquinha leuando diante a Thome pirez que era ho senhorio dele, & despois se meterão outros que Martim afõso chamou por seus nomes, & não ficarão mais que seys Portugueses &

os escrauos, que pedião chorando que os tomassem, & era piedade ouuilos: mas por ser de noyte & Martim afonso temer que se çoçobrasse a barquinha com ho peso da gente não os quis tomar, prometendolhes com juramento de tornar por eles tanto que posesse os outros em terra, que por não caberem & temer que çoçobrassem os não tomaua, & eles disserão que assi ho esperauão nele. E Martim afonso, se foy caminho da terra que seria donde estaua ho nauio como de Lisboa a Almada, onde chegou sendo ainda de noyte, & ho rolo do mar era tamanho & tão brauo que fazia muy grande escarceo, & por isso não ousou Martim afonso de se chegar a terra, & mandou fora dous marinheiros pera verem se era praya ou penedia, & estes não tornarão mais, & parecẽdo a Martim afonso q̃ se afogarião não quis que saysse mais ninguem, & tornou ao nauio pelos Portugueses que lá ficauão por ver que caberião na barquinha, & não quis tomar nhũ escrauo porque não çoçobrasse. E tomados os Portugueses tornouse a terra onde deitara os marinheiros, & não os achando nem sinal deles teueos por perdidos. E com quanto este desastre era tamanho, & estauão em muyto grande perigo assi no mar como na terra q̃ não sabião, não faleceo a Martim afonso esforço: & mostrando grande coração lhes disse. Em tamanha desauentura como he perder a fazenda, & a vida ficar em tamanho risco como parece que está a nossa a principal cousa que nos ha de consolar, ha de ser termos por certo q̃ ho merecemos por nossos peccados, porque muyto menos se sente ho mal que vem a homem por sua culpa que aquele q̃ padece sem ela, & que este que nos sobreueo não he tanto como merecemos a nosso senhor: que como pay piadoso vsando de sua misericordia infinita nos deu este leue castigo, porque se ho dera conforme a nossas culpas onde se perdeo ho nauio acabarão nossas vidas, & por não perdermos as almas que lhe tanto custarão deuemos de crer que nos deixou coelas, & mais que assi como nos liurou de ta-

manho perigo nos ha dacabar de liurar de todo ate nos poer em saluo, por isso meus companheiros vos peço muyto que creais isto como ho eu creo, & que espereis em nosso senhor como eu espero que nos ha de leuar a saluamento, & que esta esperança vos esforce pera não sintirdes trabalho, fome, sede & outras fadigas que auemos de passar ate termos remedio com que tornemos aa India, & que vamos agora ao longo da costa pera ver se achamos os nossos nauios ou algũs deles em que nos embarquemos, & quando não iremos ate Arracão, cujo senhor he amigo dos Portugueses & dali nos iremos aa India. O que pareceo bem a todos, & se mostrarão muyto esforçados pera ho seguirem.

CAPITOLO LXXVII.

Dos grandes perigos & trabalhos que passarão Martim Afonso & os outros ate chegarem a Arracão.

E sem leuarem nhũa cousa que comer mais que hum pouco de bizcoito, & sem agoa nauegarão dous dias ao lõgo de terra sem comer nhũa cousa, porque por amor da agoa que não tinhão não ousauão de prouar ho bizcoito, nem ousaua Martim afonso de mandar a terra buscar agoa porque não via sinal de a auer nem ya na companhia quem soubesse a terra pera a buscar, & mais não vião nhũa pouoação. E indo assi nesta afronta tamanha virão hũa aldea, com que todos forão muyto ledos parecendolhes que ali terião remedio dagoa, & Martim afonso mãdou deitar em terra hum fidalgo chamado Francisco dacunha que agora mora no Algarue, & a hum Fialho dalcunha, pera que soubessem dos moradores daquela aldea se lhe darião agoa, & quão longe estaua do mar. E como Francisco da cunha & ho fialho chegarão aa aldea ajuntarãse bem corenta homẽs & tomando os antre si os leuarão por força mais pera ho sertão & os prenderão, & os que ficauão na barquinha bem

os virão leuar mas não conhecerão como os leuauão, & cuydarão que lhes yão mostrar algũa agoa. E estando esperando por eles sobreueo hũ vento por dauante com que ho mar se começou dencarapelar: & receando os Portugueses algũa tormẽta, & tambem enfadados da má vida tomarão dali achaque pera dizerem a Martim afonso que desembarcassem ali, o que lhe não pareceo bem ao menos ate não tornarem Francisco da cunha & ho Fialho, nem lhe parecia bem desembarcarem, porque como os da terra os vissem desarmados terião coração pera os matarem por amor de os roubarem, & que farião isto sem receo, porque como não nauegauão não tinhão que perder, & que auendo de desembarcar melhor seria em Arracão como tinha dito, porque ho senhor dela como nauegaua & tinha que perder não lhes auia de fazer nhũ mal com temor das nossas armadas, & por isso seria melhor irẽ lá. E Martim afonso não dizia isto se não pera ver se topaua algũs dos seus nauios que tão mal lhe parecia desembarcar em hum cabo como no outro. Mas como isto não parecia assi a todos, disserão muytos que deuião de desembarcar ali porque não leuauão mantimẽtos, & auia dous dias que não comião, & yão sessenta & quatro pessoas cõ que a barquinha ya metida no fundo, & que se alagaria com qualquer marulho, por isso que ho mais seguro era desembarcar ali. E nisto apertarão tanto que Martim afonso disse que desembarcassem, & porem que ho fazia muyto contra sua vontade, & que não era capitão, nem era nada, que se ho fora não desembarcara, & que não podia ser que de cinco nauios que se dele apartarão não achassem algum em que se saluassem per escusarem destar á cortesia dos mouros, & que entre tãto bem se poderião soster na barquinha, & quando a tormenta fosse tamanha então desembarcarião. E ouuindo isto Andre de sousa, Gonçalo vaz de melo, Nuno fernãdez freyre & outros dous todos grandes amigos de Martim afonso disserão, que ele era seu capitão & ho auia de ser, & que se po-

sesse aquilo em conselho, & saberião se era pera fazer ou não. E posto fezse o que Martim afonso dizia: & passando grande espaço que Francisco da cunha & ho fialho não tornauão disse que ali verião todos que gente era aquela, & quão bom seria desembarcarem. E sem mais esperar se partio, porque como não tinha armas não ousou de sair a saber o que lhes acontecera, & estes fugirão despois & forãse aa India. E indo Martim afonso ao longo de terra com ho mar bonança virão hum ribeiro que se metia no mar, com que derão muytas graças a nosso senhor, & por q̃ ali não parecia pouoação segurouse Martim afonso & mandou a Diogo pirez deça, & Nuno fernandez freyre, & a outros dous que fossem encher dagoa hũa jarra martabana que leuaria dous almudes. E estãdo tomando agoa acertarão dous homens da terra de chegar ao ribeiro com hũa panela darroz cozido que ainda leuauão quente, & Nuno fernandez lho comprou & leuou a com a agoa a Martim afonso: & querendo ele partir ho arroz por todos lhe pedirão que ho comesse soo, porque pera todos não era nada & pera ele soo seria algũa cousa, & não quis se não partilo & a cada hum coube hum bocado. E porque na agoa era necessaria grande prouisam se fartarão ali dela, & leuarão a jarra chea, & por lhes durar molhaua Martim afonso a ponta dum lenço nagoa & dauao a chupár a cada pessoa certas vezes no dia, & ho outro tempo tinhão na boca hum pelouro despingarda pera não auerem sede, & comião algũs bocados de bizcoito pera se sosterem. E coesta adieta tão trabalhosa nauegarão cinco dias sostendo os nosso senhor milagrosamente, & no cabo deles chegarão aa barra Darracão.

CAPITOLO LXXVIII.

De como Martim afonso foy leuado com os outros per hũs pescadores aa cidade de çuquiriá.

E como a Martim afonso lhe pesasse muyto de se ẽtregar aos mouros, porque sabia quão desleais & falsos sam, trabalhaua por buscar todos os modos que podia pera não se entregar. E porque sentia nos mais dos Portugueses enfadamẽto de tanta má vida nã ousou de lhe dizer o ꝙ temia dos mouros porꝙ não cuydassem ꝙ ele não queria desembarcar se não trazelos na barquinha, & ꝙ desesperados fizessem algum desatino, & por isso dissimulou coeles, dizendolhes que antes que se fossem pera Arracão fossem ver a hũs ilheos que ali estauão perto se por ventura estarião hi algũs dos seus nauios, & quãdo não algũ fato se fossem perdidos, que ho mar ali lançasse, & despois se irião pera Arracão. E consentindo que fossem mandou remar pera lá, & começãdo datrauessar acalmou ho vento & ho mar ficou cauado, & era tão vanzeiro que metia a barquinha no fundo com a agoa que lhe entraua que vazauão com hum capacete & com hũa bacinica que leuauão, & aqui se virão de todo perdidos pelo que chamarão muyto deuotamẽte por sam Lourenço a quem prometerão suas esmolas, & nosso senhor por rogos do bem auẽturado martir os liurou deste perigo, a cuja honrra despois mandou Martim afonso fazer hũa irmida em hũa sua quinta no termo Dobidos: & liures do mar chegarão ao ilheo, em cuja praya logo em desembarcãdo acharão dous sacos de bizcoito todo molhado & hũa arca de pao, & dentro algũs guingões de que despois fizerão arrombadas á barquinha. E nisto conhecerão que algum nauio dos que buscauão era perdido, & virão que ho ilheo era quasi tudo praya pequeno & redondo & no meyo dele debaixo de hũas aruores altas estaua hum charco dagoa na-

diuel em q̃ andauão peixes, mas a agoa cheiraua mal & amargaua, & por ali auia hũas faueiras como as nossas com fauas, hũas verdes & outras secas. Os Portugueses em as vendo arremessarãse a elas com a fome que leuauão comendo muytas: & parece que por terem esta propriedade os mais dos que as comião começarão logo darreuessar, & sair tudo juntamente como se comerão algũa peçonha & cayão no chão muyto fracos & desacordados, pelo que os outros cessarão de as comer, & Martim afonso acodio muy triste cuydando que aquilo fosse peçonha & fez agasalhar os doentes ainda q̃ não auia outras camas se não a area, & assi andou ate que anoyteceo, & quis lhe nosso senhor bem que fazia lũar pera os alomear. E andãdo passeando Nuno fernandez freyre & Frãcisco mendez ao longo do mar por não poderem dormir com ho cuydado do perigo em que se vião virão sair dagoa hũa tartaruga, & indo apos ela ate onde tinha perto de duzentos ouos tomarãna coeles & leuarãna a Martim afonso que a mandou logo fazer em pedaços pera comerem & fizerão muytos por ser mayor que hũa grande rodela, & as gemas dos ouos deitou em hũa bacinica & coalhados ao fogo os deu por sua mão aos doentes com que os esforçou, & assi comerão todos da tartaruga assada & do bizcoito & almeirões cozidos q̃ auia ali muytos & coziãnos em agoa em hum capacete que ainda que era ferrugẽto & os almeirões sabião a ferrugem sabião bẽ com a fome. E ao outro dia tomarão outra tartaruga a que acharão mais de duzentos ouos, & coeste refresco sararão os doentes & esforçarão os sãos algum tanto em tres dias que ali esteuerão. E vendo Martim afonso a gente contẽte, rogoulhes que não fossem a Arracão, porque tinha grande duuida no senhor daquela cidade por royndades que sabia que fizera a Portugueses que ali forão mais prosperos do q̃ eles yão, mas que fossem a Chetigão outra cidade del rey de Bengala que hũ Portugues dos da companhia que ja fora nela lhe dizia q̃ era perto, & que ali os agasalharião bem por a-

mor que nauegauão, & tinhão necessidade da amizade dos Portugueses, & todos disserão q̃ fossem. E atrauessando a costa, chegarão a hũa praya õde virão muytos palmitos, & vendo Martim afonso a terra despouoada desembarcou ali com todos, & mandou tirar a barquinha em terra, & com pedaços das tartarugas q̃ ainda leuaua & algũs ouos, & cõ ho bizcoito ajũtarão os palmitos & refrescarão, & com boa agoa que acharão deixarãse estar tres dias, & de noyte dormiã dous marinheiros na barquinha, & de quando em quãdo se leuantaua Martim afonso & a vigiaua: & isto fez porque algũs Portugueses lha não podessem furtar como determinarão pera fugirem nela & deixarẽ os outros. E na derradeyra noyte indo a Martĩ afonso visitar achou duas almadias pegadas cõ terra, & cuydando que a querião tomar bradou aos Portugueses q̃ acodissem. E sentindo hũs pescadores da terra que estauão nas almadias q̃ acodião, afastarãse de terra & falarão, & Martim afonso lhes mãdou preguntar por hũ Portugues que ja esteuera em Bengala & sabia a lingoa quanto era dali a Chetigão, & dizẽdo que perto concertou coeles que os leuassem lá por dez pardaos que lhes derão, & os pescadores mentião, & a cidade que dizião não era Chetigão se não outra chamada Cuqueriá de q̃ era senhor hũ mãcebo mouro chamado Codauaz & por dinidade cão, & ficaua ho nome todo Codauazcão, & era vassalo del rey de Bengala. E tomãdo os pescadores a barquinha de toa tirarão a força de remo quanto mais poderão & em amanhecendo achouse Martim afonso dentro em hũ rio, q̃ ho Portugues que esteuera em Bengala disse que não era aquele ho rio de Chetigão, porem que bem podião sair por ali ao mar, porque sabia que aquele rio cercaua aquela terra como ilha, & forão por aquele rio ate que anoyteceo: & nisto saltarão os pescadores supitamente em terra, dizẽdo que yão leuar recado ao lascar de Chetigão como estauã ali: & dizẽdolhe ho Portugues que porque mẽtião se aquele não era ho rio de Chetigão,

disserão q̃ si era, & forãse. E Martim afonso disse que esperassem ate verem que recado leuauão os pescadores, mas eles não tornarão mais, porem forão dizer a Codauazcão que estauão ali tãtos Portugueses q̃ andauão perdidos, & q̃ nã leuauão armas. E ele folgou muyto cõ aq̃las nouas porque os tinha por valentes homẽs & sabedores na guerra, & folgou coeles pera ho ajudarem em hũa que tinha com hũ seu vezinho, porque esperaua de ho vẽcer cõ sua ajuda, & porque era noyte nao quis que desembarcassem, & mãdoulhes dizer per hũ homem que sabia a lingoa Portuguesa que não se agastassem porque ele era grãde amigo del Rey de Portugal, & assi lho disse ho homem em voz alta sem ho verẽ por amor do grande escuro que fazia. E ouuindo Martim afonso estas palauras em Portugues & em lugar onde tão pouco esperauão ouuir falar sua lingoa nem palauras tão fauoraueis a eles ficarão muyto consolados, & esperarão bõ remedio pera a saluação das vidas, pelo que derão muytos louuores a nosso senhor.

CAPITVLO LXXIX.

De como Martĩ afonso & os outros ficarão ẽ poder de Codauazcão.

Codauazcão que estaua muyto aluoraçado pera auer os Portugueses, leuantouse como foy manhaã & caualgou acompanhado de muyta gente de guerra que tinha junta, & ido coele todos a pé se foy á ribeira leuando diante seus instormẽtos de guerra que yão tocando por festa, mas aos Portugueses não lhes pareceo assi: & quando virão tanta gẽte daquela maneyra cuydarão que os yão prender, & disserão que não era siso esperar mais, que se fossem, porque ho recado que lhes derão de noyte da parte do goazil foy pera os deterem que não fugissem, & a Martim afonso lhe pareceo bem & foyse pelo rio abaixo pera ir sair ao mar: a gẽte de Codauazcão

quãdo os virão fugir lançarão a pos eles ao longo do rio apelidando a terra, & tirãdolhes muytas frechadas & pedradas, & da outra banda do rio acodião trabalhadores, & suas molheres & filhos: & todos cõ tamanha furia que parecia que os querião meter no fũdo, & valeolhes que indo assi deu a barca em seco, o que vendo Martim afonso leuantou hũ lenço em sinal de paz porque os não matassem & bradou á gente que esteuesse queda: & ela ho fez assi, & porque a barca estaua hũ pouco afastada foy necessario desembarcar Martĩ afonso & os outros a nado: & ele foy logo falar a Codauazcão que quando ho vio lhe fez muyto gasalhado, & disselhe que não se agastasse polo desastre que lhe acontecera, & que fizesse cõta que estaua em Portugal, porq̃ ele & os outros Portugueses assi auião de ser tratados como lá, & que ele os deixaria ir pera a India dentro na moução, ou os mandaria quando não teuesse embarcação por isso que descansasse: o que lhe Martim afonso agardeceo muyto, & ele ho mandou apousentar com todos os outros em hũas grandes casas, & lhes mãdou dar todo ho necessario, & panos pera vestidos dalgũs que disso tinhão necessidade. E logo ao outro dia chegarão aa barra desta cidade Duarte mendez de vazcõcelos capitão de hũa galeota & Ioã coelho capitão dũ bargantĩ ambos da conserua de Martim Afonso q̃ andauão em sua busca, & na barra souberão dos mesmos pescadores q̃ ali leuarão os Portugueses como estauão na cidade. E os capitães mãdarão dizer a Martim afõso como estauão ali, q̃ determinasse o q̃ queria: & ele pedio licẽça a Codauazcão pera se ir lẽbrandolhe o que lhe tinha prometido. E ele lhe disse q̃ era verdade, mas q̃ não lhe podia logo dar licẽça, & cõtoulhe a causa porq̃, q̃ era a guerra q̃ tinha, q̃ esperaua dacabar cõ sua ajuda dẽtro na moução, & então lhe daria licença, & q̃ mãdasse dizer aos capitães que estauão na barra q̃ ho esperassem, & entre tanto lhes darião os mantimẽtos de q̃ teuessem necessidade, & Martim afonso ho fez assi.

CAPITVLO LXXX.

De como Martim afonso foy liure do catiueiro em que estaua.

E como Codauazcão tinha sua gente prestes pera ir sobre seu ĩmigo, partiose logo leuãdo Martĩ afonso cõsigo, q̃ ya a caualo & os outros Portugueses a pé, & todos leuauão armas q̃ lhes Codauazcão dera, & forão cõ muyto trabalho por ho caminho ser muyto roym & fragoso. E a gente de Codauazcão se espantaua de como ho podião aturar não sendo costumados a andar por aquela terra, & tinhão os pera muyto, & assi forão por suas jornadas ate chegarem aa cidade do immigo de Codauazcão que tinha deitado fama que leuaua cem Portugueses com espingardas a fora ho grande poder de gente da terra, & assi alifantes, pelo que seu immigo não ousou de ho esperar & fugio deixando a cidade despejada, & por isso a tomou Codauazcão sem nhũa resistẽcia: & dali foy seguĩdo seu ĩmigo ate ho deitar fora da terra que nũca ousou de lhe dar batalha com medo dos Portugueses que da gente da terra não fazia conta ainda que fora mais da que era: assi que ho medo dos Portugueses fez fugir ho immigo de Codauazcão que ficando senhor de toda a terra de seu immigo se tornou pera a cidade de Soré ondestaua sua mãy & dous seus irmãos, & ho galardão que deu a Martim afonso & aos outros pola ajuda que lhe derão, foy negarlhes a licença que lhes tinha cõcedida & pedirlhes resgate polos deixar ir, o que lhes não derão polo não terẽ. E quãdo Martim afonso vio a pouca verdade de Codauazcão, determinou de fugir dando parte disso a algũs dos q̃ estauão coele. E cõcertado com os capitães que estauão na barra, que pera hũ dia certo lhe mandassem as almadias pos em obra sua fugida hũa noyte despois que sintio que os da cidade erão recolhidos, & mandou diante

os mais dos que estauão coele com quem foy hũ portugues q̃ cõ hũ Manuel de caceres leuaua os recados de Martĩ afõso aos capitães & sabia a terra & õdestauão as almadias q̃ era dali a quatro legoas: & partidos estes foise Martim afonso apos eles, indo coele Manuel de caceres: & isto seria as onze horas da noite: & como ho caminho era muyto roym & cõprido, começarão de cansar & algũs ficarã & estes querẽdo despois ir a pos os outros não sabẽdo a terra se perderão: & vẽdose perdidos tomarã por remedio tornarẽse á cidade, õde chegarão antes damanhecer, & deitarãse em suas camas a dormir, & antrestes foy Diogo pirez deça. Martim afonso & os outros seguirão auante, & com ho roim caminho & cõ irem de vagar, & partirem tarde da cidade amanheceolhes antes q̃ chegassem aas almadias, & por nã serẽ descubertos embrenharãse. E tanto q̃ amanheceo soube logo Codauazcão q̃ Martim afonso & os outros Portugueses erão fugidos, do que lhe pesou muyto, & mãdou chamar Diogo pirez deça & os que estauão coele, & preguntoulhes que como fugira Martim afonso & os outros & eles ficarão, disse que não sabia porque Martim afonso lhe não dera conta de nada, & q̃ acordãdo de noyte ho achara menos & aos outros. Codauazcão ho creo, & mãdou logo hũ capitão cõ quatro cẽtos homẽs darmas ẽbusca de Martim afonso & dos outros & q̃ trabalhasse muyto polos achar: & ele os achou, & ẽ a gẽte os vẽdo começão darremessar sobreles pedradas, & frechadas sem conto: & os Portugueses se quiserão defender, & Martim afonso não quis, dizẽdo q̃ não era tẽpo, porq̃ se ho fora ele começara primeyro, & q̃ quanto se mais defendessem tãto mais aluoraçarião a terra, & se ajuntaria mais gente & os matarião mais asinha, & por isso era melhor entregarẽse sem escãdalo. E bradãdo aa gẽte q̃ não tirasse foyse parela, & disse ao capitão q̃ os Portugueses erão tão obedientes a quem tinhão por capitão q̃ fazião quãto lhes mandaua, & porq̃ ele mãdara aq̃les q̃ ali vinhão q̃ fugissem que por isso fugirão:

& se se auia de dar algũa pena por aq̃la culpa que fosse a ele sómente porq̃ éle a tinha. Ho capitão lhe disse q̃ não era culpado ẽ fugir, & q̃ pesara disso a Codauazção, porq̃ folgaua coele & cõ os outros Portugueses, q̃ se fossẽ pera a cidade & q̃ lhe faria merce, & assi forã. E primeiro q̃ dali abalassẽ hũs Bramenes dos gẽtios pedirã ao capitão q̃ lhes mandasse dar hũ daq̃les Portugueses pera sacrificarẽ aos seus pagodes a quẽ rogarão q̃ lhe deparasse aq̃les portugueses, & pois lhos deparara q̃ lhes desse hũ pera lhes fazerẽ festa: & ele lhes deu a hũ Gõçalo vaz de melo, a que queria mal porq̃ quando forão aa guerra lhe chamara cão perro, & ele não se vingou cõ medo, & vingouse ali porque vio a sua. E ali foy logo degolado, sem Martim afonso nẽ nhũ dos outros ousarẽ de falar por não poderẽ mais. E leuado Martĩ afonso a Codauazcão, ele se lhe queixou porq̃ lhe fugia dãdolhe tã boa vida, & tornouho a sua graça como dantes, & fazialhe merce & hõrra & porẽ não ho quis deixar ir nẽ a nhũ dos outros, pelo q̃ Martim afonso escreueo tudo o que passaua aos capitães que ho estauão esperando na barra, escreuendolhes que se fossem, & escreueo hũa carta pera ho gouernador em que lhe daua relação de sua desauẽtura, pedindolhe que ho mandasse resgatar, & os capitães se partirão & derão esta carta a Lopo vaz de sam Payo q̃ ainda gouernaua a India, q̃ rogou a hũ mouro Dormuz chamado Cojeçabadim que ya a Bengala, que resgatasse Martim afonso, & os que achasse viuos, & ele os resgatou por tres mil cruzados que deu a Codauazcão, & os mandou á India em hũa fusta sua gouernando Nuno da cunha, logo no primeyro anno de sua gouernança.

CAPÍTVLO LXXXI.

De como Simão de sousa galuão com tormenta foy ter a Dachem.

Partidos Pero de faria & Simão de sousa de Cochim pera Malaca como ẽtrarão no golfão da ilha de Ceilão pera a de çamatra, por ser sempre perigoso ainda que seja na moução & porque a gale era rasteira mãdou Simão de sousa abater quanta artelharia leuaua assi grossa como miuda: & quasi no cabo do golfão lhe sobreueo hũa braua tormenta com que se apartarão, & Pero de faria foy ter a Malaca õde foy entregue da capitania da fortaleza por Iorge cabral que a seruia, & Simão de sousa com ho mesmo temporal foy ter á ilha de çamatra á barra de Dachem quasi perdido, & cõ a artelharia toda abatida & a gente enjoada & cansada. E sabendo ele polos da terra õdestaua, quiserase logo ir se ho deixara ho tẽpo por saber camanho ĩmigo dos Portugueses era el rey Dachẽ, mas ho tẽpo não lhe daua lugar. El rey sabẽdo da gale q̃ estaua na barra mãdou preguntar q̃ gente era & pera õde ya, & sabendo q̃ erão Portugueses q̃ yão pera Malaca, determinou de os tomar, & pera saber quantos erão, & como yão apercebidos mãdou visitar Simão de sousa cõ muyto refresco, dizẽdo q̃ folgaua muyto de ir ali ter pera fazer amizade cõ os Portugueses cõ quẽ a desejaua de ter auia dias, rogãdolhe q̃ entrasse pera dẽtro q̃ lá estaria mais seguro & seria melhor prouido, & se quisesse q̃ ho mãdaria rebocar per algũas lãcharas. O q̃ Simão de sousa lhe agardeceo, dizẽdo q̃ não ya pera dentro por se deter menos, porq̃ na hora q̃ ho tempo desse lugar se auia de partir. E receãdo el rey q̃ ho fizesse assi, mãdou fazer aquela noyte prestes mil homẽs darmas q̃ se embarcarão em vinte lãcharas pera irẽ tomar Simão de sousa q̃ polo seu q̃ lhe leuou o refresco soube a gẽte q̃ tinha, & q̃ não leuaua

artelharia pera se defender: & como foy manhaã os despedio, mãdãdo ao capitão delas q̃ por força lhe leuasse Simão de sousa quãdo não quisessé por sua võtade, & por dissimular mãdoulhe diãte hũ recado em hum calaluz: que pois ali estaua que entrasse pera dentro porque lá estaria mais seguro, & que mandaua algũas lancharas pera que ho rebocassem. E este recado lhe deu do calaluz hũ mouro que não quis entrar na galé. E dandolhe Simão de sousa a reposta yãose as lancharas chegando: & quando Simão de sousa vio a muyta gente que ya nelas conheceo ho engano, & disse ao mouro que lhes dissesse q̃ se fossem que lhes não queria dar trabalho, & ele não se queria ir, pelo que Simão de sousa pedio suas armas, & os outros tambem se armarão: & hũ fidalgo q̃ se chamaua Manuel de sousa pos ho fogo a hũ falcão & tirou ao calaluz pera que se fosse. Ho capitão das lancharas vendo que era descuberta sua treição mãdou que aferrassem a galé: & tangẽdo os mouros seus instormẽtos de guerra, & dando grandes gritas remeterão á galé tirandolhe muytas bombardadas & espingardadas de que ferirão algũs Portugueses, & duas ou tres lancharas aferrarão a galé por popa, & saltarão muytos mouros dentro sem lho os Portugueses poderẽ defender: & a peleja se começou muyto braua, que com quanto os Portugueses erão poucos, & os mouros muytos pelejarã tam esforçadamẽte que matarão & ferirão muytos dos que entrarão & os outros fizerão tornar a suas lancharas, pelo que os das outras não ousarão mais dẽtrar: & porem combatião os Portugueses brauissimamente com espingardadas, frechadas, zagũchadas & pedradas: & com tudo fazião mortal dãno porque como as lancharas erão alterosas & a gale rasteira ficauão muyto senhores dos Portugueses & tratauão os muy mal, porẽ não tanto que não recebessem dobrado mal, mas como erão as noue partes mais que os Portugueses não se lhes enxergaua tanto como neles q̃ erão poucos. E desta maneyra durou a peleja ate as dez horas, em que Simão

de sousa & os outros se defenderão com esforço tão sobre natural q̃ auendo os mouros por impossiuel vencerẽnos & espantados de tal valentia domẽs, & dos muytos q̃ da sua parte erão mortos & feridos se retirarão ficando corenta Portugueses mortos & feridos, & tornarãse pera a cidade.

CAPITVLO LXXXII.

De como Simão de sousa galuão foy morto na barra de Dachem cõ quãtos yão coele.

Sabẽdo el rey como a sua gente não leuaua a gale, ouue disso muyto grãde menencoria, & mãdou logo ir diante de si os capitães & preguntoulhes como não leuauão a gale, & eles lho contarão fazendolhe grande espãto da valentia dos Portugueses: do q̃ el rey se agastou muyto mais do q̃ estaua, & caualgãdo em hũ alifante mandou chamar ho seu capitão geral com a gẽte de guerra que tinha a cargo, & mandoulhes que lhe fossem por a gale de Simão de sousa, jurãdolhes por Mafamede que os que tornassem sem ela q̃ os auia de mandar matar com a mão daquele alifante, & logo os mandou embarcar em cincoenta lancharas, o que fizerão com bẽ má võtade por auerẽ grãde medo aos Portugueses pola valẽtia q̃ neles virão na peleja passada. Ho capitão mór dos mouros despois q̃ chegou á gale fez q̃ nã ya pera pelejar, & leuãtãdo hũa bãdeira de paz disse q̃ queria falar a Simã de sousa q̃ chegou a bordo a saber o q̃ queria. E ele lhe disse da parte del rey q̃ estaua muyto agastado, porq̃ sendo tamanho amigo dos Portugueses & desejãdo de lhe fazer hõrra & gasalhado receberã de seus vassalos tamanha offẽsa como lhes fora feyta, & q̃ logo mãdara prẽder todos aq̃les q̃ lha fizerão, & pera ver ho castigo q̃ lhes daua, lhe rogaua muyto q̃ entrasse pera dẽtro, & q̃ ficaria louuado. O q̃ ouuido polos q̃ estauão cõ Simão de sousa, muytos começarão de dizer q̃ se ẽ-

tregassem porq̃ ja não podião pelejar: o q̃ ouuindo Simão de sousa ouue medo que se amotinasse a gente, & por isso lhes quis falar, & disse ao capitão dos mouros q̃ aueria conselho com sua gente, & se eles quisessem ir pera dẽtro. E como ho capitão receaua muyto a peleja com os Portugueses foy contente de Simão de sousa auer ho conselho que dizia pera ver se podia escusar a peleja & afastouse. E Simão de sousa pregũtou á gẽte da galé que dizia, & muytos lhe disserão que faria bem de fazer o que el rey de Dachẽ queria pois por força ho auião de fazer por não serẽ poderosos pera se defẽder posto q̃ todos os q̃ ali chegarão forão viuos & sãos quanto mais sendo a mayor parte mortos & feridos: & poderia ser que vẽdo el rey q̃ se punhão em seu poder q̃ lhes goardaria sua palaura & faria o que dizia, & q̃ se tiraria dalgũ mao pensamẽto se ho tinha, o q̃ mais asinha poeria em obra vẽdo q̃ não se fiaua dele. Ao que Simão de sousa respõdeo, q̃ claro estaua q̃ quẽ era tão mortal imigo dos Portugueses como el rey Dachẽ que se os acolhesse q̃ os auia de matar de muy cruas mortes: & pois auião de morrer sem as vingar, q̃ melhor morrerião vingãdo as, & farião o q̃ deuiã a Christãos & a caualeyros, & entre tãto q̃ fazião o q̃ deuião lhes daria nosso senhor maneyra pera se saluarẽ: & quando não podessem saluar as vidas q̃ lhes saluaria as almas por sua misericordia pois morrião por seu seruiço. E animados todos coestas palauras, disserão q̃ fizesse o q̃ lhe bem parecesse, & q̃ eles ho seguerião: o q̃ lhes agardeceo muyto, & disse ao capitão dos mouros que não auia dẽtrar pera dẽtro q̃ se podia ir ẽbóra: & ele por estar ameaçado del rey nã ousou de se ir, & mãdou aos seus q̃ cometessem a galé & trabalhassem muyto porq̃ tomassẽ os Portugueses viuos, q̃ assi lho encomẽdara el rey, & q̃ lhes lẽbrasse como os ameaçara se fossẽ sem a gale, por isso q̃ fizessem por saluar as vidas. Os mouros remeterão á gale cõ tamanhos alaridos q̃ eles somẽte abastarão pera desatinar os Portugueses, quanto mais tã

tas nuuẽs de frechas q̃ tolhião a claridade do sol: tãta soma despĩgardadas q̃ escurecião ho ár, pedradas, zagũchadas, azagayadas & outros arremessos tão espesos q̃ parecião hũa grossa chuua. E nesta reuolta se chegarã tãto certas lãcharas á gale q̃ saltarão algũs mouros dẽtro, q̃ logo forão somidos pelos Portugueses q̃ cada hũ pelejaua por vinte, & não descansauão momẽto & fizerão afastar as lancharas dos mouros, que como erão muytos se ẽbaraçauão hũs com os outros porque todos querião ser os dianteiros que pelejassem, & cõ a fadiga q̃ nisto tinhão podião os Portugueses aproueitarse deles, assi cõ os tiros miudos como cõ as espingardas & outras armas offensiuas com que derribauão hũs sem pernas, outros partidos em pedaços. E era cousa espãtosa de ver como os Portugueses se podião defender de tanta multidão de mouros, quanto mais offẽdelos com tamanha destruição. E porem eles não estauão sem ela que erão algũs mortos & os outros quasi todos feridos, & os mouros q̃ ho não sabião mas cuydãdo q̃ estauão em todas suas forças por passar de tres horas que duraua a peleja, & q̃ nem somẽte os poderão nũca abalroar, começarão de se alargar da peleja ainda que os capitães lhes lembrauão ho ameaço q̃ lhes el rey fizera, pelo que lhes não daua espantados de tã braua defensão domẽs. E vẽdo hũ mouro q̃ andaua na galé de por força, como os mouros se afastauã lãçouse a nado por ninguẽ atẽtar nele, & foy dizer aos mouros que nã se fossem, porq̃ os portugueses erão mortos os mais deles, & os outros tão feridos & cansados q̃ nã se podião defender, & se os cõbatessẽ mais hũ pouco q̃ lhes tomariã a galé, & ho capitão mãdou este mouro a el rey pera que lhe disesse aquilo, & assi os feridos q̃ tinha, pera q̃ lhe mãdasse gẽte de refresco, & munições q̃ logo mandou. E chegada esta gẽte tornarã os mouros a cometer a galé q̃ entrarã muytos, por ja os Portugueses que auia viuos lhes nã poderem resistir: porq̃ nã pelejauão mais q̃ Simão de sousa, Manuel de sousa, dõ Antonio de crasto, An-

tonio caldeira, Iorge dabreu, & outros tres ou quatro: & cõ quanto fazião façanhas, os mouros os fizerão retirar ate ho pé do masto, & pregarão duas frechas a dõ Antonio de crasto na aste dũa chuça com que pelejaua, & ficarãolhe as mãos pregadas, & assi pelejou ainda hũ pouco, & foyselhe tãto sangue das muytas feridas que tinha que cayo morto, & Simão de sousa, & Manuel de sousa com os outros fizerão ali cousas tão milagrosas que não se podẽ contar, & bẽ vingarão suas mortes assi os que ali morrerão, como os q̃ despois acabarão suas vidas ẽ poder dos mouros. E na furia desta peleja deu hũ zaguncho darremeso a Simão de sousa sobre ho coração, & com a força que leuaua lhe rõpeo as coiraças & ho coraçã & caio morto, & os que ficarão viuos que seriã vinte cinco, em que entrauão Antonio caldeira, & Iorge dabreu, se entregarão, prometendolhes os mouros as vidas, & eles se derão por nã terem forças nem folego pera se defenderem, & com este Simão de sousa acabarão de morrer quatro filhos de Duarte galuão. s. Iorge galuão, Manuel galuão, & Ruy galuã que todos falecerão nestas partes seruindo os Reys de Portugal como seu pay & ante passados seruirão. Tomada a galé pelos mouros não q̃rião goardar ho seguro q̃ derão aos Portugueses, & queriãnos matar se os capitães não acodirão que lhos tolherão: & eles vẽdo que nã podião vingarse deles dos muytos parentes & amigos q̃ lhes matarão, vingarãse em Simão de sousa q̃ feyto em pedaços ho deitarão ao mar. Tomada assi a galé foy leuada a el rey com os Portugueses que escaparão viuos, a q̃ el rey fez muyto gasalhado por dissimular sua maldade, & fez q̃ lhe pesaua muyto da morte de Simão de sousa & dos outros q̃ ele mãdaua chamar pera lhes fazer gasalhado & hõrra como desejaua de fazer a todos os Portugueses de que era grande amigo: & como eles fossem sãos q̃ escolhessem antre si algũ que fosse dizer da sua parte ao capitão de Malaca, q̃ mãdasse por eles, & pola galé & artelharia, & polo mais que lá teuesse que fora dos Por-

tugueses, porque tudo daria de boa vontade. E isto fazia com tenção que ho capitão de Malaca mandasse algũ nauio, & q̃ ho tomaria com a gente que fosse nele: & pera mais enganar os Portugueses mandoulhes dar muyto boas pousadas &. euralos cõ grãde diligencia., & darlhe todo ho necessario tão largamẽte como se esteuerão antre Christãos.

CAPITVLO LXXXIII.

De como dõ Garcia anrriqz chegou a Malaca.

Dom Garcia anrriquez q̃ ficou na ilha de Banda despois que foy tempo partiose pera Malaca, & no caminho tomou hũ jũgo de mouros Iaos. E auido seguro de Pero de faria que ho não prendesse nẽ a nhũ dos q̃ forão na prisam de dom Iorge, se foy a Malaca, onde lhe Pero de faria mandou embargar toda sua fazenda, dizẽdo q̃ lhe não dera seguro mais q̃ pera ho nã prẽder. E despois estando em Malaca hũs embaixadores del rey de Panaruca, que he na ilha da Iaoa que vão assẽtar paz & amizade cõ Pero de faria, se leuãtou hũ arroido antre os criados destes ẽbaixadores & os Malayos, que foy causa de se desembargar a fazẽda de dõ Garcia, & foy desta maneyra. Pousauã estes embaixadores ẽ hũa cerca de taipa junto da pouoação dos Quelĩs, & passando hũ dia hũ homẽ da terra per junto desta cerca com hũ pouco de dinheiro virãlho hũs criados do ẽbaixador: & tomarãlho por força, ao que acodirão algũs da cidade: & estando em rezões com os q̃ tomarão ho dinheiro q̃ ho tornassẽ passou ho meirinho da fortaleza, a q̃ requererão que ho fizesse tornar, & querẽdo ho fazer foy sobrisso morto pelos Iaos. E os da cidade vendo isto se acolherão cõ medo, & começasse hũ rumor que os Iaos de Panaruca & quãtos morauão em Malaca erão feytos amoucos, & porq̃ atras disse q̃ cousa sam amoucos ho não digo: & este rumor chegou á fortaleza, & acodio lo-

go Pero de faria com gente armada cuydãdo q̃ era treiçã, & quando foy achou ja dõ Garcia anriq̃z q̃ cõ sete ou oyto Portugueses da sua companhia acodio ao arroido cõ suas armas & fez deter os laos que nã passassem auante & matou doze deles, pelo que quando chegou Pero de faria ouue pouco que fazer em os fazerẽ recolher, & tudo se logo apacificou. E porque dom Garcia acodio a tão bõ tempo lhe mãdou Pero de faria desembargar sua fazẽda dando fiança dũs tantos mil cruzados, pera se dom Iorge de meneses quisesse dele algũa cousa, & assi escapou dom Garcia em Malaca.

CAPITVLO LXXXIIII.

De como el rey de Dachem mandou cõ engano dizer a Pero de faria que lhe daria os Portugueses & a galé.

Neste tempo auia guerra antre el rey de Dachem, & el rey dauru seu vezinho. E sabendo el rey Dauru a muyta rezão q̃ os Portugueses tinhão pera serem ĩmigos del rey Dachem, mãdou pedir ajuda a Pero de faria capitão de Malaca, mandãdolhe dizer por seu embaixador como tinha guerra cõ el rey Dachẽ, & q̃ confiado na amizade q̃ tinha cõ os Portugueses do tempo q̃ Iorge dalbuquerq̃ fora capitão de Malaca lhe mandaua pedir ajuda contra el rey de Dachẽ que sabia que era ĩmigo dos Portugueses, & q̃ lha auia de dar por mar pera coela pelejar a sua armada com a del rey de Dachem em quãto eles pelejassem por terra, & q̃ esperaua de se vingar dele & vingar aos Portugueses das offensas q̃ lhes tinha feytas. E partido este embaixador del rey Dauru, foy logo sabido del rey de Dachem: do q̃ ele ficou muyto agastado, porque a fora recear muyto el rey Dauru por ser poderoso de gente, & gẽte esforçada & guerreyra, auia grande medo de lhe ho capitão de Malaca dar ajuda, porq̃ dandolha era sem nhũa redenção destruido: & estaua certo darlha assi por os males q̃ os Portugue-

ses tinhão dele recebidos como porque naq̃la conjunção auia muytos Portugueses ẽ Malaca, assi os q̃ estauão dantes, como os que forão cõ Francisco de sá a çũda: & os q̃ leuara Pero de faria da India, & os que auia de leuar Martĩ afonso de melo jusarte q̃ ainda não sabia que era perdido, porem soubera dos Portugueses q̃ tinha catiuos q̃ auia dir a ter a Malaca. E tẽdo por certo darse a ajuda a el rey Dauru, determinou de lhe atalhar com manha que lha não dessem: fazendo como dizẽ da necessidade virtude, & requerer amizade ao capitão de Malaca cõ offrecimento de dar os catiuos & a galé, & todo ho mais q̃ tinha tomado aos Portugueses. E porq̃ não auẽturasse nhũ dos seus nesta embaixada, & tambẽ porq̃ parecesse ao capitão de Malaca q̃ tinha võtade de cõprir o q̃ dizia, mandou coela Antonio caldeira, & em sua cõpanhia outro Portugues, & primeyro q̃ ho mandasse lhe fez muytas mostras damizade a fora as q̃ tinha feytas a todos em os agasalhar & curar, & disselhe a causa porq̃ ho mãdaua & não a nhũ seu, & q̃ se o capitão de Malaca quisesse q̃ mãdasse logo pelos outros Portugueses, & pola galé & artelharia, assi dela como de hũa nao q̃ se perdera na sua barra, & a que tomara na fortaleza de Pacem: & que não queria outra cousa se não sua amizade & a dos Portugueses. E ao tempo que Antonio caldeira chegou a Malaca tinha Pero de faria prometida sua ajuda ao ẽbaixador del rey Dauru, & quando vio Antonio caldeira & soube ho recado q̃ leuaua ficou muyto ledo parecẽdolhe que cobraria os Portugueses que estauão catiuos, & a gale & artelharia, & que nisto ganhaua mais q̃ em dar ajuda a el rey Dauru: & não ele sómẽte estaua coisto muyto ledo mas os mais dos principais da fortaleza, & dõde Pero de faria tinha prestes Diogo de macedo capitão mór do mar de Malaca pera ir por mar com outros capitães ajudar el rey Dauru começou de ho ter. O q̃ não parecendo bem a Martim correa por ser seu amigo & ter coele credito lhe disse que visse bem o q̃ fazia, porq̃ to-

da aq̃la amizade del rey Dachẽ lhe parecia fingida, & q̃ não era pera outro fim se não pera saber se daua ajuda a el rey Dauru, ou se fazia armada prestes pera ir vingar a tomada da gale assi como auia pouco q̃ se fizera em longú, porq̃ bem deuia ele de saber que auia muyta gente ẽ Malaca. E a rezão por onde lhe parecia q̃ el rey Dachẽ mandaua mais Antonio caldeira pera saber aq̃las duas cousas que cõ determinação de fazer amizade, era conhecer ele por experiencia que os mouros não cometião amizade se não quando vião q̃ lhes era muyto necessaria, & que el rey Dachẽ ainda nã se vira apressado dos Portugueses pera cõ necessidade desejar sua amizade, antes ele lhes tinha feytas muytas & muy graues offensas, na morte de Iorge de brito, na tomada da fortaleza de Pacem, na da galé de Simão de sousa & outras, porq̃ nunca ouuera castigo: pelo q̃ auia destar muyto soberbo, & não pedir amizade com offrecer tãtas cousas a quẽ lhe não pedia nhũa, o que lhe fazia sospeitar o que sospeitaua. E parecẽdo isto bẽ a Pero de faria, mandou chamar Antonio caldeira, & lhe resumio perãte Martim correa quanto lhe ele tinha dito, rogandolhe muyto que atentasse bẽ se se poderia ter aquela sospeita del rey Dachem. Ao que ele respõdeo que não abonãdo ho muyto, & dãdo ho por amigo muy fiel dos Portugueses, & acreditando ho tanto que disse q̃ por nhũ preço deixaria de lhe tornar com qualquer reposta que lhe dessem pola confiança q̃ nele tinha. O q̃ visto por Pero de faria, teue por sem duuida q̃ el rey Dachẽ falaua verdade pois Antonio caldeira fiaua tãto dele, q̃ estãdo liure se queria tornar lá sem receo de ho catiuarẽ: & mais porq̃ dilatãdo ele a reposta a el rey de Dachẽ, lhe disse Antonio caldeira q̃ se a mais dilatasse & ho não quisesse mandar a Dachẽ q̃ ele se iria, porq̃ auia de cõprir o q̃ prometera a el rey de Dachẽ & aos Portugueses que ficauão coele de tornar com a reposta. E quãdo Pero de faria vio sua determinação, acabou de todo crer q̃ ele tinha por verdadeyro o que el

rey de Dachẽ lhe mandaua dizer, & despachouho logo escreuendo a el rey de Dachẽ que folgaua muyto com sua amizade, & q̃ a aceitaua em nome del Rey de Portugal, & dali por diante teria nele hũ bõ amigo, & receberia dele fauor & ajuda quando lhe fosse necessario, & que logo mãdaria pelos Portugueses & polo mais q̃ dizia, & com a confiança que tinha de sua amizade, não queria dar ajuda a el rey Dauru que lha mandaua pedir contrele, & que disso poderia estar seguro, & mandaua hũ Portugues casado em Malaca que sabia bem a terra & a lingoa dela que leuasse Antonio caldeira em hũ balanco & ho posesse no reyno de Pacem onde estaua el rey de Dachem & lho entregasse. E partidos de Malaca forão ter a hũa ilha, onde fazẽdo agoada forão mortos polos moradores dela que erão mouros, pelo que el rey de Dachem não ouue reposta.

CAPITVLO LXXXV.

Do q̃ passou antre Pero de faria & el rey Dauru, & el rey de Dachem.

Despedido Antonio caldeira pera Dachẽ, como Pero de faria tinha assẽtado de nã dar ajuda a el rey Dauru despedio ho seu embaixador respõdendo que não podia ajudar a el rey Dauru contra el rey de Dachem por amor dauer aqueles Portugueses que tinha catiuos, & por cobrar a muyta artelharia q̃ tinha del Rey de Portugal que se isso não fora que ho ajudara de muyto boa võtade, & ajudaria cõtra qualquer outro rey. E ouuindo ho embaixador esta reposta tão fora do que esperaua, & despois de ho deterem tãto tempo como ho deteuerão ouue muyto grande menencoria posto q̃ ho dissimulou. E sem mais se despedir de Pero de faria se partio hũa noyte muyto secretamente, do que pesou muyto a Pero de faria, parecendolhe que ya agrauado, & que el rey Dauru ho ficaria dele: o q̃ ele não queria

porque sabia que el rey Dauru era leal amigo dos Portugueses, & grande seruidor del Rey de Portugal, & por isso desejaua de ho poupar: & pera ho temperar de seu agrauo, mandou lá a hũ Fernão de morais capitão dũ galeão como que ho mandaua em seu fauor, & cõ grandes disculpas de lhe não dar logo ajuda. E chegado ho embaixador del rey Dauru a ele antes que Fernão de morais lá chegasse, lhe deu a reposta de Pero de faria, de que el rey ficou muyto agastado, & porque se temeo que desse ajuda a el rey de Dachẽ, despachou logo sua armada que tinha prestes que fosse pelejar com a del rey de Dachẽ que estaua no porto de Pacem: & indo pera lá topou no caminho hũ paraó em que ya hũ Portugues daq̃les q̃ el rey de Dachẽ tinha catiuos por quẽ ho mesmo rey mandaua dizer a Pero de faria q̃ mãdasse logo polos outros Portugueses, & pola galé & artelharia: & isto porq̃ Antonio caldeira tardaua cõ a reposta, & parecialhe q̃ Pero de faria nã queria sua amizade, por amor dos dãnos q̃ tinha feytos aos Portugueses, & q̃ria antes a amizade del rey Dauru & darlhe ajuda pera ho destruirẽ ambos. E coesta sospeita feruia, & pera se tirar dela tornou a mandar aquele Portugues, q̃ topando ho os Aurus, como sabião que ho seu rey não estaua bẽ com os Portugueses tomarão este & mandarãno a el rey Dauru, que sabẽdo dele ao que ya não ho quis deixar ir, porq̃ Pero de faria coeste recado não se apressasse a socorrer el rey Dachẽ. E nisto chegou Fernão de morais ao porto dondestaua el rey Dauru: que como não era amigo dos Portugueses não quis mandar recado a Fernão de morais, ãtes defendeo que ninguem fosse ao galeão. E passando quatro dias que Fernão de morais estaua no porto sem pessoa nhũa da terra ir a bordo, determinou com quãto lhe aquilo pareceo mal de se auẽturar & ir falar a el rey, o que lhe foy contrariado, dizendo que poderia ser que el rey estaria agrauado de Pero de faria pola ajuda que lhe não quis dar, & por isso não quereria que os Portugueses fossem a sua

terra nẽ conuersalos, & que indo a terra sem seu recado lãçaria mão dele, & ho prenderia por isso que não fosse. E como Fernão de morais era muyto esforçado & auentureyro não quis deixar dir: & chegado diante del rey, foy dele muyto bẽ recebido & agasalhado, & mostrou receber bem as disculpas de Pero de faria, & que não lhe pesaua de sua amizade com el rey Dachem por amor das causas q̃ dizia, antes folgaua muyto de cobrar por aquela via os Portugueses, galé & artelharia, & que nem por isso deixaua de ser seu amigo & ho seria sempre. E isto tudo era fingido, que como vio Fernão de morais logo determinou de ho prẽder & tomarlhe ho galeão se a sua armada desbaratasse a del rey de Dachem, & isto por se vingar da ajuda que lhe Pero de faria não deu. E com tudo quis esperar se vẽcia a sua armada ou não, porque não vencendo queria ficar amigo com os Portugueses, porq̃ ficando mal coeles receaua q̃ se ajũtassem cõ os Dachẽs & ho destruissem, & deteue Fernão de morais oyto dias dando lhe a entender q̃ ho tinha pera se fauorecer coele contra seus ĩmigos, & a cabo dos oyto dias lhe foy noua que a sua armada pelejara com a del rey Dachem, & q̃ nhũa vencera & se apartarão sem mais pelejarem & a sua se tornaua, & logo deixou ir Fernão de morais & lhe deu ho Portugues que leuaua ho recado del rey de Dachem, que tinha reteudo ate tambem ver em q̃ parauão aq̃les negocios, & por não serem a sua võtade ho soltou, & mãdou dizer a Pero de faria o que ja tinha dito a Fernão de morais que quãdo chegou ao galeão achou q̃ ho mestre & a outra gẽte se querião ir desesperados de ele tornar, parecendolhe que era catiuo, & receando que fossem os mouros tomar ho galeão. E vendo el rey Dauru que sua armada não vencera a del rey de Dachem não quis pelejar coele por terra, nem menos el rey de Dachem quis coele guerra, parecendolhe que ho auião dajudar os Portugueses por não ter ainda reposta de Pero de faria, & logo se concertarão ambos & se fizerão amigos. E como

a amizade del rey de Dachem cõ Pero de faria era fingida por amor da guerra del rey Dauru como se vio dela desapressado, não quis mais amizade com Pero de faria nẽ darlhe nada, & pesoulhe dos Portugueses que tinha mandados: o que Pero de faria não soube porque por nã poder não mandou a Dachem, & por lhe parecer que tudo estaua certo pera de cada vez que lá mandasse, & se então soubera a verdade & mãdara lá hũa armada el rey de Dachem comprira o que tinha prometido ou fora destruido.

CAPITVLO LXXXVI.

De como Nuno da cunha partio pera a India por gouernador dela.

Neste anno de mil & quinhentos & vintoyto mandou el Rey dom Ioão de Portugal por gouernador da India hũ fidalgo chamado Nuno da cunha védor da sua fazenda, q̃ por amor da grande inuernada que foy aquele anno não pode partir se não a dezoyto Dabril, & leuou hũa armada de noue naos grossas & hum galeão, & hũ nauio redondo. Das naos forão capitães a fora ele, Simão da cunha seu irmão que ya por capitão mór do mar da India, Pero vaz da cunha tambẽ seu irmão q̃ leuaua a capitania de Goa, Garcia de sá q̃ leuaua a de Malaca, dõ Fernãdo de lima de Sãtarem q̃ ya por capitã mór das tres naos do trato de Baticalá pera Ormuz, dõ Frãcisco deça, Frãcisco de mẽdoça, Ioão de freytas & Antonio de saldanha: do galeão Bernaldĩ da silueira, do nauio afonso vaz azãbujo. E nesta armada forã tres mil hòmẽs darmas em que entrauão muytos fidalgos & criados del Rey a mais luzida gẽte que ate aq̃le tempo fora á India. Partida esta armada antes de chegar ás ilhas das Canarias ãtre as noue horas & as dez do dia se foy a nao de Ioão de freitas ao fũdo porq̃ abrio da popa ate a proa dũ duas pancadas que lhe deu a nao de Si-

mão da cunha, & isto por culpa do piloto da nao de Ioão de freitas, & em obra de hũa hora se ẽcheo dagoa que não se pode lançar ho batel fora & ho esquife escassamente, em que se meteo Ioão de freitas cõ algũs, & sobristo & sobre se tomarem arcas & tauoas pera cada hũ se saluar ouue muytas cutiladas, de q̃ muytos morrerão: & foy piedosa cousa de ver hũ homẽ casado que leuaua sua molher & tres filhas moças, que vendose sem esperança de saluação se abraçarão todos cinco: & dãdo gritos que chegauão ao ceo se forão cõ a nao ao fundo: o q̃ os das outras naos entenderão quãdo a virão meter debaixo dagoa que atéli não sabião nada do que passaua por irem hũa legoa dela ou pouco menos. E entendendo o que era acodirão os capitães em os esquifes com q̃ saluarão bem cincoenta pessoas q̃ andauão pegadas ẽ arcas & ẽ tauoas, & afogarãse na nao cento & cincoenta, & Nuno da cunha nã castigou ho piloto da nao de Ioão de freitas q̃ escapou porque nã soube a verdade de como aquilo fora que lhe foy encuberta. E prosseguindo em sua viagẽ foy fazer agoada na ilha de Sãtiago, õde achou menos ho galeão de Bernaldim da silueira que cuydou que achasse ali porque desapareceo logo ao sair da barra de Lisboa, & indo por sua rota foy ter ao parcel de çofala onde deu em seco, & foy morta a gente pelos cafres. E fazendo Nuno da cunha agoada na ilha de Santiago, & tomados os mantimẽtos que lhe leuauão duas carauelas que ateli forão coele tornou a sua viagem, & na costa de guiné deixou a nao Dantonio de saldanha por singrar menos que todas as outras & perderem viagem por esperarẽ por ela: & disselhe pelo seu piloto que se ficasse com a bẽção de Deos, porque bem via quão tarde era, & que perdião viagem por sua causa, & que melhor seria perderse hũa nao que todas: & coisto deu os traquetes que leuaua amainados & ho mesmo fizerão as outras, o que vendo os que yão com Antonio de saldanha ficarão muyto tristes de se verem ficar, o que eu vi por ir na nao. E dãdo ho gouernador

os traquetes com as outras desaparecerão em pouco espaço, & Antonio de saldanha mandou tantas vezes mudar a carrega da nao da popa a proa, & assi pelo contrairo que lhe acertou ho cõpasso: & singrou dali por diante muyto bẽ. E nisto & em vigiar a nao sem dormir de noyte nẽ se despir, & em a fazer andar mais do que ho piloto & mestre fazião & em a segurar, & em ter muyto grãde cuydado de curar os doẽtes foy tão singular capitão que mais não podia ser. E despois da ajuda de nosso senhor por sua diligencia foy esta nao aquele anno á India segũdo os estoruos que teue pera não ir. E seguindo Nuno da cunha sua rota nã leuãdo ẽ sua conserua mais q̃ Pero vaz da cunha & dõ Fernãdo de lima & Afõso vaz ĩdo na volta do cabo de boa Esperãça lhe deu hũ temporal de sul q̃ durou hũa noyte & hũ dia ate vespera, & em acabando forão ter coele Antonio de saldanha & dõ Francisco deça, que auia dias que yão em companhia, & forão recebidos com grande festa. E indo assi em conserua lhe deu aos seys dias de Iulho na paragem do cabo outro temporal de sul que durou vinte quatro horas, & poderão as naos sofrer ho pairo ate ho quarto dalua, em q̃ ho vẽto foy em tanto crecimento q̃ a Nuno da cunha lhe foy forçado arribar porq̃ era ho mar tão grosso que ho comia, & assi arribarão as outras naos saluo a Dãtonio de saldanha, que como era noua quis nosso senhor q̃ pode sofrer ho pairo, & isso foy tambẽ causa de passar á India. E arribando Nuno da cunha foy correndo com aquele temporal ate que acalmou & achouse com Pero vaz da cunha & com dom Fernãdo de lima. E os outros capitães forão por esse mar ate que tornarão a fazer viagem. E achãdose Nuno da cunha cõ seu irmão & com dõ Fernãdo, acordou coeles que por quanto era tarde & yão em risco de não passar á India, q̃ por pouparẽ caminho fossem por fora da ilha de sam Lourenço, & assi ho fizerão: & dõ Francisco deça & Frãcisco de mendoça & Afonso vaz que fizerão seu caminho por dentro forão ter a Moçãbiq̃, saluo Afonso

vaz q̃ se perdeo nos ilheos de Moçambique & saluouse toda a gente, & dom Francisco deça & Francisco de mendoça acharão em Moçambique a Simão da cunha, & por ser passada a moução não poderão passar aa India, & inuernarão hi. E Garcia de sa que antes do primeyro temporal se apartou da cõserua, despois de se ver quasi perdido cõ a segunda tormenta seguio sua rota, & passando muyto trabalho de fome & de sede cõ que lhe morreo muyta gente chegou aa costa da India hũ sabado dezasete Doutubro com tanta necessidade dagoa que não leuaua mais que hũa pipa dela. E despois dele oyto dias chegou Antonio de saldanha que tambẽ passou assaz de trabalho com fome & sede, de q̃ lhe adoeceo quasi quanta gẽte leuaua & lhe morrerão perto de sessenta pessoas, & foy por fora, & por fazer prouisam na agoa que leuaua pouca, bem hũ mes se não deu a cada pessoa mais q̃ hũ quartilho dagoa cada dia, & por passar aa India não tomou nhũa agoada por se não deter: & chegou a Baticala hũ sabado vinte quatro Doutubro, & dali foy ter a Cochim.

CAPITOLO LXXXVII.

De como se perdeo a nao de Nuno da cunha.

Passada a tormenta que disse com que se as naos espalharã, Nuno da cunha cõ pero vaz da cunha & dom Fernãdo de lima seguirão por sua rota, & com muyto roym viagem de ventos cõtrairos & calmarias foy ter aa ilha de sam Lourẽço quasi na fim Doutubro, & surgio na barra do rio de Santiago pera fazer agoada, & ali foy ter coele hum Portugues q̃ lhe contou como escapara da nao de Manuel de lacerda que se perdera ali em hũ baixo por culpa do seu piloto, & a gente se saluara na terra por ser perto, & Manuel de lacerda se deteuera hũ anno esperando que fossem ali ter algũas naos que os tomassem: & q̃ aueria dous meses que andara hi hũa

nao oyto dias, de dia a terra & de noyte ao mar, & que cada noyte lhe fazião fogos em cruz pera que soubesse que estauão ali Christãos, & nunca chegara a terra, & despois desaparecera. E esta era a nao Dãtonio de saldanha, & não quis chegar posto que vio os fogos, porque sabia que tambẽ os mouros os fazião pera enganarem os Christãos & os fazerem chegar a terra, & se perderem em muytos baixos & restingas que ha ao longo dela. E disse mais aq̃le Portugues que desaparecida esta nao ficarão Manuel de lacerda & todos muyto tristes, por não esperarem tão cedo por outra nao. E porque a terra era muy pobre de mantimentos, & não se podião manter: & tambem porq̃ ho mais certo caminho das naos Portuguesas era pola outra bãda da ilha acordarão de se passarẽ lá, & feytos em duas quadrilhas foy cada hũa por seu cabo: & ele por estar doente se deixara ali ficar, & que a gente da terra lhe fazia muyto boa companhia, & dela soubera como chegarão aquelas tres naos. E fazendo Nuno da cunha & os outros capitães agoada, em hũa terça feyra que auia quatro dias que ali estaua, estando os bateis dẽtro no rio, leuantouse hũ trauessam com que a nao de Nuno da cunha começou de caçar pera terra, & por estar sobre hũa só ancora lãçarão outra, & despois outras ate seys que não auia mais & todos os austes delas trincarão, & era por se roçarem por penedos que estauão debaixo, & com a grande força que leuauão pelo peso das ãcoras trincauão logo. E não auẽdo ancoras que teuessem a nao, caçou tanto pera terra, que deu sobre hũa area õde fez assento & abrio, encheose dagoa, & ho mesmo ouuera dacontecer á nao de dom Fernãdo de lima se não teuera hũ auste de cairo que teue mão, porque tambẽ outros de linho trincarão, & os esquifes que erão por agoa dẽtro ao rio nunca poderão acodir por ho vẽto ser trauessam & na boca do rio fazer ho mar tamanho escarceo que não poderão sair, nẽ sairão ate não acalmar ho vento, & a nao por a restingã ser baixa não ficou cuberta dagoa mais que ate a

ponte, &. dali pera baixo tudo se perdeo, & a gente se saluou toda, & Nuno da cunha se passou com parte dela pera a nao de Pero vaz da cunha, & a outra se apousentou na de dom Fernando, & tirados os mastos & vergas a esta nao, & queymado quanto parecia sobelagoa, Nuno da cunha se partio caminho da India a dez de Nouembro & foy ter antre as ilhas de Zanzibar, & hũa noyte entrou em hũa enseada grande que se fazia antre a ilha de Zanzibar & outra. E quando veo pola manhaã nem os pilotos poderão entender por onde entrarão, nẽ por õde auião de sair: porque os canais por õde entrarão & por õde auião de sair erão tão estreitos que não se enxergauão com ho mar que arrebentaua em frol. E despois de desesperarem de não poderem dali sair & estarem em muyto risco de se perder, mãdou Nuno da cunha a Manuel machado capitão dos seus alabardeiros que fosse a terra com algũs deles a tomar lingoa pera saber ondestaua, & ele foy no esquife da nao & quisera sair em hũa pouoação de q̃ logo os negros acodirão bem armados de frechas & paos tostados, & pelejando coele ho fizerão recolher por força, & sobrisso lhe matarão hũ gormete & ferirão outros homẽs: o que sabẽdo Nuno da cunha, fez conselho sobre o que faria, & seu irmão Pero vaz se conuidou pera ir a terra, õde foy no batel com certos fidalgos & outros homẽs todos armados. E vẽdo os a gente da terra daquela maneira fugirão & despouoarão ho lugar: do q̃ Pero vaz se agastou muyto, & disse a todos que bem vião ho perigo em q̃ as naos estauão, & quãta necessidade tinhão de tomar quẽ as tirasse dali, & pois os negros não querião esperar era necessario tomarẽnos por manha: & esta seria ficarem em terra embranhados algũs dos nossos, & os outros fizessem que se tornauão no batel á nao, porque como fosse noyte os negros auião de tornar á pouoação, & os q̃ ficassem embranhados poderião tomar algũ que lhes dissesse ondestauão, ou lhes desse maneyra pera se tirarem dali. E a isto não respondeo ninguẽ, saluo hũ mã-

celho fidalgo chamado Diogo de melo filho de Ioão de melo abade de pôbeiro q̃ disse ele ficaria com hũ seu irmão chamado Tristão de melo, & com hũ seu criado que auia nome Ioão rodriguez. O que lhe Pero vaz teue muyto em merce, louuando ho por isso grandemente, & prometendolhe de ho dizer a Nuno da cunha pera lhe fazer merce: & Diogo de melo lhe disse que visse como ficaua, & tanto que fosse noyte que acodisse á praya diante daquela pouoação ondestauão pera ele ter õde se saluasse, que bem sabia que se auia de ver em perigo, porq̃ não auia de vir de terra sem tomar lingoa: & coisto se foy embranhar com seu irmão & cõ ho outro, & Pero vaz mandou remar ho batel pera as naos. E vendo ho os da terra ir cuydarão que se tornauão, & por isso em anoytecẽdo se forão pera a pouoação: & sintindo Diogo de melo que tornauão sayo do mato cõ Tristão de melo & Ioão rodriguez, & apanhou hũ mouro q̃ ya só, que vendo os nossos ouue tamanho medo que se calou, porque eles tambem ho ameaçarão com as espadas nos peitos q̃ ho matarião se bradasse ou não quisesse andar. E coisto derão muy asinha coele na praya onde a borda dagoa acharão Pero vaz no batel. E vendo todos ho mouro que era hũ velho forão muyto ledos, porque disse a Pero vaz pelo lingoa despois que perdeo ho medo, que se ho não tomarão q̃ nunca as naos ouuerão de sair dali ainda que tomarão outro, porque ele era piloto daquela costa, & q̃ as auia de tirar, & ho mesmo disse a Nuno da cunha despois q̃ foy coele que deu a Diogo de melo muytos agardecimentos pelo que fizera, & lhe prometeo que como gouernasse a India lhe daria a primeyra cousa que vagasse que coubesse nele, porq̃ fizera hũ muyto grande seruiço a Deos & a el Rey em lhe trazer aq̃le piloto: do que os q̃ forão cõ Pero vaz ouuerão grande enueja, & lhes pesou muyto de não se offerecerem a embranharse como se ele offreceo. E certo q̃ despois de nosso senhor ele foy causa de se as naos saluarem em tomar aquele piloto, & ao outro dia ho pi-

loto mouro tirou as naos daquela enseada por hũ canal tão estreito que todos se espantauão de como podião por ali sair, & dali forão ter ao porto de Zanzibar, ondeteuerão algũs dias refrescando por ser a terra muyto pera isso como disse atras. E desesperando Nuno da cunha de poder passar á India por ser vinda a moução dos leuantes que era contraira pera sua nauegação, & lhe era forçado inuernar em algũ lugar daq̃la costa, determinou de ser em Mombaça por ter muyto bõ rio pera estarem as naos o que não podia ser em Melinde por ser costa braua, & as naos correrẽ muyto perigo, & por isso não podia hi ter ho inuerno. E assentado nisto, deixou em Zanzibar bem duzentos doẽtes que leuaua por ir mais despejado, & por ser a terra muyto sadia & abastada pera eles ali ficarem. E pedio a hũ fidalgo chamado Aleixo de sousa chichorro q̃ ficasse por seu capitão, o que ele fez de muyto boa võtade por seruir el rey. E Nuno da cunha se partio pera Melinde, onde foy muyto bẽ recebido del rey, & hi achou Diogo botelho pereyra capitão de hũa naueta em que fora buscar dõ Luis de meneses se parecia por aq̃la costa, porque auia sospeita q̃ não era perdido & estaua ali com a gente da sua nao, & daqui mandou Nuno da cunha pedir licença a el rey de Mombaça pera inuernar no seu porto dãdolhe a rezão porque não podia ser em Melinde, & fazendolhe muytos offrecimentos. Mas el rey de Mõbaça parecendolhe que aquilo era manha pera lhe tomarẽ a cidade nã a quis dar, pelo que ele determinou de lha tomar & ter hi ho inuerno.

CAPITVLO LXXXVIII.

De como Nuno da cunha tomou a cidade de Mõbaça.

E dãdo parte desta determinação a seu irmão & a dõ Fernãdo a que pareceo bem, assentou em conselho que ho deuia de fazer. E feyto alardo da gente que tinha achou oytocentos Portugueses & bem duzẽtos mouros da India nossos amigos que inuernauão em Melinde que forão coele, & seys centos com que ho ajudou el rey de Melinde: & partio hũ dia atarde com quatro velas: a capitaina, a de dom Fernãdo de lima, a de Diogo botelho pereyra & a dos mouros. E chegãdo ao outro dia pola manhaã á barra de Mombaça surgio, & surto mandou sondar a barra por Pero vaz da cunha q̃ foy no batel da nao bem artilhado & forão coele corenta homẽs de que algũs erão fidalgos. s. Anrrique de sousa chichorro, Diogo botelho pereyra & outros: & na entrada da barra que era ho mais estreito dela acharão que estaua hũ baluarte de pedra, & q̃ tinha oyto bombardas que os mouros que estauão nele desparărão logo em vẽdo ho nosso batel que por ser rasteiro, & passar muyto rijo ho não poderão pescar: & passando auãle foy surgir no lugar onde as naos auião de surgir que era perto da cidade, & este sinal auia de ter Nuno da cunha pera entrar sem Pero vaz tornar a darlhe recado, porq̃ das naos podião ver onde surgia, pelo que Nuno da cunha começando de ventar a viração disfrio as velas leuadas as ancoras, & ho mesmo fizerão os outros & entrarão pera dentro, & tirarãlhe do baluarte mas não lhe fizerão nhũ dãno, & Nuno da cunha não mãdou tomar ho baluarte por mostrar aos mouros q̃ ho não tinha em conta, & lhe fazer crer q̃ lhe não queria fazer guerra & consentisse el rey por bem que inuernasse ali, & por isso esperou aq̃le dia ate noyte sem mandar tirar á cidade pera ver se lhe mandaua algũ recado, mas ele esta-

ua bem fora disso, & assi lho aconselhauão os seus, & diziãlhe q̃ quãdo se não pódesse defender que melhor era deixar a cidade que darlha por sua vontade, & que hi lhe ficàuá passado ho inuerno q̃ os Portugueses se auião dir. E coeste proposito despejarão a cidade da fazẽda & da gente que não ficou mais q̃ a de peleja. E vẽdo Nuno da cunha que el rey estaua em seu ser & não lhe mandaua recado desenganouse que queria guerra, & pera saber õde teria melhor desembarcação, como foy noyte mandou a Pero vaz que ho fosse ver. E chegando ele diante da cidade q̃ os mouros ho sintirão sairão muytos á praya & tirauão muytas frechadas cõ frechas heruadas q̃ ferirão algũs Portugueses, & Pero vaz se tornou a Nuno da cunha, a que disse que auia hũa praya em q̃ podia bẽ desembarcar posto q̃ auia de sair a gẽte por agoa que daria pola cinta, & dali a duas horas chegou á capitaina hũ mouro de Melinde que vinha da cidade & disse a Nuno da cunha que se goardasse de desembarcar na praya que auia de ser cousa perigosa pola detẽça que a gente auia de fazer em chegar a terra, & que entre tanto a frecharião os mouros porque assi ho tinhão determinado: por isso q̃ deuião de desembarcar junto de hũa mezquita q̃staua abaixo da praya em q̃ desembarcaria sẽ nhũ perigo por ser ali alcantilado, & que ele mostraria este lugar. E disse mais que os mouros serião tres mil de peleja, & que não tinhão mais que hũa estancia de fora de hũa das portas da cidade com quatro ou cinco bombardas de ferro, & que ho bombardeiro era hũ Portugues, & q̃ auia antreles algũs espingardeiros, & q̃ estauão com grande medo q̃ lhe parecia que auião logo de fugir. Sabido isto por Nuno da cunha, cõcertou cõ seus capitães de dar ao outro dia na cidade & deu a diãteira a Pero vaz da cunha com seyscẽtos Portugueses & trezẽtos mouros, & muytos destes Portugueses erã espingardeiros, & era seu capitão hũ fidalgo chamado Fernão coutinho que despois foy por terra da India a Portugal, & Nuno da cunha com os outros capi-

tães & resto da gẽte lhe auião dir na retro goarda. E ao outro dia em amanhecẽdo desembarcarão na mezquita onde os guiou ho mouro de Melinde, que seria da cidade hũ tiro de bésta ou pouco mais, & sem acharem ali resistencia (porque os mouros os esperauão na praya) seguirão pera a cidade que era cercada de muro baixo, & forão contra a porta onde de fora estaua a estancia que ho mouro dissera, em que estauão duas bõbardas de ferro que tirarão algũs tiros. E vendo ho bombardeiro q̃ os nossos se chegauão, fugio com medo & assi os mouros que estauão na estãcia se recolherão á cidade. E vẽdo el rey que contra os Portugueses nã auia defensa fugio da cidade cõ toda a gente, & como a pressa foy grande que não podião leuar o que tinhão deixarão muyta parte dele soterrado, & outra leuarão & lhes ficou por hi. E el rey se pos na mesma ilha mea legoa da cidade cõ seu arrayal bẽ fortalecido. E não achãdo Nuno da cunha nhũa resistencia nos mouros, não os quis seguir & mandou roubar a cidade em que ho mais que se achou forão mantimẽtos, porẽ algũs acharão dinheiro com q̃ se tornarão dali pera Portugal no nauio de Diogo botelho. E tomada assi a cidade sẽ morrer ninguem dũa parte & da outra, fez Nuno da cunha algũs caualeiros, & despois mandou fortalecer algũa parte dela atrauessando as ruas cõ tranqueiras: porq̃ pera quão poucos os nossos erão ficaua ela muyto grande, & não a podião defender toda: & temiase Nuno da cunha que os mouros lhe corressem por quão perto estauão. E fortalecida aquela parte da banda do mar com suas estancias & gente que as goardasse, apousentouse nos paços del rey, & dahi a algũs dias mandou tomar ho baluarte da barra em que ainda estauão mouros, & mandou a isso dom Rodrigo de lima irmão de dõ Fernando de lima, que com os que leuaua tomou ho baluarte matãdo & catiuando a mór parte dos mouros q̃ ho goardauão, & tomandolhe sua artelharia, & foy ferido dõ Rodrigo de hũa frechada & assi algũs outros: & ele morreo despois da

ferida por ser a frecha heruada. E dali por diante como os mouros estauão tão perto da cidade, & a mayor parte dela esteuesse despejada, vinhão correrlhe de dia & de noyte, & como não achauão resistēcia da parte do sertão desauergonhauãse tãto que entrauão dentro, & hũs leuauão o que lhes ficara escondido, outros chegauão ate as tranqueiras q̃ os nossos tinhão feytas nas ruas: & querião passar por elas, & assi ho fizerão se pelos nossos lhe não fora defendido q̃ lhes resistião fortemēte: & se os nossos não teuerão necessidade de pelejar na tomada da cidade aqui teuerão tanta q̃ os mais dos dias & das noytes ho fazião, porq̃ os mouros erão tão sobejos que continuamēte vinhão, & muytas vezes tomauão os Portugueses comendo & erão feridos muytos de hũa parte & doutra. E hũa vez sayo dõ Fernando de lima com tamanha pressa que foy sem capacete cõ hũ chapeo de frisa, & passãdolho com hũa frecha ho ferirão na testa: ao que ele disse muyto alto. Amores de minha molher por mostrar que não sentia a ferida, & pelejou tambem com os q̃ ho ajudauão que fez fugir os mouros de que ficarão algũs mortos. E sendo os Portugueses tão perseguidos coestes continos rebates, afrontauasse Nuno da cunha disso, & tinhao por grande injuria, & porque não sabia quantos os mouros erão & os nossos serē poucos não ousaua de mãdar dar no arrayal pera os fazer afastar dali: & desejãdo de tomar lingoa pera que soubesse o q̃ digo, encomendou a Diogo de melo de que disse atras que lha tomasse, porque tinha nele confiança que ho faria, & ele lho prometeo, & forão coele Tristão de melo & outros dous homēs & hũa noyte se deitarão em cilada perto do arrayal. E estando assi forão ter coeles dous mouros de que tomarão hũ, & em no tomando deu tamanhos brados antes que lhe podessē tapar a boca q̃ foy ouuido no arrayal, õde ho aluoroço foy muyto grande, & começarão todos de se reboluer pera acodir: o que sentindo Diogo de melo quisera tomar ho mouro ás costas & leualo: mas era tão gordo que nun-

ca ele nẽ nhũ dos outros ho poderão leuantar. E vẽdo ele isto, & que dali á cidade era mea legoa, & que ho não auia de poder leuar contra sua vontade porq̃ os mouros vinhão matou ho & cortoulhe hũ braço que leuou pera testemunho do que fizera, & perto da mea noyte chegou aa cidade coele & por Nuno da cunha dormir deu ho braço ao seu camareyro, & ao outro dia lhe contou o que fizera: & querẽdo laa tornar pera ver se podia tomar lingoa não ouue disso necessidade, porque os mouros não tornarão mais, que vendo que os Portugueses chegauão de noyte ao seu arrayal pareceolhes que lhes punhão cilada, & ouuerão tamanho medo que dali por diante não yão á cidade se não com muyto tento, & se dauão rebates era poucas vezes, de modo que os Portugueses ficarão liures da afronta em que dãtes estauão polo bõ esforço de Diogo de melo. E auendo ja dias que Nuno da cunha ali estaua começarão os nossos dadoecer & morrer por ser a terra doentia, & em todo ho inuerno que durou ate fim de março morrerão trezentos & setenta Portugueses antre os quaes morreo Pero vaz da cunha & outros muytos fidalgos & caualeyros.

CAPITVLO LXXXIX.

Do q̃ ho gouernador fez este inuerno em Goa, & de como se perdeo hũa armada no rio de Chatua.

Inuernãdo ho gouernador Lopo vaz de sam Payo este ĩuerno do ãno de vintoyto na cidade de Goa não quis prouer a fortaleza de capitão, & ele mesmo ho foy pera tirar algũas tiranias que sabia q̃ fazião os capitães, assi como dar sentẽças por dinheiro, porq̃ os juyzes não podião despachar os feytos se não coeles, leuar hũa tãga de todos os caualos que yão Dormuz: & irião sempre hũs ãnos pelos outros passante de dous mil caualos, de todos os seguros q̃ dauão ás naos Dormuz quãdo se tornauão hũ pardao por cada vinte candis, & auia nao q̃

pagaua cincoẽta pardaos, & mais hũa tanga de cada pessoa, & nã auia anno que não fossem a Goa sessenta setẽta naos & leuaua cada hũa muyta gente. E estes tributos que os mouros sentião muyto mais q̃ os que pagauão a el rey na alfandega tirou ho gouernador, de q̃ os mouros folgarão tanto que no anno seguinte forão a Goa muyto mais naos que ateli & a renda dalfandega teue muyto grande crecimento, & assi concertou outras miudezas que erão muy necessarias pera bõ regimento da cidade & nobreza dela. E porque auia algũa falta dos mantimentos q̃ vão de Balagate por os Tanadares do Hidalcão os antreterẽ, mãdoulhe sobrisso hũa embaixada per Tristão de gá, cõ hũ presẽte dũ arnes inteiro laurado de romano cõ medalhas & folhajẽ, duas maças de torneo de prata douradas & hũa soma de coral grosso, mãdãdolhe offrecer sua ajuda se lhe fosse necesaria. Do q̃ o Hidalcã se mostrou muyto cõtẽte, & despachou ho com muytos agardecimẽtos: & prouisões pera os tanadares q̃ deixassem passar pera Goa quantos mãtimẽtos lhe leuassẽ & cortar na terra firme toda a madeira q̃ quisesse: cõ o q̃ foi a cidade bẽ prouida. E porq̃ não saysse de Calicut nẽ de seu señorio nhũa pimẽta, mãdou o gouernador Simão de melo cõ hũ galeã & cinco bargãtĩs a goardar a costa, & ele ficou esperando por Antonio de mirãda q̃ chegou na fim de setẽbro. E foylhe recado de dõ Ioã deça capitão de Cananor q̃ a vinte de setẽbro se perdera hũa armada q̃ sayra de Cochĩ de treze bargãtĩs & catures & hũa galeota: & cõ hũ supito trauessã dera toda á costa na boca do rio de Chatuá na costa de calicut & se espedaçara, & a gẽte fora toda morta & catiua pelos mouros: pelo q̃ el rey ficara muito soberbo & fazia hũa grossa armada: cõ cujo fauor os mouros de Cananor andauã muito aluoraçados: por isso q̃ saisse de Goa ho mais cedo q̃ podesse.

CAPITVLO XC.

Como o gouernador desbaratou Cutialè de Tanor.

Sabido isto pelo gouernador ē seis dias se acabou de fazer prestes: & partio de goa ho j. doutubro deixādo por capitā Antonio de mirāda q̄ descāçase do trabalho q̄ leuara no estreito. Forā coele estes capitães nos seus galeões Fernā rodriguez barba, lopo de mezquita, Anriq̄ de macedo, Antonio de lemos a q̄ deu ho galeão Dantonio da silua: leuou mais ē sua conserua ate sete bargātins q̄ não auia mais ē Goa, & ele foy no galeão sam Dinis. E chegādo antre mōte Deli achou Simão de melo seu sobrinho q̄ lhe disse q̄ tinha auiso de dō Ioão deça capitão de Cananor, q̄ estaua em Termapatão hūa frota de Calecut de cxxx. velas. s. sessenta paraós bē armados & artilhados & as outras pagueres & naos de carga q̄ leuauā especiaria a meca: & os paraós yão ē sua goarda ate serē fora da costa da India: de q̄ era capitão mór Cutialé de Tanór valēte caualeyro q̄ tinhā por sctō por chegar entā da casa de Meca. E sabēdo ho gouernador esta noua disse q̄ se fossem lāçar ao mar da baya de cananor q̄ ali q̄ria pelejar: porq̄ dādolhe nosso senhor vitoria como esperaua, queria q̄ a vissem os mouros. E fezse alamar cō os galeões: & os bargantins mādou que fossem ao longo da costa: & assi foy surgir onde digo á boca da noyte: & logo mādou Siq̄ira ho malabar capitão dū catur a saber noua da armada dos mouros se ya, ou q̄ fazia pera a ir buscar se não viesse logo. E ele a achou no caminho: porque sabendo Cutiale que Simão de melo andaua a monte Deli com tão poucas velas, determinou de ho ir tomar parecendolhe q̄ ho podia fazer cō tamanha armada, & despois de ho tomar esperaua de ir cōbater a fortaleza de Cananor: & coesta determinaçāo se fez á vela de madrugada, & passādo a vista do gouernador cuydou q̄ era Simão de melo & por isso vi-

rou sobrele. E era fermosa cousa de ver tãta multidão de nauios todos cõ as velas infunadas & muyto pera espãtar a quẽ auia de pelejar coeles, a soma dartelharia de q̃ yão armados, a gẽte sem cõto de q̃ yão fornecidos, abastada despingardas, darcos & frechas, de zagũchos, despadas & doutras armas offensiuas & defensiuas: & dãdo gritos q̃ parecia q̃ fendião ho ceo com prazer de lhes parecer q̃ tomarião os nossos, & coisso tantas diuersidades de tãgeres q̃ retenião q̃ quebrauão os ouuidos de quẽ os ouuia. E cõ tudo o gouernador como os vio armouse logo & fez sinal de conselho a q̃ forão os capitães & fidalgos & acharãno ainda armãdose, & sem se assentar assi em pé como estaua lhes disse q̃ determinaua de pelejar cõ os mouros. Lopo dazeuedo, dõ Tristão de noronha & Eytor da silueira disserão logo q̃ pareceria doudice q̃rer pelejar cõ armada tão grossa q̃ ho não deuião de cometer, mas q̃ se apinhoassem & fizessem fortes pera se defenderẽ dos imigos se os cometessẽ. E coestes se forão a mayor parte dos do conselho: & algũs q̃ forão bẽ poucos dizião como a medo q̃ seria melhor pelejar q̃ apinhoarẽse, porq̃ os mouros nos seus nauios q̃ erão rasteiros os rodearião & matarião ás espĩgardadas & frechadas sem lhe eles poderẽ fazer nhũ nojo dos galeões, por isso ho melhor seria pelejar coeles & cometelos logo nos bargãtins, porq̃ por serẽ ligeiros poderião ẽtrar & sair quando quisessem, & os galeões irião á vela em sua cõpanhia pera seruirẽ cõ a artelharia como fortaleza. E debatẽdo hũs & outros sobre fazerẽ boas suas rezões, chegou Siqueira, & como era muyto esforçado & sabia bem a guerra do mar por auer dias q̃ a vsaua, disse ao gouernador q̃ fazia porq̃ estaua tão deuagar, q̃ se os mouros chegauão a eles q̃ lhes auião de fazer muyto mal estãdo daq̃la maneyra, q̃ não tinhão outro remedio se não cometelos nos bargãtins somẽte & não no meyo em q̃ auia grãde força se nã per qualquer dos cabos q̃ auião destar fracos & nã se auião de poder ajudar tão asinha q̃ eles nã leuassẽ na mão cada hũ seu

parao: & q̃ esperaua ẽ nosso senhor q̃ os auia dajudar como fizera outras vezes, & q̃ entre tãto q̃ cometessem nos bargãtĩs os galeões farião seu officio cõ a artelharia. Ao gouernador lhe pareceo bẽ este conselho mas nã ousou de ho tomar por tãtos capitães & fidalgos lhe serẽ cõtrairos & calauasse, & Ioão de soire ouuidor geral que era do parecer do gouernador, & porq̃ ho via calar nã ousaua de falar, poslhe rijo hũ pé sobre ho seu oolhãdo parele como q̃ lhe conselhaua q̃ tomasse ho parecer de Siqueira. E ele parece q̃ inspirado de nosso senhor pera auer a vitoria q̃ ouue, disse muyto ledo & esforçado. Ora sus que ey de pelejar, A eles com ho nome de Iesu: quẽ quiser acompanhar ho seu gouernador & a bandeira real de sua Alteza sigame. E coisto tomou hũa espĩgarda ás costas & saltou em hũa fusta de que era capitão Ioãne ho taful, & nã ho seguirão outros fidalgos se não os que yão no seu galeão, que forão estes, Ruy diaz pereyra, dom Sancho Manuel, Ioão rodriguez pereyra ho passaro, dõ Francisco de crasto, Ioão pereyra, Bras da silua dazeuedo, Garcia de melo, Duarte coelho, Fernão da silua, Nuno pereyra, Lionel de sousa, Andre casco, Manuel de brito cabral, Francisco de barros de paiua. Porque os mais dos que forão de voto que não se pelejasse se deixarão ficar, & não com medo mas com pesar da honrra q̃ o gouernador ali poderia ganhar, que ainda não podião apagar ho odio que lhe tinhão por parte de Pero mazcarenhas. Embarcado ele, achouse com treze ou quatorze bargantins & catures que tambem acodirão algũs de Cananor, de q̃ forão capitães Francisco mẽdez de Braga, Martim da silua & Iorge vaz, & de todos fez dous escoadrões: & ho diãteiro deu a Simão de melo com quẽ foy Lopo de mezquita em hũ bargantim, & ho outro lhe ficou, & foy hũ dos capitães Fernão rodriguez barba. Isto ordenado remeterão aos ĩmigos q̃ estauão a tiro de berço bradãdo por Sãtiago, & dão por hũ cabo tirando muytas bombardadas & espingardadas cõ que os romperão deixando arrõbados algũs paraós sem

receberẽ deles dãno, & ho mesmo foy doutra vez que os tornarão a romper: & desta vez sete bargantins nossos aferrarão sete paraós dos immigos, de que dos primeyros tres que abalroarão erão capitães Siq̃ira, Frãcisco mẽdes de Braga, Martim da silua de Cananor. E em aferrando lhes lançarão dentro muytas panelas de poluora com que os queymarão & aos mais dos que yão neles: & ho gouernador com os outros tambẽ pelejarão tão esforçadamente que poserão os immigos em tal aperto que se desbaratarão em menos de duas horas q̃ durou a força da peleja, & fugirão a remo hũs pera Cananor, outros por esse mar que andaua bem cuberto deles que se lançauã a ele por escapar dos nossos, q̃ matarão muytos & outros catiuarão. E durou isto ate ho meyo dia que começou a viração de q̃ os ĩmigos se ajudarão & derão á vela pera fugirẽ a todo tira: o q̃ vẽdo ho gouernador os não quis mais seguir por os seus estarẽ muy cansados & recolheo os paraós q̃ estauã rẽdidos q̃ forão xxxv. cõ os metidos no fũdo em q̃ forão tomadas quasi cincoẽta peças dartelharia, & forã mortos & catiuos bẽ dous mil mouros, sem dos nossos nã morrer nhũ o q̃ foy milagre por quã poucos erã & os ĩmigos tantos de cujo sangue o mar em q̃ foy a batalha se tornou de cor de sangue q̃ foy a vista de Cananor: & por isso os mouros dele a virão muy bem q̃ todos esteuerão na praya cuydãdo q̃ os nossos auiã de ser tomados & ficarão muyto tristes quando virão ho cõtrairo, & fizerão grandes prãtos, porq̃ muytos dos mortos erão naturais de Cananor. E receãdo el rey de Calicut q̃ por amor desta vitoria lhentregasse ho gouernador a terra por Crãganor mandou laa ho principe com muyta gẽte: & sabido isto ẽ Cochim mandou ho védor da fazenda hũa armada ao passo de Cranganor.

CAPITVLO XCI.

De como ho gouernador correo a costa de Calicut & destruyo a vila de Porquá.

Auida esta tamanha vitoria ho gouernador se tornou aos galeões & achou dõ Tristão de noronha, Lopo dazeuedo & Eytor da silueira: que despois do gouernador partido pera dar a batalha se correrão de ho não ajudar & yão pera isso em hũ batel, mas chegarão a tempo q̃ tudo era acabado: & ele & os outros que contrariarão ao gouernador q̃ não pelejasse ficarão muyto corridos: & muyto mais de ho não acompanharem na peleja & ficarem nos galeões. E pareeendo a algũs que o gouernador ho escreueria a el rey fizerão capitulos dele por se vingar que prouarão por seus parẽtes & os mandarão a el Rey no anno seguinte: mas ho gouernador q̃ não tinha tal pensamẽto posto q̃ ho nã acõpanharã na batalha, lhes fez tãta hõrra & gasalhado como sé a eles vẽcerão. E porq̃ poderia ser q̃ a armada dos mouros se tornaria a reformar nã quis ho gouernador desẽbarcar ẽ Cananor & dous dias esteue esperãdo no mar. E vẽdo q̃ nã tornauã parecẽdolhe q̃ auiã destar metidos por esses rios, partio a buscalos cõ conselho dos capitães & fidalgos, & mãdou diãte a Simão de melo por capitão mór dos bargãtĩs, & ele ya ao mar cõ os galeões. E indo assi ẽtrou Simão de melo cõ noue bargantĩs, õde soube que estauão varados doze paraós & queimou os cõ parte do lugar sem em seus moradores auer resistencia, porque fugirão como virão os nossos, q̃ despois de queimados os paraós cortarão quantas palmeiras auia ao derredor do lugar que era a mayor destruição que se lhes podia fazer: & despois disto sayo em Chatuá õde queimou dezasete paraós, & ho lugar com morte de muytos dos seus moradores em vingãça dos nossos que ali forão mortos quãdo se a frota perdeo. E assi sayo em outros lugares que to-

dos forão destruidos estando ho gouernador no mar a vista de tudo, & assi foy ate Cranganor onde achou a nossa armada que hi estaua como disse. E sendo certo que ho principe de Calicut não estaua ali se nã pera defensam leuouha em sua companhia, porque leuaua determinado de ir dar em Porquá pera destruir ho Arel pola imizade que tomara com os Portugueses por amor del rey de Calicut. Este nome Darel he titulo de senhorio, & assi era ho Arel senhor daqle lugar, & grande cossairo de toda roupa pera o q trazia muytos caturres bẽ artilhados, & coisto tinha aquirido grãde tesouro, & tinha muyta artelharia & bõ quinhão de gẽte de peleja. E porq ho gouernador isto sabia determinou de o destruir & dar ho lugar a saco pera q os Portugueses enriqoessem, & isto disse secretamente a algũs capitães porq se não rompesse & desse supitamente no lugar. E partido de Cranganor tarde, fez que ya pera Cochim, & em anoytecendo fez volta sobre Porquá onde surgio em amanhecẽdo, & em surgindo saltou em terra cõ sua gẽte, a que fez saber que lhe daua ho lugar a escala franca, com q todos ficarão tão ledos que posto q a sua ẽtrada era muyto perigosa por ser por esteiros de maré, & por muyta vasa que chegaua ao giolho, passarão tudo prestesmente leuando Simão de melo a dianteira, mas não acharão com quem pelejar por ho Arel ser fora com sua gente de peleja. E os moradores que erão fracos & sem armas em vẽdo os nossos fugirão & deixarãlhe ho lugar, em que ele entrando se forão dereytos aos paços do Arel & meterãnos a saco, & tomouse muy grosso dinheiro, porque eu vi hũ caldeirão de cobre que leuaria hũ cantaro dagoa q tomou Francisco mẽdez de Braga cheo de pardaos douro, & outros tomarão dez mil, oyto mil, cinco mil, & ho geral de cẽto & duzẽtos pera cima & erão mil homẽs. E a fora ho dinheiro amoedado douro se tomou outro muyto de prata & peças ricas de pedraria, & muytos panos ricos da Persia, Choramandel & das ilhas de Maldiua, & camarabãdos da Persia:

& forão tomadas sua molher do Arel & hũa sua irmaã que não poderão fugir, fermosamẽte arrayadas douro, aljofar & pedraria, assi nas orelhas como no pescoço, mãos, braços & pernas & tudo lhes foy tomado & elas ficarã catiuas. E roubado ho lugar foy destruido com seu sitio em redondo a fogo & a ferro q̃ não escapou nhũa cousa, & forão tomadas oytenta peças dartelharia de ferro & de metal & oyto paraós & dous catures. E coesta vitoria se foy ho gouernador a Cochim: & ho Arel ficou tão quebrado desta destruição que nunca mais ousou de ser cõtra os nossos, & daqui naceo fazer despois paz cõ Nuno da cunha, & não ousou de a fazer com ho gouernador por saber que aquele anno se esperaua na India que fosse outro de Portugal, & auia medo que desfizesse o que esteuesse assentado, & resgatou sua molher & irmãa por muyto dinheiro.

CAPITVLO XCII.

De como soube ho gouernador que as fustas de Diu corrião a Chaul: & do q̃ fez.

Estãdo ho gouernador em Cochĩ chegou Garcia de saa, & despois Antonio de saldanha, que como disse se apartarà de Nuno da cunha com a tormenta que lhes deu: & contarão ao gouernador o que passarão na viagem. E Antonio de saldanha lhe disse q̃ segundo ho tempo que auia q̃ se apartara de Nuno da cunha, q̃ pois não era na India q̃ não passaria aquele ãno, & assi pareceo a todos. E assẽtado q̃ não passaria aq̃le anno, tornou ho gouernador a fazer guerra a Calicut, pera o q̃ se foy a Cananor cõ toda a armada, & surgĩdo ao mar mãdou a Simão de melo q̃ fosse queimar quatorze paraós de Calicut q̃ estauão no lugar de Marauia ao pé do mõte Deli; & Simão de melo foy lá cõ cinco bargãtĩs em q̃ leuou sessẽta homẽs & pelejou cõ os mouros que erão trezentos, & despois de pelejarem hũ pedaço os desbaratou &

os fez fugir & queimou os paraos. E feyto isto tornouse Simão de melo a Cananor & desembarcou cõ ho gouernador, que determinãdo de mandar Antonio de miranda á costa do Malabar, deu a capitania de Goa a dõ Ioão deça capitão de Cananor: & a de Cananor a Simão de melo, a que deixou noue bargantins darmada ate a vinda de Antonio de miranda, q̃ despachou despois de chegar a Goa pera onde se partio de Cananor: & despois dele partido partiose dom Ioão deça pera Goa, & em chegando se partio Antonio de mirãda pera a costa do Malabar com hũa armada de duzẽtos homẽs. E estando ho gouernador em Goa lhe foy dado hũ recado muyto apressado de Francisco pereyra de berredo capitão de Chaul em que lhe dizia q̃ as fustas de Diu que erão cincoenta & tantas chegauão á boca da barra de Chaul & lhe corrião cada dia, q̃ se temia segũdo trazião muyta gente que entrassem no rio & tomassem a fortaleza que tinha pouca gente: por isso que socorresse logo se não que lha ẽcampaua. Pelo que ho gouernador assentou de ir a Chaul como trazia determinado de ir por outro recado como aquele que lhe Frãcisco pereyra mãdara a Cananor. E partiose de Goa a cinco de Ianeyro de mil & quinhẽtos & vinte noue bem contra vontade Dantonio de saldanha & de Garcia de sá que forão coele, que cõ outros muytos fidalgos lhe contrariarão sua ida, dizẽdo que a pessoa do gouernador da India não auia de ir a cousa tão pouca a seu respeito como as fustas de Diu, que abastaria mandar hũ fidalgo. E ho gouernador que sabia que era hũa armada muyto poderosa, & que se a desbaratasse faria grande seruiço a el Rey seu senhor não quis se não ir & leuou hũa armada de cincoenta & duas velas, galeões, galés, galeotas, bargantins & catures, & nela dous mil homens Portugueses & dos da terra. E chegando a Chaul achou que as fustas fugirão com medo de sua ida, do que ós que lha contrariarão zombarão muyto & diziãlhe que as fosse buscar, & logo o gouernador despedio hũ capitão

dũ cator q̃ lhas fosse buscar ate certas legoas pola costa: & ele as achou no rio de Maim, & vio que erão sessenta & tres cheas de gẽte & muy bẽ armadas dartelharia, & que andaua por capitão mór delas hũ valẽte mouro chamado Halixa, & assi ho disse ao gouernador que achou na barra de Chaul. E sabendo ele esta noua entrou no rio & foy desembarcar na fortaleza, & despois de desembarcado chegarão no mesmo dia á barra treze fustas de Halixa que ele mandaua a saber nouas do que ho gouernador determinaua, & deulhe por sinal q̃ se lhe saissem de Chaul q̃ era sinal que ho gouernador ya pelejar coele & se não não. E os mouros chegarão á boca da barra posto que os nossos galeões estauão hi surtos & não lhes ouuerão medo porque ventaua a viração que era contraira pera sairem de dentro, & começarão desbombardear: o que sabido pelo gouernador mãdou logo a Eytor da silueira que lhe saisse cõ doze bargantĩs q̃ foy a remos ate a boca da barra cõ a decente da maré mas não pode sair por amor da montante que começaua. E com tudo os mouros fugirão & forã dar esta noua a Halixa.

CAPITVLO XCIII.

De como ho gouernador disse aos capitães da armada que queria ir tomar Diu & de como foy contrariado.

Sabẽdo ho gouernador õde as fustas estauão, & q̃ nã corrião a Chaul como dantes determinou de as ir buscar pera pelejar coelas: & primeyro q̃ partisse descobrio aos capitães & fidalgos hũa cousa q̃ ja de Goa trazia na võtade. E jũtos todos em conselho lhes disse. Bẽ sabeis señores q̃ Diu he a mais forte cousa de toda a costa de Cambaya, & chaue de toda a India porq̃ dali a pode el rey de Cambaya conquistar, & ali he a certa colheita dos rumes se vierẽ á India: & por isto a fora ser tão mao vezinho como he pola guerra q̃ nos faz importa muito ao seruiço del Rey meu senhor tomarse, o q̃ agora

prazẽdo a nosso senhor se podera fazer cõ muyto pouco perigo de seus vassalos & muy pouco gasto de sua fazẽda, porque eu sey certo q̃ a principal gente de Diu anda nestas fustas, & a mayor parte de sua artelharia, & q̃ Meliq̃ tocão q̃ agora he capitão he ainda nouo na guerra & sabe pouco dela q̃ sam cousas euidẽtes pera se poder tomar facilmẽte: & esta foy a causa prĩcipal de minha vinda & nã buscar as fustas q̃ pera isso abastara hũ capitão. E porq̃ eu sey certo q̃ Diu esta desta maneyra, & sey q̃ cõ ajuda de nosso señor ho poderemos tomar, me parece q̃ deuemos de deixar as fustas & engolfarmonos no mar, como que imos a Ormuz, & engolfados fazer volta sobre Diu onde vẽdonos de supito hão de cuydar que deixamos sua armada desbaratada de que hão dauer tamanho medo q̃ ou se nos hão de dar ou não hão de poder resistir pera os tomarmos: & isto me crede como a homem que de idade de dezaseys annos andey sempre na guerra ategora. E pregũtãdo a Antonio de saldanha & a Garcia de sá que lhes parecia, disserão que lhes não parecia bem ir primeyro a Diu que pelejar com as fustas, porque segundo a gente delas andaua soberba vẽdo que ele se partia de Chaul & as não ya buscar crerião q̃ lhes fugia & terião atreuimẽto de ir a Chaul & destruir a cidade & a fortaleza: & quanto a ir a Diu tambem lhes parecia mal porque não crião que estaua despejado nẽ se deuia de crer se se não visse pelo olho, porque como auião os mouros de ser tão descuidados que estando ele tão perto auião de ter Diu desapercebido pera se defender importandolhe tãto: & aparecendo ele no seu porto & não ho tomando seria hũa grande deshonrra: por isso não era bẽ que fosse, nem menos ás fustas porque era muyto pequena empresa pera ho gouernador da India. E cõ ho parecer destes dous se forão os mais dos que ali estauão, somente Eytor da silueira foy do parecer do gouernador, assi em ir a Diu como em ir pelejar cõ as fustas, & por ser hũ só não aproueitou, mas ho gouernador disse que ainda que parecesse mal a

todos, que auia dir pelejar cõ as fustas, & que fosse coele quẽ quisesse. E logo se partio com toda a armada, & deu a capitania mór dos nauios de remo a Eytor da silueira pera que fosse ao longo da costa, & ele com os nauios grossos ya hum pouco amarado pera que as fustas lhe não escapassem. E quãdo ho gouernador partio apareceo no ceo hũ sinal branco feyto como barra & atrauessaua de noroeste a sueste & tinha hũa ponta sobre Diu, de q̃ despois se soube que os mouros tomarão muyto mao pronostico, & este sinal durou ate ho dia & hora em q̃ as fustas forão desbaratadas.

CAPITVLO XCIIII.

De como ho gouernador pelejou com a armada de Diu & a desbaratou.

E indo ho gouernador nesta ordem dia dẽtrudo atarde aparecerão ao longo de terra hũas treze fustas que yão pera Chaul, & em auendo vista da nossa armada voltarão fugindo: ho gouernador como vio estas cuydou q̃ vinha toda a armada: meteose logo em hũ bargantim cõ determinação de pelejar coela. E vendo que não erão mais foyse ao bargantim Deitor da silueira, & disselhe que ao outro dia prazendo a nosso senhor esperaua que pelejassem com as fustas, & deulhe ho regimento do que auia de fazer: porque ele auia destar nos galeões fauorecẽdo a batalha: & pera mais animar os capitães na peleja mãdou apregoar por toda a frota, que daria cẽ cruzados ao capitão q̃ primeyro aferrasse fusta. E sabido pela frota que auião de pelejar confessarãse todos aquela noyte: & ao outro dia q̃ era quarta feyra de cinza seys de Feuereyro em rõpendo a alua chegarão a Bombaim õde as fustas estauão pegadas cõ hũa ponta, & erão por todas sessenta & quatro. Eytor da silueira como foy ho dia claro que as vio correo todos os bargantĩs & catures de sua capitania & mãdou a todos os ca-

pitães que não tirassẽ nhũ tiro aos ĩmigos se não despois de desesperarem de os aferrar que assi ho tinha mandado ho gouernador, porque não fugissem com medo da nossa artelharia. E receando Eytor da silueira q̃ os mouros se se vissem em apertada se acolhessem á hũ rio que lhes ficaua da bãda do norte, mãdou a hũs oyto capitães de bargantins que em ele rompẽdo com os mouros tomassem a boca do rio & lha defendessem, & abalou pera os mouros com os outros cujos capitães erão a fora ele, Diogo coelho, Gaspar paez, Francisco aluarez, Ioão rodriguez ho chatim, Pedraluarez de mezquita, Antonio correa de Goa, Lourẽço botelho, Christouão Lourenço carracão, ho calafate de Chaul, Diogo coresmas malu, Pero barriga, Antonio colaço, Christouão correa, Iorge diaz, & Antonio fernandez: com quẽ yão estes fidalgos, Christouão de melo & Diogo de sã Payo sobrinhos do gouernador, dõ Frãcisco de crasto, Ioão pereyra, Manuel rodriguez coutinho, Andre casco, Frãcisco de barros de payua, Luys coutinho, Duarte coelho, Ioão de melo, Garcia de melo, Antonio barbudo, Ioão da silueira, Manuel do carualhal, Nuno pereyra, Lãçarote dalpõem & outros a que não soube os nomes. Halixa estaua com suas sessenta & quatro fustas feytas ẽ tres batalhas & ele na da retrogoarda: & como vio que os nossos abalauão deu sinal aos seus que tirassem com a artelharia, & começou de tirar tãtos pelouros que era cousa despanto, & tudo foy cuberto de fumo, & por mais bastos que os pelouros erão os nossos tirauão auante quanto podião sem nhũ tirar. O que visto por Halixa, & q̃ chegauão a aferrar não ousou dagoardar mais com medo & fezse á vela pera dobrar a põta que digo & acolherse pelo rio acima, & por ho vento ser escasse pera isso mandou meter os remos de q̃ tão pouco se pode ajudar por ser contra agoa, q̃ vazaua a maré, & por isso se mudou a outra fusta peq̃na & deixou a sua q̃ era grãde, o que foy causa descapar da peleja que a este tempo se começaua datear brauamente, porque os nos-

sos chegarão aos immigos, & ho primeyro bargantim q̃ aferrou cõ hũa das fustas q̃ era como hũa boa galeota foy ho Dantonio fernãdez em q̃ yão os fidalgos q̃ disse, & com a grande pancada q̃ ho bargantim deu em aferrando tornou a desaferrar & afastouse hũ pouco ficando dentro na fusta Francisco de barros de payua q̃ foy ho primeyro que saltou nela & ficou na postiça onde ho espaço que ho bargantim esteue sem tornar a abalrroar correo muyto grande perigo & sofreo trabalho immenso em se defender dos ĩmigos que trabalhauão quãto podião por lhe tirar a vida. E tornando ho bargantim a aferrar foy socorrido dos outros a q̃ os mouros defendião que não ẽtrassem na fusta. E estãdo nesta perfia cayo da gauia da fusta hũa panela de poluora que quebrou na mesma fusta do masto pera a popa, & tomando fogo a poluora que ali estaua arrebentou com hũ medonho estouro, & toda a cuberta daquela parte lançou ao mar com quantos estauão nela, & Francisco de barros que hi estaua cayo no bargantim ferido em hum hombro dũ zaguncho, & forão feridos Ioão pereyra de hũa frechada no rosto, & dom Francisco de crasto na cabeça com hũa pedra, & como a fusta arrebentou ficou rẽdida, & entre tanto chegou Eytor da silueira com os outros capitães, & aferrãdo os ĩmigos apertarãnos tã rijo que fizerão saltar muytos ao mar & outros matarão, & os desbaratarão de maneyra que todos fugirão & os Portugueses os seguirã & por se não poderem acolher ao rio que cuydauão, forão tomadas corẽta & seys fustas com toda sua artelharia & queimadas tres de q̃ não escapou ninguem que todos forão mortos nelas & no mar: sem dos Portugueses morrer nhũ, somente forão algũs feridos, & das onze fustas que escaparão recolheo Halixa sete cõ a sua & fugio pera hũ lugar grande chamado Taná donde se foy a Baçaim, & as quatro fugirão pelo rio de Nagotane onde forão tomadas pelos gentios de Chaul., & assi não escaparão mais que as sete q̃ leuou Halixa. E desbaratados os mouros, recolheose ho gouernador cõ

os nauios grossos aa enseada de Bombaim no proprio dia, no qual & na noyte seguĩte os dos nauios de remo que pelejarão cõ os mouros os acabarão de matar na agoa. E isto feyto ajuntou Eytor da silueira sua armada, & as fustas que tomou aos ĩmigos & foyse pera ho gouernador que ho recebeo cõ muyto prazer, & laa armou caualeiros a muytos fidalgos & a outros que ho quiserão ser por se acharẽ em hũ feyto tão hõrrado como aquele foy, & de que os mouros ficarão muy debelitados: porq̃ toda sua esperança estaua naq̃la armada. E juntos todos os nossos, tornou ho gouernador a propoer em cõselho sua ida a Diu, dando por rezão muy principal ho desbarato das fustas com q̃ Diu ficaua desbaratado & se tomaria facilmente ou se daria, mas não lhe aproueitou porq̃ Antonio de saldanha & Garcia de sa lhe forão muy cõtrairos, & por sua causa outros muytos como da primeyra. E veo a cousa a tãto q̃ lhe disse Garcia de sa que não roubasse a honrra a Nuno da cunha que el rey não mandaua aa India a outra cousa se não a tomar Diu: por isso q̃ lho deixasse, se não q̃ pedia dele hũ estormẽto, & ho mesmo dizia Antonio de saldanha. E por ho gouernador não ter da sua parte mais que Eytor da silueira, & andar muy acanhado cõ a vinda de Nuno da cunha q̃ quasi ninguem ho queria ver, não ousou dir cõtra os requerimẽtos que lhe fazião. E segundo se despois soube foy cousa muy errada não ir a Diu porq̃ se lhe entregara se la fora & não custara tãto como despois custou assi de sangue como de dinheiro, & pera sua discolpa com el rey pedio ho gouernador ao secretario hũ estormento de certidão do que proposera naquele conselho & no outro ãtes de pelejar com as fustas, pera q̃ el rey souhesse que se não deixara de tomar Diu por sua culpa. E este estormẽto foy tirado de hũ auto que ho secretario fez dambos os conselhos que foy assinado pelos que forão neles.

CAPITVLO XCV.

De como ho gouernador quisera ir sobre a cidade de Taná, & a causa porque não foy.

Vendo ho gouernador q̃ não podia ir a Díu, determinou de dar em Taná hũa cidade de mouros quatro legoas por dentro do rio de Maim, cidade grande & rica, & em q̃ se faz muyta roupa de Cambaya, & era senhor dela hũ Xeque: & porq̃ ho gouernador sabia que estaua rica a queria tomar pera a dar a saco aos soldados q̃ leuassem de comer pera ho inuerno: & pera q̃ ho fizesse tributario a el rey de Portugal. E proposto isto em conselho, & acordado que ho fizesse embarcouse na fustalha & nos bateis dos galeões com toda a gente da armada, & Antonio de saldanha foy ẽ hũa galé muyto contra võtade do gouernador & de todos, porque ya em risco de ficar em seco: & aquele dia á tarde que foy ho primeyro de Março entrou pelo rio de Maim com determinação de chegar a Taná em amanhecẽdo porque tomasse os immigos mais desapercebidos. E indo todos a remo com a maré que enchia ja perto da cidade, soube ho comitre da galé Dantonio de saldanha tão mal atinar ho canal do rio que se meteo por hũ esteiro, em que ficou em seco quãdo vazou a maré que foy quasi em amanhecendo, & assi ficou toda a armada em seco, & foy cousa espãtosa quando foy manhaã clara ver como ficarão os bargantins & catures, porque hũs ficauão com os esporões fincados no chão & as popas pera cima, outros com os esporões pera cima & as popas pera baixo, que parecia que os esteuerão ordenando daquela maneyra: do que ho gouernador ficou bem agastado porque não auia outro remedio se não esperar pola maré: & os capitães assi como ho nauio de cada hum podia nadar, assi tiraua pera a cidade por mais mandados que ho gouernador fazia que ho nã fizessem, & deixauãno só, &

ate Antonio de saldanha deixou a sua galé em seco & foyse em hũa fusta, & a gale ficou ẽ risco de não poder sair, porque as agoas yão quebrando como que as mares da noyte sam móres que as do dia, & por isso ficou a gale ẽ muyto pouca agoa, & não podia nadar, nẽ podera sair sem ajuda: & esta deu ho gouernador que por se não perder nã se quis dali ir ate a não tirar, & ele por sua pessoa se meteo na vasa ate a cinta & ajudaua a tirar pelos cabos & aportar ancoras porq̃ os fidalgos que yão coele tirassem tãbem, o q̃ eles fizerão & forão Christouão de melo, Diogo de sam Payo, dom Francisco de crasto, Frãcisco de barros de payua, Ioão pereyra, Manuel rodriguez coutinho, Andre casco, Luys coutinho, Duarte coelho, Ioão de melo, Garcia de melo, Ioão da silueira, Manuel do carualhal, Antonio barbudo, & Lançarote dalpõem. E ajudarão tambem Lourenço botelho com a gẽte da sua fusta & ho colaço com a do seu catur: & leuando todos tanta fadiga & trabalho que lhe saya ho sangue das mãos de puxarẽ polos cabos tirarão a gale pera ho alto das oyto horas da manhaã ate a hũa despois de meyo dia, sem nhũ dos outros capitães querer ajudar se não tirar pera a cidade posto que vião ho trabalho em q̃ ho gouernador ficaua. E vendo ele tão pouca obediẽcia aos seus mandados não quis dar em Tanà porque receou q̃ tão pouco lhe obedecessem lá & que recrecesse disso algũ desastre, & tornouse pera a frota que deixaua no mar. E vendo os que estauão diãte da cidade partir a bandeira forão a pos ela: & ho gouernador não quis castigar tamanho desacatamẽto como aquele foy por os culpados serem muytos mas reprendeos brãdamente: & perdeose hũ bõ saco naquela cidade porque estaua muy rica. E por ser ja perto do inuerno & ho gouernador auer dinuernar em Goa, & não ter mais q̃ fazer naq̃la costa que não fizesse hũ capitão mór & deixou hũa armada de vinte bargantins & duas galeotas com trezentos homẽs a Eytor da silueira pera que fizesse a guerra naq̃la costa ate ho cabo do

verão em que se recolheria a Chaul, & ele partiose pera Goa onde chegou em Março.

CAPITVLO XCVI.

Do que fez Antonio de miranda na costa do Malabar cõtra os mouros de Calicut cõ ajuda de Christouão de melo.

Chegado ho gouernador a Goa despois do desbarato das fustas mãdou a Ormuz tres galeões carregados de mercadoria del rey, cuja capitania mór deu a dom Fernando deça seu cunhado, & forão seus capitães Antonio de lemos & Lopo de mezquita, & mandoulhe que da volta fosse fazer presas á ponta de Diu, & despachou pera Malaca a Garcia de sá que tinha a capitania, & encomẽdoulhe muyto ho resgate de Martim afonso de melo jusarte que estaua catiuo em Bẽgala, & mandou ao Malabar Christouão de melo seu sobrinho em hũa gale & seys bargãtins de baixo de sua bandeira pera que se ajuntasse com Antonio de miranda & lhe obedecesse. E chegado laa foy coele ao rio de Chale õde sabia que estaua hũa grande nao del rey de Calicut carregada de pimẽta pera Meca & doze paraós pera irem em sua companhia em que aueria oyto centos mouros frecheiros & espingardeiros a fora outros despadas & lãças q̃ erão muytos, & Antonio de miranda entrou no rio com os bargãtĩs & catures leuãdo os a fio por ambas as partes do rio que lhe não fizesse nojo a artelharia dos mouros, que tinhão os paraós diante da nao na metade do rio encadeados de quatro em quatro com bombardas nas proas & per ambos os bordos. E por mais bombardadas q̃ tirarão, os Portugueses remãdo a todo tira, & desparando sua artelharia lhe chegarão, & aferrando cõ os quatro diãteiros pelejarão tão rijo cõ os mouros que estauão neles q̃ os fizerão fugir saltãdo hũs ao mar & outros recolhendose pera os paraós traseiros que logo forão cer-

eados dos Portugueses, & pera se despacharẽ mais asinha lhe lançarão dẽtro panelas de poluora com que os queimarão, & coisso se deitarão todos os mouros ao mar, & deles forão mortos nagoa outros fugirão pera terra a nado cõ tamanho medo que nem na pouoação se atreuerão a saluarse, & os Portugueses a q̃imarão & destruirão tudo ao derredor. E destruida a terra tornouse Antonio de miranda sem perder nhũ dos seus de q̃ forão feridos algũs, & leuou consigo a nao carregada como estaua & oyto paraós q̃ os quatro forão queimados, & mãdouha coeles a Cochim onde ho védor da fazenda mandou fazer deles bargãtins, & a pimenta foy descarregada na feytoria. Despois disto andãdo Antonio de miranda & Christouão de melo a monte fermoso hũ da bãda do sul & outro da do norte, teue Christouão de melo vista da armada de Calicut hũ dia a tarde, & sabendo que era de cincoenta paraós ajuntouse com Antonio de miranda (que ainda não sabia parte dela) & disselho, & por ser tarde não pelejarão coela aquele dia & deixarãno pera ho outro dia. E cõcertado da maneyra q̃ auia de ser, em amanhecendo foy se Christouão de melo em busca dos immigos indo abolinãdo ao longo de terra com ho terrenho, & Antonio de miranda se empegou. E ĩdo assi ouue Christouão de melo vista dos ĩmigos que tambem ho buscauão, & sendo perto deles tiroulhe algũs tiros, & como q̃ auia medo deles polos ver muytos viroulhe a popa com os outros & fezse na volta do mar. E em os mouros vendo que fugia forão apos ele obra de trinta paraós que ho seguirão ate auer vista Dantonio de miranda, que indo de auiso do q̃ auia de fazer em vendo Christouão de melo fez volta, & passando a sota vẽto dele meteose por ãtre os ĩmigos, que vẽdose assi cometer de sobre salto amainarão pera fugir a remos porque não podião pola bolina. E nesta detença oyto dos nossos bargantins aferrarão oyto paraós, & começarão de pelejar: & querẽdo os outros fugir sayolhes ao encontro Christouão de melo, & seys dos seus bargantins

abalrroarão cõ outros seys paraós, & os dezaseys q̃ ficarão por aferrar fugirão ate se ajuntar com ho seu capitão mór seguindo os Antonio de miranda ás bombardadas & espingardadas: & nisto esteuerão hũ pouco coeles, q̃ posto que os quiserão aferrar eles se goardarão bem disso: tanto que apertando os nossos pera ho fazer lhes fugirão ao longo de terra meteudose por rios & esteiros cõ muyta gente ferida & algũs paraos arrombados, & Antonio de miranda & Christouão de melo os não quiserão seguir, & forão ajudar os seus q̃ ficarão aferrados com os ĩmigos que ja os tinhão desbaratados, & os matarão todos sem ficar nhũ, & os quatorze paraos lhes ficarão em poder que Antonio de miranda mandou a Cananor pera os fazerẽ bargantĩs: & correrão a costa despois, & deixãdo a limpa meado Abril se recolheo Christouão de melo pera Goa & Antonio de miranda pera Cochim por amor do inuerno.

CAPITVLO XCVII.

Da guerra que Eytor da silueira fez em Cambaya.

Ficando Eytor da silueira por capitão moor na costa de Cambaya, determinou de tomar hũa fortaleza duas legoas do mar pelo rio de Nagotane, em que soube que estaua hũ capitão del rey de Cambaya com seys centos de caualo & dous mil de pé: & deixou dir porque obra de hũa legoa da fortaleza era ho rio tão baixo que não podião nadar os catures, & queimou seys pouoações grandes de lauradores que estauão quasi na entrada do rio de hũa parte & doutra, & fez espantosa destruição: o que sabẽdo ho capitão da fortaleza foy ho buscar com sua gẽte pera pelejar coele, & topouho na derradeira pouoação que andaua destruindo. E sabendo Eytor da silueira quão grossa gẽte trazia não quis pelejar coele no cãpo por ter tão pouca gẽte como erã trezẽtos homẽs, porque muyto ya de pelejar coeles no cãpo a pele-

jar na fortaleza onde determinaua dir pelejar, que no campo auião destar espalhados & tirar aos nossos como a barreira, & na fortaleza não auião de pelejar mais que aqueles q̃ coubessem no muro, & no primeyro impeto q̃ era ho mais forte ficauão com os nossos quasi tantos por tãtos, & por isso não quis Eytor da silueira pelejar, & assi ho disse aos seus que fez recolher aos bargãtis ficando ele na traseira, porque os mouros q̃ chegauão ja sobrele assoberbauão muyto dando grandes apupadas, & chamando nomes aos nossos & os de caualo remetião escaramuçãdo: & Eytor da silueira lhes fez rosto com a gente que estaua por embarcar tirãdo muytas espingardadas, & hũ dos nossos que tinha hũa lãça com hũa rodela se afastou do corpo dos outros, & hũ dos de caualo que ho vio só remeteo a ele pera ho ferir a mão tente com hũ zaguncho, & ho soldado ho esperou, & em querẽdo chegar a ele q̃ alçaua ho braço pera ho ferir meteolhe a lança polo sobaco do braço & deu coele no chão ferido mortalmente, & ainda não foy no chão quãdo lhe ho soldado tomou ho zaguncho, & caualgãdo no caualo, leuou outro mouro dẽcontro que ya pera ho ferir, & passou ho polos peitos posto q̃ ho laudel era forrado de malha: ao que os nossos derão grãde grita & desfecharão hũa grãde çurriada despingardadas, & coisto se teuerão os mouros & se retirarão. E ho soldado tomando ho caualo do segũdo mouro pela redea se foy cõ muyto assessego pera Eytor da silueira pedindolhe que ho fizesse caualeyro quando fosse tempo, & ele ho fez. E não ponho ho nome deste soldado por não ser conhecido: porẽ ganhou ali esta honrra, & Eytor da silueira lha fez dali por diante, & assi ho gouernador q̃ lhe chamaua ho seu caualeyro, & na igreja estaua jũto coele, & eu ho vi muytas vezes. E embarcado Eytor da silueira foyse ao lõgo da costa caminho de Baçaim dali a cĩco legoas: mea legoa por hũ rio acima, mandando diante saber sua disposição per hũ Christouão correa capitão dũ bargãtim: & este lhe disse que quasi pegado cõ ho lugar estaua

hũa trãqueira de madeira de duas faces entulhada que tinha tres baluartes do mesmo com sessenta peças dartelharia grossa, & estaua em sua goarda & do lugar Halixá (q̃ fora capitão das fustas) cõ tres mil homẽs de pé & quinhẽtos de caualo acubertados. E com quanto isto se soube era ho desejo dos nossos tamanho de pelejar cõ os mouros, que em quanto Eytor da silueira fazia cõselho como auiã de cometer ho lugar bradauão todos que acabassem. E assẽtado por todos que se cometesse, & repõtãdo a maré entrarão pelo rio acima cõ grãdes alegrias: & ao outro dia ás noue horas chegarão defronte da tranqueira que estaua na borda do rio que não auia outro desembarcadoiro se não nas bocas das bõbardas q̃ logo despararão nos nossos, que sendo tão poucos era cousa medonha velos antre tãtos pelouros como vinhão da tranqueira q̃ pera cada hũ dos nossos auia muytos q̃ os matassem, mas nosso senhor os goardou que todos escaparão & tomarão terra, & os primeyros forão duzentos piães Canarins que yão cõ Malu mocadão dos remeiros q̃ Eytor da silueira deitou diante pera quebrar neles a primeyra çurriada da tranqueira, & tambẽ estes forão saluos. E desembarcado Eytor da silueira, remeteo á tranqueira que muytos dos nossos tinhão aferrada, & pelejauão muyto valẽtemente com os immigos que se defendião muy bem, & dauão q̃ fazer aos nossos por serem muytos: & se os nossos não teuerão tãtas espingardas virãse ẽ assaz de trabalho, porque as frechadas dos immigos não tinhão conto, nem os arremessos & pedradas que lançauão, & lãçadas que dauão a mão tente, mas as espingardadas dos nossos podião mais & derribarão tantos que fizerão caminho pera ẽtrar sem lhe os mouros poderem resistir, posto que trabalharão nisso quanto poderão. E vẽdo que os nossos os entrauão fugirão, & eles os seguirão ate ho lugar onde se meterão todos: & aqui fizerão os immigos rosto aos nossos defendendose. E isto porque sabẽdo Halixá q̃ Eytor da silueira ya sobre a tranqueira, receãdo que a entrasse deixou nela

a gente q̃ lhe pareceo que abastaria pera a defender & com a outra de pé & de caualo se pos em Cilada com tẽção de dar nos nossos despois de andarem no lugar, & com os immigos terẽ esta certeza fizerão rosto aos nossos & se defendião. E estando nisto sayo Halixá da cilada com os de caualo diante & os de pé detras, o que sintĩdo Eytor da silueira recolheo os nossos & sayose ao campo, & feytos em hũa pinha esperou os immigos que ho forão cometer cuydando q̃ lhe fugia. E chegãdo os dianteiros q̃ erão os de caualo, desfechão os nossos as espingardas tirando em roda viua porq̃ os mouros os não entrassem & derribarão muytos deles, & os caualos cõ medo do estrõdo das espingardadas começão de fugir, & metẽse por antre os de pé derribando os com os peitos, & trilhando os com os pes os desbaratarão & fizerão fugir & coeles Halixa: & os nossos por estarem muy cansados os não seguirão, & forão roubar ho lugar a que derão fogo despois de roubado & ardeo a parte daquele dia & quasi todo ho seguinte sem ficar cousa q̃ não fosse queimada, & cortadas as hortas & palmares derredor. E foy cousa espãtosa a destruição que foy feyta por tão pouca gente. E isto acabado q̃ foy hũa cousa muy grande sayose Eytor da silueira pera ho mar com sua armada carregada de muyta fazẽda, artelharia & catiuos que se tomarão em Baçaim, & com tres taforeas carregadas de madeira, & foyse por essa costa a destruir muytas pouoações: de que a gẽte fugia cõ medo, & os nossos queimauão os lugares & destruyão tudo. E era ho medo tamanho nos da terra q̃ a seys legoas por dentro do sertão não ousaua ninguem de parecer. E coeste medo mandou ho Xeque da vila de Taná pedir paz a Eytor da silueira com lhe offrecer que pagaria cadãno quatro mil pardaos de pareas, & daq̃le deu logo dous mil & por não poder pagar os outros dous mil deu arrefens. E de tudo isto foy feyto hũ contrato assinado por ambos, & por ser no cabo do verão se foy Eytor da silueira a Chaul onde auia dinuernar, & dahi mãdou as taforeas da madeira ao gouernador.

CAPITVLO XCVIII.

Do que passou dõ Iorge de meneses cõ Fernão de la torre.

Atras fica dito quão pouca ajuda deu Gõçalo gomes dazeuedo a dom Iorge de meneses cõ a gente q̃ leuou de Malaca, & como nã queria mais que estar na fortaleza fazẽdo sua fazenda: porem hũ só bem lhe fez que com sua estada enfreaua os castelhanos & os mouros pera que não fizessem a guerra tão apertada como dãtes, & tinhã muytas vezes tregoas & yão folgar hũs cõ os outros sem terem necessidade de pedirẽ seguro se não quando chegauão ou leuantauão hũa bandeira branca, no que parecia que aueria paz antreles. E com tudo nunca a ouue, nẽ Fernão de la torre quis dar a dõ Iorge os Portugueses que tinha catiuos por mais vezes que lhos pedio do que dom Iorge estaua muyto agastado. E corrẽdo assi ho tempo hũa noyte quasi no fim do quarto da prima forão ter aa fortaleza dous castelhanos, que tomados pelas vigias forão leuados a dom Iorge q̃ os mandou prender cuydando que yão pera dãno da fortaleza por não pedirem seguro, nem leuarem recado do seu capitão. E sabendo Fernão de la torre a prisam destes Castelhanos com seguro de dõ Iorge lhe mãdou hũ embaixador que foy com tamanho aparato como que fora de hũ grande principe, porque alẽ de leuar muyto ricos vestidos, leuaua diãte trombetas, & frautas & dous reys darmas: & ya acompanhado de gente muy luzida. E a cõcrusam de sua embaixada foy espãtarse Fernão de la torre muyto de dom Iorge prender os dous Castelhanos, sendo tão costumado antreles, & os Portugueses irẽ folgar hũs com os outros, pedindolhe q̃ lhos desse: & dom Iorge disse q̃ ele responderia, & mandou apousentar ho embaixador que deteue algũs dias, & neles lhe fez muyta hõrra comendo ás vezes ambos, & outras lhe mandaua de comer a sua pousada. E hũ dia estãdo ho

embaixador no cabo do comer lhe mandou dom Iorge como por zõbaria hũ pastel em que yão hũ cão & hũ gato pequenos viuos com hũ recado, que pois aqueles dous que erão tão cõtrairos de sua natureza, & estauão tão pacificos, que porque ho não estauão assi os Castelhanos cõ os Portugueses, pois que auia tanta rezão pera isso, assi por serem todos Christãos & espanhoes, como tambem por serem vassalos de dous principes tão liados per parentesco & amizade. E visto pelo embaixador ho recado & ho presente, mãdou preguntar a dom Iorge per qual daquelas alimarias entendia os castelhanos. E ele respondeo q̃ polo gato, por ho terem ate então muyto arranhado, & ele auia de ser ho cão que os auia dapanhar dum bocado, & q̃ dissesse a Fernão dela torre que lhe pedia muyto q̃ lhe desse os Portugueses que lhe la tinha, se não q̃ lhe não auia de dar os castelhanos, que pera isso os tomara. E isto respondeo ao embaixador por derradeyro quando se tornou: porem Fernão dela torre não quis dar os portugueses. E daqui a dias a quatro de Dezẽbro chegou a Ternate hum fidalgo chamado dom Iorge de crasto em hum jungo de que ya por capitão & de caminho foy por Borneo, leuando em sua conserua hum Iorge de brito por capitão de hũa fusta que se perdeo de sua companhia & tornouse pera Banda, & dõ Iorge leuou muyta roupa pera a feytoria & munições pera a fortaleza que então era tudo muyto necessario. E com a vinda de dom Iorge de crasto se fauoreceo dom Iorge algũa cousa, & mandou ho darmada ao morro, onde chegado pelejou com a armada dos immigos & os desbaratou & se tornou a Ternate: & sendo ja em Ianeyro de mil & quinhentos & vinte noue, Gonçalo gomez dazeuedo começou de querer entender em sua partida pera Malaca: o q̃ vendo dom Iorge de meneses, lhe req̃reo muyto estreitamẽte que ho não fizesse, & assi ho requereo a Lionel de lima, a quem tinha dada a alcaydaria mór da fortaleza, & capitania mór do mar, poendolhe diante a necessidade que tinha deles por amor da

guerra que lhe fazião os mouros & os Castelhanos, & em quanto apreto ficaria por lhe leuarem a gente. E com tudo nunca quiserão se não irse, prometendolhe de lhe não leuar a gente, que dom Iorge deteue com muytos rogos & dadiuas de sua fazenda, & prometendolhes que no anno seguinte lhes ajudaria a fazer crauo. E coisto que lhes prometeo ficarão: & pola ida de Lionel de lima deu os seus officios a hũ Gomez aires criado do mestre de Santiago, & mandou na conserua de Gõçalo gomez dazeuedo a dom Iorge de crasto que fosse pedir socorro a quaisquer capitães ou mercadores que achasse em Banda, assi de gente como de mercadorias pera a feytoria. E partio Gonçalo gomez & os outros a dez dias de Feuereyro, & Gonçalo gomez foy por Bachão pera tomar hi Manuel falcão que deixou em Bachão ate saber se dom Iorge queria que ele fosse pera a fortaleza, o que ele não quis consentir por estar mal coele, como ja disse.

CAPITVLO XCIX.

De como Garcia de sá se partio pera Malaca.

Entrado ho mes de Ianeyro deste anno de mil & quinhentos & vinte noue que era a moução pera ir de Malaca pera a India, partiose Iorge cabral que fora capitão da fortaleza de Malaca, & dom Garcia anrriquez cada hũ em seu jungo, & assi outros fidalgos que laa estauão & chegarão aa barra de Cochim, & com quanto yão com determinação de passarem a Goa não ousou Iorge cabral por ser ja na fim de Março & ventarem os noroestes que correm ao longo da costa & lhe erão por dauante, & por isso se acolheo Iorge cabral a Cochim. E dom Garcia não quis acolherse coele, & disse que auia de passar a Goa em que pes ao vento & ao mar: & polo vento ser por dauante, & ho jungo em que ele ya ser mao de bolina & ir muyto carregado, chegou a Batecalá com muyto grande trabalho & perfia: & estãdo hi vio

que ho tempo auia de ser de cada vez mais forte por ser meado Abril que entraua ho inuerno, & por isso ouue por seu acordo que era melhor tornarse a Cochim: como tornou, & com grãde tormenta chegou aa sua barra onde durando a tormenta surgio, porque por ho jungo ser grande & ir muyto carregado não pode entrar no rio de Cochim. E deixando dom Garcia ho jungo surto sobre hũa ancora foyse a terra, & despois de ido creceo ho vento tanto que durou tres dias & tres noytes & andaua ho mar tão grosso que ho jungo se foy ao fundo cõ a muyta agoa que lhe entrou dentro, em que se perderão eincoenta mil cruzados que tanto valia a carrega q̃ tinha: & dom Garcia não ficou cõ mais que com ho vestido com que foy a terra, & despois ho prendeo Nuno da cunha pelo que fizera em Maluco & ho mãdou preso a Portugal no anno seguinte. E despois de passada esta tormenta, Garcia de saa que estaua então em Cochĩ se partio pera Malaca, & ya em hũa nao, & leuaua em sua companhia hum jungo que comprara pera leuar sua fazenda: & ho jungo se perdeo ao sair da barra. E chegado Garcia de saa a Malaca, lhe entregou Pero de faria a capitania da fortaleza, & ficou em Malaca ate ho Setembro seguinte que se partio pera a India onde chegou em Nouembro.

CAPITOLO C.

De como el rey Dachem tomou por engano hũ galeão a Manuel pacheco.

El rey de Dachem polos recados que tinha mandado a Pero de faria que mandasse pola galé como atras fica dito esteue esperando que fossem por ela. E quando vio que não yão, nem Pero de faria lhe mandaua reposta ficou espantado, & determinou de saber porque lhe não mãdaua recado: & mandando preguntar a causa disso ao Bẽdara de Malaca q̃ auia nome Sanaya de raja cõ

quem tinha grande amizade, & lhe peitaua grossamente por lhe dar auiso do que sabia q̃ os Portugueses determinauão & quantos erão, porque todo seu pensamento era diminuilos tanto com ardijs & manhas que podesse tomar a fortaleza sem perigo. E como pera isto tinha este trato com Sanaya, foy por ele auisado de como Pero de faria recebera bem a embaixada que lhe leuara Antonio caldeira, & como ho mandara com reposta: & por amor da sua amizade que tinha por muyto certa não dera socorro a el rey Dauru, & que se Garcia de saa não entrara na capitania naquele tempo, que sempre Pero de faria mandara pola galé. E el rey de Dachem que isto soube, determinou logo de cometer paz a Garcia de sá pera ver se lhe podia acolher algũs Portugueses pera os matar, & mandoulhe hum embaixador, que auido seguro de Garcia de sá entrou em Malaca, & primeyro que desse a embaixada correo toda a cidade sobre hum alifante leuando nas mãos hum bacio douro em que ya hũa carta del rey de Dachem pera Garcia de sa & rodeado de muyta gente de pé, leuaua hum homem diante tangendo em hũa bacia, & de quando em quãdo dizia em voz alta como pregão que el rey de Dachem queria fazer amizade com el rey de Portugal: & isto fez por ser assi ho costume daquelas partes. E corrida a cidade deu a embaixada a Garcia de sa, cuja concrusam foy desculparse do que fora feyto a Simão de sousa galuão, & como estaua prestes pera dar a galé, artelharia & Portugueses, sobre que mãdara tres a Malaca per duas vezes pedir ao capitão que mandasse por tudo hum homem honrrado pera assentar coele amizade, porque desejaua que os Portugueses teuessem trato em sua terra, & que nunca vira reposta: pedindo a Garcia de saa que lhe quisesse responder com fazer o que pedia. E parecendo Garcia de saa que era aquilo verdade, fez muyta hõrra ao embaixador, & despediohe logo mandando coele outro com reposta como el rey queria, que fez grande recebimento ao embaixador Portugues, & por

lhe fazer honrra que antreles he muyto grãde lhe deu duas manilhas douro pera que trouuesse no braço dereyto como caualeyro, & aos que yão coele deu a cada hum sua. E partido ho embaixador pera Malaca foy morto com quantos yão coele na barra de Dachem por mandado del rey, & isto tão secretamente que ho não souberão mais que aqueles que ho fizerão, & por isso ho não soube Garcia de saa, mas soube a honrra que lhe el rey de Dachem fez pelo que não teue nenhũa sospeita daquela maldade, mas vendo que ho embaixador não tornaua cuidou que se perdera no mar. E sabendo isto el rey por Sanaya de raja, tornou a mandar outro embaixador a Garcia de saa, espantandose muyto como não mãdaua confirmar a paz como lhe mandara dizer, q̃ a mandasse logo confirmar per algum homem honrrado. E cuidando Garcia de sá que era assi, sem ho praticar em conselho escolheo pera mandar a Dachem hũ Manuel pacheco q̃ sabia bem a lingoa Malaya, & porque se ganhaua muyto na mercadoria q̃ se lá leuasse deulhe hũ galeão nouo carregado dela & a mais sua, & a outra doytenta Portugueses que auião dir com Manuel pacheco, que por a ida ser de proueito ouuerão licença pera irem, com grãde aderença. E disto deu logo Sanaya auiso a el rey de Dachem conselhãdolhe que tomasse aquele galeão, affirmando que se ho tomaua que ele lhe tomaria logo a fortaleza de Malaca, porque a gente que ya no galeão era a principal da fortaleza, & a q̃ ficaua era doente & pobre. E tendo el rey este recado quando Manuel pacheco chegou á barra de Dachẽ determinando el rey de ho tomar mandou muytas lancharas darmada pera isso, que andando ho galeão balrrauenteando de fora da barra sayrão poucas & poucas, & quando os Portugueses virão tanta gente como trazião as lancharas, disserão a Manuel Pacheco que lhe parecia aquilo treição, que seria bõ armarẽse pera se defenderem: do que se ele agastou muyto dizendo que ẽ el rey não auia treição que não fizessem aluoroço. E como ja esteuessem

muytas lancharas ao derrador do galeão, entra por ele hũa frecha que sayo dantre os mouros, ao q̃ Manuel pacheco pedio muyto apressado hũa saya de malha, & em a metẽdo pela cabeça vem outra frecha & atrauessalhe ho pescoço, & apos isto ẽtrão os mouros ho galeão por todas as partes dando grãdes gritas, & sem se os Portugueses poderem armar nem defender forão tomados ás mãos sem escapar nhũ, & leuados a el rey os mãdou matar com os outros q̃ tinha da galé de Simão de sousa, & ficoulhe ho galeão que era nouo & muyto bem artilhado, & coesta artelharia ficou muyto mais abastado dela do que estaua a fortaleza de Malaca: cõtra quem mandou logo hũa armada, mandando dizer a Garcia de sá que lhe agardecia muyto ho galeão que lhe não falecia mais que hũ bargãtim, que lhe rogaua que lho mandasse senão que ele ho tomaria cedo. E el rey ficou tão soberbo que não tinha em conta os Portugueses, & determinou de lhes tomar a fortaleza de Malaca.

CAPITVLO CI.

De como foy discuberta a treição de Sanaya de raja, & foy morto por isso.

Despois da tomada deste galeão mãdou Sanaya de raja dizer a el rey de Dachẽ que pois ho tomara que ele compriria com lhe dar a fortaleza pera que dali por diante buscaua tẽpo. E quasi q̃ ho ouuera de fazer se ho nosso senhor não descobrira, & assi foy que andando muytos mouros Dachem darmada ao longo da costa de Malaca, ajuntarãse com algũs dela onde chamão ho tãque del rey & hi fizerão hũ bãquete em que os Dachẽs despois de bebados cõtarão aos Malayos como por instrução de Sanaya el rey de Dachem tomara ho galeão, & como mandara matar ho embaixador de Garcia de sa pera mais dissimulação, & como tinha ordenado de tomar a fortaleza em hũ tal dia que Garcia de sa esteues-

se na igreja com toda a gente que auia de tirar dentro com hum camelo que estaua ceuado defronte aa porta da fortaleza, & matar a mais da gente que esteuesse dentro tomar a fortaleza cõ gente que auia de ter pera isso: do q̃ logo Garcia de sa foy auisado por algũs dos Malayos que erão seus amigos: & ouue logo conselho sobre matar Sanaya, & que fosse com ho menos aluoroço que podesse ser. E estando neste conselho chegou Sanaya q̃ era fora com outro mouro seu enteado que auia nome Tuam mafamede, & Garcia de sá ho mandou chamar: & ele foy logo lá bẽ descuydado do pera q̃ ho chamauão que não cuydaua que se sabia, & ya coele Tuã mafamede, a quẽ Garcia de sá disse q̃ queria prender Sanaya por treição que fazia: o q̃ Sanaya não entendeo por não entẽder a lingoa Portuguesa. A que Tuam respondeo, que se Sanaya fizera treição que a pagasse. E logo Sanaya foy preso, & atadas as mãos atras foy deitado do terrado da torre q̃ era de cinco sobrados, & assi foy morto. E Tuam mafamede que assi ho vio matar ficou fora de si com medo, & Garcia de sá lhe disse que não ouuesse medo, porque Sanaya pagara ho mal que fizera: & a ele q̃ era leal faria sempre muyta honrra & merce, & mandou ho leuar pera sua casa muyto acompanhado: & assi liurou nosso senhor a fortaleza cõ a morte de Sanaya de raja que fez muyto grande espanto nos Malayos, & fez lẽbrar a morte de Tuã timuteraja em tempo Dafonso dalbuquerque, & dizião que os Portugueses sabião muyto que não se lhes escondia nada. E el rey de Dachem ficou muyto triste pola morte de Sanaya, porque perdeo nele grande perda, & a molher de Sanaya fugio logo, & foyse coela Tuã mafamede pera el rey Dugentana, hũ rey comarcão de Malaca.

CAPITVLO CII.

De como Nuno da cunha chegou a Ormuz, & de como foy preso Raix xarafo.

Inuernãdo Nuno da cunha em Mombaça forão ter coele no cabo do inuerno Simão da cunha, dom Francisco deça, & Francisco de mẽdoça que inuernarão em Moçambiq̃ onde lhe morrerão quatrocẽtos homẽs, & assi ho disserão a Nuno da cunha, & a perdição Dafonso vaz azambujo, & de Bernaldim da silueira: do que ele ficou muyto triste & receou que tambem Garcia de sá & Antonio de saldanha fossem perdidos, & porque era no cabo do verão da India, & a nauegação pera laa auia de ser muy perigosa por amor das naos que erão grandes, acordou cõ aqueles capitães que pera segurança delas fosse ter ho inuerno da India a Ormuz. E estãdo pera partir foy hi ter em hũ nauio hũ Bastião ferreyra cidadão de Goa que por mandado do gouernador foy buscar Nuno da cunha a Moçambique cuydãdo que inuernaua lá & não ho achando foy a Melinde, & porque auia de ir inuernar aa India escreueo Nuno da cunha por ele ao gouernador como tomara Mombaça, & a causa porque ya a Ormuz, pedindolhe muyto que teuesse a armada da India concertada porque auia de ter necessidade dela em chegando. E partido Bastião ferreyra, partiose ele pera Ormuz, & estando na agoada de teiue foy ter coele dom Fernãdo deça cõ os outros dous capitães de sua cõserua que yão da India como disse atras, & dahi se foy a Mazcate õde deixou os doentes da armada que erão muytos, & as naos de dõ Frãcisco deça & de Francisco de mendoça, & por capitão a dom Fernãdo de lima, & foyse na sua nao a Ormuz indo coele Simão da cunha & dom Fernando deça com seus capitães, & el rey lhe fez grande recebimento: & com sua chegada ficou Raix xarafo muy assombrado que castigasse suas

tiranias, porque como vinha nouamente auia medo de entender nele. E auẽdo poucos dias que ho gouernador estaua em Ormuz, chegou de Portugal Manuel de macedo por capitão de hũ galeão com prouisam del Rey de Portugal pera prẽder Raix xarafo por muytas culpas que tinha dele, & que lhe fosse entregue, & no mesmo galeão ho leuasse preso a Portugal. E el Rey deu este cargo a Manuel de macedo por confiar dele q̃ ho faria melhor que outrem & não se peruerteria cõ peitas. E chegando ele á agoada de Teiue que he sessenta legoas Dormuz soube como Nuno da cunha estaua em Ormuz: & porque se receou que se soubesse ao que ya lhe tiraria a honrra quesperaua de ganhar em prender Raix xarafo (por ser cousa muy desejada) quis ẽcobrir sua ida a Ormuz, & foyse ẽ hũa terrada cõ algũs de que se confiou mandando ao q̃ deixou no galeão por capitão que dali a tantos dias fosse ter a Ormuz que era ho tempo que lhe pareceo que teria feyto seu negocio. E chegado a Ormuz na terrada que era hũ dia pola manhaã desembarcou muyto secretamẽte & foyse a casa de Raix xarafo que pousaua nos paços del rey, mãdando primeyro a hũ criado seu que como ho visse falar com Raix xarafo lhe leuasse hũa carta a Nuno da cunha em q̃ dizia q̃ lhe requeria da parte del Rey de Portugal que tanto que aquela visse mandasse gente a casa de Raix xarafo porque cõpria muyto a seu seruiço. E chegado a casa de Raix xarafo foy dele muyto bem recebido porque ho conhecia & tinha coele amizade de quãdo ho leuara da India pera Ormuz despois de se liurar das culpas que lhe punhão como disse atras. E ho homem que tinha a carta pera Nuno da cunha como os vio falar foylha leuar. E lendo Nuno da cunha a carta chegou Simão da cunha muyto depressa & disselhe que fazia, que Manuel de macedo tinha preso Raix xarafo: & assi era que ja a noua andaua pola cidade. E ficando Nuno da cunha muyto salteado coesta noua mandou logo a Simão da cunha que fosse prẽder Raix xarafo, & ele foy com muyta gen-

te: & chegando la achou que ja Manuel de macedo tinha preso Raix xarafo, & Simão da cunha lho tomou & lhe mandou logo escreuer sua fazenda, & ho leuou consigo a casa de Nuno da cunha sem na cidade auer por isso nhũ aluoroço cõ quanto Xarafo tinha nela muyto poder & muyta valia, & era muyto aparentado, & isto por medo dos nossos. E Nuno da cunha ficou tão agastado de Manuel de macedo prẽder Raix xarafo sem lhe dar conta disso, que ho mandou prender com quanto lhe ele mostrou a prouisam que trazia del Rey pera ho prẽder: & tambem ho porque Nuno da cunha fez isto foy por abrandar el rey Dormuz q̃ mostrou sentir muyto a prisam de Raix xarafo por ser ẽ sua casa, & dauasse por muyto injuriado disso. E despois da prisã de Raix xarafo em Agosto, ordenãdo Nuno da cunha sua partida pera a India veyo noua certa a el rey Dormuz que Raix bardadim gouernador de Baharẽ por el rey Dormuz se lhe rebelara & lhe não q̃ria pagar corenta mil xarafins que lhe pagaua de rẽda, & isto por amor da prisã de Raix xarafo de q̃ era cunhado dizẽdo q̃ el rey ho fizera prender pois cõsentira q̃ fosse em sua casa, pelo q̃ lhe auia de fazer todo ho mal q̃ podesse. O q̃ sabido por el rey deu cõta a Nuno da cunha, dizẽdo q̃ pois ele era vassalo del Rey de Portugal & lhe pagaua pareas q̃ ele como seu gouernador lhe auia de restituir Baharem & tornar a sua obediencia a Raix Bardadim, & mais pois a prisam de Xarafo fora causa de seu aleuantamento, & se isto não fazia que não podia deixar de descontar nas pareas del Rey de Portugal aq̃les corenta mil xarafins q̃ lhe rẽdia Baharẽ: a q̃ Nuno da cunha respõdeo q̃ não tinha naquilo rezão, porque se Xarafo fora preso fora por suas culpas & el Rey de Portugal ho podia castigar como seu superior, & por isso não era aquilo escusa pera não pagar as pareas. E daqui praticarão tanto sobresta cousa q̃ Nuno da cunha fez cõ el rey q̃ pagasse mais de pareas a el Rey de Portugal os corenta mil xarafins q̃ lhe rẽdia Baharem & que lho so-

meteria a sua obediencia. E isto pos Nuno da cunha em cõselho com os capitães & fidalgos de sua armada: & algũs disserão q̃ ele ya dirigido de Portugal pera tomar Diu: & Diu importaua mais tomarse que se acrecẽtarem mais corẽta mil xarafins ás pareas Dormuz, porque auia de rẽder mais, & auia de ser mais hõrra del Rey de Portugal tomarse, & que se agora fosse sobrele cõ ho destroço que Lopo vaz de sam Payo tinha feyto nas fustas, & com ir de nouo de Portugal q̃ ho tomaria, & indo sobre Baharem ou mandãdo lá q̃ auia dauer muyta detença por ser fora de moução, & perderia tempo de chegar aa India tão cedo como era necessario pera ir sobre Diu, por isso que deixasse Baharẽ. E outros disserão que não porque bẽ se podia sugigar Baharem & tomarse Diu, & coestes foy Nuno da cunha. E isto se assentou, & q̃ fosse Simão da cunha a Baharem: a que Nuno da cunha deu por regimento q̃ por quanto era fora da moução, & os ventos lhe auião de ser por dauante q̃ andasse ás voltas ate trinta dias & quando neste tempo ho não podesse aferrar que se tornasse. E coeste regimento se partio Simão da cunha na entrada de Setembro, & ele foy em hũ nauio redondo dũ Iorge gomez mercador da India Portugues, que eu conheci, & forão por seus capitães dom Francisco deça no nauio em q̃ Manuel de macedo fora de Portugal, que não chegou a Baharem por ser roim de vela, & Manuel dalbuquerque em outro, & dom Fernãdo deça no seu galeão, & Aleixo de sousa em outro, & Lopo de mezquita no çamorim pequeno, & Tristão dataide em hũa fusta, & a gente q̃ ya nestes nauios forão trezentos dos nossos todos fidalgos & caualeyros criados del Rey, gẽte toda limpa & bem armada de coiraças de seda, & armas brancas. E fazendo sua viagẽ acharão os vẽtos contrairos & teuerão assaz de trabalho, & andando assi deulhes nosso senhor hũ vento que os pos em Baharẽ, saluo a dom Francisco deça que ficou atras & Aleixo de sousa que no caminho tomou algũas terradas de mouros, & despois foy ter a Baharem estando os outros surtos.

CAPITVLO CIII.

Do q̃ aconteceo a Simão da cunha em Baharem, & de como morreo & outros muytos.

Chegado Simão da cunha ao porto de Baharem achou hi Belchior de sousa tauares capitão mór do mar Dormuz com obra de seys bargantĩs & catures q̃ estaua goardando ho porto, junto do qual estaua hũa boa fortaleza cõ cobelos & torres cercada de muro & caua onde Raix Bardadim estaua com suas molheres, filhos & muyta gente darmas. E vendo ele surta a nossa frota, & parecendolhe ao q̃ ya, pos hũa bandeira branca aruorada na fortaleza: & vista por Simão da cunha mãdou à terra saber o que queria por hũ lingoa: por quẽ Raix bardadim lhe mandou dizer que ele não se leuãtara se não por amor da prisam de Raix xarafo seu cunhado: & pois os nossos interuinhão nisso que ele nã queria coeles nada por ser muyto grãde seruidor del Rey de Portugal, & pois ele queria aquela fortaleza lha queria dar em paz, & se iria cõ suas molheres, filhos, gente & quanto estaua nela, & coesta condição lha daria. Ouuido isto por Simão da cunha, quisera aceitar a fortaleza com aq̃la condição, mas foy cõtrariado dos capitães & fidalgos, dizendolhe q̃ com medo a tomaua daq̃la maneyra, & q̃ não era bẽ que aq̃le mouro ficasse sẽ castigo polo q̃ fizera, & quãdo a ouuesse de tomar sem peleja fosse cõ lhes ficar a fazẽda: & que Raix bardadim se fosse com suas molheres, filhos & gente, porque sem fazenda ficaria bẽ castigado, & não daria mais toruação nẽ desassego a el rey Dormuz. E com quanto isto pareceo muyto mal a Simão da cunha por parecer assi a todos ho ouue por bẽ, mas muyto contra sua vontade, & isso respondeo a Raix bardadim: que como homẽ esforçado não repricou mais se não mandou aruorar no muro duas bandeiras, hũa brãca outra vermelha como

quẽ dizia aos nossos q̃ vissem se querião paz ou guerra. O q̃ vendo os capitães disserão à Simão da cunha q̃ quisesse guerra, & por isso ele mandou desembarcar a gente, & algũa artelharia q̃ leuaua pera bater a fortaleza. E feytas suas estãcias, & ordenados seus capitães & gente q̃ auia destar nelas, começouse de dar bateria á fortaleza, & em começando mandou Raix bardadim tirar a bandeira branca & ficou a vermelha como quem não estimaua a guerra dos nossos: & bem parecia q̃ era assi, porq̃ como os nossos faziã algũ buraco no muro cõ a artelharia logo era tapado & tão depressa q̃ quasi q̃ não se enxergaua, do q̃ Simão da cunha andaua muyto agastado vendo q̃ não fazia nada, principalmẽte porq̃ lhe faleceo a poluora tambẽ apercebido ya dela: & então vio ele camanho erro fizera em não tomar a fortaleza q̃ lhe dauão em paz. E como não tinha outro remedio de poluora se não mãdar por ela a Ormuz, mandou logo lá hum bargãtim q̃ foy ẽ poucos dias, por ho vento ser a popa, mas á tornada foy ho vagar muyto. E vendo os mouros a dilação que auia na bateria da fortaleza zombauão dos nossos de cima do muro como era noyte, & diziãlhe q̃ pois os nã quiserão deixar ir q̃ ali auião todos de ficar. E parece q̃ adiuinhauão ou fizerão por onde fosse assi segundo se presumio q̃ deitarão peçonha nas agoas de que os nossos auião de beber, ou por elas serẽ peçonhentas naquele tẽpo, & nele mesmo ser a terra muyto doentia, & os nossos estarẽ despostos pera doenças com ho muyto grande trabalho q̃ tinhão começarão dadoecer & tanto que não se podião leuantar. E Raix bardadĩ mandou dizer a Simão da cunha q̃ pola amizade q̃ tinha cõ os nossos lhe aconselhaua q̃ se fosse, porque se ali esteuesse mais lhe auia dadoecer a gente de maneyra que quando se quisesse ir não auia de poder: & os nossos zombauão daquilo & dizião a Simão da cunha q̃ ho mouro dizia aquilo com medo, & por isso Simão da cunha não tomou seu conselho que fora muy bõ, porq̃ despois nã succedera a desauẽtura q̃ su-

cedeo: & foy a doẽça dos nossos em tanto crecimento que quando a poluora chegou Dormuz estauão quasi todos doẽtes & algũs mortos, & porq̃ ele via assi adoecer a gente mudou as estãcias pera perto do mar, porq̃ ho teuesse mais a mão se se visse apertado dos mouros que fossem sobrele, o que temia muyto que fosse se Raix bardadim soubesse como tinha a gente: o q̃ ele sabia muy bẽ pola experiẽcia q̃ tinha da terra, mas como não queria se não amizade cõ os nossos porque se fizesse algũ dãno sabia que Raix xarafo ho auia de pagar nunca quis bolir consigo nem sair aos nossos, que se saira cõ pouco trabalho os matara a todos. E despois de Simão da cunha recolher os seus pera mais perto do mar, fez hũa estãcia em que os pos todos, & tornou outra vez a bater a fortaleza de que derribou hũ lãço do muro por estar abalado dantes, & quisera por ali entrar a fortaleza se teuera quem ho acompanhara, mas não achou sãos mais de trinta & cinco homẽs, & todos os outros tão doentes & fracos que não se podião bolir: & de muyto agastado leuantou as mãos ao ceo, dizẽdo. Senhor quã pouco te custara daresme cem homẽs sãos, Que cõ tãtos se atreuera a entrar a fortaleza se os teuera: & vendo que os não tinha deixou de ho fazer com muyto grande magoa assi por isso como por ver quão bem acertaua em tomar a fortaleza que lhe dauão em paz, & quã mal aconselhado fora em a não tomar & em se não ir quando tinha tẽpo. E ãtes que ho não teuesse de todo determinou de fazer embarcar a artelharia & os doentes porq̃ os saluasse, o que fez cõ immenso trabalho assi seu como dos trinta & cinco que estauão sãos, que saindolhe muyto sangue das mãos embarcarão a artelharia, & despois os doentes com q̃ ja não podião de cãsados & por isso lhes atauão cordas nos pés & os leuauã a rasto ate ho mar. E foy hũa muy piedosa cousa de ver esta embarcação, assi do mao trato que se daua aos doentes por se mais não poder fazer, como dos gimidos & gritos que dauão & magoas que dizião. E neste trabalho ajudou

muyto bẽ aos nossos hum mouro Dormuz q̃ foy com Simão da cunha que era Xeque da ilha Dãgão & ya em hũa terrada com corẽta mouros tambẽ Dormuz com q̃ fez muyta ajuda aos nossos assi no cerco passado como nesta embarcação. E embarcados todos os doẽtes & artelharia, se embarcou Simão da cunha morto de paixão, & de tamanha desauentura a que ele quisera atalhar em tomar a fortaleza se ho deixarão, do que ele tinha mayor magoa, & coela disse ao mestre do seu nauio em se embarcando. Mestre quando ouuerdes de fazer algũa cousa de vossa honrra não tomeis ho conselho de ninguẽ se não ho vosso. E coisto fez dar ás velas & se partio & assi os outros nauios: & logo nos primeyros tres dias de sua nauegação começarão de morrer muytos dos doentes q̃ leuaua q̃ lhe renouauão de cada vez mais sua tristeza de que ele adoeceo, & tão auorrecido ya da vida & de tudo q̃ se meteo na camara do nauio sem querer ver ninguem nẽ falar, & dãdo muyto grandes ays & sospiros durou noue dias despois q̃ adoeceo & morreo de tristeza, & no seu nauio morrerão bẽ setenta doentes a fora os dos outros nauios: & ficou ho nauio tão desemparado de quẽ ho mareasse que se ouuera de perder se lhe nosso senhor não socorrera com ir ter coele Fernandaluarez çarnache em hũa terrada que com sua gẽte ho ajudou a leuar a Ormuz, õde Simão da cunha q̃ ya morto nele foy enterrado, & assi Francisco gomez filho do bispo do Fũchal, & todos os nauios da armada chegarã muy destroçados, hũs diante outros despois: & os mais dos q̃ forão a Baharẽ morrerão que muy poucos escaparão & isto foy o q̃ ganhou de ir lá: & mais coesta ida não pode Nuno da cunha partir pera a India em Agosto pera chegar em Setembro & fazer prestes a armada pera ir a Diu aquele anno & não foy. E vẽdo Nuno da cunha como nã tinha mais que fazer em Ormuz, determineu de se partir pera a India, & arrecadou as pareas del rey Dormuz, & soltou Manuel de macedo & pos em seu poder a Raix xarafo porque ho auia de leuar pera

Portugal por mandado del Rey. E tẽdo tudo prestes, partiose caminho da India, & forão coele dõ Fernãdo de lima, dom Francisco deça, Frãcisco de mendoça, Manuel de macedo & outro todos capitães de naos, & Iorge gomez no seu nauio.

CAPITVLO CIIII.

De como ho gouernador se partio de Goa pera Cochĩ.

Tendo ho gouernador Lopo vaz de sam Payo ho inuerno ẽ Goa, chegou hi Bastião ferreyra na entrada dele com cartas de Nuno da cunha, que tomara aos mouros Mombaça õde teuera ho inuerno, & ficaua em Melinde dõde auia dir a Ormuz pera no verão seguinte passar á India, pedindolhe que lhe teuesse a armada prestes porque auia de ter necessidade dela ẽ chegãdo, & por esta noua mandou ho gouernador hũa solẽne procissam, em que com todos foy dar graças a nosso senhor por a noua da armada de Portugal, q̃ os mouros querião adiuinhar que não auia de vir, & andauão por isso muyto ledos dizẽdo q̃ ja não auia Portugal. E dadas graças ao eterno Deos, ho gouernador se pos com muyta diligẽcia a mandar concertar a armada, & a fazer de nouo algũs nauios a fora muytos que mandara fazer em diuersos tempos. s. seys galeões & a taforea de Cochim que era nao de quinhẽtos toneis, seys galés reais, cinco galeotas, quatro carauelas, & cincoenta bargantins, & muytos outros q̃ mandou fazer de paraós Malabares, de que no tempo q̃ gouernou a India se achou por certeza que se tomarão a ĩmigos bẽ cento & cincoenta com fustas & outros nauios, & todos bẽ artilhados & de boa artelharia: & destes forão leuados muytos pera diuersas partes do senhorio que el Rey de Portugal tem na India, & outros se gastarão de velhos: & com tudo ficou a mais grossa & melhor armada que tinha nhũ principe Christão de cẽto & trinta & seys velas. s. quatorze galeões, seys

galés reais, oyto galeotas, seys carauelas, & cẽto & duas fustas & bargantins. E assi como acrecẽtou a armada, assi tambẽ teue cuidado de repairar as fortalezas da terra do necessario: na Dormuz mandou fazer hũ baluarte defronte da porta, & mandou acabar hũs cobelos q̃ estauão começados, & enmadeirar os terrados da fortaleza, & argamassar ho muro, & concertar a igreja q̃ estaua dãneficada, & na de Chaul mãdou leuãtar mais hũ sobrado na torre da menagẽ, & acabar ho cobelo do alcayde mór, & fazer hũ cais de pedra, & duas casas pera almazẽs dartelharia & de mãtimẽtos. Na cidade de Goa hũ pedaço de chapa no muro da banda do mar & hũ cobelo. & acabar a sé q̃ estaua começada & telhar de nouo ho mosteiro de sam Frãcisco. Na fortaleza de Cananor mandou fazer hũa caua ao derredor do arrabalde pera q̃ ficasse dẽtro ho poço dagoa, q̃ estaua fora da fortaleza q̃ era parela muy grãde perjuyzo por nã ter agoa: & na mesma caua hũ baluarte q̃ varejasse ho mar dũa bãda & da outra cõ a artelharia & mãdou refazer ho muro da cerca da fortaleza q̃ estaua desfeyto em muytas partes & derribar o q̃ cercaua a torre da menagẽ por ser fraco & fazelo mais forte, & fazer hũa casa pera feytoria, & hũa sala do apousentamẽto do capitão. Em Cochim mãdou fazer a parede grande q̃ vay da fortaleza ao lõgo da praya ate o caluete, & acabar todos os cobelos q̃ estauã da bãda do mar: & assi outras obras miudas de q̃ a fortaleza tinha necessidade. E a fora tudo isto mãdou pagar trezẽtos mil cruzados de soldo, q̃ foy cousa em q̃ fez grande seruiço a el Rey seu senhor. E assi como foy esforçado na guerra, foy cõstãte na justiça q̃ sempre folgou muyto de fazer, posto q̃ algũs quiserã dizer ho cõtrairo por odio q̃ lhe tinhão: porẽ ele castigou sempre os crimes asperamẽte como se vio no mulato q̃ foy enforcado em Goa por tirar de noyte em Cochĩ cõ hũa espingarda a Frãcisco pereyra pestana, & os oyto aleuãtados da cõpanhia dos q̃ se aleuãtarão cõ hũa fusta & cõ hum bargantim, q̃ em pessoa foy prẽ-

der hũa noyte a terra firme, & eu ho vi partir q̃ estaua em Goa a esse tẽpo. Foy sẽpre muyto deuoto & temeroso de nosso senhor, & tão casto q̃ nũca lhe sentirão molher em quãto andou na India: & foy fora de vaidades nẽ presunções, & cõ todos era companheiro assi na paz como na guerra, & pera todos muyto bẽ ensinado. Foy homẽ grande de corpo, mẽbrudo & bẽ apessoado & de rosto alegre. E no cabo deste inuerno que teue ẽ Goa, em dia de sam Bertolameu de madrugada surgio na sua barra a armada q̃ aquele anno foy de Portugal de quatro naos em q̃ ya por capitão mór Diogo da silueira & por seus capitães Ruy gomez da grã, Ruy mendez de mezquita, & Anrriq̃ moniz que morreo no mar, pay Daires moniz & Dantonio moniz q̃ forão coele meninos: & esta armada leuou tão boa viagẽ que quãdo chegou a Goa yão os homẽs dela q̃ erão quinhẽtos tão sãos & tão gordos q̃ parecia q̃ auia quĩze dias q̃ partirão de Lisboa, & nũca despois eu vi outros tais. E detendose Diogo da silueira poucos dias em Goa, se partio pera Cochĩ: & despois dele o gouernador a fazerse prestes pera a partida de Portugal, pera õde esperaua de partir pola vĩda de Nuno da cunha, como direy a diante.

FINIS.

TAVOADA

DO SEPTIMO LIVRO.